VISÃO 2014

Mercado do Boi Gordo

35 artigos de especialistas de diversos setores apontam perspectivas e desafios da pecuária

+ de 100 gráficos ilustram o cenário da pecuária mundial para 2014

BEEFPOINT

Anuário **BeefPoint** de **Mercado 2014**

A pecuária brasileira, gigante que produz 9,5 milhões de toneladas/ano de proteína de alta qualidade e está presente em 80% das mais de 5,2 milhões de propriedades rurais do país, é sustentada por pecuaristas, consultores de campo, profissionais de indústria frigorífica, donos de supermercados, açougues, restaurantes e consumidores, e para contribuir com a contínua evolução da cadeia da carne o BeefPoint tem como compromisso levar informação de conteúdo relevante, prático e que possa facilitar e agilizar a tomada de decisão de todos aqueles que são engajados em produzir a pecuária do futuro.

Assim, nossa equipe apresenta seu primeiro Anuário BeefPoint sobre o Mercado do Boi Gordo, esta primeira edição traz uma série de gráficos referentes ao mercado do boi que faz uma consistente leitura do mercado nos últimos 10 anos, e também um conjunto de artigos com a opinião de especialistas do mercado bastante renomados do Brasil e também parceiros dos Estados Unidos, União Europeia, Argentina, Paraguai e Uruguai. Reunimos também em nosso anuário as perspectivas de alguns dos principais pecuaristas de nosso país.

Esta ferramenta foi cuidadosamente elaborada e nosso principal objetivo é oferecer ao pecuarista brasileiro um material de referência para reflexão e planejamento em 2014, para que ele consiga aproveitar ainda mais as oportunidades desse ano promissor para a pecuária, ano de Copa do Mundo, eleições, boas possibilidades de abertura de novos mercados, e um ano de prováveis recordes de exportação e produção de carne bovina.

Nosso muito obrigado à todos os parceiros que contribuíram de forma generosa e consistente para o conteúdo deste material.

Desejamos a todos um 2014 de muito trabalho, desafios e sucesso!

Boa leitura e boa empreitada!

Equipe BeefPoint
Para quem faz a Pecuária do Futuro e para quem quer fazer

BEEFPOINT

VISÃO 2014 Mercado do Boi Gordo

05
Boi gordo 2014.
Leonardo Alencar, Minerva Foods

10
Perspectivas para o mercado do boi gordo em 2014, visão de profissionais do JBS.
Eduardo Krisztán Pedroso, José Luiz Medeiros , Marcos Gonçalves , Hercio Dias de Souza Filho , Vilmar Lemos Cardoso , Leandro Attie Testa , Rafael Malaguti , Felipe Assarisse

16
2014 para o bovino: o ano da colheita!
Rodrigo Albuquerque, Fazenda Marca e Buritis e **Ricardo Heise,** Boi Invest.

21
Análise das Exportações de Carne Bovina para 2014, visão da Abiec.
Fernando Sampaio, ABIEC

26
Perspectivas para o mercado de commodities em 2014.
Iygia Pimentel, INTL FCStone

33
Época das vacas gordas, perspectivas do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária.
Daniel Latorraca, Fábio L. M. da Silva, Otávio L. M. Celidonio, IMEA

38
2014: perspectivas de comercialização na pecuária.
Fernando Rodrigues de Oliveira, XP Investimentos

42
Perspectivas econômicas para o Brasil em 2014, artigo do Rabobank International Brasil S.A.
Robério Costa e Maurício Barbosa , Banco Rabobank.

47
2014, o ano da ruptura.
Antônio Chaker El-Memari Neto, MSc, Terra Desenvolvimento Agropecuário

50
Perspectivas melhores para a economia mundial em 2014 tendem a favorecer pouco o Brasil em curto prazo.
Celso Toledo, E2 Economia, LCA Consultores e Ouro Verde Amazônia

57
As surpresas de 2014.
Guilherme Reis, Multitrade Assessoria em Agronegócio

60
Perspectivas para o mercado do boi em 2014.
José Carlos Hausknecht, MBAgro Consultoria

64
O ano de 2014 para o segmento bovino.
Osler Desouzart, ODConsulting Planejamento e Estratégia

68
Pecuária Brasileira em 2014: uma boa repetição de 2013?
Silmar César Müller, Canal Terraviva

72
Como será o mercado do boi gordo em 2014?
Alberto Moure Belentani, Projeta Consultoria Agropecuária

75
O que se espera para 2014, será um ano tão bom quanto 2013?
Hudson Silveira.

80
Cismas e Intuições 2014.
André Bartocci, Fazenda Nossa Senhora das Graças.

84
Mais Sorte do que Juízo.
Felipe Sangalli Dias, Lanztech Farming Solutions

89
2014????
Maurício Tonhá, Grupo Estância Bahia

91
Uma reflexão agrícola na pecuária de corte
Sérgio José Alves, IAPAR

BEEFPOINT

96
Visão para o mercado do boi gordo em 2014
Sérgio Arantes,
Fazenda Cachoeira

98
Oportunidades à vista, calculadora nas mãos
Luciano Vacari, Acrimat

101
Mais carne bovina e leite, o desafio da pecuária brasileira
Luiz Claudio Paranhos, ABCZ

105
Como o sistema de cria irá influenciar o mercado em 2014?
Edmundo Rocha Vilela, Lageado Biotecnologia e Pecuária

109
Uma simples e breve ideia do que pode acontecer com o mercado do boi gordo em 2014
José Roberto Puoli "Limão "

112
Mercado do boi gordo em 2014 **Fernando Nemi Costa,** Costa Assessoria Pecuária

115
Perspectivas para o mercado do boi para 2014
Mateus Arantes,
Fazenda São Mateus

119
Perspectivas para o mercado global de carne bovina em 2014
Jerry O' Callaghan,
JBS

123
Demanda de mercados emergentes sustenta previsão positiva para mercado mundial de carne bovina
Bob Bansback,IMS

128
Demanda de mercados emergentes sustenta previsão positiva para mercado mundial de carne bovina
Bob Bansback,
IMS

132
Previsão otimista para a indústria de carnes: com melhor demanda global por carnes e menores custos dos alimentos animais
Richard Brown, GIRA

137
Onde está o negócio de carne bovina?
Pablo Caputi, INAC

141
Confira perspectivas para o mercado da carne bovin na Argentina em 2014
Miguel Jairala, IPCVA

148
Construindo confiança, construindo crescimento
Forrest Roberts.

154
Panorama de mercado para a carne paraguaia em 2014
Carlos Pedretti. CEA.

160
Previsão Global do Mercado de Carne Bovina – Perspectiva dos EUA.
Erin Borror, U.S. Meat Export Federation.

164
O panorama mundial da carne em 2014.
Miguel Arias, FEDEGAN.

BEEFPOINT

Boi Gordo 2014

Fabiano Tito Rosa, Gerente Corporativo de Compra de Gado

Leonardo Alencar, Gerente Executivo de Business Intelligence Minerva Foods

Existem duas forças que regem os mercados: oferta e demanda. Há anos em que a oferta é quem puxa os preços para baixo, outros em que empurra os preços para cima, enquanto a demanda pode reforçar os mesmos movimentos, ou simplesmente neutralizá-los. Os movimentos de alta e de baixa nos preços são resultado dessa troca de forças e de sua precificação pelos agentes de mercado. Imaginar um mercado onde a oferta está ajustada à demanda é algo utópico, possível apenas em experimentos controlados, não na vida real. A mão invisível dos mercados não é nada igualitária, muito menos justa.

Com isso em mente, o que o ano de 2014, com Copa do Mundo, eleições presiden-

ciais, inflação no topo da meta, dólar subindo, menor disponibilidade de crédito, alto endividamento, baixo desemprego, etc., nos reserva? Cada uma dessas variáveis terá impacto no mercado como um todo, em menor ou maior escala no consumo de alimentos, com inúmeras interferências externas cuja precificação é cada vez mais complicada.

Recentemente, durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, a discussão sobre o desempenho e perspectivas dos países emergentes não foi nada positiva para o Brasil, classificado como o último da turma. Saímos do grupo dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), considerados o motor do crescimento no mundo emergente, e caímos no 'Fragile Five', ou os 'cinco frágeis', com Indonésia, Índia, Turquia e África do Sul, além do Brasil, grupo dos países mais vulneráveis a um movimento de fuga de capitais.

Em poucos parágrafos já ficou clara a miríade de variáveis não controláveis que pode influenciar o mercado este ano. Tanto otimistas quanto pessimistas tem boas opções de ferramentas para brigarem pelo próprio view, portanto, a única certeza que temos é que será um ano de volatilidade, o que traz boas oportunidades para ambos os lados, para compradores e vendedores.

Oferta

O movimento de expansão da agricultura sobre áreas de pecuária, impulsionada nos últimos anos pela alta nos preços dos grãos e, consequentemente, melhores margens, forçou a pecuária para áreas de fronteira, de terra mais barata e mão de obra mais acessível. Esse recurso, entretanto, não é mais viável uma vez que a pressão ambiental impede a expansão horizontal e pressiona a pecuária a intensificar o uso dos recursos na mesma área.

Com o maior uso de tecnologia, a produção deve continuar a crescer mesmo frente a perdas de área. O movimento contrário, do agricultor que começa a criar animais, normalmente em sistemas de integração, é outro fator que deve favorecer o crescimento da produção pecuária.

Para 2014, de acordo com dados da FNP, a safra de bezerros deve ser de 53,02 milhões de cabeças, no maior nível da história, apesar do aumento da participação de fêmeas no abate nos últimos anos. Com índice de natalidade estimado em 55% (2012), enquanto propriedades que utilizam a inseminação artificial conseguem índices superiores a 80%, temos muito espaço para aumento na produção via ganhos de produtividade, mesmo com menor participação de fêmeas no rebanho.

A melhora nos preços do bezerro, que acumulou alta de 18% ao longo de 2013, ajudou na recuperação da margem da atividade de cria, principal motor para aumento na produção.

Outros custos, principalmente a mão de obra, andaram no sentido contrário e reduziram parte dessa margem, mas o saldo é positivo. Com isso, espera-se que o movimento de retenção de fêmeas comece entre 2014 e 2015.

Considerando que o Brasil abate fêmeas regularmente, essa notícia poderia ser interpretada como extremamente altista. Por outro lado, a engorda de fêmeas para abate, em especial novilhas, vem crescendo rapidamente nos últimos anos e representa boa parte desse abate. Uma tendência não deve neutra-

lizar a outra, mas sem dúvida suaviza o impacto da redução do descarte de vacas.

Os ganhos de produtividade associados à retenção de fêmeas para cria desenham um bom cenário para aumento de produção, cujos efeitos já podem ser sentidos em 2014, mas terão maior impacto a partir de 2015.

A engorda intensiva, via confinamento, e também a semi-intensiva devem voltar a crescer este ano. O cenário de grãos permanece incerto, com risco climático para as lavouras, principalmente de milho. O aumento nos preços do bezerro e do gado para reposição também impactam na margem do confinador.

Por outro lado, a curva futura de preços para boi gordo na BM&F garante boa rentabilidade no confinamento, inclusive para operações fora do período da seca. Ainda que o volume de gado confinado apenas se aproxime de 10% do total abatido por ano, a soma entre confinamentos e semi-confinamentos deve ultrapassar, ou ficar bem próxima, dos 30% de representatividade.

Entretanto, ainda do lado da oferta, o aumento no volume de abates observado em 2013 foi responsável pela absorção de parte desse aumento de oferta e dos ganhos de produtividade. Até a finalização deste artigo, o IBGE divulgou apenas os abates de janeiro a setembro de 2013, com aumento em relação ao mesmo período de 2012 de 11,6%. De acordo com monitoramento do Minerva, o consolidado do ano deve fechar com alta acima de 10%.

Como não há uma mensuração exata de tamanho de rebanho, o aumento do abate nessa escala confirma o aumento na disponibilidade de gado para abate. Por outro lado, se o aumento no abate ocorresse na mesma proporção que o aumento da oferta, os preços deveriam ter ficado estáveis em relação a 2012, o que não ocorreu.

Demanda

A maior oferta de gado para abate não resultou em queda nos preços, tanto do boi quanto da carne, uma vez que a demanda foi suficientemente maior para absorver também essa maior oferta. O que ocorreu foi o aumento na oferta de bois, aumento no abate e, portanto, maior produção de carne, mas também um aumento expressivo na demanda, que puxou os preços da carne bovina para níveis recordes em 2013.

O Brasil exporta certa de 22-23% da sua produção de carne, portanto o foco permanece no mercado interno. Por outro lado, essa participação do mercado externo está crescendo e, este ano, com a ajuda do dólar, podemos chegar a 25% (ou até mais) de participação das exportações.

Entretanto, o grande motor de consumo é o mercado interno. A escalada social, melhora na distribuição de renda, mudanças no padrão de consumo, entre outros eventos, impulsionaram o consumo de carne bovina pelo brasileiro para mais de 42kg per capita. Infelizmente este número não tem uma precisão muito grande, então é possível encontrar estimativas desde 42 até 47kg/hab/ano, entretanto, a conclusão é a mesma: o brasileiro nunca consumiu tanta carne bovina quanto consome atualmente.

Outros eventos devem impactar posi-

tivamente o consumo este ano, apesar da dificuldade de mensurar seus reais efeitos. A partir de junho temos Copa do Mundo no Brasil e, com feriados em dias de jogo da seleção, as comemorações e churrascos devem se espalhar pelo país. As vendas de cortes nobres e tipo grill devem acelerar no varejo, mas a demanda deve ser mais bem distribuída conforme todo o setor de serviços e turismo sinta a injeção de capital com a chegada de delegações, turistas e negócios correlacionados, que acompanham eventos de grande porte como esse.

Cenário

Os ganhos de produtividade, uma tendência sem volta que deve impactar o mercado ainda por muitos anos, sobretudo considerando que a pecuária brasileira é uma pecuária jovem, irão compensar em parte o início da retenção de fêmeas no rebanho, assim como o aumento no desfrute do rebanho também interfere diretamente na disponibilidade de gado para abate.

Entretanto, em 2014 seria necessário ser otimista para contar no saldo geral com uma oferta acima da observada em 2013, isso não é nada provável. Fato que já foi precificado pela curva futura da BM&F com preços elevados e mais altos do que o ano passado.

Por outro lado, a indústria tem operado com mais racionalidade a cada ano, o que significa reduzir os abates onde os preços estão distorcidos e aumentar onde é possível originar a um custo mais baixo.

Os abates de jan/14 mantiveram a tendência de forte alta, em parte para ajustar os estoques de carne à boa demanda da exportação, mas já se observa mudança nessa tendência. No cenário atual, há boas oportunidades de aumento no abate no Brasil Central ou na região Norte, enquanto o Sudeste perde atratividade.

O mercado interno vai absorver com facilidade a produção de carne este ano, sobretudo frente a uma possível redução nos abates. O tradicional recuo nos preços da carne bovina no começo do ano, por exemplo, ocorreu de maneira suave e em menor escala do que era esperado sazonalmente. A relação entre os cortes de traseiro e dianteiro, por sua vez, permanece elevada, indicando bom escoamento dos cortes mais caros, mesmo no período em que a população está menos capitalizada.

O mercado externo é outro fator que tem ajudado de maneira expressiva a corrigir essas sazonalidades de baixa. Mercados de grande importância para o Brasil, como Rússia, Egito, Venezuela e Chile, permanecem em foco, mas a facilitação das negociações com o Irã tem destaque, uma vez que é um mercado que pode absorver de 2 a 3 vezes mais carne do que o registrado em 2013.

Alguns mercados permanecem fechados à carne bovina do Brasil, como China e Arábia Saudita, mas o prognóstico é favorável. A demanda chinesa segue sendo abastecida via Hong Kong, um dos principais destinos da nossa carne, mas com a reabertura da China o volume exportado pode aumentar ainda mais.

Outros mercados de importância no comércio mundial de carne bovina, como Indonésia e Estados Unidos, estão na mira do Brasil este ano. No caso

dos norte-americanos, já há uma consulta pública aberta por eles para averiguar a abertura do mercado. Não seria um volume expressivo, pelo menos não de início, mas o ganho comercial seria importantíssimo, uma vez que abre espaço para negociar com outros mercados ainda fechados, como México, Canadá, Coréia do Sul e Japão.

A desvalorização do Real também joga a nosso favor e, mesmo diante do aumento dos preços em reais, deve ajudar a carne bovina brasileira a se manter em patamares bastante competitivos. Em dólares, hoje, praticamente não há no mundo boi mais "barato" do que o do Centro-Norte do Brasil.

O ano de 2013 permitiu ganhos de margem tanto do lado da produção quanto da indústria. Para 2014 o cenário é semelhante, uma vez que o principal driver do mercado é a demanda aquecida.

Que venha a Copa do Mundo e que todo brasileiro comemore o título de hexacampeão com churrasco, qualidade e continuidade.

Perspectivas para o mercado do boi gordo em 2014, visão de profissionais do JBS

Eduardo Krisztán Pedroso, Diretor de Relações com o Pecuarista da JBS

Marcos Gonçalves, Diretor de Originação Regional 1 da JBS

Leandro Attie Testa, Gerente da Mesa de Boi a Termo da JBS

Hercio Dias de Souza Filho, Diretor de Originação Regional 2 da JBS

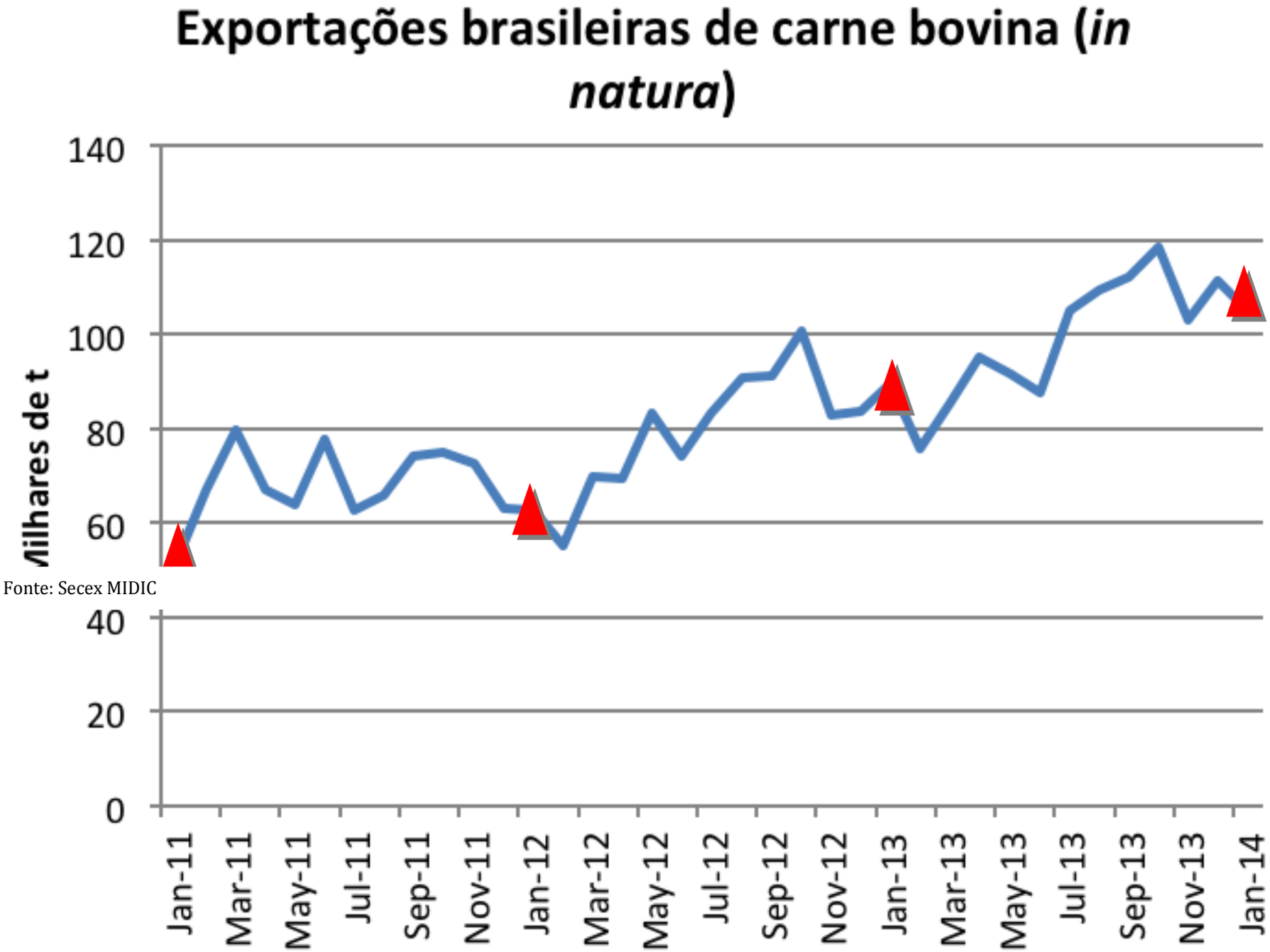
Vilmar Lemos Cardoso, Diretor de Originação Regional 3 da JBS

José Luiz Medeiros, Diretor Executivo de Originação da JBS

Rafael Malaguti, Trader da Mesa de Boi a Termo da JBS
Felipe Assarisse, Trader da Mesa de Boi a Termo da JBS

O mercado do boi gordo no Brasil mudou de patamar. Isso é um fato inquestionável. Um momento de oportunidade singular para a pecuária brasileira. Embora o cenário macroeconômico indique a perspectiva de desaceleração para 2014, o câmbio favorece as exportações de carne e a demanda do mercado interno certamente será auxiliada pela copa do mundo e eleições presidenciais.

Enxergamos um ano de preços firmes tanto para o boi quanto para a carne.



Fonte: Secex MIDIC

Em publicação da Agência Estado no dia 21/02/14, Wesley Batista, CEO Global da JBS, afirmou que os patamares atuais recordes das cotações do boi gordo no mercado físico brasileiro em plena época de safra não preocupam a companhia, sendo que os preços estão dentro do patamar de recuperação da rentabilidade do produtor. E esse movimento é necessário para gerar rentabilidade na pecuária, para incentivar o pecuarista a produzir mais. Segundo ele, quando há a comparação dos preços do

boi gordo em dólar, esse movimento de alta dos valores dos animais prontos para o abate significa uma correção da desvalorização do real.

Se o cenário dos preços é otimista, qual será o desafio? Certamente, o maior desafio é enxergar a pecuária como uma cadeia de produção de carne, algo muito mais robusto do que produzir boi. Afinal, é através da venda da carne que toda a cadeia produtiva é remunerada. Ao encarar a pecuária como atividade produtora de um alimento tão nobre, vários temas relevantes entram automaticamente na pauta das prioridades, como por exemplo: necessidade de castração do rebanho como pré-requisito de qualidade, resíduos de medicamentos como as ivermectinas, bem estar animal e sustentabilidade.

A indústria consolidada nada mais é do que o canal de vendas que conecta a safra do pecuarista com o mercado, e com o consumidor. O mercado é dinâmico e está em constante evolução. Não podemos nos esquecer que o consumidor tem cada dia mais acesso à informação. E todos nós somos consumidores. Desejamos ter o poder de

escolha com conhecimento de causa. Quem de nós deseja comprar uma carne dura e servir aos familiares ou amigos? Ou ainda com coloração alterada devido ao estresse pré abate, sabor alterado ou falta de suculência? Será que estamos surpreendendo nossos consumidores com a qualidade da nossa carne? É preciso muita maturidade para olhar a pecuária sob a ótica do consumidor.

O banco de dados da JBS em 2013 revela que a partir das análises das interações de sexo x maturidade x peso x acabamento que apenas 14,8% do total de animais abatidos apresentaram o padrão desejável de qualidade de carcaça, 54,46% padrão tolerável e 30,74% padrão indesejável. A maior causa de desclassificação das carcaças é o escore de acabamento ausente, sobretudo, nos animais inteiros.

Será que a falta de consistência na qualidade entregue ao consumidor não será um limitante de valor agregado? Se a régua dos preços sobe, a régua da expectativa da qualidade também sobe. Isso é fato.

Com a cessão das fronteiras agrícolas os olhares também se voltaram para a produtividade do rebanho. O custo de oportunidade de uso da terra mudou de patamar e o valor elevado das fa-

zendas passa a "esquentar os pés do pecuarista". A métrica da pecuária que sempre esteve focada em peso médio por cabeça, mesmo sem levar em conta a idade de abate, tende a mudar para produção e faturamento por hectare/ano, com pleno domínio dos custos de produção.

Nos Estados Unidos, por exemplo, este aprendizado ocorreu na década de 50. Basicamente quatro fatores mudaram em definitivo o perfil da pecuária americana:

1. Agregar valor aos grãos através da carne do boi castrado confinado, com uso de alta tecnologia;

2. Aumentar o peso de abate, aproveitando melhor o potencial da carcaça do boi enquanto "embalagem da pecuária";

3. Reduzir a idade de abate como estratégia financeira para reduzir a necessidade e o custo do capital de giro, aumentar o desfrute do rebanho, faturamento e lucratividade por hectare;

4. Atenção absoluta para o contra filé. O contra filé é o corte capitão na apuração da carcaça. É a peça de carne mais comprida e pesada do traseiro. Apresenta relação direta com o rendimento de desossa da carcaça toda e sua qualidade é capaz de deslocar a curva de valorização da carcaça casada.

Segundo as projeções da FAO e USDA, em 2014, os Estados Unidos irão produzir mais de 11 milhões de toneladas equivalente carcaça, com um rebanho de 88,3 milhões de cabeças. Já o Brasil, irá produzir 10,5 milhões de toneladas equivalente carcaça, com um rebanho de 206 milhões de cabeças. Se dividirmos a produção americana pelo rebanho, encontraremos um número próximo a 125 kg de carne produzida por cabeça alojada no rebanho, enquanto no Brasil este número é de aproximadamente 51 kg. Note o tamanho da oportunidade de incremento de produtividade na pecuária brasileira.

No Brasil, observamos claramente a tendência de redução do estoque de gado erado no rebanho através da análise dos inventários das vacinações publicados pelos órgãos estaduais de defesa sanitária. Na prática, a disponibilidade de gado magro erado é cada dia menor. Estamos assistindo nos últimos anos um desfrute que "engole" duas eras simultaneamente das pecuárias tradicional e empresarial que convivem lado a lado. A safra virou entressafra e a entressafra virou safra. A aplicação de alta tecnologia ainda está muito focada no confinamento da estação seca do ano. Contudo, o mercado sinaliza boas oportunidades para aplicação de tecnologia também na época das águas.

Se o mercado de um lado sinaliza demanda por carne de melhor qualidade, do outro lado fica a convicção de que a captura deste valor somente será atingida com o trabalho em parceria entre a indústria e o pecuarista. É necessário que se estabeleça uma relação de transparência, em que as regras e informações sobre o mercado sejam claras.

Para a indústria ganhar é necessário que o produtor ganhe, isso é o que garante a sustentabilidade do negócio. Com o mercado em constante evolução não existe uma verdade comercial absoluta. Temos que incentivar quem

quer produzir carne de qualidade, mas precisamos conectar esta qualidade com o consumidor que se dispõe a valorizar o que é bom. Isto significa que precisamos evoluir na gestão de categoria de produtos com programas que garantam matéria prima com qualidade e continuidade.

De perto, você vê que só a CFM faz a diferença.

pragma

- Mais de 34.500 touros produzidos
- Mais de 1.800 clientes atendidos
- 3.104 negócios efetivados

- Estimativa fêmeas cobertas: 1.208.340
- Total Municípios: 1.510
- Total Estados: 28
- Clientes no Brasil e Paraguai
- Índice de recompra de 53%

Fonte: Banco de dados CFM

Pode examinar à vontade. CFM é imbatível. Líder dos principais sumários de melhoramento genético há mais de 35 anos e dona do melhor pacote genético do mercado, a CFM proporciona os melhores resultados no menor tempo possível. Venha ver de pertinho. Nossa genética é tão boa que aumenta até seus números.

Nós preferimos:

Bellman Nutrição Animal
a nutreco company

NEOGEN

Apoio:

CEIP

Confiança desde 1908
CFM Agro-Pecuária
CFM Touros Nelore
www.agrocfm.com.br 0800 127 111
faleconosco@agrocfm.com.br
Twitter: @agrocfm

2014 para o bovino: o ano da colheita!

Rodrigo Albuquerque, veterinário e atua no projeto de Pecuária da Fazenda Marca e Buritis, em Jussara – GO

Ricardo Heise, sócio proprietário da Boi Invest, empresa que atua no mercado físico e futuro do boi gordo em Goiânia – GO

Aos "Companheiros do Front Bovino",

Dias atrás, voltando da Fazenda, escutei via rádio alguns minutos da "Voz do Brasil" e algo me chamou muito a atenção: o Ministério da Pesca vai destinar uma quantidade razoável de recursos para investimentos na safra da pesca de 2014.

Fiquei feliz ao escutar que até peixe tem safra porque desde o ano passado venho insistindo em nossas andanças Brasil afora palestrando que o boi tem safra. Este conceito nasceu na propriedade que gerenciamos em Jussara-GO, fruto

da assistência técnica em pastagens do nosso amigo, Eng. Agr., Armélio Martins.

De fato, a maior safra do Brasil é a de pasto, e consequentemente isto é repassado ao bovino, pois plantamos capim, mas não colhemos capim. Quem colhe é o bovino. E para complicar mais ainda, não vendemos capim ou boi, vendemos carne. Nosso trabalho e complexidade é muito maior do que o da agricultura, de fato!

Portanto, desenhamos nosso sistema atual de produção baseado no conceito de que a safra de bois começa em 01/nov e termina em 31/out (em função de nosso regime de chuvas). O objetivo da safra é comercializar 100% dos animais ingressantes, seja lá por qual via de comercialização for.

No nosso caso, consideramos, portanto, a fazenda como uma fábrica de recria-engorda a céu aberto, que produz através de cinco linhas de produção, a saber: terminação via pasto, via semi confinamento, via confinamento tradicional, via confinamento em pasto e finalmente venda de animais de recria para terceiros. Todos os animais que iniciam nossa safra tem que obrigatoriamente serem vendidos através do uso de uma destas vias citadas.

O lastro deste trabalho é o rigoroso acompanhamento mensal feito pelo técnico citado, gerenciando o principal recurso para que a fábrica produza sem desvios, ou seja: o correto uso do recurso da pastagem.

E isto muda todo o conceito de uma fazenda. Passamos a ter giro anual em função de condicionar o pastejo dos animais a atender o programa de metas de desempenho de ganho de peso diário para cada categoria de animais, pois os mesmos são apartados e manejados em função do peso do "start" da safra, e cada qual, seguindo a sua proposta.

Desta forma, nasce a programação comercial de venda dos animais, logo no início da safra, que no nosso caso é em 01/nov. Ao pesarmos todos os animais nesta data, já sabemos de antemão como será a nossa curva de vendas para a safra toda. É neste ponto, que queremos chamar a sua atenção para o elo perdido da pecuária, a comercialização. Sim, isto mesmo. A pecuária é um negócio que tem três fases: compra, produção e venda. E a esmagadora maioria dos produtores gasta 100% do seu tempo com as duas primeiras, delegando "ao vento" a terceira, que é justamente a hora da colheita. Não é difícil imaginar que isto não trás boas consequências, visto a complicada relação do pecuarista com o seu cliente, a indústria frigorífica...

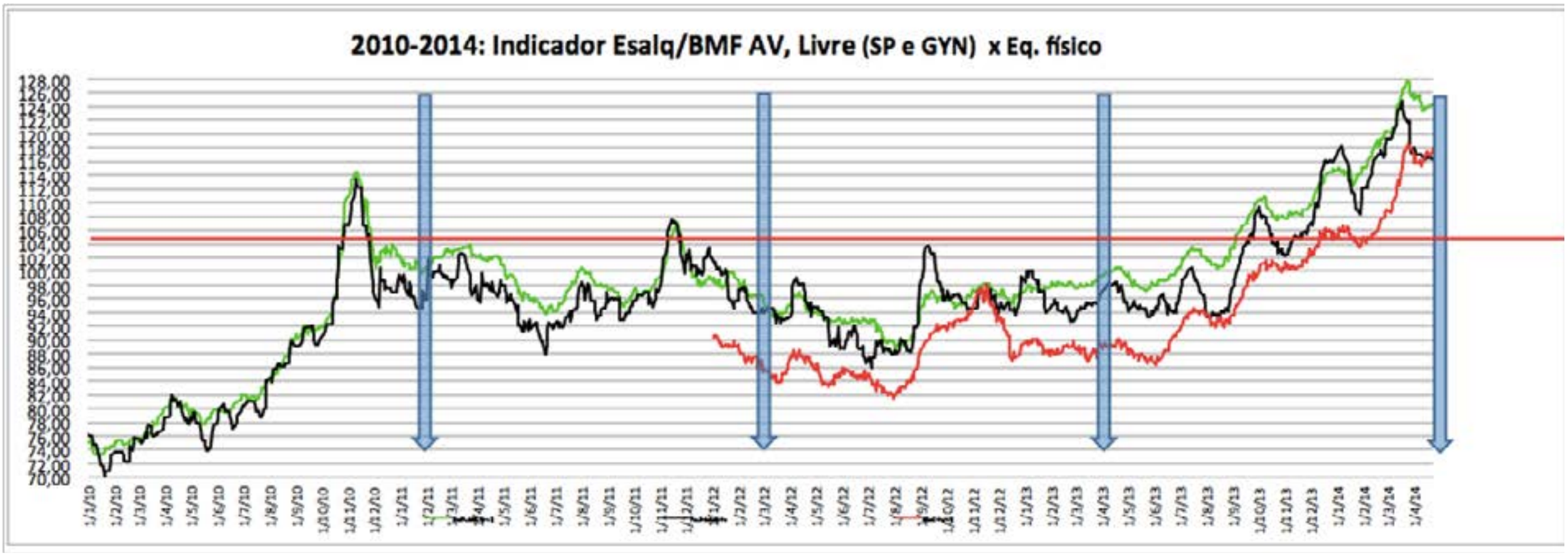
Neste ponto, é que se apresenta o novo desafio. Não basta mais "só produzir bem". Nos últimos anos, vimos (ainda bem) um fortalecimento da indústria compradora de animais terminados. Hoje eles são poucos, grandes, fortes e muito organizados.

Conhecem cada palmo deste chão do Brasil, aliás, do Brasil não, do mundo. Você pensa na realidade da sua pecuária sob a ótica regional. Eles pensam globalmente. Eles contrataram pessoas que ficam 100% do tempo pensando em como comprar o seu boi mais barato. Sim, isto mesmo.

E você fica 100% do seu tempo pensando em produzir para eles. No final das contas nós produtores acabamos sendo uma "presa fácil", um "prato cheio". Para eliminar esta fraqueza

nossa, o remédio é a informação. Você acompanha o preço da carne no atacado? Para quem acha que não precisa fazer isto, vai uma prova a seguir.

Veja no gráfico abaixo que a carne no atacado (linha preta, traduzida em equivalente físico) tem profunda relação com o preço do seu boi...



Simples demais um gráfico deste, mas muito necessário. Ele nos ajuda a saber os momentos das inversões de alta da arroba, por exemplo. Iguais a este, temos outros inúmeros gráficos e ferramentas que nos auxiliam na tomada de decisão de "venda" ou de "não venda".

Abre-se uma enorme frente de necessidade urgente. Você tem que melhorar comercialmente. Tem que ter gente te assessorando no quesito "comercialização" de gado, tanto quanto você tem em sanidade, nutrição, rastreamento, etc.

Você tem que se unir e vender em grupo (as associações estão por aí), você tem que usar a bolsa para comercializar, você tem que usar o termo, usar as parcerias e finalmente usar também a negociação SPOT tradicional, via telefone. São várias formas disponíveis no mercado para comercializar bois e não somente o telefone. É uma empreita multi-ferramentas. Você tem que ficar melhor comercialmente falando para saber qual ferramenta resolverá seu problema. Isto urge!

Pois bem, já que entendemos que o boi tem safra e o quanto é importante a comercialização, ou seja, a hora da colheita, concluímos que estes conceitos são muito mais impor-

tantes ainda este ano, visto que 2014 tem que se configurado na visão dos analistas, como o ano da colheita *!

Não tem se discutido se o "rumo" do preço da arroba é para cima ou para baixo. Discute-se, sim, o "quanto é para cima". A direção da firmeza da arroba é dada como "líquida e certa".

Há várias "escoras" para a arroba este ano, a saber:

1. Perspectiva de dólar mais valorizado na média anual, facilitando as exportações e enxugando a carne advinda da oferta de animais gordos;

2. Reposição cara, mostrando níveis de preço de bezerros com cerca de 30 a 50% de ágio sobre a arroba do boi gordo, o que tem muito a ver com o alto abate de fêmeas visto em 2013 e obviamente o "famoso" ciclo pecuário;

3. Redução de plantel em muitas regiões, em função da competição de terras com a agricultura;

4. Preço do boi gordo achatado: o pico de nov/2010 (R$ 114,48/@ à vista) corrigido pela inflação ainda não foi alcançado (valor este próximo de R$ 140,00/@ hoje), o que deixa as margens da recria-engorda muito estreitas;

5. Carnes concorrentes, principalmente o frango, muito firmes, com boas perspectivas no mercado externo;

6. O binômio copa-eleição renova as apostas em um mercado interno pujante este ano, aliado a níveis de desemprego nas mínimas históricas e acompanhado de uma renda crescente para o trabalhador;

7. Inflação resiliente, rondando sistematicamente o teto da meta do governo de aproximadamente 6% (o boi gordo costuma acompanhar estes movimentos de alta de preços);

8. Perspectivas de aberturas de novos mercados (EUA é o sonho dourado) e retomada de mercados importantes (como o Irã, p.ex.);

9. Concorrentes internacionais com preços mais altos que os nossos ou afetados por problemas climáticos (frio nos EUA e seca na Austrália);

10. Clima de 2014, que nos tem "brindado" com uma safra de chuvas incrivelmente ruim em todos os meses desde nov/13, principalmente em jan/14 e fev/14, o que afetará nossa produção, afinal de contas, grosso modo, 85% de nosso boi depende de capim, que depende de água.

Por outro lado, nos incomoda a avalanche de péssimas notícias sobre a macroeconomia do país. Não há uma notícia boa sequer, com exceção dos níveis de desemprego.

Porém, com as "escoras" do boi acima listadas, acredita-se que as nuvens carregadas e muito pretas da economia possam ficar longe o suficiente para não trazerem problemas para o nosso bovino em 2014.

Começam cada vez mais a serem especulados níveis de preços jamais vistos para a safra, como R$ 116,00/@, nível de preço de maio/14 na BMF, no início de fevereiro. E para a entressafra, três níveis de preço são as metas para o boi bater: R$ 120, R$ 130 e até R$ 140,00/@.

O primeiro já foi batido pela BMF já em fevereiro (contrato de outubro). Restam os dois desafios seguintes. Não estou cravando que a arroba vai chegar lá, mas que o valor do bezerro de reposição e o pico de arroba de 2010 corrigidos apontam na direção do maior número acima, isto é fato. Vamos aguardar.

Independente de termos uma chance maior de que realmente as perspectivas boas se concretizem, mesmo com todo este cenário positivo, ninguém sabe ao certo qual nível de preço o mercado atingirá e mesmo se tudo isto de positivo realmente se concretizará.

Além disto, nunca se esqueça: "tudo muda num segundo", basta ouvir o relato de quem sobreviveu a uma queda de avião (vide o risco sanitário).

Neste cenário de incertezas (mais positivas do que negativas, graças à Deus), identificamos como nosso único porto seguro o real conhecimento dos custos de produção e o nível de rentabilidade que se deseja para o negócio.

Com isso em mãos, tudo fica claro. Fica simples. Afinal de contas, pode já estar disponível no mercado tudo o que você sempre quis para o seu negócio em termos de rentabilidade, basta saber aproveitar as oportunidades de comercialização antecipada via bolsa/indústrias, buscando fixar o preço de pelo menos uma parte da sua produção (tal qual faz e nos ensina muito bem a agricultura) e sobre tudo usar o formato "multi ferramentas" citado acima para a comercialização dos seus animais.

Mesmo porque, errar na comercialização, ou melhor, na hora da colheita bem no ano da colheita*, seria um péssimo negócio!

Obs.: *os créditos do título deste são de Alaor Ávila Filho, o general do Front que se veste de soldado.*

Análise das Exportações de Carne Bovina para 2014, visão da Abiec

Fernando Sampaio, diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes

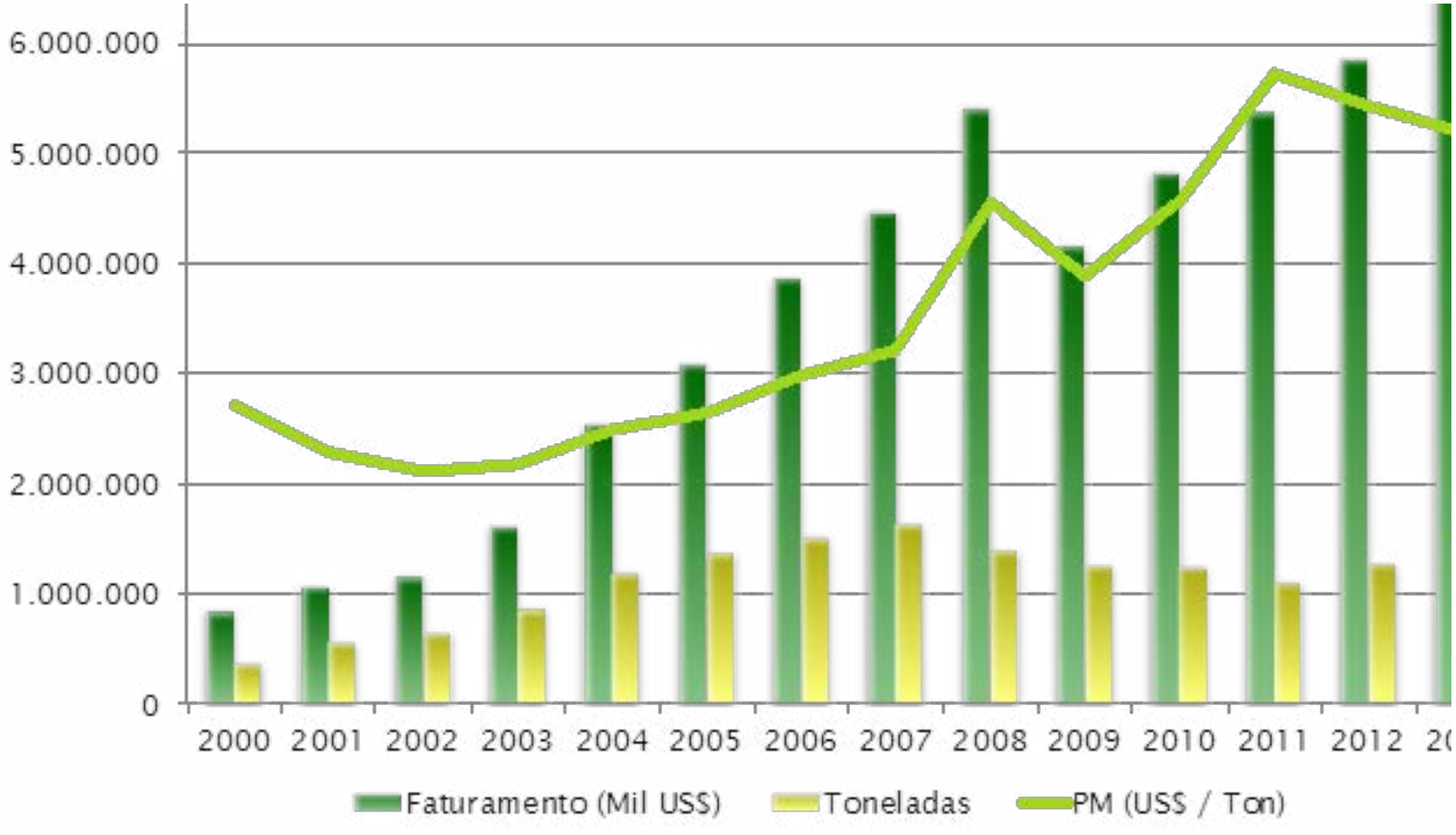
O ano de 2013 fechou com um recorde histórico de US$ 6,6 bilhões nas exportações de carne bovina brasileira. A previsão da Abiec é que em 2014 as nossas exportações têm potencial para alcançar os US$ 8 bilhões. As razões para o otimismo podem ser analisadas em dois distintos eixos de pensamento.

O primeiro eixo diz respeito a acesso a mercados. E aqui temos três pilares de sustentação:

1. Status sanitário
2. Acordos comerciais
3. Imagem

A sanidade é a base primária de acesso a mercados. Sem garantias sanitárias simplesmente não há mercado. E o Brasil está impedido de acessar pelo menos metade do mercado mundial por barreiras sanitárias (ainda que supostamente sanitárias). Aqui estão incluídos mercados que estão entre os maiores importadores do mundo, como os países do Nafta (EUA, México e Canadá) e os grandes mercados asiáticos como Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Indonésia.

Sofremos ainda esporadicamente com restrições de grandes mercados como a União Aduaneira russa e a União Europeia. Temos problemas de resíduos de ivermectina em carne industrializada exportada aos EUA, o maior mercado do produto. E ainda temos embargos causados pelo achado priônico anunciado em dezembro de 2012 em grandes mercados como a China e a Arábia Saudita.



Porque o otimismo então? Porque ainda há um espaço imenso para crescer.

De fato, há uma evolução no status sanitário brasileiro. O MAPA declarou mais estados das regiões Norte e Nordeste do país como livres de febre aftosa, decisão que deverá ser homologada pela OIE. E pela primeira vez temos a perspectiva real de ter o país livre de aftosa a curto prazo. A análise de risco levada a cabo pela APHIS americana demostra que decisões de acesso a mercado devem ser tomadas com base científica.

O Brasil manteve na OIE seu status de risco insignificante para a encefalopatia espongiforme bovina (BSE). Os embargos devem ter seu fim em breve, à medida que negociações avançam e não existem mais justificativas técnicas para que se mantenham. A GTA eletrônica será um imenso salto qualitativo nos controles sanitários brasileiros. E apesar dos problemas de resíduos de medicamentos persistirem apesar de

todo o controle efetuado na indústria – resíduos na carne são um problema que vem do campo– a Abiec tem tomado inúmeras iniciativas junto ao poder público para mitigar os riscos.

Quanto a acordos comerciais, o Brasil, amarrado ao Mercosul tem sido incapaz de concluir acordos relevantes para o setor em termos de quotas e tarifas diferenciadas. O Canadá conseguiu 50 mil toneladas de quota a tarifa zero para o acesso de sua carne bovina ao mercado europeu. A Austrália tem tarifas diferenciadas em acordos bilaterais com vários países do imenso mercado do Sudeste Asiático. EUA e União Europeia negociam um acordo de livre comércio que se concluído colocará definitivamente para escanteio o Mercosul como fornecedor de carne para a Europa. E no Pacífico negocia-se o Acordo Comercial Transpacífico (TPP), o mais abrangente e significativo acordo comercial da nossa era.

No entanto, pela primeira vez desde o início das negociações em 2004 há uma vontade política expressa de ambos os lados para a conclusão do acordo Mercosul – União Europeia, que significaria um novo fôlego ao bloco e um ganho para os exportadores. Entre Europa e EUA, a questão dos hormônios –de que os americanos não abrem mão– é um caroço que ainda dará muita discussão antes de um acordo.

No que se refere a imagem, um recente estudo de branding encomendado pela Abiec mostra que o Brasil ainda é visto como um fornecedor de carne "ingrediente" (para fabricação, pratos prontos, etc) e carne "culinária" (restaurantes industriais ou na cozinha do dia a dia. Está longe do território "gourmet" onde países como Argentina (ainda), Uruguai e Austrália são imediatamente associados a carne de excelência. E por isso, ganham em valor agregado.

Em parceria com a Apex Brasil, no programa Brazilian Beef, a Abiec conduz ações de marketing e promoção comercial nos principais mercados brasileiros, em um exaustivo esforço para consolidar o Brasil como fornecedor de carnes de qualidade, produzidas de forma sustentável.

O segundo eixo de raciocínio diz respeito a competitividade, e aqui também temos três pilares de sustentação:

1. Câmbio
2. Disponibilidade e preço de matéria-prima
3. Eficiência do processo industrial

Não há dúvida de que o câmbio influencia tanto o preço e a competitividade da matéria-prima como também o preço médio da tonelada exportada.

As recentes quedas no preço médio exportado no entanto não são puramente reflexo do câmbio. São também fruto de uma troca da cesta de produtos exportados a determinados mercados. A Europa por exemplo, diante da crise econômica que atravessa importa menos filé mignon, e mais coxão mole, entre outros.

Após a crise financeira de 2009, com a valorização do real as exportações continuaram crescendo em faturamento, mas a alta do preço médio exportado tirou a competitividade e o share do Brasil em vários mercados. O volume exportado caiu, e foi felizmente absorvido pelo crescente mercado interno. Em certos períodos entre 2009 e 2010 o boi brasileiro equiparou-se em valores

ao boi texano ou australiano.

A partir de 2012 a situação inverte-se e com a desvalorização do real hoje o boi brasileiro está entre os mais competitivos do mundo, ainda que aqui os preços sejam recordes em reais.

Sem previsões de alteração no câmbio, a perspectiva continua positiva para os exportadores. Quanto à oferta de animais, o abate na indústria aumentou em 2013 e continuará alto em 2014. Ganhos em produtividade, com o uso de tecnologias no campo tem compensado a alta dos abates até agora. Embora ainda seja cedo para avaliar as consequências do clima na oferta de animais no ano, não há razões para imaginar que a oferta de animais seja menor em 2014.

Quanto à eficiência do processo industrial, a Abiec tem se dedicado com afinco à modernização de marcos regulatórios como o Riispoa, e trabalhado para a regulamentação de novas tecnologias como o uso de ácidos orgânicos, estimulação elétrica e aspersão de carcaças que podem dar ganhos de eficiência no processo industrial.

O lacre eletrônico lançado pela Abiec como alternativa ao processo de exportação em papel do frigorífico ao porto ajuda a minimizar os problemas do que é seguramente o maior gargalo da agroindústria brasileira, a infraestrutura.

Quando analisamos esses dois eixos de pensamento frente à dinâmica do mercado mundial, observamos as vantagens comparativas que o Brasil ainda tem, comparado com seus maiores concorrentes.

A Austrália e Estados Unidos sofrem com seca e redução do rebanho. O aumento da demanda asiática puxada pela China certamente deixará espaço para o Brasil.

Ainda seremos grandes fornecedores em Hong Kong, na Rússia, na Europa, no Oriente Médio e nos mercados sul americanos como Chile e Venezuela.

A Índia deverá ocupar cada vez mais espaço em mercados de baixa renda. A preocupação do Brasil não deve ser a de competir com a Índia em mercados que remuneram pouco, mas em acessar cada vez mais mercados estáveis e de maior valor agregado.

Nosso crescimento nos últimos 15 anos foi interrompido somente pela crise financeira de 2008-2009. O Brasil tem ainda fôlego, escala e competência para crescer muito mais nos próximos 15, 20 ou 30 anos.

PALESTRAS

BeefSummit Brasil

TODOS QUE FAZEM A MELHOR PECUÁRIA REUNIDOS AQUI

ADQUIRA O SEU!

Loja Virtual: loja.beefpoint.com.br
Email: atendimento@beefpoint.com.br
Telefone: (19) 2532 - 4620

Perspectivas para o mercado de commodities em 2014

Lygia Pimentel, médica veterinária, pecuarista e consultora chefe em gerenciamento de risco para a pecuária pela INTL FCStone

Mais um ano começa e mais uma vez tentamos traçar as tendências mais prováveis para ele. Não é fácil, já aviso. Qualquer mudança em uma das variáveis aqui consideradas pode mudar o cenário completamente. De toda forma, aceitamos o desafio. Afinal de contas, o objetivo é auxiliar o planejamento do ano e não ser pego de calças curtas. Começarei sem a lupa de aumento que mira o mercado pecuário para analisar as coisas de um ângulo que nos dê maior amplitude. Afinal de contas, sofremos e sempre sofreremos os efeitos da macroeconomia, de uma maneira

ou de outra.

Macroeconomia

Não é novidade que o mundo está se recuperando de uma grave crise de crédito. Desde 2008 que escutamos todo problema do governo brasileiro ser justificado pelo pela crise internacional. Óquei.

Não é novidade, portanto, que os países que enfrentam dificuldades tenham apresentado crescimento baixo nos últimos anos.
Observem:

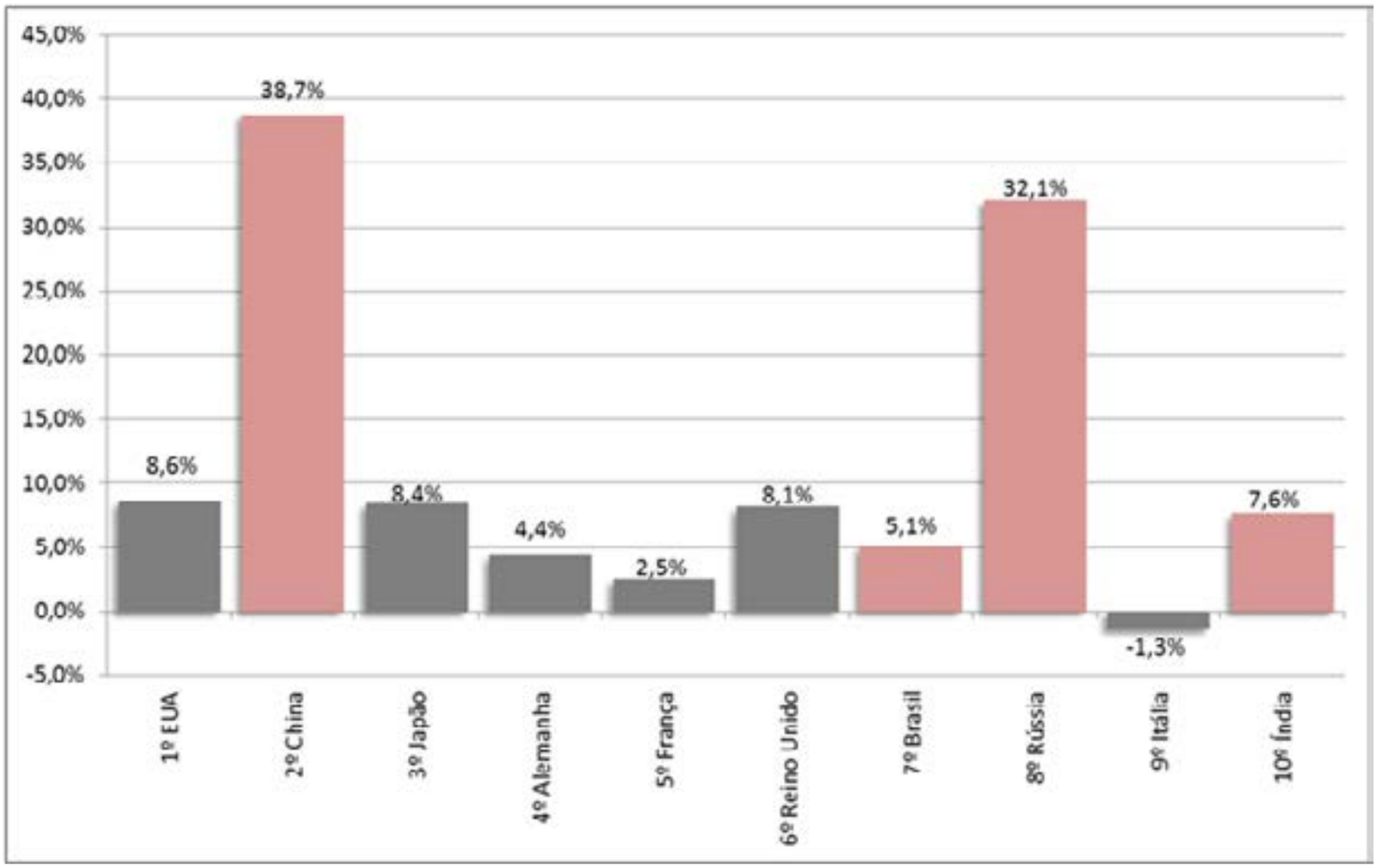


Gráfico 1. Ranking dos maiores PIBs e taxa de crescimento acumulado nos últimos 4 anos.

Fonte: Fonte: World Bank/CIA Factbook/INTL FCStone

O Brasil é sétimo lugar entre os maiores produtos internos brutos (PIBs) mundiais, mas a evolução desse nosso indicador tem sido decepcionante, com toda certeza! Nos últimos quatro anos, nosso crescimento foi de 5,1%.
Para compararmos com nossos pares, ou seja, os dez primeiros no ranking dos maiores PIBs, o resultado é o seguinte: a média de crescimento do PIB dos países desenvolvidos foi 5,2%. Uma observação interessante é que absolutamente todos eles estão se recuperando dos efeitos da crise de crédito e, não obstante, sua média de crescimento foi maior do que a brasileira. Para os países emergentes, a média é de 20,9% (!!), empurrada obviamente por China e Rússia.

Isso ocorre devido à "nova" política econômica que o Brasil adotou a partir de 2010. Coloco a palavra "nova" entre parênteses porque no fim das contas,

essa política não tem absolutamente nada de nova. É um jeito antigo de se forjar crescimento em cima de medidas populistas, ou seja muito gasto e pouco investimento.

Os principais pilares dessa "nova" política foram:

1. Política fiscal expansionista;
2. Crédito subsidiado;
3. Câmbio desvalorizado;
4. Juros baixos;
5. Estímulo à indústria nacional a partir de aumento das tarifas de importação.

Com isso, nos prometiam crescimento chinês, aumento da renda e desenvolvimento do setor industrial em nível europeu. Para quem quiser conferir nas palavras do governo, sugiro a leitura da entrevista concedida por Márcio Holland ao Valor Econômico: http://www1.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?cod=863481

É claro que ninguém enxergou os efeitos adversos das medidas acima descritas, e eles foram:

1. Inflação fora do centro da meta;
2. Maquiagem de contas públicas (vejam o que houve com as contas da Caixa Econômica Federal em 2013);
3. Elevação substancial da dívida bruta do governo, que atingiu quase R$ 3 trilhões;
4. Endividamento recorde da população;
5. Inadimplência recorde;
6. A dívida dos brasileiros junto às instituições financeiras chegou a 25,8% do PIB.

A observação mais interessante é que enquanto tudo isso acontecia, investíamos no porto cubano em invés de desenvolver nossa própria infraestrutura logística, de saúde e educacional, entre outros pontos importantes que deveriam ser trabalhados por aqui mesmo. Viés político à parte, é inegável que demos alguns tiros no pé e estamos colhendo os resultados.

E já que 2014 é ano de eleição, não há sinal de que a política econômica adotada mudará no curto/médio prazo, o que deve manter o protecionismo, câmbio e inflação no mesmo rumo em que vemos hoje. Em outras palavras, luz amarela para a economia brasileira com potencial de piora para 2015.

Dólar

É claro que não sou a única que enxerga as coisas desta maneira. A comunidade internacional também notou que as coisas não seguem bem como o planejado inicialmente. E com a economia norte- americana dando sinais de recuperação, o Federal Reserve (FED), Banco Central dos Estados Unidos, anunciou que retirará os estímulos à economia norte-americana.

Os efeitos dos dois fatores descritos acima são opostamente proporcionais: a deterioração da imagem econômica brasileira desvaloriza o real enquanto a estabilização da economia norte-americana fortalece o dólar. Resultado: câmbio em alta.

Alguns analistas sugeriram que o dólar poderá atingir R$ 2,80. Somos mais conservadores. Dizem que Deus inventou o câmbio para provar que os analistas erram, mas vamos dar um chute do câmbio em até R$ 2,60. Vamos ver como fica até o fim do ano.

Exportações de carne

Os efeitos disso podem ser muito positivos para as exportações de carne bovina. O câmbio vantajoso para os gringos ajuda na nossa precificação e competitividade internacionalmente. Isso significa que quanto mais vale o dólar,

menos dólares serão necessários para comprar o mesmo volume em reais. Sem contar que o frigorífico recebe em dólares e nos paga em reais, portanto, o carne exportada remunera melhor quando o dólar sobe. E é por isso que o dólar é fator determinante na conta da exportação, não pode absolutamente ser desconsiderado. Prova disso é que quando o dólar sobe, nosso volume voa.

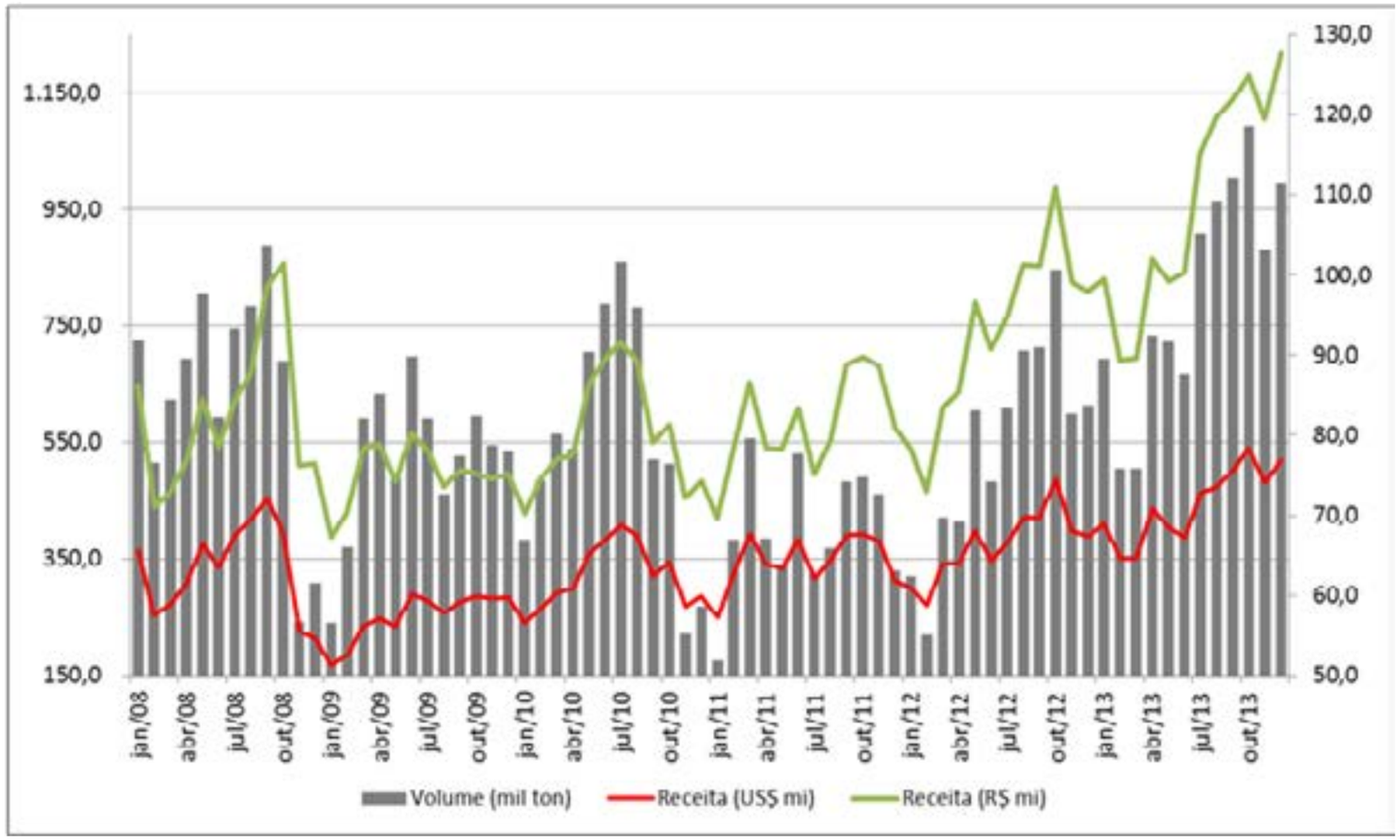
Gráfico 2. Evolução do volume embarcado, faturamento em dólares e reais.

Fora isso, quando analisamos nossos concorrentes, observamos que Estados Unidos e Austrália, por exemplo, estão com sérios problemas de oferta devido às suas respectivas fases do ciclo pecuário e também a problemas climáticos que levaram à liquidação recente de seus rebanhos. Isso deixa o cenário internacional bastante regulado e nos garante boa precificação para a carne bovina.

O preço da carne no mercado interno norte-americano disparou e o primeiro efeito positivo para nós, pecuaristas brasileiros, é que o Departamento Norte-Americano de Agricultura (USDA) abriu uma consulta pública para aprovar (ou não) que a carne brasileira seja comercializada nas terras do Tio Sam. Infelizmente, caso seja aprovado, a princípio aprovarão apenas uma pequena quantidade dentro de uma cota específica e fora dela a carne será fortemente taxada. De toda forma, a notícia é positiva e outros mercados poderão se abrir como efeito da confiança norte-americana em nosso produto. Portanto, prefiro ver a situação como metade do copo cheio.

Também estamos trabalhando de maneira muito próxima com a Coreia, Malásia e Indonésia, o que significa que esses mercado poderão ser abertos em breve, além de estarmos à beira da reabertura de mercados importantes como a China e a Rússia.

Em outras palavras, provavelmente o que a economia brasileira não puder absorver, o mercado externo levará. Nossa estimativa é de 23% de carne exportada frente o total produzido pelo



Fonte: Secex/Bacen/INTL FCStone

Brasil em 2014.

Portanto, atenção ao câmbio e ao mercado externo. Ele será um importante aliado no momento de vender nosso produto em 2014.

Mercado pecuário

Este ano que se inicia tem um clima diferente. Um clima melhor, mais otimista, mais leve, eu diria. A própria BM&F nos indica isso. Observe:

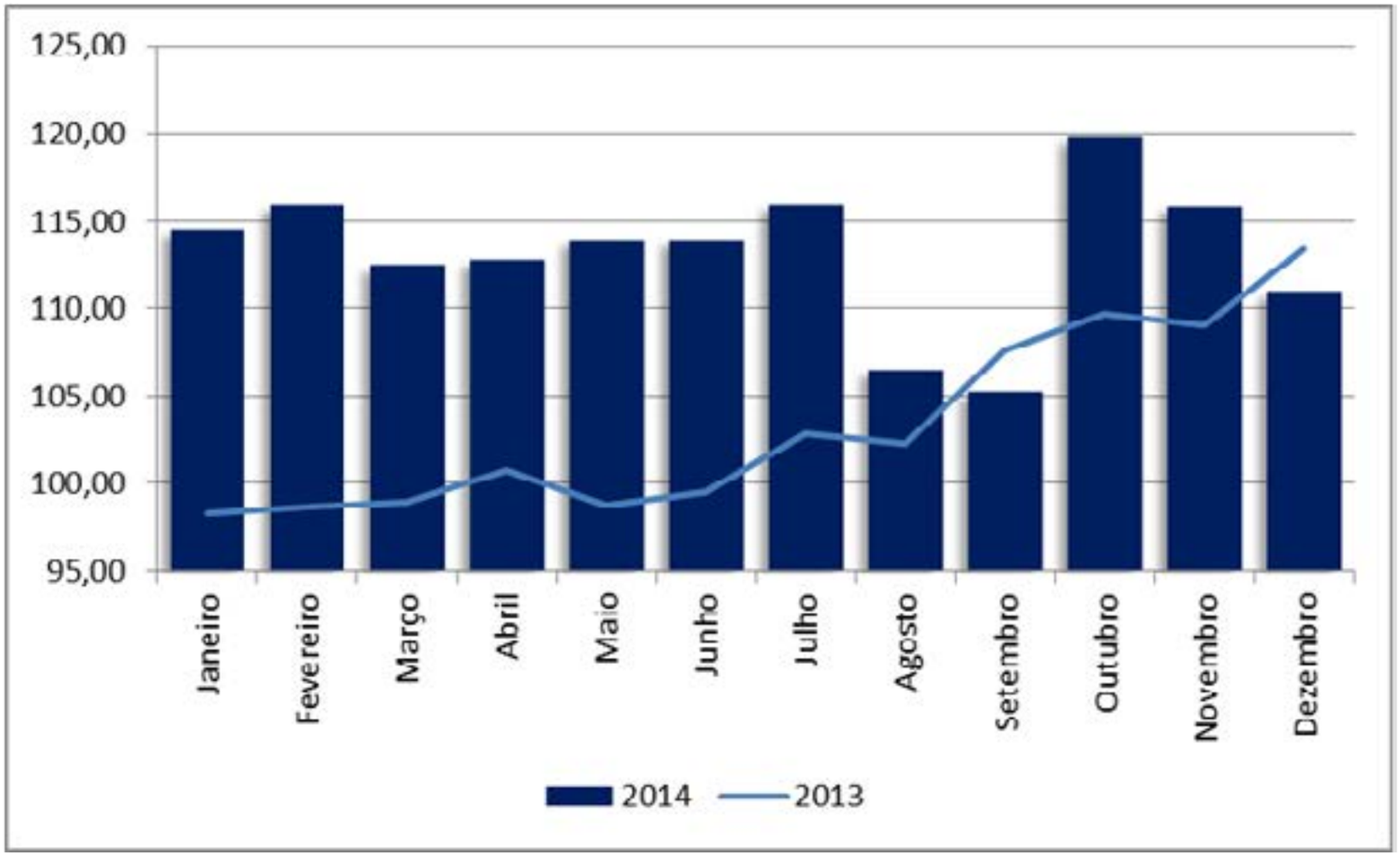


Gráfico 3. Curva futura BM&F 2014 e evolução dos preços do boi gordo em 2013 (R$/@)*.

Fonte: BM&Fbovespa/INTL FCStone (*) Valores apurados no dia 30/01/2014

O gráfico acima mostra em azul claro a evolução dos preços da arroba em São Paulo durante 2013 e, em azul escuro, a cotação dos contratos futuros para 2014.

Em termos comparativos gerais e considerando que o mercado futuro representa uma possibilidade de antecipar as vendas e garantir preço/margem, podemos afirmar que 2014 já apresenta uma média de preços 9,56% maior do que o registrado no ano passado.

Fora isso, quando consideramos apenas os meses de safra, o resultado é ainda melhor. Temos uma alta nominal de 15,03% para o animal comercializado na safra de 2014. Nada mal!

Quando consideramos a entressafra, que ainda conta com contratos menos líquidos (ou seja, ajustes são esperados e devem levar a um preço médio maior para o período), já temos a oportunidade de vender o boi 7,37% mais caro do que em 2013. Nada mal!

Qual o motivo dessa evolução tão expressiva? Por que voltamos a ficar otimistas? A resposta recai sobre o bezerro.

Após a grave crise de 2005, fundo do poço para a pecuária nacional, já não tínhamos muito o que comercializar.

Abatemos fêmeas para pagar as contas, e não para simples descarte. O que veio a seguir foi o efeito da ausência daquelas fêmeas através da valorização do bezerro acima da inflação, o que fez a atividade de cria voltar a ser atrativa.

Resultado? Voltamos a reter fêmeas. A esse princípio e aos efeitos que ele traz damos o nome de ciclo pecuário. Em 2007, portanto, demos início a um novo ciclo e retivemos fêmeas até 2010.

Com a volta do aumento dos custos de produção acima da arroba a partir de 2011, voltamos a abater fêmeas e o movimento se manteve até o último trimestre de 2013, ou seja, após muita história voltamos ao presente.

O interessante é que após quase 4 anos de abate de fêmeas acelerado, a margem da cria voltou a variar acima da inflação, exatamente pela falta do animal que, posteriormente reflete sobre os outros animais de reposição e sobre os preços do boi gordo. E é por esse motivo que você que é confinador tem sentido o boi magro tão caro, raro e de má qualidade no momento de comprar.

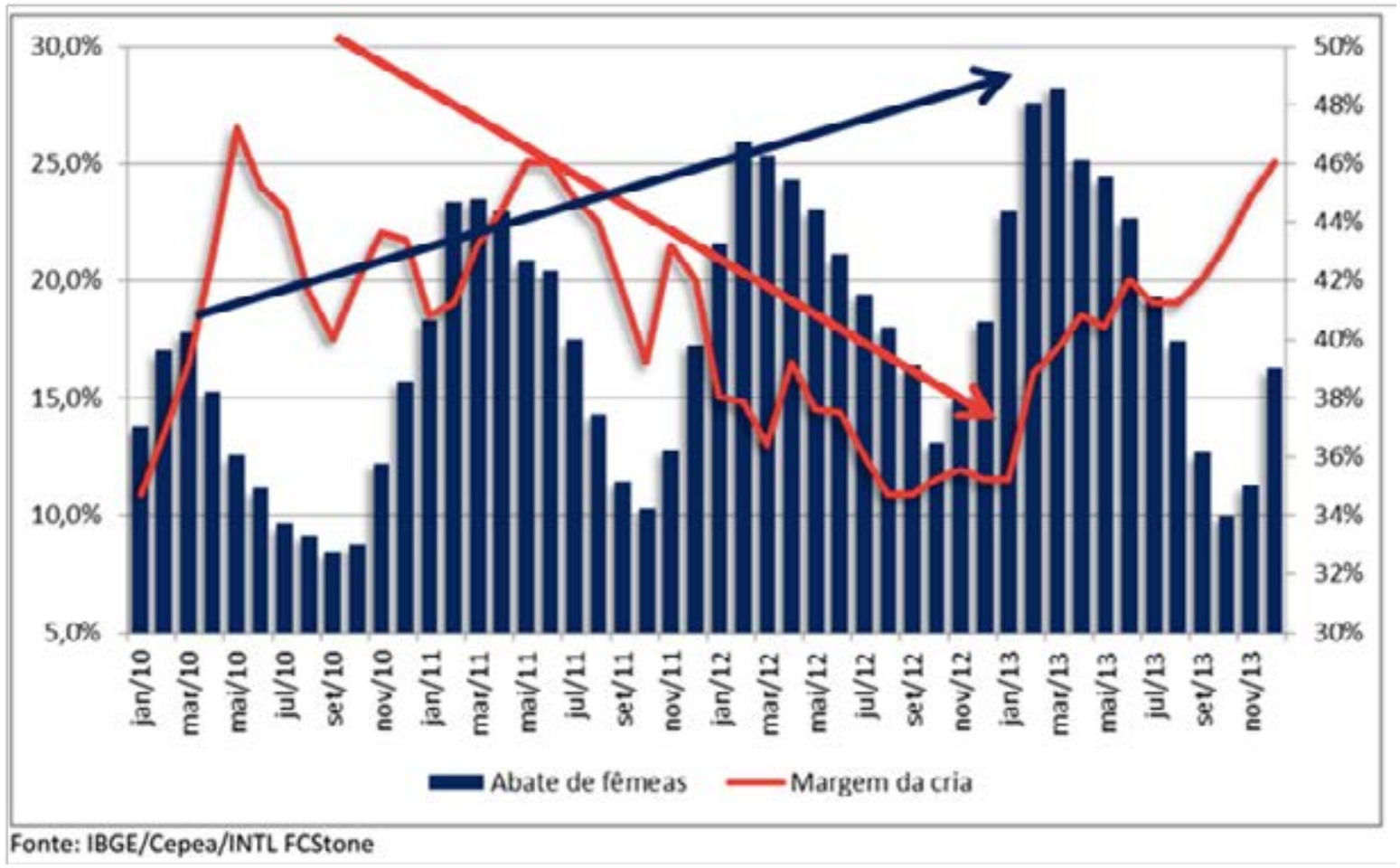


Gráfico 4. Evolução do abate de fêmeas e da margem da cria (MS).

Enquanto a tendência da margem da cria se manteve em queda até o ano passado, o abate de fêmeas seguiu em alta.

E a partir do momento que começou a beirar as máximas históricas, podemos dizer que a recente recuperação da margem da cria indica que os preços pecuários têm que voltar a remunerar o pecuarista para que ele não continue abatendo fêmeas. E é exatamente o que o mercado está enxergando, juntamente com a boa perspectiva em relação às exportações e à possível sustentação do mercado interno (pelo menos durante a metade de 2014). Se o consumo total estiver interessante, o apetite dos frigoríficos continuará aquecido. Assim sendo, a perspectiva é de um ano positivo para a arroba do boi gordo e para as categorias de reposição.

Confinamento

O confinamento ainda é uma incógnita. Pesquisa preliminar realizada pela INTL FCStone aponta volume de animais confinados 12% maior em relação a 2013. O pessoal está realmente animado com este começo de ano firme. Estão otimistas. Entretanto, tal cenário pode mudar em questão de dias. Se a reposição continuar cara, isso pode desencorajar a atividade.

A acomodação do mercado de grãos pode ajudar, mas considerando a logística deficiente de importantes regiões produtoras, há possibilidade de o custo permanecer pouco atrativo se o mercado de safra para a arroba resolver recuar a partir de 4,5% e considerando os valores atuais para milho e boi magro. Outra questão é que tamanho otimismo pode elevar e concentrar a oferta entre setembro e novembro. De toda forma, ainda é muito cedo para traçarmos um panorama mais consistente.

Considerações finais

Em resumo, podemos ficar atentos para o seguinte:

Pontos fortes

1. Exportações sustentadas: câmbio forte e concorrentes com competitividade enfraquecida;

2. Eleições, Copa do Mundo: manutenção da política econômica governamental pode sustentar o consumo, porém, seus efeitos já começam a perder força e isso limita o ímpeto de alta;

3. Grãos sem potencial de forte alta: custos com a alimentação controlados;

4. Abates em bom volume: demanda por animais terminados deve continuar aquecida.

Pontos fracos

1. Cenário inflacionário persistente e endividamento recorde da população: podem prejudicar o consumo interno;

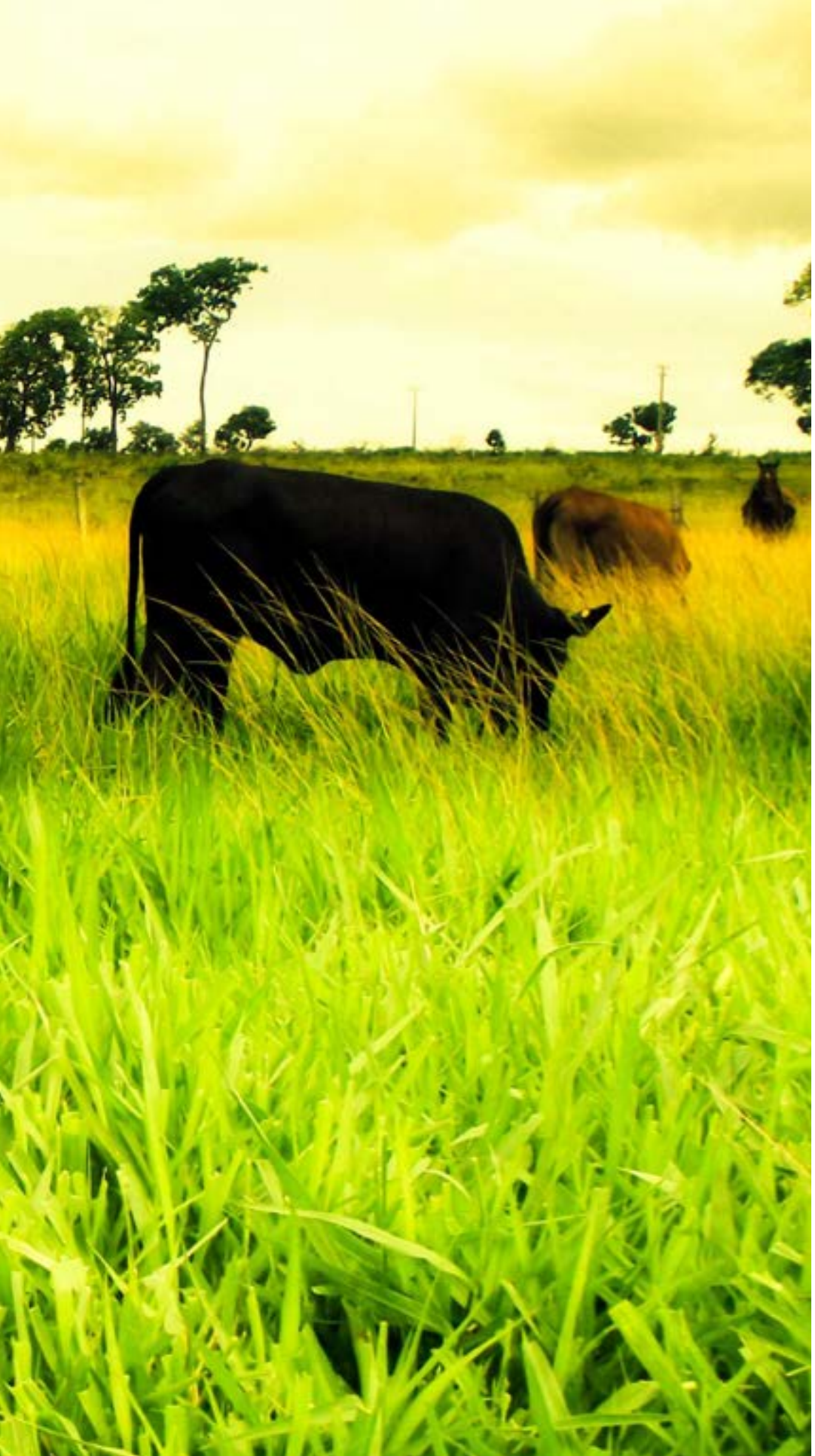
2. Possível aumento da oferta de carne de frango e suíno: ocasionado pelo cenário acomodado para o custo dos grãos, que estimularia a postura e aumentaria a competitividade da carne de frango internamente;

3. Reposição mais cara: prejudicando a margem do confinamento;

4. Aumento do volume de animais confinados: aumentaria a oferta em período de entressafra.

5. Como disse anteriormente, esse panorama pode mudar de maneira considerável com o passar do tempo, influenciado pelas variáveis. Mas não tem problema, não é um tiro no escuro! É importante tentarmos nos aproximar da realidade para programarmos o nosso ano e permanecermos no rumo do planejamento estratégico de nossa atividade. Só assim nosso negócio será de longo prazo.

Bom ano a todos!



Época das vacas gordas, perspectivas do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária

Daniel Latorraca, economista e gestor do Imea

Fábio L. M. da Silva, zootecnista e analista de bovinocultura de corte do Imea

Otávio L. M. Celidonio, engenheiro agrônomo e superintendente do Imea

Em bate-papo informal com alguns bovinocultores de corte nota-se que, hipoteticamente, a posição contábil das fêmeas no balanço patrimonial da fazenda se altera no mesmo momento em que se inicia ou termina um ciclo pecuário, tendo como base uma lógica econômica. Quando os preços do boi gordo e do bezerro começam a cair e o pecuarista começa a enxergar grandes prejuízos com a sua produção de bezerros, parte das fêmeas mais eradas passa imediatamente do ativo imobilizado para o item estoque. Dessa forma, elas deixam de ser "fábrica de bezerros" para se tornarem potenciais animais para o abate. Essa alteração no balanço só é desfeita quando

o cenário se inverte e os preços dos animais machos começam a subir.

Nesse sentido, como os preços do boi gordo e bezerros vêm obtendo tendências consolidadas de alta, o ano de 2014 começa com esta ilusória alteração contábil, sendo assim, as fêmeas mais eradas da maior parte das fazendas de Mato Grosso estão migrando automaticamente do estoque para o ativo imobilizado. Isso acontece porque, durante os últimos três anos, o abate de bovinos no estado veio em uma crescente, registrando, em duas oportunidades (2012 e 2013), o recorde de envio de animais para gancho. No ano passado houve um abate histórico de 6,04 milhões de cabeças, que só foi possível com a evolução de 7,72% no abate de fêmeas, atingindo 2,75 milhões de cabeças. Com isso, a participação das fêmeas no abate total atingiu 46%, taxa muito semelhante às dos anos de 2011 e 2012, período em que as cotações do preço do bezerro caíram e se estabilizaram em um nível próximo ao custo de produção.

Figura 1 – Participação das fêmeas no abate de bovinos e o preço do bezerro desmama em Mato Grosso desde o ano de 2003.

Fonte: Imea

Como a produção de bezerro veio diminuindo nesse mesmo período, a partir do segundo trimestre do ano passado os preços começaram a evoluir e atualmente atingiram a casa dos R$ 750,00/cabeça e a expectativa é de que a participação das fêmeas no abate caia. Se for projetado para o ano de 2014, a média histórica de participação de fêmeas no abate total de bovinos (42,54%), o resultado seria uma diminuição de 3,05 pontos percentuais de 2013 para 2014, ou seja, um possível início de retenção de fêmeas. Outro indicador que aponta para um menor envio de fêmeas ao abate é o preço nominal atual das fêmeas vendidas por bovinocultores de corte mato-grossenses, que se comparado aos preços médios praticados em 2013 está 11,34% mais valorizado, deixando o patamar de R$ 80,57/@ do ano passado para R$ 89,71/@ atuais.

Como o descarte de fêmeas se iniciou há quatro anos, diminuindo a produção de bezerros em 2012 (tabela 1) e, com a desvalorização do dólar esfriando a demanda internacional, o preço do boi gordo começou sua escalada um pouco mais tarde, em julho/13, e de lá para cá ultrapassou a barreira dos R$ 90,00/@ e começa a experimentar a casa dos R$ 100,00/@ (figura 2). Assim, as valorizações recentes do preço do boi gordo também estão impulsionando os preços do bezerro desmama no estado, já que o invernista mato-grossense vem recebendo mais e a sua disposição em

pagar mais por um jovem animal de reposição aumenta, aquecendo ainda mais esse mercado.

Com esse cenário para o mercado de reposição de bovinos em Mato Grosso, o preço do bezerro desmama foi um dos que mais variaram positivamente, rompendo o patamar dos R$ 650,00/cabeça que perdurava desde meados de novembro/10 e, agora, flertando com o rompimento da barreira dos R$ 750,00/cabeça. Para exemplificar a guinada de preços do jovem animal no Estado, foi feita a comparação entre os preços de janeiro/13, quando a cotação média mensal foi de R$ 635,51/cabeça, e os preços de janeiro/14, mês em que o valor médio do animal foi de R$ 750,30/cabeça, ou seja, uma alta acumulada de 18,06% em um ano. Se for feita a mesma análise para o boi gordo, no mesmo período, percebe-se que essa categoria variou menos, precisamente 15,16% em um ano, saindo de R$ 84,52/@ em janeiro/13 para a cotação média de R$ 97,33/@ em janeiro/14. Na figura 2, a seguir, pode ser analisada a variação de preços das duas categorias desde o ano de 2008.

Figura 2 – Evolução do preço do boi gordo e do bezerro desmama em Mato Grosso desde o ano de 2008

Fonte: Imea.

Quando se observa o estoque de machos prontos para o abate, a primeira constatação é a de que o pico da oferta desse ciclo deve acontecer em 2014, chegando a algo em torno de 4,28 milhões de cabeças de bovinos com mais de 24 meses, um número 0,71% superior ao estimado para 2013 (4,25 milhões de cabeças). Todavia, esse volume é 10,06% mais restrito do que o último pico de oferta para os animais nessa faixa etária registrado em 2007 (4,75 milhões de cabeças). Portanto, tendo em vista que a oferta de fêmeas deve ser mais restrita e a oferta do boi gordo ainda permanece apertada no estado, a tendência de alta nos preços da pecuária de corte como um todo deve se manter tanto para 2014 quanto para 2015, ano em que se deve ter a segunda menor oferta de bois prontos para o abate na história do estado.

Era	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013*	2014*	2015*
0-12	3.122.917	2.891.133	2.834.029	2.891.110	3.302.674	3.722.298	3.615.413	3.511.761		
12-24	2.824.287	2.871.583	2.797.694	2.825.872	2.929.188	3.092.691	3.252.244	3.285.717	3.191.328	
24-36	3.000.398	2.924.300	2.751.954	2.705.840	2.640.703	2.618.944	2.806.251	2.921.774	2.930.217	2.895.939
>36	1.552.788	1.830.764	1.892.460	1.763.126	1.541.145	1.331.641	1.286.490	1.324.893	1.346.718	1.181.365
Disponível	**4.553.186**	**4.755.064**	**4.644.414**	**4.468.966**	**4.181.848**	**3.950.585**	**4.092.741**	**4.246.667**	**4.276.935**	**4.077.303**

Fonte: Imea.

Tabela 1 – Perspectivas para os estoques disponíveis para abate (machos com mais de 24 meses) no curto/médio prazo em Mato Grosso (cabeças)

Por fim, a oferta, diante de um incremento da demanda internacional, deve cair nos próximos dois anos por conta, principalmente, da retenção de fêmeas, ou seja, de um aumento generalizado dos ativos imobilizados dos pecuaristas mato-grossenses. Assim, a vez agora é delas, das vacas gordas, que devem, no próximo ano, voltar a

fazer uma produção de bezerro compatível com o tamanho do atual mercado de carne bovina.

DVD

ENGORDA A PASTO

Loja Virtual: loja.beefpoint.com.br

Email: atendimento@beefpoint.com.br

Telefone: (19) 2532 - 4620

▶ ADQUIRA O SEU!

2014: Perspectivas de comercialização na pecuária

Fernando Rodrigues de Oliveira, Gerente da Mesa Agrícola XP Investimentos

O ano de 2013 foi importante para a pecuária brasileira, batemos recorde de exportação de carne bovina, atingindo a marca de US$ 6,6 bilhões, um crescimento de 13,9% em relação ao ano anterior. Além disso, Hong Kong ultrapassou a Rússia como maior importador de carne bovina brasileira.

A desvalorização do real em relação às outras moedas colocou o Brasil um passo à frente, aumentando a competitividade dos nossos produtos, atraindo novos compradores e aumentando o volume dos que já compravam.

O que podemos esperar para a pecuária no ano em que o Brasil será anfitrião de milhares de pessoas para a Copa do Mundo e logo em seguida será palco de uma disputa eleitoral para a Presidência da República?

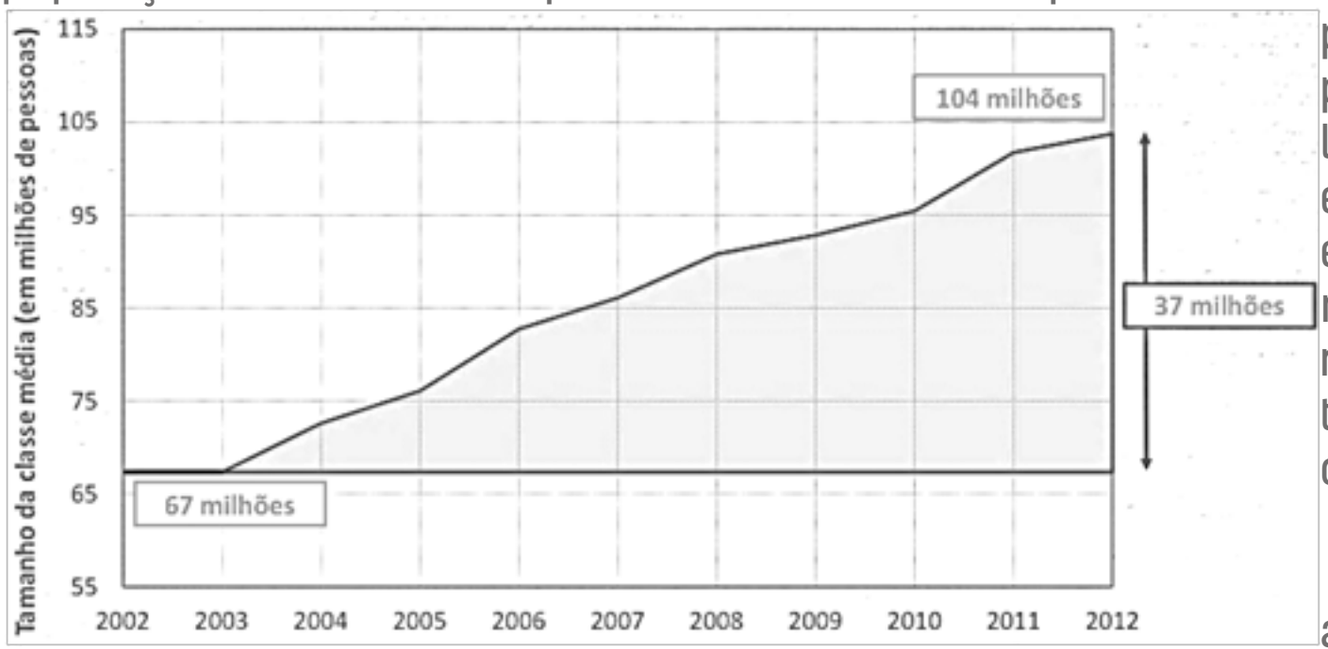
O Brasil se destacou, no ano passado, por suas exportações, mas de acordo com o Ministério da Agricultura 75% da produção em proteínas é consumida internamente, ou seja, a exportação significa uma pequena parcela do mercado de proteínas brasileiro.

A perspectiva deste evento de grande magnitude dentro do território brasileiro traz para a pecuária a expectativa de valorização para a @ do boi gordo, segundo a EMBRATUR a estimativa é receber entre 500 a 600 mil turistas com um gasto médio de R$ 11 mil reais entre junho e julho, número que, com certeza, irá impactar a economia local das cidades sedes da copa, aumentando o fluxo de consumo.

Mensurável no momento é a inflação, corroendo o poder de compra do consumidor e impacta a cesta básica de alimentos. Ela vem se mostrando persistente a qualquer antídoto que o governo utilize e, pelo que parece, vai estar ao lado dos brasileiros neste ano.

Apesar da inflação, os números não são de todos ruins, o nível de desemprego ainda é baixo, o perfil da inadimplência mudou e a renda média da população cresceu nos últimos anos 33%, saindo de R$ 591.00 para R$ 783.00.

Esse crescimento na renda média da população e o aumento de profissionais registrados têm um impacto muito positivo para o varejo, nos últimos 10 anos, mais de 37 milhões de pessoas entraram para a classe média, aumentando o consumo da carne bovina.



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Este crescimento da classe média parece estar mudando o perfil de consumo da população, regiões do Norte e Nordeste começaram a consumir mais e podem se tornar um oásis para o crescimento do consumo.

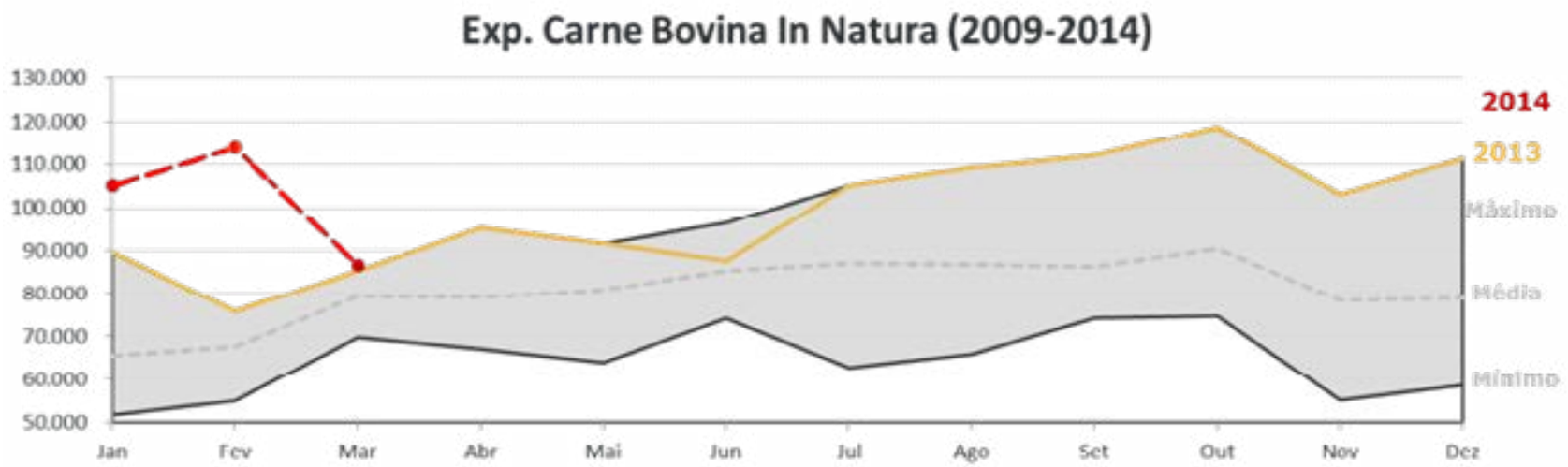
As notícias positivas para o consumo interno não param por aí, além da Copa e do crescimento da renda, ainda temos uma eleição presidencial. A eleição tem um poder de crescimento de renda extra para a classe baixa, muitos profissionais pouco qualificados são empregados em campanhas eleitorais, aumentando a renda da família.

Esse ritmo acelerado observado acima não é exclusividade do mercado interno, as exportações em 2013 mostraram sua força e janeiro/14 não deixou a desejar, registramos um crescimento de 18% em relação ao mesmo período do ano passado. A de-

manda mundial por carne bovina vem crescendo e os principais países produtores estão registrando déficit na produção de carne bovina, os EUA já registraram redução do rebanho e de produtividade em 2013, devendo deixar de produzir cerca de 6% em 2014. A Austrália, Canadá e Nova Zelândia também possuem limitadores, aumentando as chances do Brasil conquistar novos mercados ainda este ano.

Enquanto aguardamos os novos mercados, o governo brasileiro e Abiec trabalham para que a Arábia Saudita e China voltem a comprar, a Arábia Saudita além de ser um bom consumidor de carne bovina in natura é também um dos compradores de gado vivo, em 2012 esses dois países deixaram de comprar do Brasil, após o caso de EEB registrado no Paraná.

As exportações vêm surpreendendo



Fonte: MDIC, Elaboração XP Investimentos

positivamente os agentes do mercado e de acordo com a ABIEC para 2014 são esperados um crescimento de 20 % em receita, a desvalorização da moeda Brasileira e a melhora econômica mundial são fatores para essa perspectiva positiva, o FMI projeta que a União Europeia saia da recessão e cresça 1 p.p. neste ano.

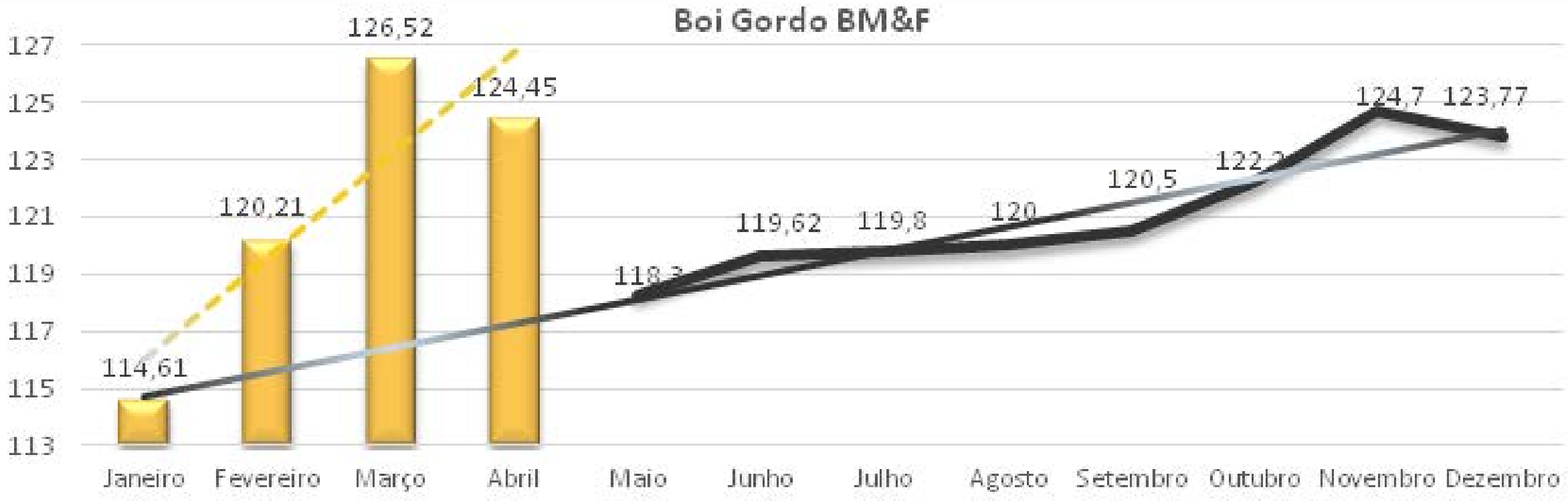
Com essa perspectiva positiva tanto para o mercado interno como para o mercado externo, a cotação do Boi Gordo na BM&FBOVESPA não poderia estar precificando outro movimento a não ser valorização.

A curva forward do boi gordo mostra que o mercado físico no curto prazo registrou uma súbita valorização, principalmente em função da seca deste início de ano, ocasionando uma menor disponibilidade de gado.

Os participantes do mercado acreditam em uma valorização de 5.4% para o segundo semestre de acordo com a curva abaixo, tendo o preço mínimo de maio a R$ 118.30 e máximo de R$ 124.70 em novembro.

Os contratos futuros do segundo semestre já registraram preços maiores que os demonstrados agora, mas saliento que o atual momento do mercado é de cautela, pois maio e junho são meses que concentram oferta pressionando o mercado e a curva da BM&F.

O mercado físico vem acumulando valorizações desde o início de 2014, o Indicador Cepea/Esalq registrou alta de 8 % em relação ao fechamento de dez/13. Um dos fatores para o preço da arroba

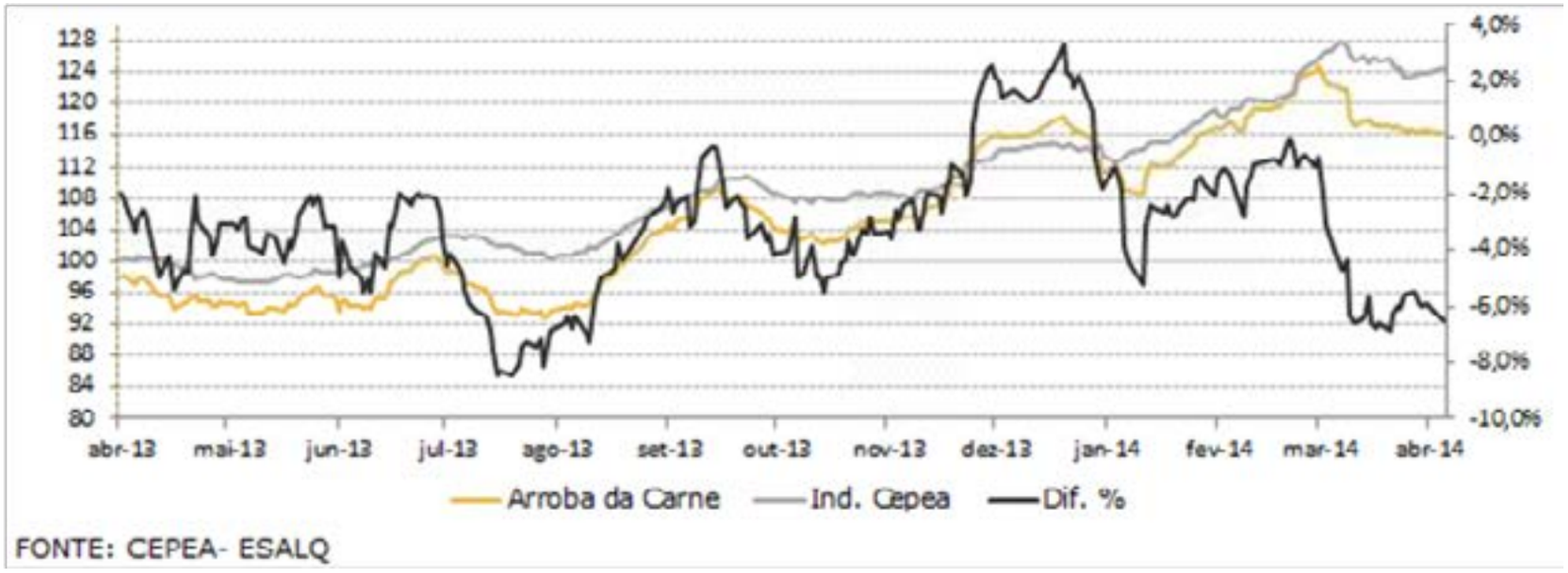


do boi gordo estar valorizado no mercado físico é a dificuldade na compra, a seca prejudicou muito a oferta e a junção de baixa oferta e forte demanda trouxe o mercado para os atuais níveis.

No últimos meses sentimos uma pressão no repasse da carne, normalmente a renda disponível neste período é inferior, pois temos que arcar com algumas despesas extras como IPTU, IPVA, matrícula escolar e despesas das festas de fim de ano.

A expectativa para a pecuária brasileira em 2014 se mostra bastante positiva.

Os maiores produtores mundiais com déficit de produção, nossa moeda desvalorizada, aumentando nossa competitividade, mercado interno forte e aumento no consumo com a Copa do Mundo são notórios.



Perspectivas econômicas para o Brasil em 2014, artigo do Rabobank International Brasil S.A

Robério Costa, economista chefe do Banco Rabobank
e Maurício Barbosa estagiário do Banco Rabobank

A promessa de crescimento de PIB por conta dos eventos esportivos da Copa do Mundo FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 não será cumprida. Depois de 2013 apresentar um crescimento estimado em pouco acima de 2%, o número para 2014 não deve sequer chegar a este patamar, dados alguns motivos que apresentaremos em seguida. O principal músico desta orquestra que desafina é a taxa de juros básica, que vem sendo aumentados desde abril do ano passado, quando se situava em 7,25% a.a. De lá pra cá,

o Banco Central elevou-a em 325 pontos, para 10,50%, a fim de esfriar a demanda por consumo e amainar as tensões inflacionárias. Como os efeitos da política monetária são acumulativos e defasados no tempo, manifestando-se em um horizonte de 6 a 9 meses, seus impactos mais contundentes devem ocorrer a partir do início de 2014.

No ano passado, não se sentiu por inteiro o freio acionado às pressas por conta da pisada forte no acelerador desde 2012, que levou o Brasil à sua menor taxa de juro da história. A resistência da inflação à queda e a percepção de que a tolerância com um IPCA alto tinha ido longe demais levam a crer que o atual ciclo de aperto ainda dê alguns passos, elevando a Selic para 11,50%, na nossa opinião.

Com a credibilidade fiscal abalada devido à receitas infladas por eventos extraordinários (leilão de Libra, Refis) e despesas postergadas para o exercício seguinte, o ano de 2014 nasce já com uma necessidade: ajuste significativo e convincente nas contas do governo. O cenário mais provável para o ano fiscal de 2014 é de crescimento tímido na arrecadação, por conta do baixo crescimento da economia. Apesar da arrecadação recorde ao fim do ano passado, o superávit primário prometido de R$ 73 bilhões (em torno de 1,5% do PIB) foi conquistado a duras penas, "contando moedas", no fechamento do balanço de 2013. Além disso, contar com redução das despesas é ainda mais difícil, dado o calendário eleitoral.

2014 inicia-se com o mercado financeiro turbulento. Além dos ruídos no campo fiscal, aflorou um sentimento de frustração com os resultados da gestão da política econômica pelo governo central, notadamente em função do baixo crescimento e inflação alta. O reflexo disso se deu no encarecimento dos custos da dívida pública, já que os rendimentos dos títulos públicos subiram rapidamente. Há pouca esperança que essa situação se reverta em 2014. Para os juros de mercado caírem é preciso um aumento da convicção do mercado que a inflação irá eventualmente ceder. Sem isso, os investidores exigirão mais juros para financiar o governo através da compra de títulos público. Não parece que estejamos próximos dessa realidade.

A inflação tem se mostrado mais resistente do que o esperado e a missão a que se propôs o próprio Banco Central, de entregar a inflação de 2013 abaixo daquela registrada em 2012 (5,84%), acabou frustrada pela elevada inflação de dezembro (0,91%). O IPCA apresentou a conta do excessivo afrouxamento monetário, com uma inflação de 5,91% para 2013. Nos últimos 4 anos, o IPCA ficou mais próximo do teto da meta formal (6,5% a.a.) do que do centro (4,5% a.a.).

No combate à alta da inflação, o governo controlou alguns preços estratégicos através da contenção direta ou mesmo da anulação de reajustes dos preços administrados, que encerraram o ano passado com alta de apenas 1,5%. Neste ano, a previsão é que a intervenção seja bem menor e que os preços geridos pelo governo subam em linha com os 4,5% definidos como centro da meta. Em 2014, o alívio poderá vir por parte dos preços livres, que rondaram a casa dos 8% ano passado. Após o aperto monetário, espera-se que a média destes preços livres cedam para algo em torno de 6% no ano.

Os dados de atividade econômica do fim do ano passado mostram os reflexos do desequilíbrio setorial: excesso de consumo, baixo crescimento industrial, vendas no varejo em desaceleração e o consolidado do PIB apontando para baixo. O desemprego oficial, calculado pelo IBGE, entra em 2014 nas mínimas históricas, mostrando pouco espaço para a expansão da oferta de mão de obra. A melhora, ainda que lenta, dos indicadores sociais, particularmente da escolaridade, tem postergado o ingresso de jovens no mercado de trabalho. Os resultados certamente virão no médio e longo prazo, mas, sem dúvida, a escassez de trabalhadores tem aumentado o custo de produção no curto prazo. Em 2014, a taxa de desemprego pode se elevar modestamente, chegando próximo a 5,6%, na média do ano, dada a desaceleração continuada da atividade econômica.

Do lado do setor externo, a boa notícia é que o real mais desvalorizado em 2014, contra 2013, dará mais competitividade ao setor exportador. O grupo de países desenvolvidos vem apresentando sinais de recuperação, apesar de ainda haver dúvidas sobre quão saudável e firme eles são. Isto pode ser um empurrão importante para o nosso comércio exterior, mesmo o Brasil sendo um país relativamente fechado.

A pedra neste caminho é que os principais parceiros comerciais do Brasil tem apresentado diferentes desequilíbrios: (1) China tem um ritmo menor de crescimento por conta de mudanças estruturais, (2) A Argentina apresenta problemas de câmbio e de inflação, além de políticos, o que acaba contaminando as expectativas no lado real da economia, (3) Dos EUA emanam dúvidas sobre os efeitos reais da diminuição dos estímulos monetários e (4) a Europa enfrenta a falta de alternativa para resolver o crônico problema das dívidas dos países membros da Zona do Euro e da baixa competitividade.

A recuperação de preços de commodities deve acontecer, mas no horizonte de 2014 o ajuste não deverá ser generalizado, dadas as incertezas externas. Do outro lado, a alta dependência da importação de produtos intermediários e manufaturados deverá acelerar a deterioração da balança comercial. É provável que a balança vá ao terreno negativo (-US$ 12 bilhões). Com a conta de serviços cada vez mais deficitária, o déficit em transações correntes deverá ultrapassar os 4% do PIB.

O esforço eleitoral e o apelo nacionalista da Copa do Mundo devem atrair a atenção num período no qual importantes ajustes deveriam estar se materializando e tendo continuidade. Como a percepção é que as decisões difíceis, como um combate efetivo à inflação e um ajuste fiscal, estão sendo procrastinadas, a implicação é que ficará para 2015 o ônus de ser o ano de ajuste. Desta forma, o ano que mal começou traz preocupações importantes no lado econômico.

O baixo crescimento que se observará será duramente criticado e a alta de juros deixará o governo com menos instrumentos para controlar a demanda interna, baixar a inflação para algo mais próximo à meta e manter relativamente estável a taxa de câmbio, vulnerável às condições externas.

É provável que os avanços na área de das concessões de obras para melhora ou ampliação da rede de infraestrutura

Indicador	2013 (e)	2014 (p)
PIB (R$ bilhões)	4.765	5.143
Crescimento Real do PIB (%)	2,3	1,8
Inflação (IPCA) % a.a.	5,9	6,0
Taxa de Juros Selic, acumulada 12 meses	8,3	11,3
Taxa de Desemprego (% IBGE), média do período	5,4	5,6
Taxa de Câmbio (R$/US$), média do período	2,16	2,52

continuem. Apesar do atraso dos investimentos na área, a experiência de 2013 mostrou que uma dose de pragmatismo facilita muito. Mudanças nas condições de alguns leilões já mostraram resultados, através do fechamento de contratos de peso nos setores de rodovias, portos, aeroportos e exploração de petróleo.

Outros segmentos, como ferrovias e hidrovias, ainda estão na lista de obras que visam à integração logística do país. Todavia, hoje parece estar mais evidente do que nunca que, diante da situação atual de carência de investimentos, em que o setor público não tem expertise, recursos e mão de obra qualificada para fazê-los, é preciso ter presença de espírito para oferecer regras transparentes e estáveis, margens remuneradoras e premissas realistas para atrair o investidor privado. O País não pode esperar mais...

DVD INTEGRAÇÃO
LAVOURA-PECUÁRIA E ILPF

Loja Virtual: **loja.beefpoint.com.br**
Email: **atendimento@beefpoint.com.br**
Telefone: **(19) 2532 - 4620**

▶ ADQUIRA O SEU

2014, o ano da ruptura

Antônio Chaker El-Memari Neto, Zootecnista, MSc,
Terra Desenvolvimento Agropecuário, Maringá - PR

No ano de 2013 a baixa rentabilidade da atividade pecuária tirou o sossego de muitos pecuaristas, especialmente frente ao destaque econômico de culturas como soja, eucalipto e mandioca. Relembrando um pouco da história, até 2004 era absolutamente raro encontrarmos fazendas de pecuária de corte que apresentassem resultados econômicos negativos, de 2005 a 2011 este número cresceu ano a ano e aproximadamente 25% das fazendas apresentaram resultados pouco atrativos. Nesta safra registramos um número muito preocupante, mais de 50% das fazendas que estudamos apresentaram muito baixa rentabilidade ou prejuízo. Os motivos centrais sempre recorrentes: baixa eficiência técnica, elevado nível de desembolso e valor de venda não sufi-

ciente para suportar esta combinação.

Mas e 2014 será diferente? Ano de copa do mundo, consumo aquecido, exportações com câmbio mais competitivo. Este ano os especialistas no mercado do boi estão otimistas com o valor da arroba e os criadores entusiasmados com o valor do bezerro, "ufa", até que enfim! Será que concretizando estas previsões de alta podemos avaliar que está tudo resolvido? Será que a pecuária poderá ocupar um lugar menos tímido na escala da rentabilidade dentro do setor agropecuário?

Antes de aprofundarmos esta questão devemos relembrar que buscamos o lucro da fazenda e não apenas o lucro no boi. O foco deve estar no quanto cada hectare de pasto deixa de lucro para a fazenda por ano. Esta equação é composta pela produtividade, custos de produção e valor de venda. Este último, que está nos dando sinais positivos, ajuda muito, mas sozinho será que muda o patamar?

Para pautar esta questão em números, tomamos como exemplo uma fazenda que representa a maioria que luta para buscar bons resultados, a fazenda de 7 arrobas/ha/ano. É um caso típico de lotação média de 1,5 cabeças/hectare (1,1 unidades animal/ha) e ganho médio diário de 0,4 kg/dia. Nestes níveis de lotação e ganho encontra-se uma produção de 7,3 @/hectare/ano. Praticando valor de venda da @ de R$ 100 esta produção leva a um faturamento anual de R$ 730/ha. Gastando-se na média, R$ 27 em cada cabeça por mês, teremos uma despesa total de R$ 486 (R$ 27 x 1,5 cabeças x 12 meses).

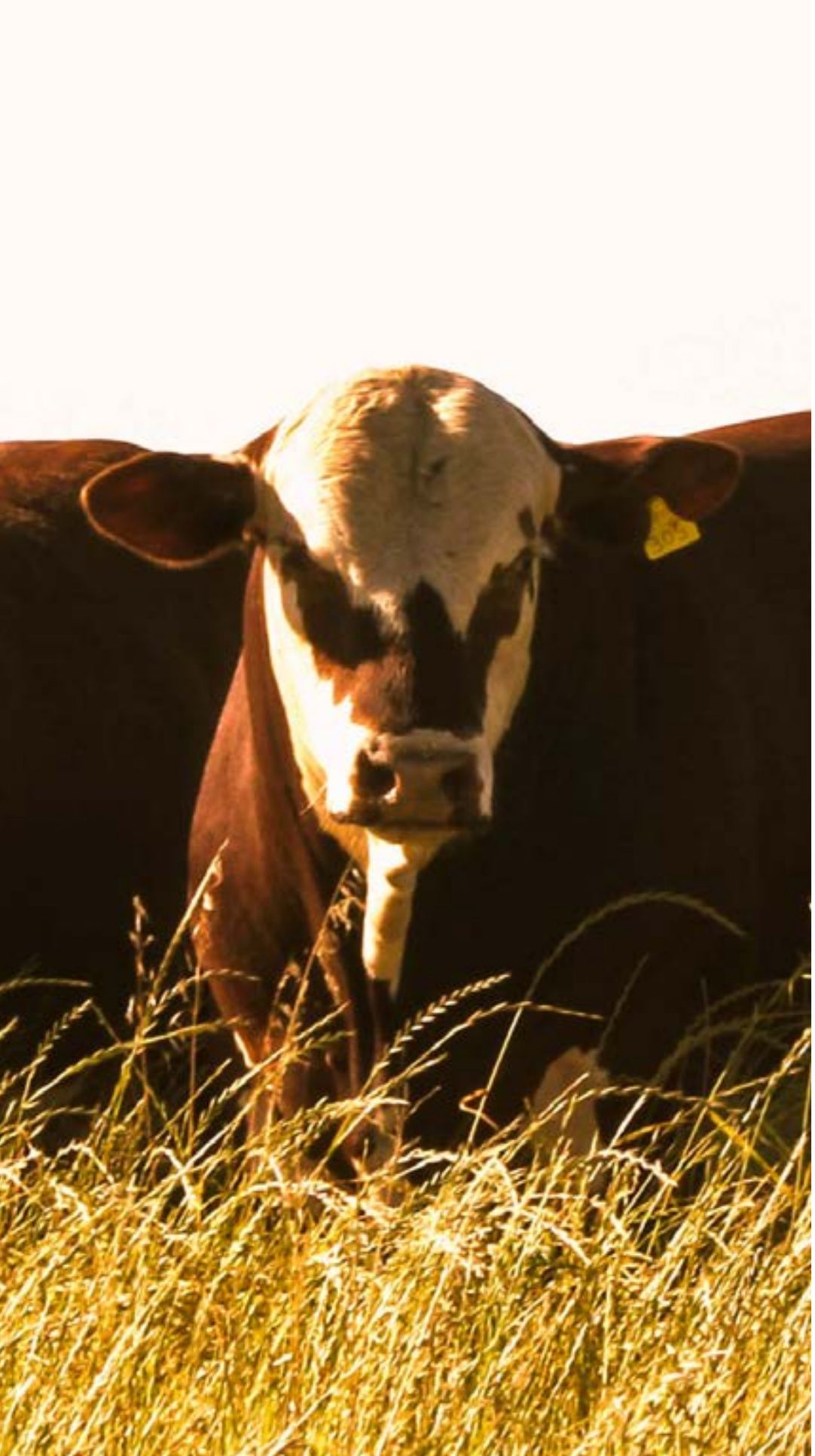
Com a receita e despesa definidas, esta fazenda remete a um resultado anual de R$ 244/ha/ano. Imaginando o valor da @ 25% superior, ou seja, na casa de R$ 125, esta mesma fazenda teria um resultado de R$ 426,5/ha/ano. Um gigantesco impacto de 74% no valor final do lucro na fazenda. Mas será que este valor atende nossa expectativa? Será não estamos nos contentando com pouco? Hoje não é raro encontrarmos rendas de soja superiores a 12 sacas/ha que representam ao menos R$ 600/ha. Valores muito parecidos são ofertados para renda da cana. Não falamos ainda da condução própria da agricultura que em anos bons trazem resultados superiores de R$ 1.000/ha/ano. Em média de quinquênio é superior a R$ 680. Nesta mesma linha de pensamento comparativo, o eucalipto e a seringueira (com linhas de financiamento, juros e carências atrativos), deixam resultados acima de R$ R$ 1.200 e R$ 3.000/ha/ano, respectivamente. O leitor pode esta indagando: Estas culturas oferecem mais risco e exigem muito mais atuação técnica, além do mais vale a regra do maior o risco maior o lucro. Bem, se definirmos risco como a probabilidade de ocorrência de um evento que gere um resultado não desejável será que a pecuária pode ser considerada um atividade baixo risco? Se sim, quanto estamos abrindo mão para ter este status?

Se realmente estamos insatisfeitos, olhemos para a luz cada dia mais brilhante no fim do túnel: A pecuária responde sensacionalmente bem as diversas tecnologias. Encontramos cada dia com mais frequência fazendas que criaram condição técnica para lotações médias acima de 3 UA/ha, são as famosas 10 cabeças por alqueire, lotação que o antigo conseguia logo após a abertura das áreas na maior parte do brasil. Além destes níveis de lotação sabemos

que um boi tem absoluta condição de ganhar mais 0,45/kg/dia em pastagem. Se isto ocorrer a produção de @/hectare supera a casa de produção de 20@/ha/ano. Três vezes mais que a maioria das fazendas boas no brasil. Estas 20 @ permitem um faturamento de R$ 2.000/ha. Nestes níveis muda o patamar? Sim e muito! Mas esta pecuária é profundamente diferente daquela que estamos acostumados. Fazendas nestes níveis têm mais ações técnicas e gerenciais que as que plantam soja, por exemplo.

Diante de tudo isto, vemos a necessidade de ruptura ao modelo atual. Vemos que esta ruptura é uma revisão profunda dos níveis das quatro variáveis chaves da pecuária: Lotação, ganho médio diário, desembolso/cabeça e valor de venda. Acreditamos que o resultado por/ha/ano deva ser superior e 6 @ liquidas de resultado, ou seja, R$ 600 de lucro ao ano para cada hectare de pastagem. Para tal, deve-se conseguir lotações medias acima de 2 unidades animal/ha com ganhos diários acima de 0,45kg/dia e uma despesa mensal máxima por cabeça na casa de 30% do valor de venda da @. Reforçamos que esta ruptura não apenas do ponto de vista tecnológico, mas essencialmente do ponto de vista gerencial, afinal são pessoas motivadas e capacitadas que fazem acontecer e uma gestão impecável do caixa garante a velocidade segura desta transformação.

Esperamos que em 2014 o foco esteja mais voltado para o dentro que para o fora na fazenda, que possamos debater e implementar ações para a conquista da pecuária de R$ 1.000/ha/ano. Esta pecuária não será para todos, mas que irá ocorrer em mais ou menos tempo, isto é certo.



Perspectivas melhores para a economia mundial em 2014 tende a favorecer pouco o Brasil em curto prazo

Celso Toledo, economista, diretor da E2 Economia, Diretor da LCA Consultores e Sócio da Ouro Verde Amazônia

Decepção em 2013 é prenúncio de "estagnação secular"?

A economia mundial voltou a decepcionar em 2013. A tabela mostra projeções do FMI feitas no início do ano e estimativas com informações mais recentes. Ao invés do crescimento esperado de 3,5%, estima-se que o PIB global tenha aumentado apenas 3,0% no ano passado – lembrando que, na escala mundial, expansão inferior a 3,0% é equivalente a uma "recessão".

A diferença entre a expectativa e o resultado final parece pequena, mas não é: trata-se de frustração de produção

de algo entre USD 350 e USD 400 bilhões – o PIB da Dinamarca. Na opinião de economistas de competência indiscutível, como Lawrence Summers e Paul Krugman, o fato de a economia mundial estar registrando crescimento medíocre apesar da dose elevada de estímulos pode ser o prenúncio de um período de "estagnação secular".

Traduzindo: algo parecido ao que ocorreu com o Japão no início dos anos 90, quando a taxa de crescimento médio da renda per capita declinou de forma persistente de cerca de 4,0% para menos de 1,0%.

Tabela 1: projeções de crescimento do PIB do FMI

País/ Região	2013 Projeções Janeiro	2013 Estimativas Atuais (Jan/14)
Mundo	3.5	3.0
Economias avançadas	1.4	1.3
EUA	2.0	1.9
Zona Euro	-0.2	-0.4
Economias emergentes	5.5	4.7
China	8.2	7.7
Brasil	3.5	2.3

A hipótese de "estagnação secular" é plausível. Antes de concluir que ela é a mais provável, no entanto, é preciso levar em conta que, desde a eclosão da crise financeira, a recuperação tem sido abalada por uma série de eventos traumáticos – tsunami japonês, Primavera Árabe, impasses políticos nos EUA, crise europeia, eventos climáticos extremos, sem contar as fricções da mudança do modelo de crescimento chinês.

Se, de um lado, é possível argumentar que a perspectiva de "estagnação secular" é o resultado deste cenário mais incerto e arriscado, de outro, é preciso dar o benefício da dúvida antes de adotar com segurança a visão de que, daqui para frente, tudo será diferente. É preciso mais tempo.

Uma análise mais detalhada do desempenho econômico mundial do ano passado mostra que há pelo menos duas notas positivas. Em primeiro lugar, não houve volatilidades tão intensas quanto às observadas em 2012 –originadas pela exacerbação da crise europeia e pelos impasses políticos nos EUA. De fato, o desvio padrão das taxas mensais de crescimento da produção industrial em 2013 foi a menor desde 2008.

Em segundo lugar, apesar da média fraca, é importante notar que o crescimento se acelerou ao longo do ano, especialmente no último trimestre, quando o PIB mundial provavelmente cresceu em ritmo anualizado entre 4,5% e 5,0%.

Expansão econômica em aceleração em um contexto de menor volatilidade cria a esperança de que, em 2014, ao contrário do que ocorreu nos últimos anos, o mundo voltará a se expandir entre 3,5% e 4,0%. Essa perspectiva de fortalecimento da economia mundial contraria, ao menos temporariamente, a história da "estagnação secular".

Melhor para os avançados, pior para os emergentes

Naturalmente, apostar contra a hipótese de "estagnação secular" não é a mesma coisa que apostar em um ce-

nário otimista para o futuro imediato, sobretudo quando o foco é o desempenho econômico de países emergentes. O principal vetor da aceleração do crescimento econômico no final de 2013 foi o fortalecimento da economia americana.

O PIB dos EUA ganhou fôlego apesar da ocorrência de uma retração fiscal expressiva – que, no Réveillon de 2012, foi chamada de "penhasco fiscal". Desconsiderando o efeito contracionista dos gastos públicos, observa-se que a economia americana cresceu em ritmo anualizado de cerca de 5,0% na segunda metade do ano passado.

O resto do mundo tende a se beneficiar quando a maior economia ganha tração. As importações americanas correspondem a algo entre 12% e 13% do volume mundial. Cerca de 40% das compras vêm de China, União Europeia e Japão, regiões que têm capacidade para responder a um estímulo de demanda.

Na segunda metade do ano passado, as importações americanas cresceram a um ritmo anualizado de 3,5%. Apesar de ser uma velocidade relativamente elevada para o padrão dos últimos dois anos, trata-se de dinamismo inferior ao "normal". Se os EUA continuarem apresentando bom desempenho – como parece ser o caso – os benefícios para a economia mundial tenderão a ser mais favoráveis do que os observados até o momento. Isso será bom para todos.

A inércia dos fluxos de comércio ajuda a entender a razão pela qual, no presente momento, a aceleração do crescimento americano aparece como algo negativo, especialmente para os mercados emergentes. A perspectiva de que, cedo ou tarde, ocorrerá normalização da política monetária excepcionalmente expansionista tem pressionado para cima as taxas de juros de títulos do governo americano, sobretudo os de prazos mais longos.

O Banco Central (FED) tem agido para conter volatilidades, comunicando que o processo de normalização será lento. Apesar desses esforços de coordenação de expectativas, o "mercado" sabe que a normalização é questão de tempo, e tem se antecipado. De resto, não há consenso dentro do próprio FED sobre a velocidade ideal de ajuste das condições monetárias – o intervalo das opiniões entre diretores para o patamar justo do juro no final de 2015 vai de 0,25% a.a. para 3,25% a.a.

A elevação (e a volatilidade) dos juros americanos têm efeitos deletérios imediatos sobre os mercados emergentes pelo canal financeiro. A atratividade relativa de países mais arriscados diminui com o aumento da rentabilidade de títulos americanos. O deslocamento de recursos enseja depreciação de moedas em países mais frágeis, por exemplo, aqueles que registram déficits no balanço de pagamentos. A instabilidade macroeconômica provocada pela depreciação – por exemplo, ao forçar elevação de taxas de juros – reforça o primeiro movimento. Em um segundo momento, portanto, capitais retornam à origem não apenas pelos juros mais elevados, mas porque o balanço de riscos ficou diferente, criando-se um ciclo perverso.

Os "cinco frágeis"

Essa dinâmica prejudicou de forma especial cinco países: Brasil, África do

Sul, Turquia, Indonésia e Índia – grupo que tem sido chamado de "os cinco frágeis".

A percepção de fragilidade em cada um desses países é explicada por uma combinação dentre três razões especiais, a saber.

Em primeiro lugar, o "rebalanceamento" chinês é um projeto delicado. A formação de capital e as exportações equivalem a mais de três quartos do PIB – no Brasil, representam menos de um terço. Por melhor que seja o controle sobre a economia, é natural que ocorram vaivens durante o processo de transição para um modelo mais baseado em consumo e importações.

Até o momento, o governo tem sido bem sucedido em evitar desaceleração brusca do crescimento. Apesar do relativo sucesso, tem havido problemas – ocasionados, por exemplo, por créditos de má qualidade originados no mercado informal.

As flutuações do nível de atividade chinês em torno de uma tendência de esfriamento gradual têm reforçado a percepção de que, a qualquer momento, pode ocorrer um solavanco mais forte. Esta percepção amplia os efeitos perversos da mudança das condições de liquidez internacionais sobre as economias exportadoras de commodities.

Em segundo lugar, o ambiente externo desfavorável tem mostrado que a transformação estrutural dos principais países em desenvolvimento foi menos profunda do que se imaginava. A fase de liquidez abundante e de crescimento chinês robusto permitiu aos governos de países emergentes adotarem políticas fortemente expansionistas sem a necessidade premente de corrigir deficiências internas de natureza estrutural, mais difíceis, e que trazem dividendos políticos apenas em longo prazo.

A mudança de condições faz com que as distorções internas que não foram solucionadas apareçam com maior clareza, em um momento em que os países estão mostrando desequilíbrios macroeconômicos (inflação e déficits, por exemplo).

Em terceiro lugar, os "cinco frágeis" terão eleições em 2014. Medidas impopulares de ajuste tendem a ser postergadas nestes anos. Para estes países, os benefícios do fôlego maior da economia mundial deverão aparecer de forma clara em prazos mais longos.

Riscos para o cenário de maior expansão da economia mundial

Conforme o exposto acima, os dados de crescimento econômico permitem afastar por ora o cenário de "estagnação secular". No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação à inflação. A "inflação mundial" medida pela variação interanual mediana de Índices de Preços ao Consumidor de cerca de 140 países têm caído e, provavelmente, encerrou o ano passado próxima de 2,0% – exceto pela queda brusca de inflação ocasionada pela crise financeira, a economia mundial não registra inflação tão baixa há mais de 20 anos.

O risco de deflação na Europa é particularmente preocupante. Como se sabe, as autoridades europeias têm menos graus de liberdade de aplicar medidas

agressivas de estímulo como as que foram adotadas nos EUA, Reino Unido e, mais recentemente, Japão. A razão é simples: o que é bom para os países periféricos não é bom para a Alemanha. De resto, o ajuste é deflacionário por natureza porque os países periféricos não têm como ganhar competitividade depreciando a taxa de câmbio.

Nos EUA, o principal risco é o de retirada prematura de estímulos monetários. Existe discrepância significativa com relação aos rumos da política monetária dentro do próprio FED. As diferenças devem-se não apenas a premissas distintas, mas a visões conflitantes sobre os custos e benefícios de manutenção dos juros baixos. Trata-se de ambiente incerto, propenso a erros de dosagem. Não se pode descartar, portanto, a possibilidade de que o juro seja elevado cedo demais, com efeitos perversos sobre a recuperação.

As turbulências em mercados emergentes têm sido comparadas às que se observaram nos anos 90. Em alguns aspectos, as comparações soam exageradas – por exemplo, a maioria dos países que entraram em crise há vinte anos já não pratica taxas fixas de câmbio. Mas, pelos motivos apontados, não está totalmente descartada a possibilidade de que as volatilidades financeiras somadas a um eventual soluço forte na China venham exacerbar o ciclo vicioso que atualmente está penalizando economias emergentes importantes – neste caso, haveria feedback negativo sobre as perspectivas para o mundo desenvolvido.

Mais um ano difícil para a economia brasileira

O ambiente externo tem comprometido o dinamismo da economia brasileira nos últimos anos e 2013 não foi exceção. Além dos efeitos negativos do quadro (em geral) desfavorável para emergentes descrito acima, o país tem sido particularmente afetado pelo agravamento da crise na Argentina – principal destino das exportações brasileiras de produtos manufaturados.

Além dos ventos contrários da economia internacional, o dinamismo da economia brasileira também tem sido obstruído por problemas domésticos. De início, o estilo intervencionista da política econômica adotada pelo atual governo, além de não produzir resultados satisfatórios, tem abalado a confiança de empresários. O Brasil não figura bem em rankings de competitividade e de ambiente de negócios. Some-se a isso desconfiança e o efeito negativo sobre investimentos é letal.

A partir do diagnóstico de que o baixo crescimento é derivado de insuficiência de demanda, o governo tem acionado as políticas monetária, fiscal e creditícia para estimular a demanda – sem contar as intervenções sobre o mercado cambial e o uso de bancos públicos para redução de spreads. O conjunto de medidas não funcionou. No ano passado, a economia deve ter crescido, na melhor das hipóteses, os 2,3% projetados pelo FMI – provavelmente menos.

Apesar do baixo dinamismo econômico e do uso de controles sobre preços administrados, a inflação de preços livres está próxima do teto da banda de tolerância do Banco Central. A necessidade de corrigir as distorções de preços e os efeitos defasados da forte depreciação cambial mantém a inflação

e expectativas pressionadas, forçando o Banco Central a elevar as taxas de juros. Além disso, o déficit em transações correntes supera 3,5% do PIB e o superávit primário é inferior a 2,0% do PIB.

Para piorar, o clima seco tem exigido o uso de usinas termelétricas para garantir abastecimento de energia. O efeito desse problema é o de deteriorar as contas públicas porque, para evitar o impacto inflacionário, o governo vem absorvendo parte dos custos. Dificilmente haverá racionamento em ano eleitoral – mas a frequência de apagões tende a aumentar, com efeitos negativos sobre a produtividade.

A perda de credibilidade da política econômica e o mau desempenho da economia motivou uma das grandes agências de risco a colocar viés negativo na nota de crédito do país.

O governo tem feito alguns esforços para recuperar a confiança, temendo os efeitos negativos da economia fraca sobre o resultado eleitoral. Após início pouco promissor, tem conseguido algum sucesso em leilões de concessões de projetos de infraestrutura. O Banco Central tem elevado as taxas de juros para conter a deterioração das expectativas de inflação.

Enquanto este texto é redigido, há também uma esperança de que o governo anunciará contingenciamento de gastos suficiente para garantir superávit primário de 2,0% do PIB em 2014 – estima-se que, para cumprir este objetivo, o governo precisará contingenciar algo entre R$ 40 e R$ 45 bilhões.

Mesmo que o governo seja bem sucedido em reverter a perda de confiança, é pouco provável que se observe mudança expressiva do quadro atual de baixo crescimento, inflação resistente e volatilidade financeira em 2014. Espera-se um 2015 duro, para fazer ajustes difíceis em anos eleitorais. Oxalá 2016 será melhor.

GESTÃO DE PESSOAS
na pecuária de corte

Loja Virtual: ***loja.beefpoint.com.br***
Email: ***atendimento@beefpoint.com.br***
Telefone: ***(19) 2532 - 4620***

▶ ADQUIRA O SEU

As surpresas de 2014

Guilherme Reis, engenheiro agrônomo, sócio-diretor da Multitrade Assessoria em Agronegócio

Nós sempre ficamos surpresos quando acontece alguma coisa que não esperávamos. E a surpresa pode ser boa ou ruim, dependendo que resultado seja melhor para nossos interesses. Sempre depende do nosso ponto de vista.

Por exemplo, não ficarei surpreso se a nossa seleção ganhar a copa deste ano aqui no Brasil, da mesma maneira que não ficarei surpreso se o PT reeleger seu candidato no primeiro turno das eleições presidenciais deste ano. Na minha opinião, surpresa seria se o inverso acontecesse, sendo que no primeiro caso seria uma surpresa ruim e no segundo uma surpresa boa.

No mercado pecuário começamos o ano surpresos com os atuais preços

pagos pela arroba do boi gordo, pois muito poucos imaginavam em patamares tão elevados para as cotações da arroba em meses de "safra" de animais para o abate.

Importamos a palavra "safra" da agricultura para a pecuária para definir o momento de maior oferta de animais. Assim como na agricultura, a maior oferta de produção se concentra no final do período de chuvas. Mas caso as chuvas não sejam suficientes para um ideal crescimento das plantas, poderemos ter uma "quebra de safra" nos dois casos. Na agricultura teremos uma produtividade menor de grãos e na pecuária uma produção menor de forragem, consequentemente uma menor produção de carne.

É exatamente este cenário que atravessamos neste momento em muitas regiões pecuárias do sudeste e centro-oeste brasileiro. Baixíssimos índices pluviométricos durante o mês de janeiro e altas temperaturas durante o dia e a noite, prejudicando a umidade do solo e provocando uma elevada taxa de evapotranspiração nas plantas forrageiras.

Em estudo próprio, analisamos a média das chuvas nos estado de SP, MS, MT, GO e MG. Comparando com a média dos últimos dez anos (2002-2012), durante o mês de janeiro choveu respectivamente aos estado citados acima apenas 20%, 65%, 68%, 68% e 50% do volume esperado para o período. O estado de SP tem sido o mais afetado e por este motivo é o que apresenta maior escassez de oferta de animais para o abate.

Como o estado de SP é o maior mercado consumidor do país e a maior parte das exportações de carne saem dos seus portos, ele também é o balizador dos preços para o resto do país. Estando as pastagens na situação citada e a oferta limitada, os preços não só de dentro do estado mais como dos estados vizinhos também sobem, pois grandes indústrias paulistas vão aos estados vizinhos se abastecer. Mas as pequenas indústrias de dentro do estado permanecem tendo que pagar preços cada vez maiores se quiserem manter suas escalas de abate.

Somado as condições climáticas também temos um menor número de ofertas de fêmeas para o abate. Se compararmos o número de abate de fêmeas em relação aos machos do mês de janeiro de 2014 em relação aos últimos três, já começamos a notar uma redução expressiva no abate de fêmeas. Isso ocorre pelo ciclo natural da pecuária, onde o aumento no valor do bezerro incentiva o criador a reter suas fêmeas na fazenda para produzir mais animais no ano seguinte. Ao reter as fêmeas, o número de animais para o abate retrai e aumenta o valor do boi gordo, diminuindo também a diferença entre o valor da arroba do macho contra o valor da fêmea.

Mas diferente da agricultura que não pode esperar muitos dias pela chuva, a pecuária pode ainda recuperar grande parte de sua produção caso as condições de chuvas nas regiões castigadas pelos veranicos voltem perto do normal. Isso acontecendo poderemos ver a "safra" de boi gordo ocorrer, sendo apenas deslocada e acumulada nos últimos meses de chuva.

A boa surpresa das melhores cotações para a arroba do boi ainda contam com a ajuda da forte exportação de carnes

bovinas nos últimos meses. E que deverão permanecer elevadas no ano de 2014. Acreditamos em um aumento de 20% no volume exportado este ano. São cada vez mais países importadores da nossa produção, o que deixa esta comercialização cada vez mais segura. Quanto mais destinos nós temos para nossa carne, maiores são nossas oportunidades de agregarmos mais valor ao nosso produto. Neste sentido a ótima surpresa foi o grande volume que a China vem importando da nossa carne. É um grande mercado e que paga relativamente bem pelo nosso produto. Mas com certeza foi o real desvalorizado que ajudou a nossa carne a ficar mais competitiva lá fora.

Então estamos sugerindo que a valorização da arroba em uma época que deveria na teoria estar caindo foi uma boa surpresa para toda a cadeia? Não caro leitor, o setor da indústria frigorífica tem perdido grande parte de suas margens, pois a arroba subiu e a carne no atacado caiu durante o mês de janeiro. Com isso altas maiores começam a ficar cada vez mais difíceis de acontecer se a carne não recuperar seus patamares de dezembro passado quando o consumo interno também estava bastante aquecido. Mas para os próximos meses isso fica um pouco mais difícil ao meu ver.

Já o pecuarista de corte pode sim comemorar as boas cotações e a melhora de suas margens. Mesmo o pecuarista que não possua boi pra vender agora, que deve ser a maioria, pois se muitos tivessem boi agora não estaríamos vendo estes preços, ele pode aproveitar para negociar os bois no mercado futuro ou no mercado a termo, e assim aproveitar estas cotações. Mas caso o pecuarista não queira aproveitar estas oportunidades, então é mais sensato ele esperar mais para comemorar.

E apesar de acreditar que o mercado deverá permanecer em patamares elevados durante o ano de 2014, não ficarei surpreso se ocorrer uma certa concentração de oferta de animais no final do período de "safra" devido aos bois que eram para estar prontos agora, terem sido deslocados pra o maio. E também não ficaria surpreso se as cotações derem uma recuada no meio da "entressafra", devido ao provável aumento no confinamento deste ano. O maior número de animais confinados deverá se confirmar, incentivados pelos altos preços que a BM&F vem precificando para os meses de outubro e novembro.

O pecuarista deve mesmo comemorar, pois as cotações deverão permanecer em bons patamares pelo menos nos próximos 2 anos. É bom para o criador de bezerro, para o invernista e para o confinador. E também podemos avisar a população que para comer a melhor proteína animal do mundo ele deverá sim desembolsar mais, pois só quem é produtor sabe como é custoso a produção e que deve ser valorizada.

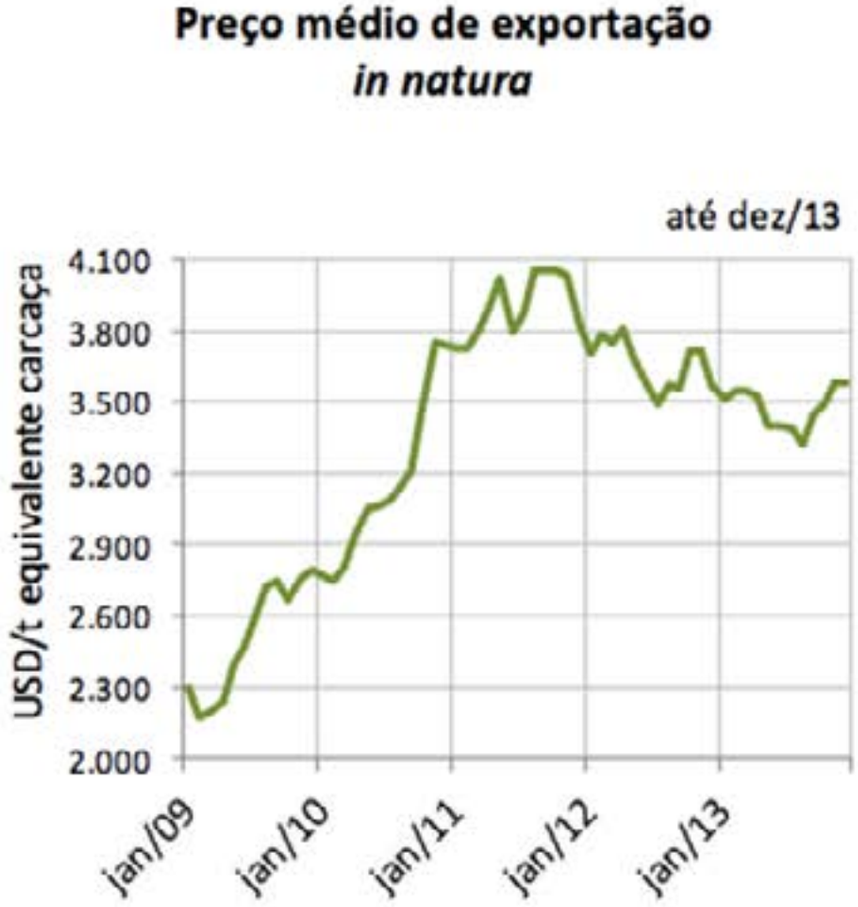
Boas surpresas para todos em 2014!

Perspectivas para o mercado do boi em 2014

José Carlos Hausknecht, engenheiro agrônomo e sócio diretor da MBAgro Consultoria

A pecuária brasileira fechou o ano de 2.013 em um clima de euforia, os bons preços obtidos no final do ano trouxeram muita esperança ao setor depois de um período de rentabilidade bastante deprimida.

Apesar da oferta de gado abatido ter sido superior a 2.012, a demanda externa aquecida e a desvalorização do câmbio fizeram com que as exportações de carne brasileira crescessem 20% em relação ao ano anterior, ajudando a enxugar o excesso de oferta interna e mantendo os preços firmes, no segundo semestre a queda no número de animais confinados deixou o mercado ainda menos abastecido dando mais suporte aos preços.



O começo de 2.014 está sendo uma continuidade desta situação e no nosso entender existem razões para que os preços permaneçam aquecidos durante o ano inteiro, como podemos verificar a seguir:

a. Demanda externa aquecida: a situação internacional deve permanecer mais positiva este ano em função da continuidade da recuperação econômica americana, na Europa também vemos sinais de uma melhora relativa ainda que alguns países tenham ainda uma condição bastante frágil, a China mantem uma perspectiva de estabilidade e sua política de incentivo ao consumo interno deve continuar tendo efeitos sobre a demanda de alimentos.

b. Oferta externa deprimida: nos EUA, maior produtor de carne bovina, após um longo período de declínio do rebanho causado por baixos preços e problemas climáticos, está ocorrendo um momento de virada de ciclo pecuário, o que deverá reduzir o abate de fêmeas. A Austrália também passou por problemas climáticos e teve de reduzir o rebanho, se as condições permitirem deverá entra em uma fase de retenção de fêmeas também.

c. Câmbio desvalorizado: devido à mudança da política monetária americana, aliada a uma situação de queda

na balança comercial e ao baixo crescimento da economia no Brasil, deveremos continuar com um câmbio mais desvalorizado em 2.014. As eleições, eventuais manifestações durante a Copa, a possibilidade de rebaixamento do rating brasileiro e os problemas enfrentados por outros países emergentes (Argentina, Turquia, etc.) com certeza contribuirão para o clima de incertezas e para a volatilidade do real.

d. Oferta interna: a boa rentabilidade da atividade de cria deve servir de incentivo para a retenção de matrizes, os dados de abate ainda não mostraram reduções significativas no abate de fêmeas e ainda existe uma boa disponibilidade de bezerros, mas a tendência é de que pelo menos não haja um crescimento significativo dos abates.

Como sempre nem todas as notícias são boas para o setor, dos fatores negativos podemos destacar dois principais:

a. Maior oferta de carne de frango e suína: a redução dos preços de soja e milho em relação ao ano passado devido à recuperação dos estoques mundiais deprimidos pelas quebras da safra passada, servirão de incentivo a uma elevação da produção de carne de frango e suína aumentando a concorrência com a carne bovina. Esta situação já está sendo sentida nos preços do frango, no entanto, no caso da carne suína os preços permanecem em patamares elevados devido a redução do rebanho ocorrida no passado e o ajuste deverá ser mais lento.

b. Demanda interna: Apesar de termos este ano alguns eventos como eleições e a Copa do Mundo que costumam ter efeito positivo sobre a demanda, a baixa expectativa de crescimento da economia e os elevados índices de inflação devem fazer com que o crescimento da renda da população seja baixo, prejudicando o consumo em um ambiente de preços elevados.

Em resumo, nosso ponto de vista é de que os fatores positivos em relação a manutenção de preços firmes devem prevalecer este ano, como no ano passado existe um grande incentivo ás exportações que acabarão dando suporte ao mercado interno, sendo que o câmbio será uma variável importante de ser acompanhada e deverá trazer um nível de incerteza grande aos mercados em geral.

WORKSHOP 2012
ENGORDA A PASTO

Loja Virtual: **loja.beefpoint.com.br**
Email: **atendimento@beefpoint.com.br**
Telefone: **(19) 2532 - 4620**

ADQUIRA O SEU!

O ano de 2014 para o segmento bovino

Osler Desouzart, proprietário da consultoria, ODConsulting Planejamento e Estratégia, com atuação e clientes na Europa, Ásia e nas três Américas

Desde 2003 que eu falo sobre água em todas as conferências que faço, em artigos que escrevo, em visitas profissionais a clientes, em todas as oportunidades que tenho. Portanto os produtores de bovino já têm a data a partir da qual eu provoco unanimidade no setor quando divulgo a célebre tabela do uso de água na produção agropecuária:

Água Virtual contida em Produtos Selecionados	Litros de água por kg de produto[2]
Trigo	1.150
Arroz	2.656
Milho	450
Batatas	160
Soja	2.300
Carne bovina	15.977
Carne suína	5.906
Carne de Aves	2.828
Ovos	4.657
Leite	865
Queijo	5.288

9

Essa tabela de Hoekstra é a única coisa com a qual todos os elos da cadeia bovina brasileira concordam ao pronunciarem em uníssono "está errada". Não são unânimes em nenhum outro aspecto, nem sobre o tamanho do rebanho bovino brasileiro ou sobre a área de pastagem usada. Já ofereci, e fica aqui reiterado o oferecimento, de enviar as tabelas e fórmulas de cálculo, que aliás podem ser baixadas do site www.waterfootprint.org . Normalmente se contentam em dizer "isso está errado" e ainda aguardo que me enviem um estudo para contradizer as conclusões da ONU.

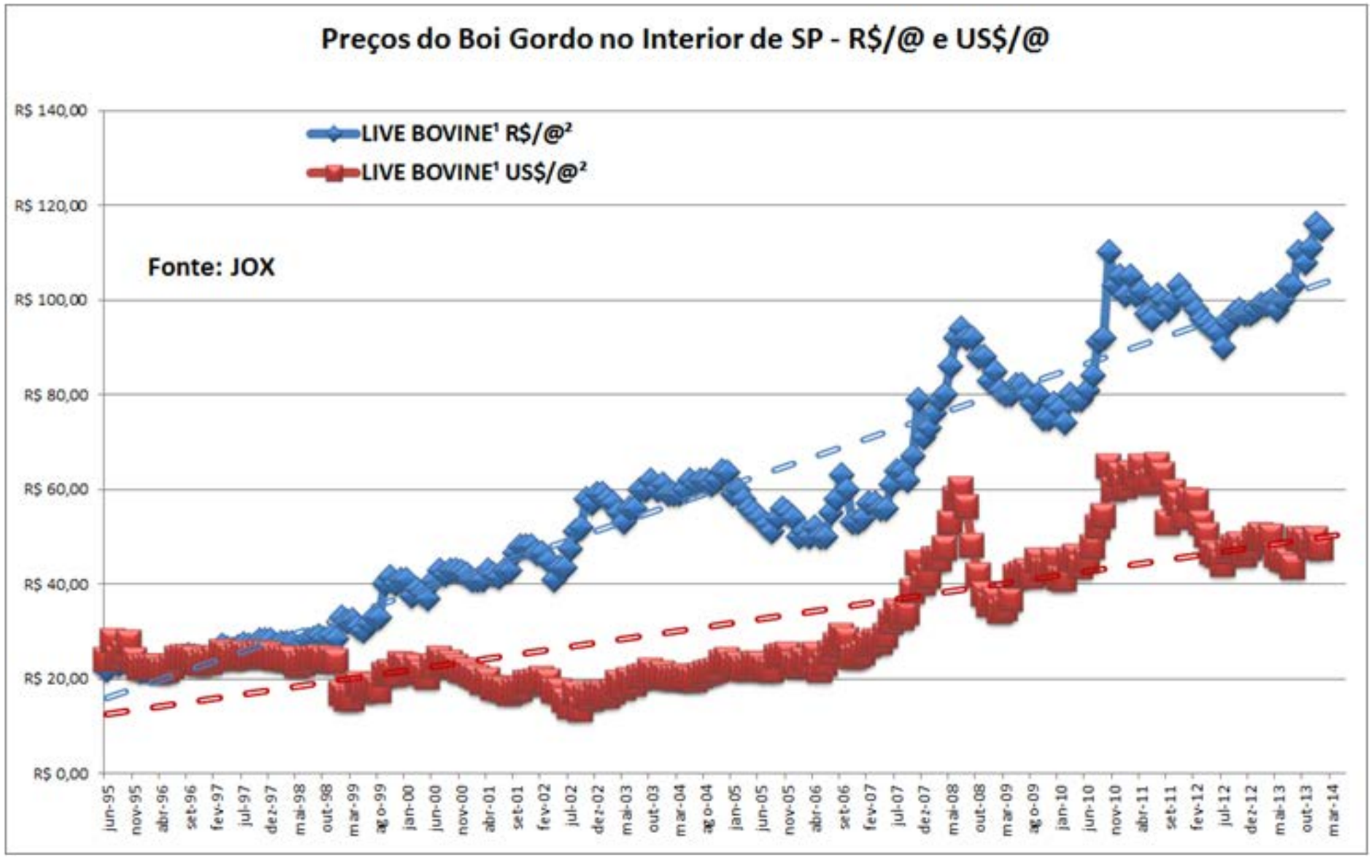
Acreditando na tabela publicada pela primeira vez do Relatório da Água da ONU de 2006, elaborei uma tabela onde comparei a quantidade de água economizada para a produção dos alimentos básicos das diferentes populações do mundo (arroz na Ásia, África e América Latina; trigo na Europa e Américas do Sul e do Norte; milho principalmente nas Américas; batatas, principalmente na Europa). Meu objetivo não era irritar o segmento bovino, mas simplesmente tirar conclusões para o trabalho que faço para meus clientes.

	Quantidade que pode ser produzida com a mesma quantidade de água economizada com a importação de 1 kg de carne		
	Carne Bovina 15.977 litros p.kg	Carne Suína 5.906 litros p.kg	Carne de Aves 2.828 litros p.kg
Trigo 1.150 litros p. kg	13,89	5,14	2,46
Arroz 2.656 litros p. kg	6,02	2,22	1,06
Milho 450 litros p. kg	35,50	13,12	6,28
Batatas 160 litros p. kg	99,86	36,91	17,68
Carne de Aves 2.828 litros p.kg	5,65	2,09	

As conclusões eram que inevitavelmente o (1) futuro do comércio internacional seria condicionado pela má distribuição de água no mundo; (2) que o livre comércio de produtos agrícolas viria não pela vontade política dos países, mas pela carência de água; (3) que o Brasil com 12% das reservas de águas renováveis do mundo seria um dos grandes ganhadores; (4) que haveria um inevitável aumento nos preços da carne bovina que se tornaria no futuro artigo de luxo no que diz respeito a cortes; (5) que nações carentes de água importariam produtos cuja produção exigia abundância de água; (6) que a produção mundial de animais para consumo tenderia a se concentrar em espécies mais eficientes no uso de recursos naturais; (7) que a produção de carne bovina tenderia a se concentrar em uns poucos países onde esses recursos naturais e tra-

dição da atividade existem; (8) que a atividade de produção de carne tenderia a se concentrar não só em poucos países, mas em poucas empresas.

Num espaço de três páginas não é possível ilustrar cada um desses pontos, não por busca de loas e encômios, pois fui pago pelos clientes e deles tive preferências que me permitem até hoje seguir pesquisando, assim como contribuir para a arrecadação do estado brasileiro, recursos que, como eles dizem, são usados na saúde, educação, segurança pública e infraestrutura. Permito-me a título meramente exemplificativo ilustrar o ponto (4) com um gráfico que demonstra a espiral ascendente de preços do boi gordo, espiral essa que não sofrerá solução de continuidade em 2014:

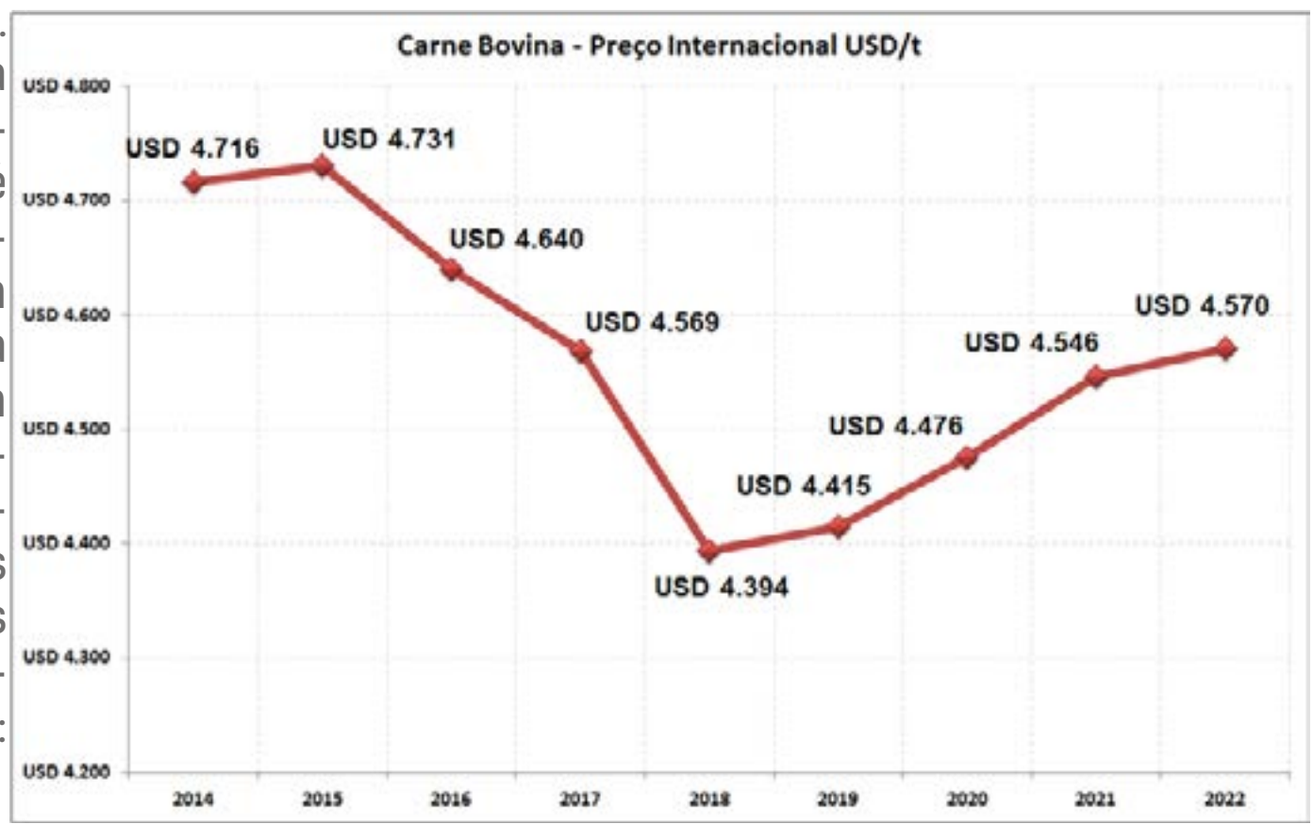


O Brasil é o segundo maior produtor mundial de carne bovina, disputa neste momento com a Índia a primazia das exportações mundiais em volumes, mas as lidera em valor e, o que é frequentemente olvidado, é o segundo maior consumidor de carne bovina do mundo. Há uma situação de demanda internacional e carência de animais vivos em muitos dos principais países produtores, o que permite prever um mercado favorável em 2014, sendo o Brasil um dos beneficiários.

Os prognósticos preveem aumento de produção, exportações e consumo para o segmento bovino brasileiro, com preços ascendentes.

Em 000 t	OECD-FAO	USDA	MAPA	
			Projeção	Lsuper
Produção	10.096,5	9.593,0	9.130,0	10.044,0
Import	93,0	60,0	...	...
Export	1.566,0	1.503,0	1.832,0	2.131,0
Consumo	8.623,5	8.151,0	7.495,0	8.871,0

Esse quadro favorável, salvo desastres climáticos ou sanitários, deverá se estender a 2015. E de maneira geral as condições até 2022 são favoráveis, com demanda mundial em discreta expansão e níveis de preços superiores às quatro décadas passadas:



Aproveitem os bons ventos e cuidem, pois basta uma administração mais néscia que o habitual para destroçar a tradição de um setor, como podemos aprender observando vizinhos. Mas, sobretudo não se esqueçam de que estão na realidade vendendo um artigo escasso e que se tornará cada vez mais precioso – água virtual. Cuidem deste bem para cuidarem de vosso próprio futuro.

Choice steer, 1100-1300 lb lw, Nebraska-lw to dw conversion factor 0.63

Pecuária Brasileira em 2014: uma boa repetição de 2013 ?

Silmar César Müller, e analista do Canal Terraviva

Atípico tem sido uma palavra recorrente no vocabulário de empresários ou economistas quando consultados sobre o ano de 2014 e o que esperar dele. Atípico por ser ano de Copa do Mundo no Brasil, para o qual não há histórico e, portanto, referência. Atípico por ser ano de eleições diferentes, com pouca referência recente de disputa tão acirrada e de resultados tão incertos.

Para a pecuária, porém, não é preciso esperar nem pela Copa. O ano já começou com o mês de janeiro mais atípico de que se tem história recente, com o preço do boi gordo incrivelmente sustentado em plena safra a níveis de pico de entressafra. Uma promessa de repetição da boa rentabilidade de 2013?

Os indicadores existentes até onde a

vista alcança num momento inicial do ano apontam para cenários ainda contraditórios. A demanda interna de carne bovina, onde está o principal mercado, responsável por absorção de mais de 80% da produção, é só uma promessa por ser ano de Copa. Na prática está encontrando um brasileiro de bolsos menos cheios para grandes churrascadas em 2014. Crescerá vegetativamente, dentro do padrão, o que ajuda pouco na construção do preço do boi, considerando um país que é, além de segundo maior produtor, também o segundo maior consumidor mundial de carne bovina. Não serão os esperados 600 mil turistas, se tanto diante da promessa de protestos durante o evento, que vão mudar muito esse cenário.

O crescimento dos abates – e consequente demanda de boi gordo – será mais dependente das exportações. Aqui, o cenário parece mais promissor. Beneficiadas especialmente pelo câmbio, que dificilmente despencará da faixa remuneradora já alcançada de 2,35/2,45 reais por dólar, as exportações brasileiras de carne bovina tem tudo para um novo salto em 2014, mantendo e ampliando a posição do país como maior exportador mundial.

É verdade que a desaceleração das economias emergentes não ajuda muito na construção de um cenário de excelência. Mas nem por isto significa retrocesso. Trata-se de um processo, em que a característica não é o recuo, apenas o crescimento mais lento. E nem tanto assim quando falamos da China, cujas importações de carne bovina no mercado mundial deram um salto de 2012 para 2013 e prometem a sustentação disso em 2014, tanto direta quanto indiretamente via Hong Kong. Não por acaso Hong Kong suplantou a Rússia e transformou-se no principal destino das exportações brasileiras no ano que passou.

Melhor que isso, é bom lembrar que os países ricos estão voltando a botar a cabeça pra fora. E esses são indicadores externos que ajudam na precificação. Os preços do boi vivo nos Estados Unidos, maior produtor e consumidor mundial de carne bovina, saltaram no atípico janeiro para níveis acima de 1.40 dólar por libra-peso, um recorde.

Por trás disso está o declínio do rebanho americano como consequência da seca no sul do país em 2011, atingindo em cheio as pastagens da maior região da pecuária americana, seguida de nova seca do segundo semestre de 2012 no Meio-Oeste, que elevou para a estratosfera os preços do milho e do farelo de soja, os dois principais ingredientes da ração animal. A estatística oficial mais recente, de janeiro deste ano, mostra que o rebanho dos EUA começa 2014 com apenas 87,7 milhões de cabeças, 1,8% abaixo de um ano atrás, índice pior que o previsto. E é o menor rebanho em 63 anos, desde 1951. O de bezerros, por sua vez, de 33,9 milhões de cabeças, 1% abaixo de um ano atrás, é o menor desde 1949!

Voltando ao plano interno, temos algumas variáveis ainda intangíveis no momento em que se escreve este artigo, no fim de janeiro de 2014. Uma delas é a atipicidade do clima neste início de ano, um janeiro com secura e calor extremos, sem registros históricos em partes do Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Fevereiro não prometia muita melhora. Março e Abril serão suficientes para recuperar pastagens e permitir uma entressafra normal ?

O confinamento também tem pontos de interrogação novos. Temos uma boa novidade na ração, com o milho finalmente prometendo níveis normais de custo, mais baixos, já no primeiro planejamento, o que não aconteceu em 2012 (quebra de safra no sul do Brasil e depois nos EUA) nem em 2013 (milho ainda caro no primeiro semestre). Mas o farelo de soja não caiu. Ao contrário, na virada de janeiro para fevereiro estava acima dos 1.000 reais a tonelada, cerca de 15% acima de igual período um ano antes. E o boi magro continua caro, acompanhando o boi gordo. Conclusão preliminar: milho barato não é garantia de grande recuperação de projetos de confinamento para 2014. Leitura para o mercado geral: boi de cocho não vai ser suficiente para forçar pra baixo o preço do boi de pasto no segundo semestre.

Saldo dedutível até agora para 2014: zero a zero com 2013, o que já é muito bom para o pecuarista, ano em que o boi gordo, num cotejo com as diversas aplicações do mercado financeiro, bateu todas, com mais de 11% de valorização líquida, já descontada a inflação. Nada que indique retrocesso na rentabilidade do pecuarista brasileiro. No mínimo, os níveis médios já alcançados vieram para ficar ! Por baixo, 110/@ no pico da safra, por cima, até 120 no pico da entressafra.

Saindo do previsível para o desejável, há um cenário que pode melhorar ainda mais o humor do mercado: confiar no consumidor dos Estados Unidos, que gosta de carne de gado tanto quanto nós e que está disposto a dar um basta na alta dos preços internos de lá. Isto ajuda a forçar a abertura do mercado americano à carne bovina brasileira 'in natura'. Para o nosso pecuarista e para o Brasil, seria um sonho de consumo melhor do que ganhar a Copa em 2014 !

De perto, você vê que só a CFM faz a diferença.

pragma

- Mais de 34.500 touros produzidos
- Mais de 1.800 clientes atendidos
- 3.104 negócios efetivados

- Estimativa fêmeas cobertas: 1.208.340
- Total Municípios: 1.510
- Total Estados: 28
- Clientes no Brasil e Paraguai
- Índice de recompra de 53%

Fonte: Banco de dados CFM

Pode examinar à vontade. CFM é imbatível. Líder dos principais sumários de melhoramento genético há mais de 35 anos e dona do melhor pacote genético do mercado, a CFM proporciona os melhores resultados no menor tempo possível. Venha ver de pertinho. Nossa genética é tão boa que aumenta até seus números.

Nós preferimos:

Bellman Nutrição Animal
a nutreco company

NEOGEN

Apoio:

CEIP

Confiança desde 1908
CFM Agro-Pecuária
CFM Touros Nelore
www.agrocfm.com.br 0800 127 111
faleconosco@agrocfm.com.br
Twitter: @agrocfm

Como será o mercado do boi gordo em 2014?

Alberto Moure Belentani, engenheiro agrônomo, administrador de empresas, diretot técnico da Projeta Consultoria Agropecuária

Em um país com as dimensões do Brasil e com a diversidade de sistemas de produção e diferenças regionais nos preços, entre outros aspectos, é praticamente impossível que se faça projeções capazes de contemplar e validar tendências de forma eficiente e representativa para todas as regiões e sistemas de produção.

Para deixar isto um pouco mais claro, podemos no caso do preço do boi verificar a diferença do preço base do CEPEA para as diferentes regiões analisadas. Só aí já teríamos uma variável bastante ampla atingindo diferenciais acima de 8%. Outro aspecto importante, mais vinculado aos sistemas in-

tensivos (co namentos), diz respeito ao custo dos insumos. Neste ponto também poderíamos encontrar diferenças substanciais nos preços, como é o caso do preço do milho no Mato Grosso e em São Paulo.
Desta forma, podemos concordar que uma projeção de cenário como esta poderá no máximo representar uma tendência da atividade, mas certamente não permitirá uma extrapolação generalizada para todas as regiões e sistemas de produção.

Principais fatores que podem influenciar o mercado do boi gordo em 2014

- Mercado interno – o aumento do poder aquisitivo das classes C e em maior amplitude D e E, ainda contribuirão no ano de 2014 para manutenção da demanda interna, apesar das dificuldades que a economia brasileira atravessa neste momento.

- Exportações – as exportações vem mantendo uma participação histórica recorde. Essa tendência deve ser mantida ao longo do ano, favorecendo a manutenção da demanda e consequentemente dos preços mais elevados.

- Cambio – o fortalecimento do dólar e a menor intervenção do governo, projetam o câmbio para o final do ano entre R$ 2,40 e R$ 2,60. Esse patamar favorece fortemente as exportações, permitindo inclusive elevação dos preços.

- Novos mercados – o crescimento de novos mercados na Ásia principalmente, deverá pressionar a demanda internacional favorecendo a manutenção e até a elevação dos preços.

- Política – em se tratando de uma ano de eleições, como é de costume o volume de recursos que devem ser disponibilizados pelo governo, favorecerá a manutenção de investimentos e de atividades, possibilitando a manutenção do nível de consumo e preços.

- Inflação – apesar de estar em elevação, e provavelmente estar representada de forma artificial, ou seja, abaixo do real, não é provável que exerça grande influência sobre a política de preços neste ano, já que este será ano de eleições.

- Copa do Mundo – deve contribuir para ampliar a demanda interna, favorecendo a manutenção e até ampliação dos preços.

- Abates de matrizes – o elevado índice de abates de matrizes deverá manter restrita a oferta de animais de reposição, fato este alavancado pela ampliação do uso de tecnologias de produção que encurtam o ciclo de produção dos animais.

- Reposição – apesar do mercado manter um nível de oferta equilibrado, os preços já refletem a expectativa positiva do mercado e estão bastante pressionados, situação que deve perdurar ao longo deste ano;

- Custo dos insumos – a elevação do dólar, da inflação, e a perspectiva positiva de preços, tanto para pecuária quanto para a agricultura, já indicam que os produtos utilizados na produção de bovinos deverão seguir em alta ao longo deste ano. Isto deve implicar em dificuldades nas compras em grandes quantidades e consequentemente na formação dos estoques.

- Mercado futuro – O "spread' médio histórico situa-se entre 7 e 9%. Atualmente este diferencial está em torno de 4 a 5% para outubro/14. Desta forma, e considerando as demais variáveis acima apresentadas, podemos acreditar que há grande possibilidade de que a elasticidade dos preços no mercado futuro confirme o percentual histórico, com alguma possibilidade de superação.

A combinação destes fatores pode levar o mercado a posições de difícil prognóstico, e com consideráveis variações. Assim o mais importante é que o produtor tenha pleno conhecimento de sua estrutura de custos, para que estas informações possam ser aplicadas da forma mais eficiente dentro do seu contexto de comercialização, fluxo de caixa e produção.

Enfim a expectativa é positiva, haverá grandes oportunidades de realização de lucro, porém, como sempre ocorreu e continuará ocorrendo, teremos produtores se vangloriando dos excelentes resultados e outros lamentando os prejuízos. Consequentemente, o fundamental é que se faça o dever de casa, procurando primeiramente conhecer com detalhes os custos de produção envolvidos na atividade, evitar decisões impulsivas, e sempre que possível procurar uma lucratividade equilibrada, evitando uma postura especulativa e sim atuando efetivamente como um produtor empresarial.

O que se espera para 2014, será um ano tão bom quanto 2013?

Hudson Silveira, Experiência de mais de 18 anos em proteína animal com experiência no mercado norte americano, europeu e asiático, nos segmentos de B2B, varejo internacional e nacional

Entra ano e sai ano, parece que pouca coisa muda, o que sabemos não ser verdade, mas esta sensação estranha sempre nos persegue. O fato de termos uma visão limitada do horizonte nos faz sentir desta forma. Então como conduzir um avião em plena noite escura, de muitas nuvens se não conseguimos enxergar com clareza há mais de 5 metros de onde estamos?

A resposta para isto é treinarmos o nosso cérebro para ver através dos instrumentos. Bem parece simples, mas não é. Um avião voando por instrumentos, onde o piloto não olha para fora e guia sua máquina apenas com informações dos seus instrumentos é uma comparação que mais se assemelha a prever

o futuro dos mercados, qual o caminho o consumidor está seguido? Para que lado as empresas devem seguir? Maior produção, menor produção, mais valor agregado ou mais commodity, todo esse turbilhão de perguntas são diariamente feitos por aqueles que produzem carnes, sejam elas bovina, suína , aves, pescados, e sabe qual a única diferença entre elas? É a velocidade com que este avião voa.

Os últimos anos têm sido difíceis para os produtores e a indústria, mas o ano passado em especial, foi muito bom para praticamente todo o setor de proteína animal, nos bovinos o Brasil bateu recorde de exportação, desde a carne in natura, industrializados que nos últimos anos andavam de lado, tiveram incremento nos volumes exportados, nas aves também os volumes foram dentro do planejado e houve uma recuperação da rentabilidade graças aos preços dos principais insumos que se mantiveram de uma forma estável e com preços bem abaixo de 2012 e os preços de venda que mostraram boa recuperação devido em boa parte ao câmbio, o suíno também recuperou mercados importantes na exportação.

Do ponto de vista macroeconômico será sim um bom ano. Teremos desafios no mercado interno com a inflação sempre esbarrando no limite da meta e com ações para conter a inflação, por parte do governo, já desgastadas e com pouco efeito. A inflação sendo mantida na casa dos 6% impacta significativamente na classe C, pois esta sofrerá maior perda de poder de compra que as classes A e B.

A classe C que tanto ajudou a impulsionar o consumo de proteínas agora vê o seu poder de compra reduzido e, isto pode afetar mais as proteínas mais acessíveis como a carne de aves e menos a bovina. Quando o poder de compra de uma população aumenta o primeiro investimento vai para a alimentação em especial as proteínas em especial as carnes e láticos. Por outro lado no ano de eleições o governo se torna mais cooperativo nas questões de controles dos preços o que vai ajudar com que a classe C consumidora sofra menos os efeitos inflacionários.

O evento da copa do mundo onde são esperados mais de 700 mil visitantes, ainda é uma incógnita do ponto de vista do aumento do consumo de carnes. Algumas campanhas de marketing para estes turistas visam fisgá-los pelo estômago. O evento também vai ser uma vitrine importante para o setor de carnes como um todo que vai poder mostrar a qualidade e sabor dos nossos produtos.

É sabido no mundo inteiro que os turistas que mais gastam dinheiro no exterior são os chineses, os coreanos e os brasileiros, estes são o top 3 do mundo em gastos, o turista europeu não é um típico gastador bem como os da América do Norte, nossos vizinhos também são comedidos nos gastos no exterior, então, por mais que se fale, a expectativa de consumo de alimentos para a Copa do Mundo ainda não empolgou o setor.

O brasileiro tem mostrado um comportamento de consumo cada vez mais com aversão ao abuso de preços praticados por comerciantes em eventos sazonais, vide o comportamento deste nas praias do país neste verão onde ele tem levado o seu lanchinho e sua bebida de casa para evitar os preços altos dos comerciantes nas areias, este

comportamento pode significar um rechaço ao consumo local nos jogos e consequentemente no entorno dos espetáculos, mas com certeza não limitará o churrasco para comemorar as vitorias do nosso time na copa. Para indústria a copa acaba em abril praticamente, quem tiver que comprar e se abastecer para o evento efetuara negócios até esta data.

Um ponto importante que preocupa o setor como um todo é a chegada maciça de estrangeiros que podem trazer em suas bagagens pequenos viajantes indesejáveis. Esperamos que o MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento) deixe seus agentes em sentinela para evitar a entrada de patógenos que podem trazer riscos aos rebanhos bovino, suíno e aves, a vigilância nos portos e aeroportos tem que ser constante para evitarmos qualquer surpresa.

No que tange a exportação a estrada está pavimentada para altas velocidades. O câmbio vai ser o grande estimulador da exportação. Com a recuperação econômica cada vez maior dos EUA, este vai iniciar a retirada dos estímulos que vem colocando na economia desde 2007, estímulos estes que tem custado muito ao governo norte americano, fazendo com que os investidores retornem os investimentos naquele mercado, enfraquecendo a moeda dos países emergentes como é o nosso caso. Este reflexo já vem acontecendo e a expectativa é de um câmbio flutuando entre 2,40 a 2,50 este ano, um valor muito interessante que ajuda na competitividade da carne brasileira em vários mercados.

Ainda falando de EUA, a abertura deste mercado para a carne bovina brasileira in natura é quase eminente, a consulta pública está em curso e se espera para este ano ainda o fechamento do ciclo com o acordo sanitário, certificados e o primeiro embarque. Claro que a nossa carne não vai disputar o mercado premium nas prateleiras do varejo americano, mas a carne industrial com certeza irá ser um ponto forte na pauta de exportação para os EUA e pode ajudar em muito nos preços praticados no mercado da Rússia, Irã e Venezuela.

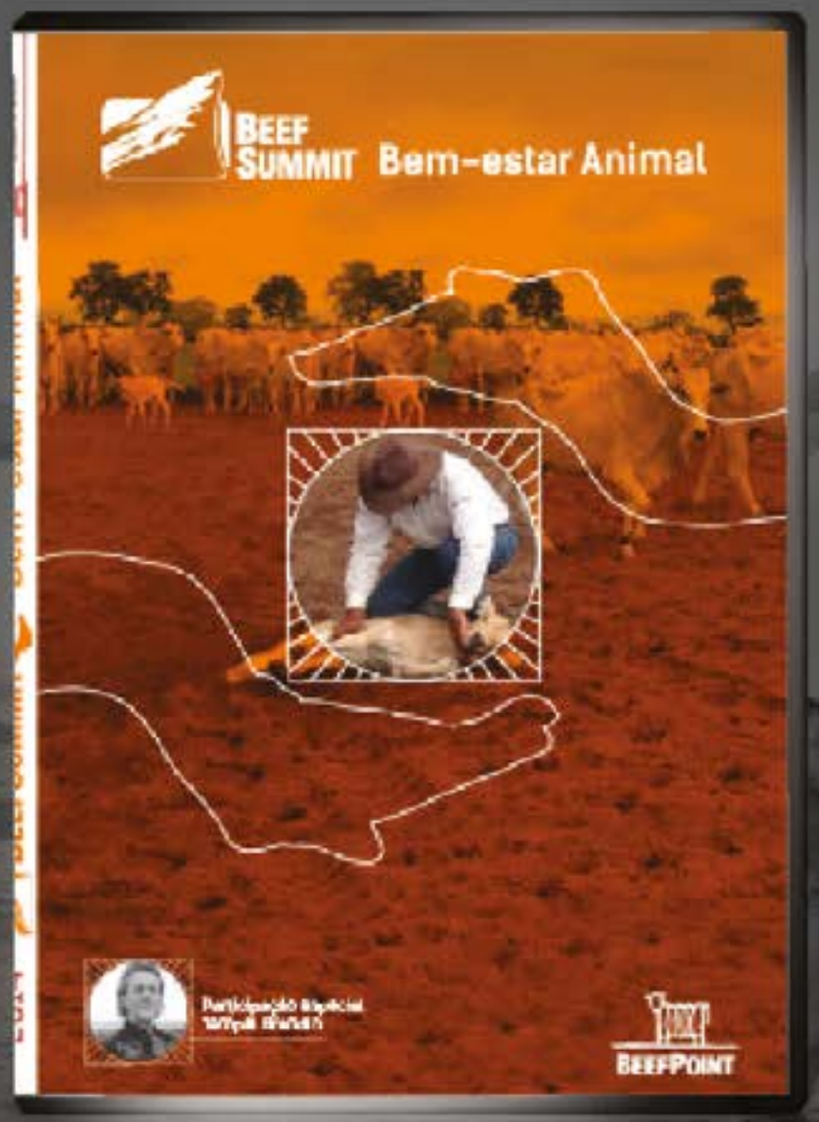
A Europa caminha mais lentamente na sua recuperação e é um importante mercado para as carnes brasileiras, A China com o novo governo de Xi Jinping, mostra um forte viés de corte de gastos na esfera do governo aliado a um programa de anticorrupção, a China que também sofre com a crise mundial viu nos últimos anos o seu crescimento cair de dois dígitos para apenas um digito, mas mesmo assim os 7% esperados para 2014 superam em muito qualquer economia do mundo nos dias de hoje, continua sendo para o Brasil um grande mercado que vem crescendo a cada dia. A Consban (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação) um comitê formado por membros do alto escalão dos dois governos para alinhar as expectativas e estimular o comércio e intercâmbio de tecnologia entre os dois países, tem estimulado muito a abertura cada vez maior do mercado chinês às proteínas animal do Brasil.

Em recente reunião em Cantão na China em novembro de 2013 em seu discurso em Beijing, o Vice Presidente Michel Temer (Presidente da Consban), disse que um capítulo foi aberto exclusivamente para o agronegócio brasileiro, em especial para o setor de carnes

e espera em breve que a China permita mais indústrias exportadoras de carne para o país. A CNA também vem conduzindo de forma intensa a presença do agronegócio e o complexo carnes na China. O mercado chinês pode ajudar em muito na rentabilidade do setor, visto que o preço médio praticado na venda direta a China é maior que o exportado para Hong Kong e sendo Hong Kong o maior destino da carne in natura do Brasil faz muito sentido priorizar este mercado.

Neste cenário, se manterem os custos de produção e commodities estabilizados, as indústrias terão uma boa rentabilidade nas vendas ao exterior e consequentemente os produtores. A queda na balança comercial brasileira também está estimulando o governo a colaborar com o setor de proteína animal, para que este acelere acordos comerciais e sanitários em países onde hoje temos problemas ou não exportamos, o setor de carnes pode ajudar em muito o país a trazer mais divisas, como tem feito há anos.

As previsões são bem otimistas, vamos trabalhar duro e colher os frutos no final de 2014!



A EVOLUÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL ESTÁ AQUI

Palestras + Participação especial Temple Grandin

BEEF SUMMIT

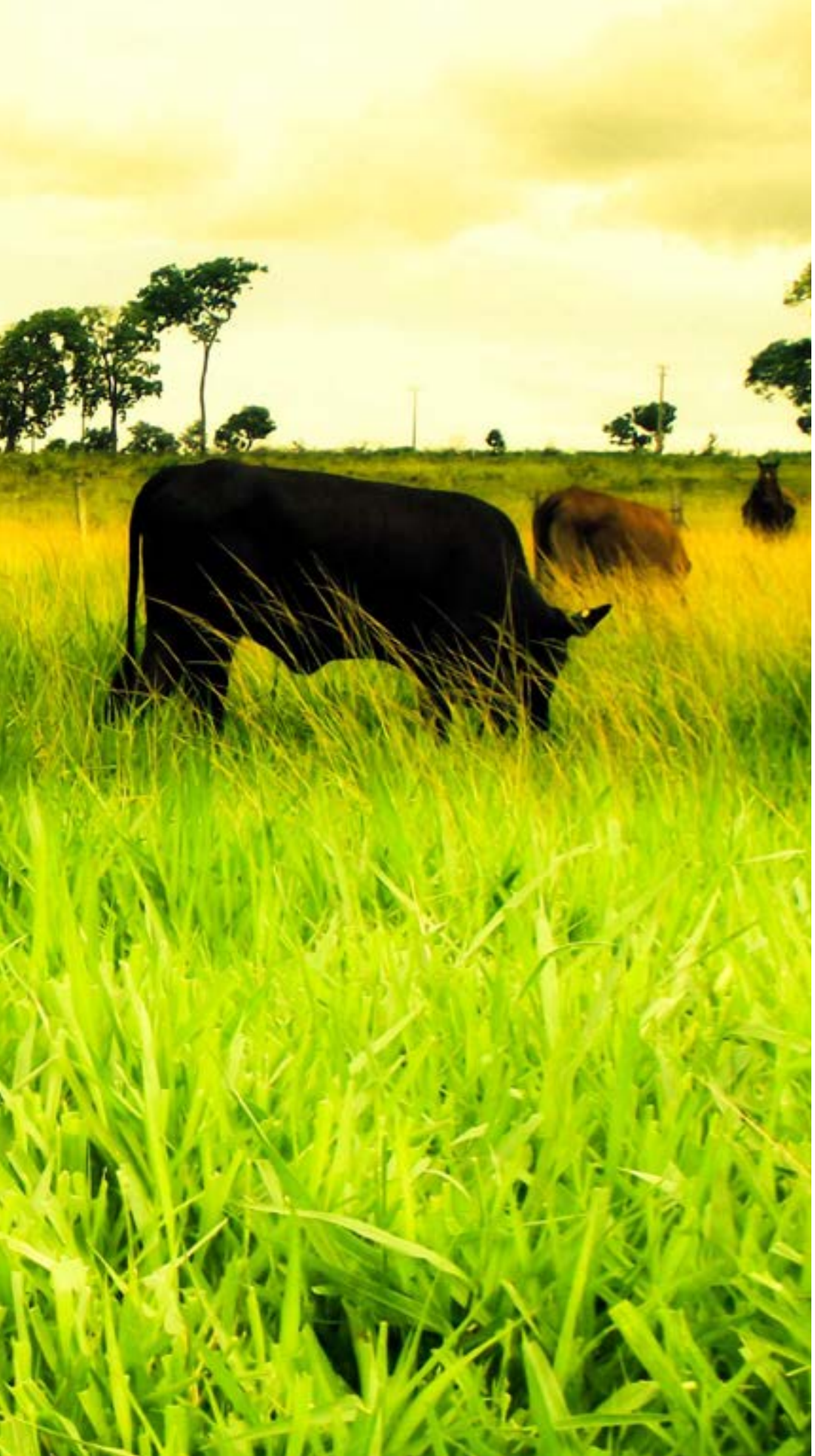
Bem-estar Animal

Loja Virtual: ***loja.beefpoint.com.br***

Email: ***atendimento@beefpoint.com.br***

Telefone: ***(19) 2532 - 4620***

▶ ADQUIRA O SEU!



Cismas e Intuições 2014

André Bartocci, pecuarista da Fazenda Nossa Senhora das Graças, em Caarapó – MS

Alergias do Boiadeiro

16/jan/ 2014 (para alguns desavisados não imaginarem ser uma conversa da década de 90!):

- André: Quero R$110,00... À vista.
- Frig. MS: À vista? Tudo bem...
- André: A boiada é inteira.
- Frig. MS: Inteira? Ok tudo bem...
- André: E peso vivo na fazenda.
- Frig. MS: Na fazenda...? Ta bom. Mas... Posso embarcar amanhã!!?

Os irmãos destes bois foram abatidos, estrategicamente, em dezembro para tentar acertar um boi de R$ 110,00, pois eu e boa parte da torcida do Corinthians imaginávamos que após a virada do ano os preços voltariam. Seguindo o mesmo raciocínio, aguardei para reali-

zar a reposição no ano novo!

Para encurtar a conversa, vi um lote de bezerros, mas achei que estava muito caro, olhei mais dois lotes e mudei de idéia e liguei para o primeiro... Ele já tinha vendido.

Esta é a atual temperatura na pecuária dos primeiros dias de 2014 no MS. É bom lembrar que as chuvas estão regulares e já tem boi gordo em boa parte do Brasil, alem disto a carne na outra ponta, como de costume em janeiro, desacelerou!

Alguns justificarão este movimento como puro reflexo do ciclo pecuário. Ou mais especificamente no MS, conseqüência do inverno rigoroso de 2013. Concordo que há influencia do ciclo e do frio, mas não é só isto.

Então o que há? Bom, independente da lógica econômica, existe uma característica padrão em todo pecuarista: um temor subconsciente da correção de preços, reflexo do período inflacionário. Em outras palavras, o Boiadeiro tem alergia a inflação. Ao menor sinal desta, ele tem uma pronta resposta: COMPRA.

Por amargas experiências ele já aprendeu que a correção de preços não manda aviso prévio para economistas nem telefona para os mais importantes analistas do mercado. Também não aceita tratamento paliativo, o remédio é fique com o boi.

Definitivamente não estou dizendo que estamos em um período inflacionário, o que quero mostrar é que a classe pecuária tem um tempo de reação mais rápido que os outros setores.

Então, acredito que pelo menos no primeiro semestre de 2014 independente de clima, ciclo pecuário ou da economia racional, o espectro da correção de preços estará rondando nosso negócio. É bom estar ligado.

Não seletivos e vorazes (helicoverpa)

Outro fator que também pode aquecer o mercado de reposição em 2014 no MS é a silenciosa transformação de agricultores em terminadores de gado via Integração Lavoura Pecuária. Os novos pacotes de tecnologia recomendam que a segunda (ou terceira) safra anual seja feita com bovinos. A capacidade de engorda destas áreas de ruzizienssis que sugam o resíduo da soja é fantástica. Cada mês que o boi ocupa o lugar da soja ganha se, com relativa, facilidade 3@/ha! Com o boi acima de R$110,00 este é um caminho simples de seguir.

A janela aberta para a pecuária neste caso é de abril a agosto dependendo da estratégia. Então, para conseguir cumprir seus prazos de plantio, estes profissionais se tornam compradores não seletivos e vorazes, comprando de vacas paridas, a bois magros para consumir verdes campos em plena entressafra (sem ofender, quase uma helicoverpa!).

Neste ano, com a soja a R$60,00 e com perspectivas de milho em baixa, conseqüentemente imagino que grande parte da área de soja dos municípios do MS, como Chapadão do Sul, Rio Verde, Maracaju, Dourados, será coberta com ruzizienssis solteira. Esta situação também se repetirá na maioria das regiões agrícolas do Brasil. Portanto um aumento de potenciais (e não seletivos)

compradores de animais.

Gostaria de incluir um alerta para o mercado de preços futuros: A fixação de preços é obrigatório para confinadores profissionais e para agricultores que usam o bovino como safrinha. Porém para pecuaristas que não realizam o ciclo completo, ele pode ser um risco, pois a reposição este ano vai se apresentar mais escassa e volátil.

Sonho de consumo da Indústria: uma novilha de 14@

Sem nenhuma adversidade climática ou econômica severa, e com a maioria dos produtores em uma situação financeira equilibrada, pode se esperar que este ano seja de oferta menor e irregular de bovinos para a indústria. Isto contrasta com o grande apetite mundial (especialmente asiático) para as proteínas animais brasileiras, em tempos de real desvalorizado além de um mercado interno forte. Com a reposição pressionada, também posso concluir que o invernista terá uma certa má vontade em vender seus animais prontos.

Menor oferta e demanda estimulada a indústria precisará rever alguns temas.

Rendimentos de carcaças, deságio de boi inteiro, cobertura de gordura, premiação, deverão ser discutidos para que o abastecimento siga sem sustos.

Presumo como exemplo, que se a premiação para a lista Trace e para a Cota Hilton não aumentarem mesmo os atuais fornecedores não terão continuidade. Também não vejo sentido a indústria tentar estimular a produção de bois castrados somente usando propaganda de TV. Se não houver uma remuneração acima de 8% para animais castrados, acredito que burdizos e canivetes para castração serão peças de museu em 2015.

Outro ponto para ser equalizado é a crescente busca e premiação da indústria sobre novilhas de qualidade. Todos os programas de qualidade de carne têm o maior premio destinado a Novilhas, de 13@, de 12 a 24m(JD ou J2), com gordura uniforme. Esta é exatamente a descrição da cabeceira das matrizes de qualquer rebanho. Com certeza a carne originaria destas carcaças atende a consumidores exigentes.

Porém estas novilhas não deveriam ser destinadas para o abate. Definitivamente esta é a categoria que deveria ser enxertada ou inseminada para o progressivo melhoramento do rebanho do Brasil. Este movimento de compra de fêmeas superiores agrava não somente a questão da qualidade, mas também da quantidade de oferta de bezerros.

Focar o abate em um modelo de matriz não é uma boa estratégia para a Cadeia

Enfim, prevendo turbulência para as relações entre Produção e Indústria, enxergo uma boa oportunidade, em 2014, para toda cadeia de evoluir. É o momento para criação de uma instituição Civil regulatória do Segmento. Acredito que o Mato Grosso do Sul com uma presença diversificada da indústria e com instituições de credibilidade como a Famasul, a Novilho Precoce e a Embrapa pode ser o local da formação de um núcleo piloto onde todos os elos possam dialogar e melhorar seu desempenho. Com coragem e comprometimento poderemos melhorar nossa CORRENTE da CARNE.

Bola de Cristal

Em 2014 o Governo brasileiro via MAPA deveria se concentrar em três pontos para estabilizar pecuária nos próximos anos primeiro colocar dinheiro barato para a CRIA de qualidade, segundo estimular a pecuária de CRIA no sistema Pecuária-Lavoura e terceiro realizar um ataque fulminante contra a aftosa na América do Sul.

Também espero que a diplomacia brasileira juntamente com as associações de produtores contribua com o esforço realizado pela ABIEC para que o mundo consiga enxergar as grandes vantagens de comprar carne Brasileira. E que nosso governo tenha confiança que a produção tem condições plenas de amparar um aumento de exportações sem penalizar nossa sociedade.

Penso, também, que se não existirem fortes ações, para buscar a qualidade do produto final, por parte da Indústria e do Varejo (via premiação), esta será colocada em segundo plano pela produção. Repetindo o que todos já sabem: com oferta restrita a qualidade é supérflua!

Finalmente espero em 2014: Uma arroba média acima dos R$120,00 no MS, uma barbada (esperada) na copa e uma zebra nas eleições.

Mais Sorte do que Juízo

Felipe Sangalli Dias, engenheiro agrônomo e sócio/proprietário da Lanztech Farming Solutions e agropecuarista na Região de Bagé - RS

Difícil escrever sobre minhas expectativas com relação ao mercado do boi gordo para 2014, quando o preço pago pela arroba está em torno de inéditos R$ 127,00 como presenciamos neste início de ano chuvoso aqui no sul do Rio Grande do Sul. Mas vou tentar não me contagiar pelo momento e me ater aos fatos que podem realmente interferir no mercado do boi. Com certeza este patamar dificilmente será mantido ao longo do ano já que nesta época do ano geralmente o volume de abate é bastante reduzido no RS. Ao mesmo tempo que há uma demanda aumentada pelo efeito das férias e alta temporada nas praias. O que devemos fazer é viver este momento com alegria!

Tive a felicidade de poder participar do evento de final de ano do BeefPoint, o BeefSummit Brasil, onde foi oportuno acompanhar alguns excelentes pareceres de quem realmente entende do mercado de carnes. Destaco a apresentação do Sr. Osler Desouzart que traçou um cenário de longuíssimo prazo e bastante favorável para as carnes em geral, seja pelo aumento de consumo ou pela valorização do produto. A segunda opção é o que deve acontecer com a carne bovina, segundo este consultor, que também disse que carnes de animais eficientes em conversão alimentar (caso das aves e suínos) devem crescer em volume comercializado, enquanto carnes de animais menos eficientes (bovinos, ovinos e caprinos) devem sofrer uma alta agregação de valor juntamente com diminuição de produção e consumo.

Olhando para o curto prazo, sinto que temos um mercado firme para este ano e provavelmente deveremos ter um preço médio de venda (de janeiro a dezembro) maior que 2013, que na minha visão foi um ano bastante positivo. Acontece que a comercialização da nossa carne "surfa nas ondas" da nossa atrapalhada economia e nos momentos em que o real está valorizado, nossa população têm maior poder de consumo e assim temos um mercado interno aquecido. Ao passo que se nossa moeda desvaloriza frente ao dólar, há uma retração de consumo interno devido ao menor poder de compra do brasileiro mas, em compensação, nossa carne se torna competitiva aos olhos de países importadores, aquecendo as exportações e garantindo ao produtor uma comercialização do seu rebanho ainda assim a preços atrativos.

Pois é exatamente o segundo cenário que está se desenhando para 2014, onde, segundo especialistas deveremos ter um dólar na casa dos R$ 2,60 já no segundo semestre, apesar do esforço Hercúleo feito pela equipe econômica do nosso governo em manter câmbio, inflação e taxas de juros em patamares que atendam seus interesses eleitoreiros em ano de Copa do Mundo e eleições.

Não quero de maneira alguma desmerecer o trabalho das entidades que trabalham para propagandear e vender nossa carne no além mar. Creio que a informação sobre nossos sistemas de produção e sistema sanitário, são base sólida para passar aos compradores externos a confiança necessária para vir ao Brasil e adquirir carne bovina. No entanto, o Brasil tem a capacidade de migrar com uma facilidade muito grande de um perfil de consumo interno para um perfil exportador por um único motivo: Ser grande. Ser grande em consumo e ser grande em produção.

Atendendo a qualquer momento o mercado interno ou externo, o preço do boi fica quase que hedgeado no longo prazo (mas não imune a efeitos sazonais que são normais e previsíveis) e assim o preço da arroba vêm se mantendo em patamares atrativos já a algum tempo e, desta forma deve permanecer em um prazo mais longo.

Para se ter uma ideia do efeito de ser um dos "grandes", cito o exemplo do nosso vizinho Uruguai, que é um pequeno país com um rebanho similar ao do Rio Grande do Sul, com economia lastreada em grande parte na pecuária extensiva, ainda engatinhando na agricultura de alto impacto e com praticamente inexistência de grandes indústrias de bens de consumo. Este

perfil econômico é típico de uma população com baixo poder aquisitivo. No entanto as raças lá criadas, o sistema de produção basicamente pastoril e o trabalho desenvolvido pelo INAC (Instituto Nacional da Carne) desde o processo de produção, cuidados com o aspecto sanitário, bem como desenvolvendo relações mercadológicas e mecanismos comerciais, conferem ao Uruguai um status de exportador, onde mais de 70% da carne produzida neste país é comercializada para o exterior. E assim a pecuária no Uruguai vai bem obrigado. Agora imaginem um embargo dos países compradores ao Uruguai por uma questão sanitária... Imaginem uma situação que o Uruguai fique por algum motivo impedido de exportar para os mercados compradores que melhor lhe pagam. Isso inundaria o mercado interno, onde há uma população incapaz de pagar bem por toda a qualidade que produzem. Como consequência, o preço pago ao produtor, sem dúvida alguma viria a derreter.

Um caso brasileiro em um passado recente e que ilustra bem o quanto é importante ter acesso a muitos mercados, é o do Frigorífico Independência. Esta empresa era altamente focada em mercados de exportação e, pelo que sei o fazia com excelência. Acontece que o "mar cambial" não favoreceu as estratégias de comercialização desta empresa e, no momento em que a melhor alternativa era a comercialização de carne no mercado interno, esta empresa (que não possuía clientela em ambiente doméstico, por estar completamente desfocado nestes canais) foi extinta em tempo recorde pela incapacidade de "surfar o novo momento". Depois do acontecido é muito fácil falar, mas não foi uma boa estratégia para esta empresa botar todos os ovos em uma só cesta e praticamente abdicar do mercado interno.

Mais sorte do que juízo é ter uma potência nas mãos e pouco fazer para melhorar os ganhos da cadeia como um todo. Se o momento é bom, sem dúvida alguma poderia ser ótimo, desde que as entidades que estão inseridas no mercado do boi trabalhassem para tal, cada qual no seu setor visando o bem da cadeia e arrecadando divisas para país.

Talvez, se pela parte do governo, tivéssemos a tão sonhada reforma tributária e, mais que isso, tal reforma fosse realmente favorável ao setor produtivo, pudéssemos ter nossa carne a preços competitivos no mercado externo em uma faixa cambial muito mais ampla do que ocorre atualmente. Também se o governo finalmente entendesse que mercado é uma entidade com vida própria e que por mais que se tente intervir, o mercado é soberano e implacável, sempre cobrando um preço caro pela tentativa de manipulá-lo. Ainda na conta do estado – talvez se os serviços públicos de vigilância sanitária e inspeção pelo menos tentassem entender as necessidades de produtores e indústrias e, pensassem que é do interesse do Brasil manter estas entidades fortalecidas, não os tratassem como inimigo, como muitas vezes o fazem.

E por sua vez, o produtor vislumbrasse que a cotação do boi gordo não é o mais importante para o seu negócio e sim ser eficiente na produção e no gerenciamento de suas propriedades, pois de nada adianta o preço da arroba alto se temos patamares produtivos médios muito aquém do potencial. Também o produtor poderia se dar conta que ele não vende boi para o frigorífico e sim

carne para o consumidor. É preciso explorar melhor os nichos de mercado com carne de qualidade, pois para estes mercados o preço a ser pago não interessa tanto como para os mercados de commodities, mesmo que sejam muito altos. Não precisamos escolher que caminho seguir, podemos vender o caro e o barato sem que estes canais interfiram um no outro. Temos, com certeza, a capacidade de poder circular na maioria dos mercados do mundo.

Da mesma forma os frigoríficos, poderiam utilizar os recursos disponibilizados pelo Governo Federal com maior inteligência ao invés de comprarem "plantas sem boi" e amargar uma ociosidade de indústria monstruosa. Hoje temos dois grandes frigoríficos que são quase estatais tamanha a dívida que contraíram via BNDES e que, e desta forma garantiram uma cadeira cativa nos respectivos conselhos administrativos para o governo intervir no futuro destas empresas. Imaginem só nosso atrapalhado e parcial governo intervindo em uma empresa privada! Não creio que essa possa ser uma relação muito produtiva.

Realmente creio que temos garantido um 2014 com bons patamares de comercialização, assim como nos anos vindouros. Espero que tal prosperidade na nossa pecuária seja suficiente para passarmos pelo período de recessão que prenunciam os especialistas assim que o último voto das eleições presidenciais for contado. Mas ainda há muito o que fazer por parte do produtor, do governo, da indústria e do varejo. Há muito dever de casa esperando que possamos assumir nossas nossas posições e que os executemos com a competência necessária. Se hoje estamos apenas flutuando por entre ondas de um mercado favorável, se estivéssemos fazendo tudo o que está aí para ser feito, poderíamos estar surfando em alto nível pegando tubos, dando aerials e backflips.

WORKSHOP

MARCAS DE CARNE

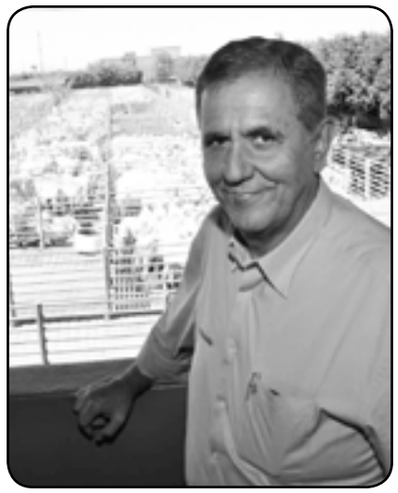
Loja Virtual: loja.beefpoint.com.br

Email: atendimento@beefpoint.com.br

Telefone: (19) 2532 - 4620

▶ ADQUIRA O SEU!

2014 ????



Maurício Tonhá, pecuarista e diretor presidente do Grupo Estância Bahia

Mercado do Boi:

Estamos no início de 2014, no momento de "afinarmos a viola" e nos prepararmos para um ano, que será emocionante! Se não vejamos!!

Primeiro...

Veranico, já caminhando para seca forte em boa parte das principais regiões produtoras do Brasil (PR,SP,MS,GO,MG....), o que já comprometeu, boa parte da nossa produção de "comida" (forragens e grãos), além do consequente aumento dos nossos custos, além de diminuir a produtividade.

Segundo...

Estamos saindo, na minha opinião, no mais duradouro ciclo de baixa da pecuária Brasileira, dos últimos tempos., o que, como é normal nestes momentos, reduziu significativamente os investimentos, no mais fraco elo da cadeia, que é a cria, o que nos fez abater um número significativo das nossas matrizes nos últimos anos, reduzindo a nossa produção de bezerros, que ao levarmos tantas fêmeas para o abate, protelamos o final do ciclo baixista, felizmente, (e como foi longo) este momento já se foi....

Terceiro...

Dólar e consumo interno. O nosso consumo interno de carne esta firme, apesar do crescimento medíocre da nossa economia, o brasileiro esta cada dia consumindo mais nossas saborosas picanhas. Tivemos uma providencial ajuda do dólar, o que tornou os nossos preços altamente competitivos. A nossa carne, com o dólar na casa dos 2,40, tem tido uma larga aceitação nos principais países importadores do mundo.

Quarto...

Pressão. Tudo indica, que continuaremos sofrendo com alguns gargalos. Concentração e que concentração da indústria frigorífica. Os grãos, principalmente as proteínas, muito utilizada na nutrição dos nossos bovinos, continuarão em alta. A reposição escassa, fará com que os Invernistas e Confinadores, permaneçam por mais tempo com os seus animais, para aproveitarem melhor as valorizadas carcaças. A expansão da soja continuará sobre as nossas áreas de pecuária.

Quinto...

Teremos Copa do Mundo, festas, mais festas, muitos turistas, muitos "feriados", muitos churrascos....mais consumo...

Teremos eleição, meu Deus, eleição de novo...

Mais o país está uma maravilha para o povo do 13... Para o do 40(PSB) ou do 45(PSDB), nem tanto.... Como manda quem pode e obedece quem tem juízo... Até lá (na eleição) o governo terá razão e tudo correrá às mil maravilhas, ou seja, vários fatores colaborando para um "consumo maior" em 2014... Mais meus amigos, em 2015.....

Concluindo, teremos um bom ano para a pecuária brasileira em 2014, minha expectativa, boi com preço médio de 120,00 a arroba em São Paulo.

Uma reflexão agrícola na pecuária de corte

Sérgio José Alves, engenheiro agrônomo, trabalha no IAPAR

Escolhi o título: "Reflexão agrícola na pecuária de corte" como um alerta para que os amigos pecuaristas tradicionais pensem a respeito de algumas tendências de mercado e que podem se acentuar com o tempo.

Uma consideração importante é que parte da área de pastagens extensivas no Brasil foi implantada mais para especulação imobiliária e como reserva de valor, do que propriamente para produzir carne.

Entretanto, é possível ganhar tanto na produção quanto na valorização imobiliária. Dentre os proprietários interessados na produção, a baixa rentabilidade da pecuária de corte tradicional tem

levado muitos produtores, a arrendar as áreas para outras atividades, ou a tentar diversificar. Estamos perdendo áreas de pastagens para outras atividades, notadamente soja, cana-de açúcar, eucalipto, mandioca, etc... Esta é uma tendência e que deve continuar, principalmente, em regiões que contam com boa infraestrutura para produção de grãos ou próximas a agroindústrias. Alguns indicadores apontam para uma área superior a 170 milhões de hectares ocupados com pastagens no Brasil, ao passo que as culturas anuais ocupam em torno de 50 milhões e os cultivos permanentes, 15 milhões de hectares. Potencialmente, poderíamos manter ou aumentar a produção de carne brasileira utilizando uma área muito menor de pastagens cultivadas e exploradas intensivamente.

Temos alternativas tecnológicas para o aumento da produção bovina em pastejo. Avançamos muito em diversas tecnologias pecuárias: melhoramento genético, IATF, manejo dos animais, etc. Nem tanto em adubação e manejo de pastagens. Sem aumentar a competitividade, seguiremos perdendo áreas de pastejo para outras atividades.

Um livro do início do século passado e de autoria de um conhecido pecuarista nacional preconizava que para ter sucesso em pecuária de corte, os produtores deviam evitar três A's: arado, agrônomos e adubos. Penso ele acertou apenas na questão de tentar evitar o arado.

Uma visão mais agronômica da produção de forragem parece ser necessária. Adubos, manejo de pastagens, rotações de cultivos, combinação de diferentes forrageiras, etc. parecem ser uma tendência e uma necessidade. Tenho ressaltado em algumas palestras que ou o pecuarista faz ILP ou abre o saco de adubo e busca maiores lotações e ganhos médios diários.

E desta forma, poderíamos ter áreas disponíveis para, por exemplo, dobrar a produção de grãos e de florestas plantadas.

Em teoria, perfeito – sem novos desmatamentos, podemos produzir muito mais alimentos e recursos madeireiros. Esta proposta inovadora e que é prioridade de pesquisa, foco de políticas públicas de incentivo e adotada por diversos produtores é a Integração Lavoura Pecuária Floresta. O plantio direto, a agricultura conservacionista e a Integração Lavoura Pecuária são evoluções tecnológicas importantes e que estão mudando a forma de pensar e de se fazer pecuária de corte. Este conjunto de tecnologias desenvolvidas em dezenas de anos por instituições de pesquisa, produtores rurais e empresas mostrou-se apropriada para produção em solos tropicais e de baixa fertilidade. A agricultura mudou com o advento do plantio direto, a pecuária de corte está mudando.

E o que isto tem a ver com o mercado do boi gordo em 2014. Um aumento da área agrícola entre 0,7 e 1,7 milhões de hectares/ano, mesmo que, em sua totalidade, em áreas de pastagens não deveria impactar no mercado da carne bovina. Afinal, mesmo que fossem 2 milhões de hectares, representariam apenas 1% da área de pastagens e ainda teríamos que descontar os novos plantios, em áreas de desmatamento.

Ou seja, duas posições contrastantes, mas que merecem uma análise á parte. A ILP tem se expandido nas áreas de

maior produtividade e nas regiões mais nobres e com melhor infraestrutura. Além disto, com o aumento das áreas integradas, há uma mudança de perfil de muitas propriedades, que passam da atividade de cria para o ciclo completo ou apenas para recria e terminação. A ILP pode ter um impacto regional importante no preço dos animais de reposição. E ainda devemos considerar o descarte de matrizes nos últimos anos. Reflexo da baixa rentabilidade.

No Paraná, em regiões com ILP, aumentou a demanda de bezerros. Uma possível queda dos preços das commodities, notadamente milho e soja e associado ao aumento da produção agrícola em áreas de menor infraestrutura pode favorecer a expansão das áreas de pastagens de "inverno ou das secas", implantadas após a colheita da soja ou de confinamentos. Por exemplo, em milho safrinha nesta safra 2014, alguns indicadores apontam para a possibilidade de preços baixos e que na média, podem não cobrir os custos de produção. Dentro desta perspectiva, o produtor deve diminuir os investimentos na lavoura, destinar para da área para o plantio de milheto ou braquiária e, em se confirmando preços baixos, destinar parte da safra para a produção animal.

Ou seja, me parece haver uma possibilidade do aumento do preço de bezerros e animais de recria de alta qualidade. Produto que deve ser disputado por produtores mais exigentes.

Em relação ao preço da carne, a análise é ainda mais complexa. A maioria dos analistas econômicos está prevendo uma desaceleração da economia brasileira e revendo as perspectivas de crescimento para baixo.

E há um componente agrícola a ser considerado. O saldo do balanço de pagamentos no Brasil vem piorando consistentemente. Uma queda no preço das commodities pode agravar a situação.

Dentro destas perspectivas pouco animadores para o Brasil, parece que o dólar deve continuar se valorizando. O que pode melhorar a competividade da carne brasileira no mercado externo e favorecer as exportações. Começamos o ano com bons preços e talvez um aumento de consumo devido a copa, favoreça sua sustentação.

Por outro lado, uma queda nos preços de commodities aumentaria a competitividade das carnes de frango e de suínos, o que aliado ao menor crescimento, pode levar a diminuição do consumo interno de carne bovina. Com menores taxas de crescimento, e apesar da alta preferência dos consumidores por carne bovina, perderíamos mercado para outras carnes?

Ou seja, a análise global de mercado é complexa e deve levar em conta aspectos como crescimento econômico, competitividade, abate de matrizes, custo de reposição de animais, etc. Uma seca nas principais regiões produtoras de grãos ou a continuação da intervenção do governo nas cotações do dólar, ou um aumento das taxas de crescimento do país podem mudar rapidamente os cenários.

Porém, dentro de qualquer análise, ter alta produtividade, a custos moderados, ou seja, melhorar a competitividade, parece ser o caminho para o sucesso e a permanência na atividade. Sistemas

intensivos de ILP de produção animal integrados com agricultura têm permitido a produção de grãos e a obtenção carne de alta qualidade e a custos altamente competitivos.

Alguns anos atrás, no inicio da ILP, quando mostrávamos que os animais podiam pastejar em áreas agrícolas sem diminuir a produção de grãos ou que era possível produzir mais de 40@ / ha em pastejo intensivo de verão, muitos duvidavam.

Hoje, com a maior velocidade na difusão das informações, tenho certeza que estamos apenas no início de uma grande mudança na forma de pensar a pecuária de corte no Brasil.

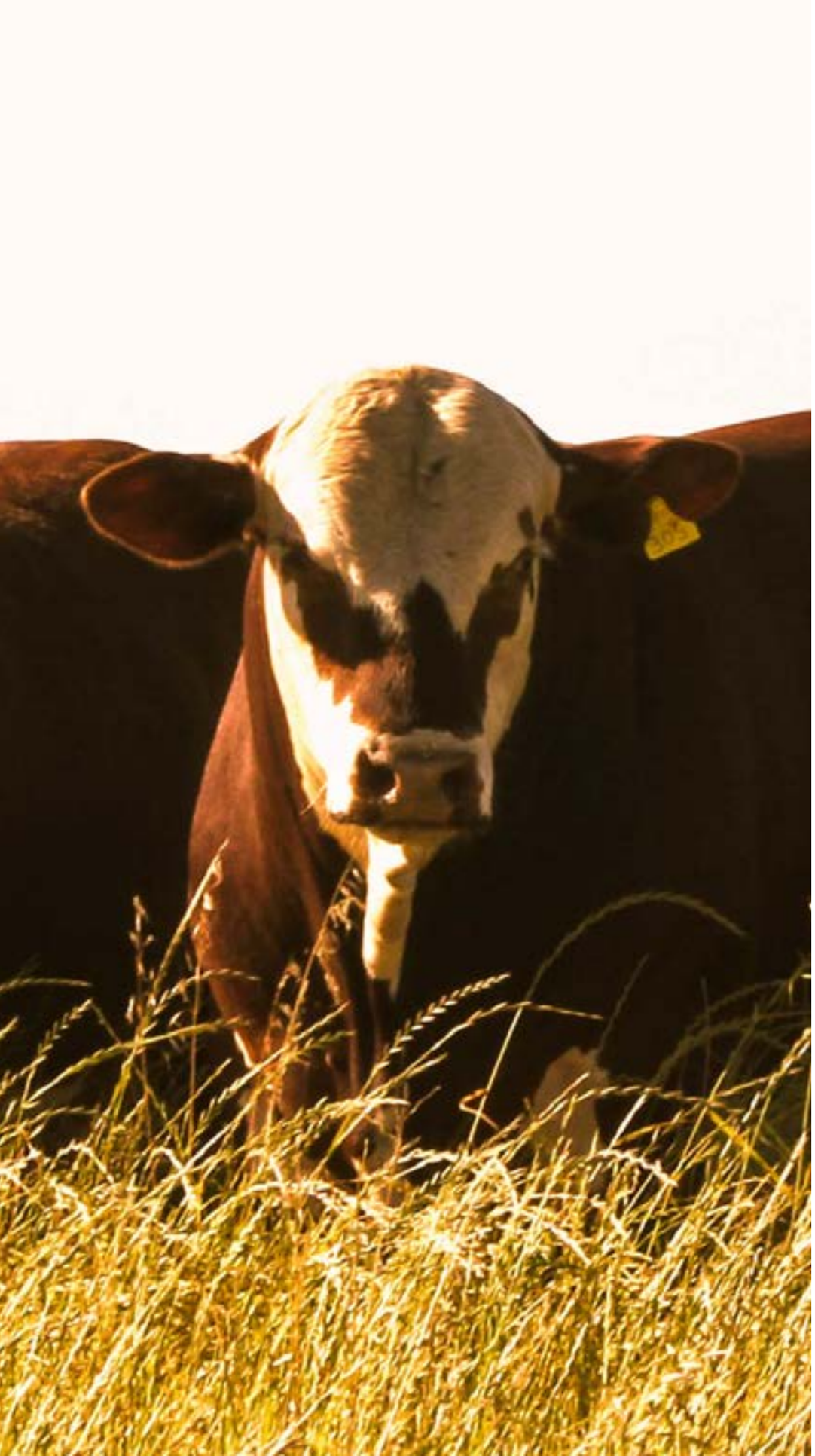
PALESTRAS

BeefSummit Brasil

TODOS QUE FAZEM A MELHOR PECUÁRIA REUNIDOS AQUI

ADQUIRA O SEU!

Loja Virtual: loja.beefpoint.com.br
Email: atendimento@beefpoint.com.br
Telefone: (19) 2532 - 4620



Visão para o mercado do boi gordo em 2014

Sérgio Arantes, engenheiro agrônomo e Sócio e diretor executivo da Fazenda Cachoeira, em Costa Rica (MS),

Vários fatores terão interferências no preço do boi gordo em 2014 como a Copa do Mundo, pois a quantidade de turistas prevista fará com que o consumo interno seja muito alto.

Com o real desvalorizando haverá o aumento das exportações.

Agora teremos uma queda de braço para combater a inflação, o que sempre é feito quando o mercado interno está aquecido "o canhão da exportação" vira para o mercado interno e com isso o mercado é esfriado .

Com estes fatores o mercado de "oferta x procura" é soberano . Então a procura

será muito maior e o mercado será de alta.

Todos estes fatores já eram previstos e poderiam ser evitados se acreditassem que o agronegócio é o que movimenta o Brasil.

Mas o que não estávamos contando é que São Pedro esqueceu de nós produtores. Nossas águas, pastos, lavouras, etc...

Com isto a tendência é diminuir a oferta de bois a pasto e a de grãos também. Porém, não podemos esquecer que o Brasil é grande e que temos muitos produtores que não estão enfrentando este problema de chuvas e estão produzindo muito.

Oportunidades à vista, calculadora nas mãos

Luciano Vacari, gestor de agronegócios e superintendente da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat)

Será que vamos conseguir atender à demanda nacional e internacional por carne em 2014 sem precisar abater tantas fêmeas como em 2013? A resposta para esta pergunta vem acompanhada das perspectivas para a pecuária de corte este ano. Mas antes de responder, precisamos contextualizar o mercado de carne nos últimos anos, afinal, esta é uma atividade de ciclo longo, em que as consequências das decisões de hoje são refletidas no mínimo três anos depois.

Voltando no tempo, em 2010, os produtores de carne se depararam com alguns problemas que atingiram a pecuária e desencadearam o movimento de

abate de fêmeas. Primeiramente, uma estiagem prolongada no Centro Oeste comprometeu os pastos. Em seguida, com chuvas mais intensas, até por consequência da seca, houve o ataque de pragas nas pastagens, destruindo os campos.

O ano seguinte, 2011, se iniciou com problemas na pastagem e desvalorização do preço do bezerro, o que causou uma importante crise de renda, principalmente para o segmento de cria. Sem recursos para recuperar as áreas degradadas e sem rentabilidade, o produtor de carne foi obrigado a desfazer de parte do rebanho e caminho mais rápido para isso foi enviar as fêmeas para o abate.

Foi a partir deste ano, 2011, que a participação das vacas passou a ter impacto no volume de carnes produzidas. Entre 2010 e 2011, em Mato Grosso, por exemplo, houve alta de 46% no total de fêmeas nos frigoríficos, passando de 1,4 milhão para 2,1 milhões. E este movimento se perpetuou por 2012, quando a participação das fêmeas nos abates atingiu 46% do total, ultrapassando 2,5 milhões de animais deste sexo.

Mas o cenário começou a mudar, e os motivos para entregar as fêmeas também foram outros em 2013. Mesmo com as pastagens em partes recuperadas, muitos pecuaristas se renderam à demanda dos mercados vendendo fêmeas e a participação, ainda no passado, foi de 45%, ou 2,7 milhões de vacas. Estes números são muito representativos e resultaram em uma redução no rebanho mato-grossense, que passou de 29,1 milhões em 2011 para 28,4 milhões ano passado.

A queda no volume de bovinos no estado é uma tendência que deve se confirmar por mais este ano, mas agora em virtude dos bezerros que não nascerão porque as vacas foram para o gancho. É o que anunciamos há dois anos, o 'Apagão de Bezerros'. Problemas para uns, mas valorização para outros.

Bom, que a oferta será restrita este ano ficou claro pelos números, mas e a demanda, vamos ter mercado para carne em 2014? A resposta também pode ser dada em números. Em 2013 o Brasil superou as exportações em 15% em comparação com 2012, movimentando US$ 6,6 bilhões, ante US$ 5,7 no ano anterior. Em Mato Grosso, este volume passou de US$ 886 milhões para US$ 1,17 bilhão e os abates atingiram 6 milhões de cabeças, 500 mil a mais do que um ano antes.

Ou seja, a demanda está sim muito aquecida. Podemos acrescer a esses números, ainda, algumas situações particulares de 2014, como a realização de uma Copa do Mundo no país e as eleições. Ambos eventos que prometem movimentar os supermercados e, consequentemente, os açougues.

Agora, depois de esmiuçar os cenários da carne bovina nos últimos anos, voltamos lá a nossa pergunta inicial. Vamos conseguir atender à demanda por carne sem abater tantas fêmeas? Na minha opinião, a resposta é não. E a consequência disso é muito boa para o criador de bovino de corte, uma vez que, se a demanda é maior que oferta, os preços tendem a ser valorizados.

Por isso, atenção para este ano, muitas oportunidades podem surgir e cabe a cada uma saber aproveitá-las. Maior renda significa mais possibilidades de

investimentos e assim melhor produtividade. Planejamento continua sendo a melhor ferramenta para a pecuária. É preciso calcular as entradas e saídas, analisar mercado, estudar tendências, para então tomar a decisão mais coerente com cada situação e assim poder garantir uma boa rentabilidade.

Mais carne bovina e leite, o desafio da pecuária brasileira

Luiz Claudio Paranhos, zootecnista, participa da Diretoria da ABCZ (Associação Brasileira de Criadores de Zebu)

A pecuária brasileira inicia o ano com recordes importantes conquistados em 2013. No segmento de corte, o país produziu cerca de 9,5 milhões de toneladas de carne e exportou mais de US$ 6,6 bilhões, volume destinado a 150 países em todos os continentes. Em leite, a oferta interna superou a 32 bilhões de litros, mantendo o país entre os maiores produtores mundiais.

São números muito expressivos, não restam dúvidas. Mas, a melhor notícia é que há espaço para produzir mais já em 2014 – e com resultado econômico superior para todos os elos da cadeia, a

começar pelos pecuaristas de corte e produtores de leite.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na média, as propriedades pecuárias trabalham com cerca de 1 UA (unidade animal por hectare). É pouco.

Melhorar estes números é perfeitamente possível: temos conhecimento e tecnologia disponíveis. Mas obter ganhos efetivos é preciso investir em genética (raças bovinas, como as zebuínas, que se adequam às condições brasileiras), em nutrição de qualidade, incluindo nesse quesito a necessária recuperação das pastagens, e em manejo sanitário. Tudo aliado a uma gestão profissional e à mão de obra capacitada.

Também é preciso melhor articulação entre os elos da cadeia produtiva, principalmente diálogo mais consistente entre indústria e produtores. Só assim teremos mais força como setor, para negociar melhores condições de produção (e crédito) com o governo e acesso a outros mercados externos importantes que ainda não conquistamos.

Esse compromisso é coletivo e todos os agentes ligados à produção de carne bovina e de leite devem trabalhar para essa finalidade. As entidades de classe também devem ter participação ativa nesse processo.

A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) faz a sua parte. Entre várias iniciativas, a entidade desenvolve um importante programa de melhoramento genético (PMGZ), que contribui para o contínuo aprimoramento das raças zebuínas, base do rebanho nacional. Além disso, realiza a Expozebu e a Expogenética – duas das mais importante mostras da pecuária nacional –, promove o Pró-Genética, programa que amplia a oferta de touros melhoradores para os pequenos criadores, possibilitando o acesso desses à genética de qualidade superior. Treina e capacita os seus colaboradores e os colaboradores dos seus associados (em 2013, foram mais de 7.000 participantes) e gerencia o Brazilian Cattle Genetics, plataforma da exportação de genética zebuína para outros países de clima tropical.

Produzir mais e melhor não é um conceito etéreo. Em última análise, estamos falando do aumento da oferta de carne vermelha e leite, duas proteínas animais da mais absoluta prioridade para a população brasileira e mundial. Aliás, a FAO, órgão da Organização das Nações Unidas para a alimentação, diz que até 2050 o mundo tem mais que dobrar a atual produção global de 50 milhões de toneladas de carne bovina e de 600 bilhões de litros de leite somente para atender à demanda por proteína vermelha naquele ano. Tudo isso, com respeito ao meio ambiente.

A própria FAO atribui ao Brasil papel preponderante nesse cenário e ressalta que o nosso país tem de dobrar a produção atual de carne bovina e leite para que o mundo seja abastecido em 2050.

A pecuária brasileira aceitou esse desafio e faz a sua parte. O contínuo melhoramento genético do rebanho nacional, estimado em 207 milhões de cabeças, está na base da evolução da produtividade, que possibilita a obtenção de melhores indicadores ano após ano. Os resultados de 2013 comprovam que estamos no caminho certo. Mas

esse é um compromisso de cada um de nós.

De perto, você vê que só a CFM faz a diferença.

pragma

- Mais de 34.500 touros produzidos
- Mais de 1.800 clientes atendidos
- 3.104 negócios efetivados

- Estimativa fêmeas cobertas: 1.208.340
- Total Municípios: 1.510
- Total Estados: 28
- Clientes no Brasil e Paraguai
- Índice de recompra de 53%

Fonte: Banco de dados CFM

Pode examinar à vontade. CFM é imbatível. Líder dos principais sumários de melhoramento genético há mais de 35 anos e dona do melhor pacote genético do mercado, a CFM proporciona os melhores resultados no menor tempo possível. Venha ver de pertinho. Nossa genética é tão boa que aumenta até seus números.

Nós preferimos:

Bellman Nutrição Animal
a nutreco company

NEOGEN

Apoio:

CEIP

Confiança desde 1908
CFM Agro-Pecuária
CFM Touros Nelore
www.agrocfm.com.br 0800 127 111
faleconosco@agrocfm.com.br
Twitter: @agrocfm

Como o sistema de cria irá influenciar o mercado em 2014?

Edmundo Rocha Vilela, Agropecuarista, médico veterinário, sócio da Lageado
Biotecnologia e Pecuária

No final de 2013 e início de 2014 o valor da arroba do boi gordo vem apresentando comportamento diferente do que historicamente observava-se neste período. Normalmente, com a "fartura" das pastagens e a entrada em maior volume dos bois de pasto, leva à baixa no valor da arroba do boi gordo. E por que isto não está acontecendo?

– O volume de chuvas está menor / atrasado em relação ao histórico esperado para esta época do ano e o boi do

pasto está atrasado?

– Estamos a cada ano abatendo animais mais jovens, o tradicional boi de dezembro / janeiro vem sendo cada vez mais abatido 06 meses antes nos confinamentos?

– Vínhamos abatendo estoque de gado? Especialmente em 2013 os abates foram acelerados?

– Estamos em um momento em que naturalmente o ciclo está invertendo e a arroba do boi iria subir naturalmente? Houve maior abate de fêmeas nos últimos anos e iniciamos a fase de retenção de matrizes?

– A desvalorização do dólar permitiu exportar mais? Para isso precisamos de maior oferta pela demanda aquecida? Como não sou um especialista em "boi gordo" e nem em mercado, não sinto confortável em definir se foi um destes fatores, ou todos juntos ou mesmo algum fator não relacionado acima que proporcionou este comportamento atípico. E como será nos próximos meses / anos?

Mais aquecido do que o mercado de boi gordo está o mercado de bezerros. No Brasil Central a procura por bezerros está mais intensa desde a metade da safra de bezerros de 2013. Aparentemente vivemos um momento de inversão da curva no ciclo pecuário e a valorização dos bezerros é natural. Além disto, na estação de monta 2011 / 2012 várias regiões de cria apresentaram resultados de "prenhez" inferior.

Naquela estação as matrizes apresentaram menor condição corporal, por passarem um período de menor oferta de capim nos meses críticos para a reprodução. Esta condição de menos "prenhezes" pode, além dos outros fatores, em 2013 ter diminuído a oferta de bezerros. Inicialmente assistimos a indefinição do valor do bezerro. Existiram negócios que tinham como referência os preços dos anos anteriores e começaram existir negócios que já refletiam a oferta "menor" / demanda aquecida. A partir de maio o mercado foi entendendo / absorvendo o novo patamar e a valorização do bezerro se consolidou. Já estamos iniciando a safra de desmama de bezerros de 2014 e parece que esta valorização continua e um novo patamar, ainda mais alto, será estabelecido.

Historicamente, a pecuária de cria sempre foi caracterizada por ser a "fase" do ciclo que menos remunera e de manejo mais exigente. O manejo de pastagens para vacas, de maternidade, de saúde dos bezerros e a eficiência reprodutiva refletem a necessidade de uma equipe mais preparada e trabalho mais intenso. Especialmente para grandes grupos a combinação de menor rentabilidade e desafios trabalhistas torna a "cria" pouco atrativa.

– Mas de onde surgem os bois gordos? Eles nascem de uma matriz de cria!

– Como adquirir os bezerros de forma que não comprometa a rentabilidade e/ou a viabilidade do negócio de recria e/ou engorda? Recentemente a dependência dos "gambireiros", dos leilões, do pagamento "por fora", e até mesmo o pagamento de valores diferentes dos apresentados na nota fiscal tem comprometido a atividade de recria / engorda de muitos grupos pecuários, levando alguns deles a abandonar a atividade. A amplitude na oscilação do ágio da @ do bezerro / @ do boi gordo

também podem determinar a rentabilidade ou não da terminação.

– E ainda, como garantir indivíduos de genética e desempenho superior ou que ofereça carne de melhor qualidade? Agindo no ponto onde tudo se origina: nos criadores de vacas! É claro que a cada ano haverá crescente valorização deste segmento da pecuária de corte. Ou seja, a especialização / tecnificação dos sistemas de terminação vem fortalecendo e demonstrando o quanto a origem é determinante no sistema. O valor do animal de reposição é o principal custo no sistema de terminação.

Outra característica que vem alterando as relações de força na pecuária de corte é o surgimento de inúmeros programas de remuneração diferenciada para carnes especiais. No passado recente estes cortes eram primordialmente importados. Com a irresponsabilidade de políticas populistas dos países vizinhos e a necessidade de garantir oscilações de câmbio fizeram da importação um risco e a produção destas carnes no mercado interno uma necessidade. Quanto este mercado será afetado se em 2014 a renda da classe média brasileira cair ("irresponsabilidade política contagiosa") e se o dólar médio de 2014 for maior que R$ 2,50? Voltaremos a comer asinha de frango como carne nobre?

Nos últimos anos e em especial nos últimos meses a combinação de todos estes fatores parece ter provocado o desenvolvimento de novos modelos de negociação e o surgimento de novas relações entre os diferentes segmentos da atividade de cria. Modelos pré-fixados de formação de preços, pagamento de ágios pré-fixados na arroba dos bezerros e do boi gordo, contratos de garantia de fornecimento, garantia de fornecimento de genéticas específicas, valorização no valor da arroba das fêmeas, fomentos para investimentos em genética e inseminação artificial passaram a ser relativamente comuns em várias regiões do Brasil. Estes contratos estão sendo oferecidos por grandes empresas frigoríficas, grandes grupos pecuários e mesmo por recriadores / terminadores regionais.

O ano de 2014 parece especialmente pouco atrativo para a nossa cultura, que é de ganhar mais sempre e sozinho. Apesar de começarmos a mudar o nosso antigo modelo de negociação e já conhecermos alguém em nossa região que participa de algum programa de garantia de fornecimento, ainda somos "desconfiados" (talvez com razão). O valor dos bezerros está supervalorizado e a demanda aquecida, assim, pode-se leiloar os animais entre diversos candidatos a comprador. Mas os produtos da monta de 2013/2014 serão desmamados em 2015 e, na sua maioria, abatidos em 2016 / 2017. Qual será o valor da arroba de bezerros e do boi gordo naqueles anos? Como será a oferta? Em que momento estará o ciclo pecuário? Haverá demanda aquecida ou oferta abundante? Quem irá leiloar? O comprador ou o vendedor?

Vivemos um cenário parecido em 2008 / 2009 e em 2010 / 2011 / 2012 assistimos muitos vendedores de bezerros ofertando animais a valores inferiores aos que tiveram oportunidade de contratar quando estavam com as matrizes em monta. Este ano e os próximos podem ser especialmente importantes para os produtores de bezerros fecharem seus contratos e conseguir garantias para o futuro. Por mais que mude a duração ou a amplitude de sua variação os ci-

clos pecuários devem continuar existindo.

Acreditamos que nos próximos anos também ganharão força na pecuária de cria a discussão de aspectos técnicos como:
- Custo de prenhez de touro x prenhez de inseminação. A popularização, o domínio da técnica de IATF e diminuição dos custos com os insumos permitiram a IATF apresentar custo de prenhez muito próximo e até mais barato que a monta natural.

- Consolidação do cruzamento industrial, em especial com a raça Angus. Em 2013, as raças Nelore e Nelore Mocho pela primeira vez venderam menos doses de sêmen do que a raça Angus (preto e vermelho).

- Antecipação de puberdade em novilhas. Um dos pontos que atualmente mais pode melhorar a viabilidade econômica da fase de cria é permitir que as matrizes comecem a produzir mais cedo e deem retorno mais rápido sobre o capital investido.

- Seleção de animais para características produtivas, especialmente na raça Nelore.

Enfim, nos próximos anos precisamos estar preparados para vencer os novos desafios e aceitar e promover a inovação da pecuária, ou os futuros pecuaristas não serão os nossos netos.

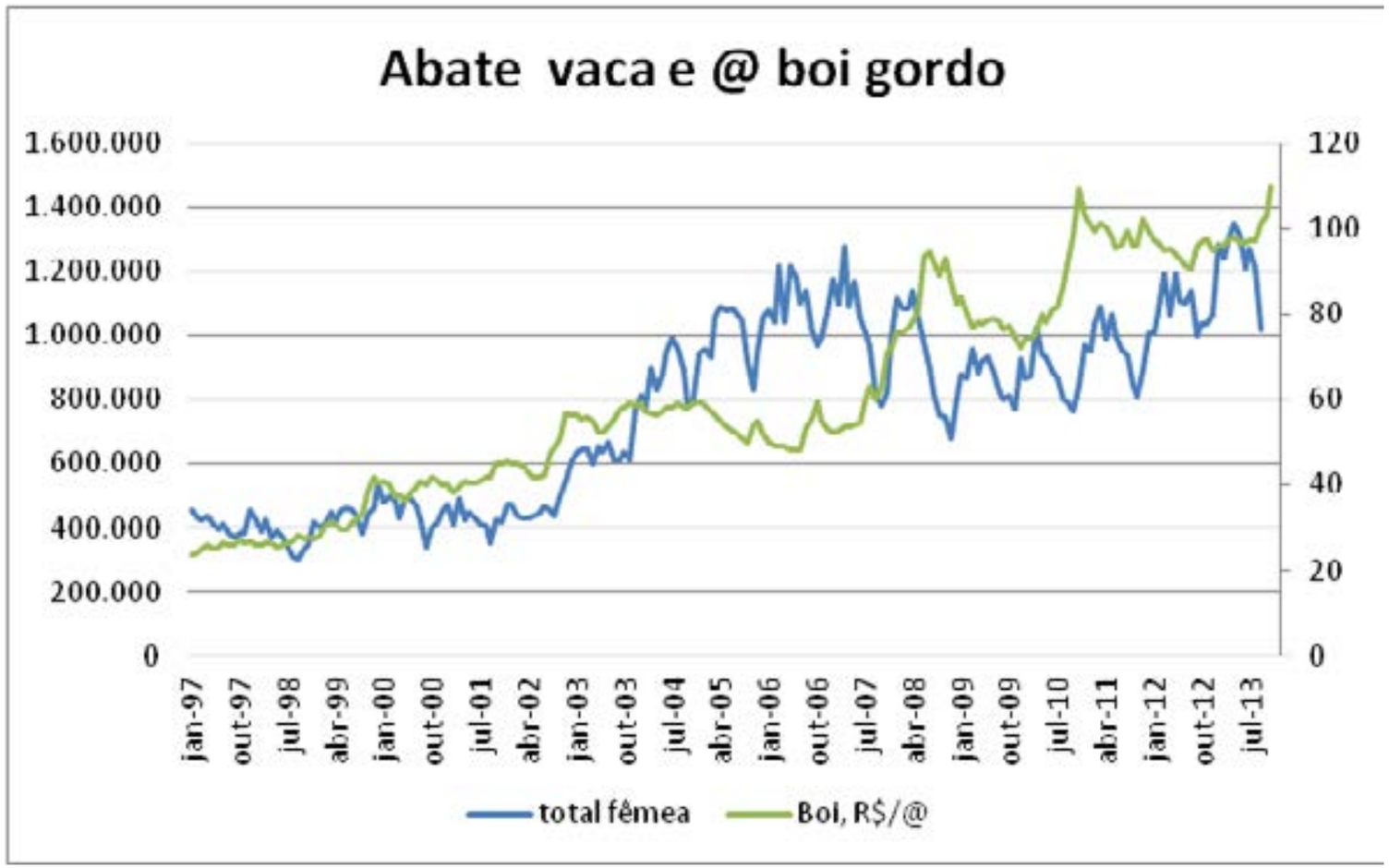
Uma simples e breve ideia do que pode acontecer com o mercado do boi gordo em 2014

Roberto Puoli "Limão", engenheiro agrônomo, pecuarista e consultor em produção de gado de corte

O gráfico (IBGE) mostra a quantidade de fêmeas abatidas por mês e o valor da @ do boi gordo (IEA).

Tenho consciência que enormes teorias e ideias poderiam ser desenvolvidas. Mas, como estamos falando deste ano, acredito que algo simples poderia ser útil.

O pico de preço do boi foi em 2011, e o pico do abate das fêmeas foi em 2007.



Acredito num mercado do boi gordo muito bom para o pecuarista em 2014.

Isso me parece razoavelmente lógico, pois, com menos nascimentos em 2008, deveríamos ter menos animais oferecidos ao abate em 2011. Abate aos 3 anos de idade.

O interessante é que estamos com preços bem elevados, e justamente estamos alcançando abates muito grande de fêmeas, outra vez.

Leio isso de 2 formas:

1. Sigo com minha ideia que nosso rebanho está estável, ou com crescimento muito pequeno. A porcentagem de fêmeas no abate em 2013 está perto de 48.

2. Se em 2011 tivemos preços elevados, e o abate elevado de fêmeas tinha sido em 2007, acredito que os preços deverão se manter elevados em 2014, pois já estamos com preços altos e estamos abatendo muita fêmea.

DVD

ENGORDA A PASTO

Loja Virtual: loja.beefpoint.com.br

Email: atendimento@beefpoint.com.br

Telefone: (19) 2532 - 4620

▶ ADQUIRA O SEU!

Mercado do boi gordo em 2014

Fernando Nemi Costa, engenheiro agrônomo, confinador e diretor da Empresa Costa Assessoria Pecuária

Primeiramente o mercado do boi gordo vem sofrendo grandes mudanças ao decorrer dos anos, passando de uma pecuária exclusivamente de mercado interno, até os dias atuais, onde atingimos o posto de maior exportador de proteína vermelha do mundo.

O ganho tecnológico, com aumento da produtividade no rebanho e melhorando e aumentando o peso de abate e a qualidade dos animais vem sendo uma característica constante na pecuária.

O crescimento populacional no mundo, a melhora na condição de vida do brasileiro, passando das classes D e E para a classe C, os países emergentes em constante crescimento vem aumentando o consumo de carne verme-

lha e o nosso país , por possuir todos os atributos necessários de produção é o único com condições de crescimento para o fornecimento de carne vermelha para o mundo.

Mas vamos ao que nos interessa na minha visão de um consultor de produção e confinador e mostrar aqui a minha análise de mercado para 2014.

Faremos uma retrospectiva para iniciarmos nossa análise

Em 2013 o ano começa com um volume de chuvas muito bom com boas condições nas pastagens e agricultura em pleno desenvolvimento, trazendo uma boa oferta de animais de pasto e segurando a alta dos preços no primeiro semestre e desestimulando o aumento do confinamento .

Com a chegada do inverno que foi marcado com temperaturas bem abaixo de anos anteriores e com geadas e seca em varias regiões produtoras fez com que as pastagens sofressem muito causando uma baixa oferta de animais terminados a pasto e iniciando uma recuperação gradativa dos preços do boi gordo.

A chegada de 2014

Clima

Terminamos 2013 com falta de chuva em varias regiões produtoras e iniciamos 2014 com a mesma condição do final de 2013 e até agora não conseguimos uma boa recuperação das pastagens e essas condições de seca e pastos em fase de recuperação vem atrasando a safra de bois de pasto. Os meses de dezembro e janeiro que são os principais para recuperação das pastagens tiveram uma diminuição do regime pluviométrico no qual não víamos há mais de 40 anos.

Safra

Mesmo com a falta de chuvas e atraso na safra não podemos esquecer que ela existe e temos que tomar cuidado com a euforia, pois o boi de pasto mesmo com menor oferta aparecerá principalmente nas regiões do Centro Norte onde vem chovendo bem. Nas regiões do sudeste e sul as condições de safra será com preços firmes ao logo do período.

Entre Safra

Com as condições climáticas comprometidas a entre safra inicia-se mais cedo com um aumento significativo do confinamento pois os preços da arroba começam bem aquecidos em 2014. Neste momento inicia-se uma tentativa de regularizar o fornecimento de bois para o mercado interno e exportação.

Mercado Interno

Consumo interno aquecido com aumento de renda da população e consumo que em anos anteriores atingia 36 Kg por habitante e hoje com 42 Kg.

Outro fator importante é um ano de copa do mundo onde teremos um aumento da população com turistas vindo de todas as partes do mundo ávidos pelo churrasco brasileiro, além do brasileiro que não fica sem um bom churrasco.

Exportações

Com problemas climáticos em países exportadores como Austrália e diminuição do rebanho nos Estados Unidos e Europa com baixa condição de produção sobra para o Brasil uma grande fatia. A desvalorização do real perante o dólar faz com que países importadores tenham uma melhor condição de compra da carne brasileira.

A crise de 2008 que atingiu os Estados Unidos e países da Europa, e que já estão em plena recuperação melhorando a condição e compra da população favorecendo as exportações brasileiras.

Dificilmente veremos uma arroba abaixo dos três dígitos nas regiões sudeste e sul.

Mesmo com o aumento do confinamento os preços permanecerão bem firmes e consistentes em 2014.

Será um bom ano e recuperação de preços da arroba do boi gordo.

Resumo

O ano de 2014 passa por mudanças significativas, pois as geadas que prejudicaram as pastagens em 2013, seca e baixa condição produtiva das pastagens no início de 2014, a demanda aquecida da população, alta do dólar e países em busca da carne brasileira favorecem o aumento de preços da arroba em 2014.

Perspectivas para o mercado do boi para 2014

Mateus Arantes, , engenheiro agrônomo (Esalq/USP) e CEO da Fazenda São Mateus, em Três Lagoas – MS

O mercado do boi sempre apresentou discussões calorosas sobre sua previsão e controle de preços. Pecuarista, frigorífico e governo estão sempre se esbarrando nestas discussões. Na década de 80 tivemos até helicópteros sobrevoando os céus brasileiros à procura de cabeças de gado devido ao congelamento de preços.

As conquistas com estabilidade econômica e o fluxo de capital para os emergentes nos últimos anos fez com que a renda das classes menos privilegiadas aumentasse e houve um consumo de bens e serviços "nunca visto antes neste país". No entanto, o risco da volta da inflação, o subsídio do setor energético, o afrouxamento na políti-

ca fiscal, o aumento do gasto do setor público sem retorno para a população, podem minar a confiança no país e colocar o Brasil de novo em uma situação desconfortável.

O governo começou a entender que nada adianta seu viés ideológico e a morosidade no que se refere às políticas públicas e infraestrutura. Começou a sentir que a conta vai ficar cara, devido à insatisfação da população nas ruas como aconteceu em 2013. E que enxergar somente o voto como moeda começa a dar sinais de fraqueza, necessitando uma atuação mais profissional quando se trata de gestão das contas públicas.

Os problemas estruturais do agro, como questões ambientais, indígenas e infraestrutura começam a ganhar mais destaque nas associações de classe, que vêm atuando de forma consistente, procurando o diálogo e a negociação como forma de resolução de conflitos.
As tecnologias disponíveis para a pecuária estão consolidadas preparando o setor para um salto de produtividade e pronto para atender o mercado mundial de carne.

É de conhecimento de todos que estamos num início do ciclo de alta. Recentemente ofereceram R$ 1.100,00 por cabeça a um produtor de Três Lagoas que cria bezerros de qualidade, sendo que os animais tinham somente 6 meses e ainda estavam no pé da vaca. Isto mostra como o boi entrou forte em 2014 e batendo os recordes de preços dos últimos anos.

A abertura de novos mercados, como China, Sudeste Asiático, volta do Irã e quem sabe EUA vêm melhorar a condição do mercado interno no que se refere a preço. A desvalorização do real no curto prazo também pode favorecer uma demanda mais aquecida pela carne brasileira lá fora que já é recorde tendo faturado em 2.013 US$ 6 bilhões.
Além do mercado, outro fator contribuiu para a subida do preço do boi: o pecuarista se movimentou!!! Cansado da baixa rentabilidade da atividade e perda de renda, resolveu migrar para outras atividades (arrendamento para eucalipto, soja e cana) ou estruturar o seu negócio. No Mato Grosso do Sul é clara essa transformação, pois 2012 encerrou com o menor rebanho em 15 anos (21,4 milhões de matrizes) conferindo redução de 3,5 milhões de cabeça segundo o IBGE. E não para por aí, em 2014 o descarte continua.

O que podemos ver é que mesmo com as discussões em torno do preço do boi, o aumento de pauta de ICM, criação de mais impostos, pouco investimento em infraestrutura e outros assuntos que são recorrentes em torno da atividade, mesmo com tudo isto o problema não se resolve.

O que realmente vem fazendo a diferença é o posicionamento do pecuarista, que quer viver da atividade, que quer sentir o cheiro da terra após uma boa chuva, assistir a bezerrada berrando na desmama, ver uma boa invernada com o gado "rachando" de gordo. O pecuarista que vê não só uma atividade rentável, mas que lhe traz imenso prazer, dignidade. É o pecuarista que vem adotando sistematicamente tecnologias rentáveis, que cuida bem do solo e do rebanho, recupera pastagens e o meio ambiente. Sua produção é baseada na sustentabilidade. É o verdadeiro profissional da carne, com sucessões

que hoje chegam à quinta geração com gente que ama a terra e a atividade.

Esses dias encontrei uma frase muito feliz do novo presidente da sociedade rural brasileira, Gustavo Diniz Junqueira, "O Brasil tem a vantagem de poder contar com diversos 'agronegócios' bem-sucedidos. Nós temos o estilo norte-americano – da produção em larga escala tecnificada de commodities – bem como o formato europeu – pautado por fazendas menores, especializadas em nichos de mercado e produtos de maior valor agregado". Temos produtores com trinta cabeças de gado Wagyu vendendo duas ou três cabeças por mês e faturando trinta mil reais e projetos super intensificados com irrigação e confinamento para doze mil cabeças em mil e duzentos hectares.
Esta é a cara da nova pecuária brasileira que vem se aperfeiçoando ano a ano. Não tem subsídio do governo, enfrenta as mais diversas dificuldades, como a falta de infraestrutura, questões indígenas, ambientais, leis trabalhistas onerosas que tiram renda do trabalhador e não oferecem contrapartida, alta carga tributária entre outras. Esta pecuária está criando gestores cada vez mais profissionais.

Com preço baixo ou alto. Com problemas indígenas ou ambientais. Com Copa e Eleição. Inflação, câmbio favorável ou não. Temos que acreditar que o preço é apenas mais um componente deste complexo mundo agro que vivemos, assim como a seca, o governo, o frigorífico, a estrada ruim, os índios...

A competitividade e a sobrevivência do setor está em nossas mãos. Acreditar nos gestores faz toda a diferença daqui para frente. Inovar com criatividade e bom senso, investir em conhecimento, persistir, superar desafios e ter a chance de não perder as raízes com a terra e olhar para um bonito pôr do sol e sentir o prazer de ter feito o melhor. Sentir orgulho de ser pecuarista.

Que venham os desafios de 2014!

DVD INTEGRAÇÃO
LAVOURA-PECUÁRIA E ILPF

Loja Virtual: **loja.beefpoint.com.br**
Email: **atendimento@beefpoint.com.br**
Telefone: **(19) 2532 - 4620**

▶ ADQUIRA O SEU

Perspectivas para o mercado global de carne bovina em 2014

Jerry O' Callaghan, director de relações internacionais do JBS

De modo geral, temos visto uma tendência gradual e constante na produção e consumo de carne bovina no mundo ao longo desta última década. Desde a eclosão de BSE (vaca Louca) em 1996, o consumidor das economias mais maduras vem modificando sua dieta para incluir menos carne vermelha. Temos visto vários movimentos que se destacaram, desde questões de meio ambiente, sustentabilidade, no sentido amplo da palavra, e bem estar-animal para gerar questionamento sobre a origem das carnes que consumimos.

Como as mudanças climáticas que nos afetam diariamente, tem-se procura-

do associar a origem dos produtos que consumimos a questões fundamentais, as vezes de uma maneira questionável, mas que resultou em uma diminuição constante de consumo de carne vermelha nesses mercados que eu classifico como maduro. Falo principalmente da Europa hoje, englobando 28 países e mais que 500 milhões de consumidores, Estados Unidos da América, com mais que 300 milhões de consumidores e Japão, com mais que 120 milhões de consumidores.

Na contramão deste movimento, temos observado um apetite enorme para consumir mais carne vermelha advindo de novos consumidores nos chamados mercados emergentes. A melhora da renda e o crescimento populacional muito maiores nestes países representa uma demanda mundial que cresce a passos largos e que é muito mais expressiva do que qualquer diminuição de consumo nos mercados maduros. Um bom exemplo é a China. A renda per capita vem melhorando substancialmente nos últimos anos e essa melhora da renda aliada a uma urbanização da população chinesa está gerando uma demanda que o mundo não consegue suprir hoje. Fala-se que 530 milhões de chineses saíram do campo nesta última década.

De produtores, transformaram-se em consumidores com renda melhor e desejo de consumo que se manifesta primeiramente em suas dietas. E a China é apenas um exemplo. Podemos falar do Sudeste Asiático, do Oriente Médio do Norte da África ou mesmo da nossa América do Sul, onde movimentos parecidos estão acontecendo.

Em um estudo recente, a FAO (Food and Agricultural Organization), das Nações Unidas, estimou que 81% da demanda incremental por carnes na próxima década deve vir dos mercados emergentes.

Em 2014, o mundo deve produzir ao redor de 67 milhões de toneladas de carne bovina. Dois países vão produzir perto de um terço de toda essa carne, Brasil e os Estados Unidos da América. Portanto, apesar de a produção de carne bovina existir em quase 200 países, são dois que realmente contam e que merecem uma análise mais profunda. Mesmo com a diminuição do rebanho americano, que este ano caiu abaixo de 88 milhões de cabeças – o menor número desde 1951 – os EUA ainda produzirão ao redor de 11,5 milhões de toneladas este ano. Já o Brasil dá sinais de um crescimento constante e consistente e deve alcançar 10 milhões de toneladas produzidas.

De toda a produção mundial, 11 milhões de toneladas serão exportadas e quando analisamos o mercado de exportação, temos que somar a Austrália aos dois maiores produtores, já que os australianos exportam três quartos de tudo que produzem. Somados esses três países, estamos falando de 50% de tudo que é comercializado internacionalmente. O mercado internacional vem crescendo e fazendo a diferença nos últimos anos. Tanto na Austrália como no Brasil, o setor sente que só há viabilidade do negócio em função desta demanda no mercado externo. Não devemos ver mudança em 2014. Apesar de haver certa desigualdade em termos de acesso aos mercados, onde Brasil leva o pior, devemos ver o país atingindo novos recordes e rumando para US$8 bilhões em receita vinda do exterior, uma cifra nem sonhado há

poucos anos.

O que o Brasil precisa fazer para melhorar seu desempenho e para se igualar a países como Austrália em termos de acesso aos mercados? Estamos vendo uma aproximação entre setores público e privado para somar esforços em abrir novos mercados, mas ficamos ainda na sombra de velhos problemas. Até hoje, temos que lidar com políticas protecionistas arcaicas com destaque para o bloco europeu, onde o lobby dos produtores se sobrepõe ao interesse dos consumidores e, claro, temos que fazer nossa lição de casa quanto às questões de saúde animal e saúde pública.

É de se espantar que estejamos há mais que um ano impedidos de acessar certos mercados relevantes em função de uma vaca com BSE atípica no estado do Paraná, descoberta em 2010 e comunicado ao mercado internacional dois anos depois. Definitivamente, os setores público e privado não podem continuar a aceitar passivamente este tipo de imposição sem base científica. O mercado internacional é fundamental para o sustento de toda a cadeia bovina no Brasil, que emprega tanta gente e sustenta tantas comunidades. Temos que gritar mais alto e usar o esforço de toda a máquina governamental diante de uma injustiça tão contundente. Paralelamente, devemos seguir crescendo e descobrindo novos caminhos para velhos e novos consumidores.

Recentemente, acompanhamos notícias de Washington que os EUA estão fazendo uma consulta pública para levantar as restrições hoje existentes em relação a importação de carne in natura brasileira. O processo tem datas definidas e deve chegar a um desfecho positivo para o Brasil até o final de 2014, mesmo que seja sob um sistema de cota que deve restringir os volumes. Em um relatório recente, o Rabobank classificou os EUA como "Uma Nação de Carne Moída" fazendo referência ao aumento de consumo dessa categoria por ser mais conveniente e exigir menos habilidade no preparo. A estimativa é que até 62% de toda a carne bovina consumida na terra do Tio Sam é, de alguma forma moída, seja no hambúrguer, seja no molho bolonhesa ou em outra forma.

Enquanto isso, vemos que a indústria norte-americana está se esforçando para produzir um boi de melhor qualidade, com mais carcaça "Choice" e menos "Select" justamente para atingir margens condizentes para o setor. Na verdade, os produtores americanos estão se preocupando com o "Porterhouse" e o "New York Sirloin" porque é nessas categorias que se rentabiliza mais o negócio em detrimento do consumo mais popular de produtos à base da carne moída. É baseado nessa tendência que o governo americano está fazendo a consulta pública, preocupado com inflação e desabastecimento. Bom para o Brasil. Melhor ainda é o que vem depois. Com a chancela do USDA (United States Department of Agriculture) – ministério da agricultura americano – o Brasil vai gradativamente entrar em mercados sonhados há muitos anos. O que se vê é uma globalização do comércio da carne com menos barreiras e menos tarifas, facilitando esse comércio não em função da bondade de autoridades alheias, mas impulsionado pelo consumo e pela impossibilidade da produção local dar conta da demanda.

O que se vê no Brasil é uma produção mais focada em volume e menos em qualidade. Isso ocorre em função do consumidor a que temos acesso hoje. Exceto uma parcela do consumo brasileiro e de alguns poucos mercados fora, estamos preocupados em produzir carne magra e volumes maiores para atender essa demanda. Perdemos um pouco o passo no quesito qualidade e isso vai nos fazer falta mais adiante. Hoje, não temos dimensão do rumo que estamos tomando deixando de nos preocupar com cobertura de gordura e a tipificação da carcaça. Chegando o Natal de 2014, vamos lembrar da qualidade quando deparamos com uma picanha americana nos nossos supermercados a preços bem mais competitivos e de melhor qualidade do que a nacional. Na medida em que teremos acesso a mercados mais exigentes, vamos correr para nos preocupar com qualidade e assim ter uma produção mais diversificada e mais rentável.

Demanda de mercados emergentes sustenta previsão positiva para mercado mundial de carne bovina

Bob Bansback, presidente do Comitê Econômico do Secretariado Internacional de Carnes (International Meat Secretariat – IMS).

Os preços mundiais da carne bovina vêm aumentando firmemente desde meados de 2013 (de acordo com informações da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO) - e deverão permanecer em níveis relativamente altos por grande parte de 2014. Uma razão para isso é que a produção de carne bovina não está aumentando o suficiente para suprir o crescente apetite por carne bovina no mundo; dos principais países produtores, somente Índia e Brasil deverão ter uma produção significativamente maior em 2014 e os Estados Unidos,

maior produtor mundial de carne bovina, deverá ter uma queda de 5% nesse ano (um efeito da redução no volume de mais de 600.000 toneladas). Ao mesmo tempo, a demanda do Extremo Oriente (especialmente China) e mercados em outras economias emergentes permanecem fortes. Um analista especialista resumiu o dilema enfrentado por alguns importantes países importadores à medida que contemplam 2014 quando disse "olhando para frente, a principal questão em muitas regiões provavelmente será onde obter ofertas suficientes de carne bovina, dada a escassa disponibilidade e a maior demanda global

Restrições à expansão da produção mundial de carne bovina

Olhando além da situação para 2014, existem poucos sinais atuais de que haverá um aumento acentuado na produção mundial de carne bovina nos próximos dois a três anos. A última estimativa do rebanho global de bovinos feita pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) sugere que os números de bovinos em 2014 será menos de 0,5% maior do que no ano anterior e somente 1% maior do que a situação em 2009.

Por que os preços relativamente altos dos bovinos não estão estimulando uma expansão maior? Existem três principais razões:

– Até metade de 2013, os custos de produção da carne bovina em muitas partes do mundo aumentaram mais do que os preços dos bovinos e da carne bovina. Isso foi particularmente verdadeiro para alimentos animais, mas os maiores preços da energia também impactaram sobre outros fatores de custos, com fertilizantes. Essa situação agora mudou e para muitos países, os custos dos cereais e proteínas da alimentação animal estão em níveis substancialmente menores; o preço do petróleo bruto também não está significativamente maior do que no ano anterior. Entretanto, essas menores estruturas de custos levarão tempo para funcionar e os produtores de bovinos estarão cautelosos diante de decidir expandir em vista das recentes flutuações de preços. Além disso, na União Europeia (UE), os novos arranjos da Política Agrícola Comum (PAC) resultarão em menores pagamentos de suporte para muitos produtores de carne bovina – e a maioria dos produtores de carne bovina da UE atualmente depende desses pagamentos de subsídios para ter uma margem líquida positiva.

– A produção de carne bovina em algumas áreas do mundo está competindo com outros empreendimentos pelo uso da terra. Nos últimos anos, empresas alternativas foram mais lucrativas do que a carne bovina. Em alguns casos (por exemplo, partes da América do Sul), isso significa soja e outras colheitas; em outros (por exemplo, Nova Zelândia) a produção de leite esta aumentando às custas das produções de ovinos e bovinos de corte.

– Mais um impedimento para a expansão está relacionado à maior volatilidade dos preços dos alimentos animais e do clima nos últimos anos. Secas e enchentes ocorreram na Austrália e na Nova Zelândia, bem como na América do Norte. Essa volatilidade tem somente se somado à incerteza que muitos produtores já enfrentaram com custos

flutuantes dos alimentos animais.

Crescimento na demanda de importação de carne bovina – particularmente na China

Outro fator que está fazendo com que os preços da carne bovina permaneçam relativamente altos tem sido a crescente demanda por carne bovina em economias emergentes da Ásia, Oriente Médio e África (particularmente África do Norte). A FAO estima que entre 2009 e 2013, 1,6 milhão de toneladas extras de carne bovina foram exportadas a essas regiões – um aumento de 50%.

O desenvolvimento mais marcante tem sido na China. Enquanto em 2009 as importações da China foram estimadas em apenas 3% dos volumes globais de importação, esse dado aumentou para 10% em 2013, segundo estimado pelo GIRA, e em 2014, a China deverá se tornar facilmente o maior país importador de carne bovina, com volumes importados de mais de 1,3 milhão de toneladas. O crescimento no consumo tem sido intimamente relacionado ao aumento nas rendas dos consumidores chineses durante esse período – particularmente a maior proporção da população com rendas disponíveis bem acima dos níveis de subsistência. Apesar da China ser um importante produtor de carne bovina, não é capaz de manter o ritmo com o aumento no consumo nos últimos anos e tem, dessa forma, precisado aumentar sua dependência das importações.

Perspectivas de exportação razoáveis para outros mercados importantes de importação

As quatro outras principais áreas/países importadores de carne bovina do mundo são Rússia, Japão, Estados Unidos e UE. Na Rússia e Japão, a produção permaneceu relativamente estável nos últimos quatro anos e há sinais de que ambos os países continuarão precisando importar grandes volumes em curto a médio prazo. No caso dos Estados Unidos e da UE, os níveis de produção em ambos os países declinaram nos últimos anos. Para os Estados Unidos, o USDA está prevendo um aumento de 2% nas importações de carne bovina em 2014. A demanda de mercado nos Estados Unidos também atualmente favorece os produtos importados – um relatório recente destaca o fato de que até 60% do consumo de carne bovina dos Estados Unidos agora é de carne moída – mostrando que esse é atualmente o crescimento final do mercado de carne bovina. As importações de carne bovina dos Estados Unidos são quase todas destinadas ao setor de carne moída.

Importância das discussões sobre o Acordo de Livre Comércio para a UE

No caso da UE, a maioria da carne bovina importada atualmente vem em esquemas de cotas preferenciais. As quantidades a serem importadas pela UE podem mudar se as negociações da Rodada de Doha forem concluídas ou se mais Acordos de Livre Comércio com a UE forem negociações. Realisticamente, há uma probabilidade muito pequena de um acordo amplo na rodada de Doha em um futuro próximo; mas existem três acordos de livre comércio que poderão ter relevância para o futu-

ro comércio de carne bovina. Os principais elementos do acordo UE-Canadá (CETA) foram concluídos em outubro de 2013, embora muitos detalhes técnicos precisem ser esclarecidos. As negociações do Acordo Comercial EUA/UE (TTIP) estão atualmente sendo feitas com o desejo a nível político de garantir um acordo rápido; no entanto, as negociações somente começaram no meio de 2013 e existem muitos assuntos complexos a serem resolvidos. Finalmente, as discussões UE-Mercosul vêm sendo feitas há algum tempo e teriam, é claro, um interesse particular para a indústria da América do Sul. Deve-se enfatizar, entretanto, que no caso do CETA, TTIP e UE-Mercosul, o impacto de qualquer acordo alcançado teria implicações de médio prazo (ao invés de curto prazo) para os países exportadores de carne bovina envolvidos.

Quanto tempo durará o firme mercado mundial para a carne bovina?

O preço mundial atual relativamente alto está claramente favorável para os exportadores de carne bovina. Nessa situação, alguns países exportadores se beneficiarão mais do que outros, dependendo das taxas de câmbio, medidas políticas e uma série de outros fatores. Não se pode esperar que a atual situação dure para sempre, entretanto. Em prazo mais longo, pressões de oferta e demanda trarão mudanças. Do lado da oferta, qualquer período sustentado de lucratividade favorável para os produtores de carne bovina encorajará o aumento da produção. Com relação à demanda, os consumidores podem gradualmente mudar para comprar carnes com preços mais competitivos se os preços da carne bovina se sustentarem em níveis altos durante um longo período. Além disso, existem, é claro, alguns fatores imprevisíveis, como clima e ameaças de doenças animais, que podem ter uma influência nos desenvolvimentos do mercado. Entretanto, no momento, há várias razões para ver a situação da carne bovina positivamente do ponto de vista da indústria.

Pós-escrito

No Reino Unido, uma fonte de encorajamento para a indústria britânica após um ano desafiador tem sido o crescimento nos gastos dos consumidores das famílias britânicas em carne bovina fresca e congelada. Em 2013, os consumidores na Grã-Bretanha gastaram 4% mais do que no ano anterior. Essa porcentagem de aumento foi acima da taxa de 2013 de inflação e a taxa de crescimento econômico para a economia britânica como um todo. Somado a isso, a última previsão para o consumo de carne bovina no Reino Unido de nosso Comitê de Desenvolvimento Agrícola e Hortícola em 2014 é para um aumento de 2%. Como uma indústria mundial, podemos certamente nos unir pata ter o objetivo final de satisfazer nossos consumidores.

As visões expressas nesse artigo são minhas e não necessariamente refletem as do IMS.

GESTÃO DE PESSOAS
na pecuária de corte

Loja Virtual: ***loja.beefpoint.com.br***
Email: ***atendimento@beefpoint.com.br***
Telefone: ***(19) 2532 - 4620***

▶ ADQUIRA O SEU

Previsão otimista para a indústria de carnes: com melhor demanda global por carnes e menores custos dos alimentos animais

Richard Brown, diretor do GIRA, União Europeia

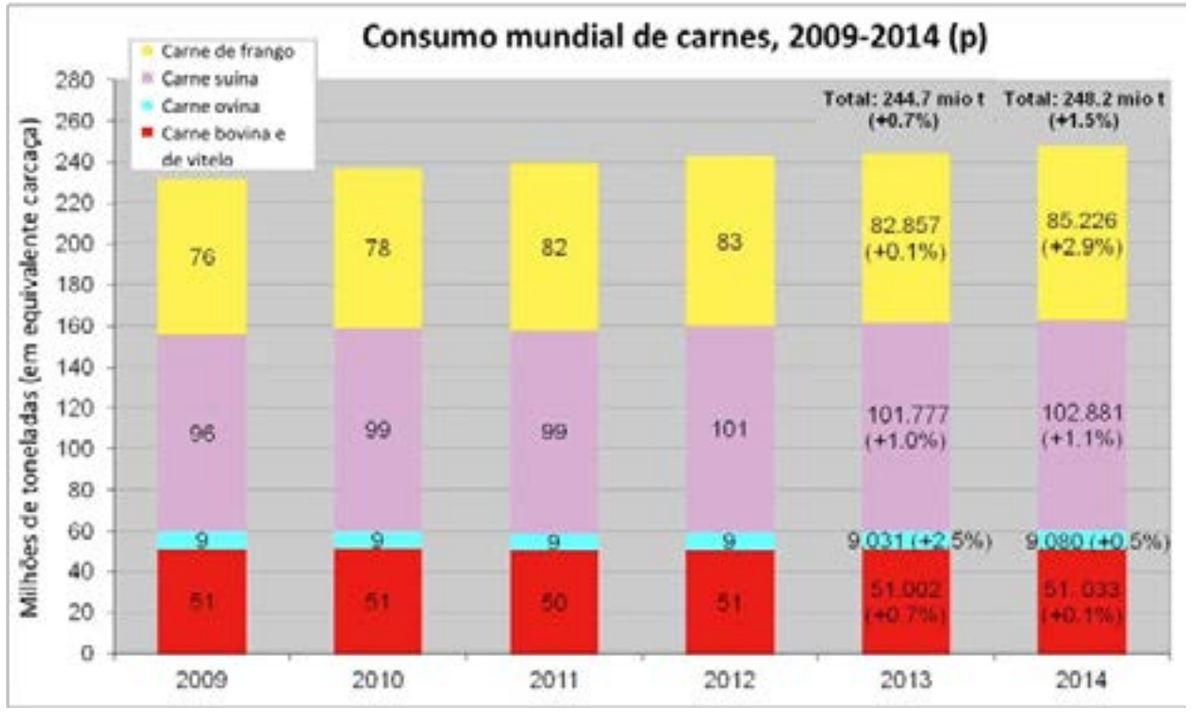
O último relatório anual Gira Meat Club conclui com uma previsão muito mais favorável para o setor global de carnes em 2014. Condições econômicas mais fortes favorecerão um melhor crescimento da demanda por carnes e os custos cairão devido aos menores custos dos alimentos animais. Isso deverá ser bom para a lucratividade dos produtores, mas em muitos países, será um ano difícil para os processadores.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global deverá aumentar em +3,6%

e com menos riscos de "fraturas" do que nos dois últimos anos, liderado pelos mercados emergentes (BRIC+) e com o crescente interesse nos chamados países MINT (México, Indonésia, Nigéria e Turquia). Mesmo a economia da União Europeia (UE) deverá sair da recessão, apesar de a recuperação não ser universal e de os níveis de desemprego permanecerem uma importante preocupação.

O crescimento no consumo global de carnes deverá ser modesto, em +1,5%, que ainda está em uma taxa mais baixa que a média histórica. Isso reflete a contínua cautela do setor de carnes: com séria resistência de preços dos consumidores e dos varejistas nas economias desenvolvidas, as perturbações do comércio e a inflação de custos de longo prazo impedem o crescimento.

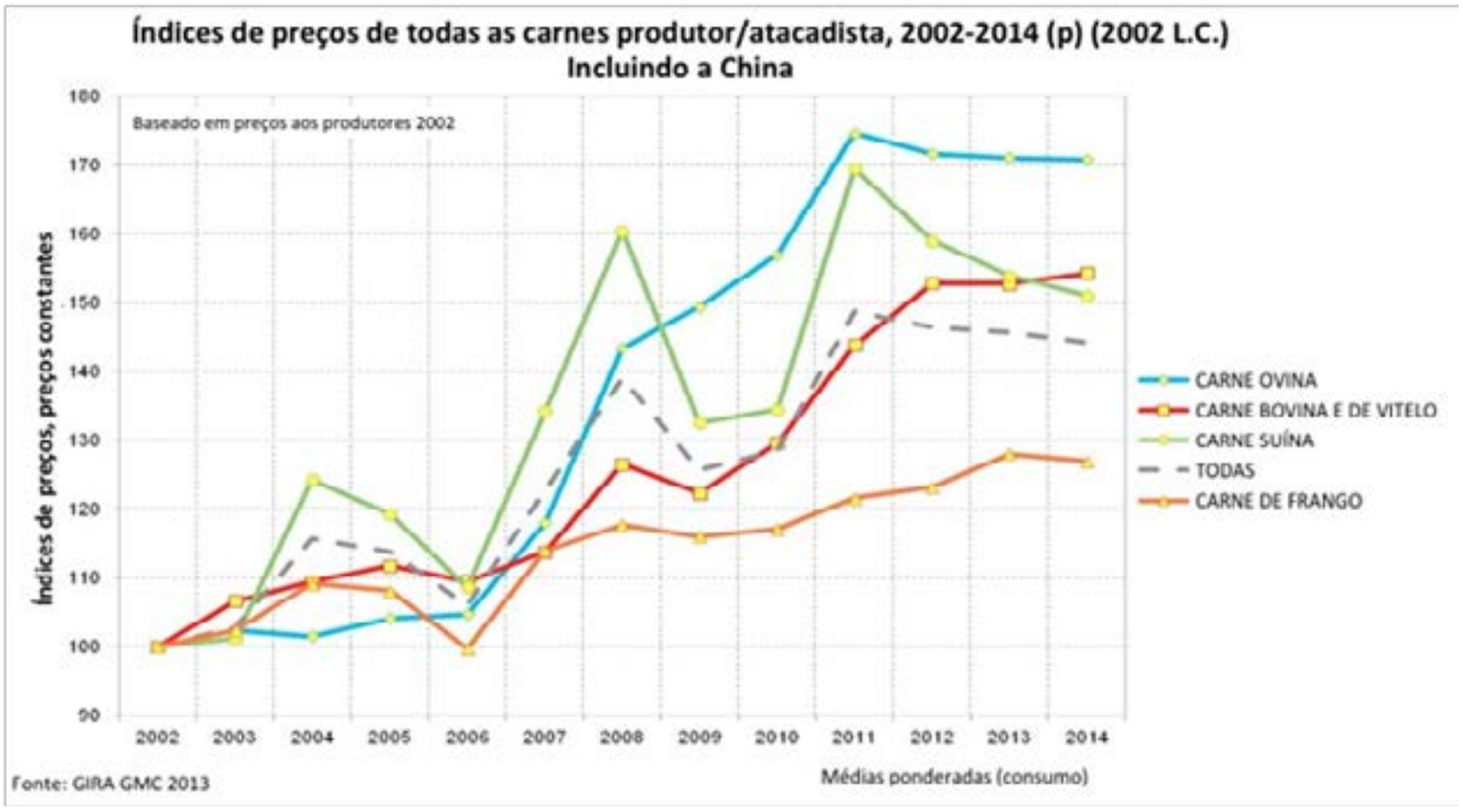
Após um ano ruim em 2013 – impactado pelos altos custos dos alimentos animais e pela gripe aviária, o setor de carne de frango mostrará o maior crescimento. As indicações são de que os integradores cairão na armadilha normal da excesso de expansão agressivo, que minará o preço do frango, em um momento quando a oferta de carnes vermelhas ainda está limitada.



Em média, os preços globais dos produtores deverão se manter estáveis ou mostrar uma pequena redução de preços, mas com relação aos atuais altos níveis, que somente suavizaram um pouco com relação ao aumento muito forte em 2011. Essa alta nos preços foi direcionada pelos problemas de oferta da China e da Coreia do Sul, exacerbados por desafios das doenças, síndrome reprodutiva e respiratória dos suínos (PRRS) e febre aftosa, respectivamente, sobrepostos em uma cadeia mundial de fornecimento de carnes que é "pressionada" e geralmente conservadora e cautelosa. Essa cautela na oferta reflete muitos fatores diferentes – mas o maior seria o aumento nos custos de produção (especialmente alimentos animais) desde 2007.

Entre as espécies, houve tendências mistas de preços para 2013. O índice de preços da carne suína continuou caindo à medida que foi fortemente influenciado pela China, onde os preços caíram à medida que as ofertas se recuperaram. Em outros locais do mundo: os preços da carne suína firmaram à medida que os produtores reduziram a produção devido à combinação de pressão dos custos dos alimentos animais, aumento das restrições de bem-estar animal e preocupações de demanda. Para 2014, a tendência de preços para carne suína e de frango será de baixa – mas os preços dos bovinos e ovinos aumentarão à

medida que a oferta permanece pressionada. O índice de preços globais da carne ovina do Gira é ainda mais fortemente influenciado pela China do que o da carne suína.



Os preços das carnes na China estão em um momento de alta, à medida que a demanda continua crescendo. A China está exercendo uma influência cada vez mais importante no mercado global de carnes. Por muitos anos, a China dominou o consumo mundial de carne suína e, portanto, o consumo mundial de carnes. Historicamente, como a China era basicamente autossuficiente, com baixos preços da carne e uma abordagem insular, o que acontecia na China tinha um pequeno impacto na indústria de carnes e no resto do mundo. Aqueles dias claramente se foram:

- Durante os últimos anos, os preços chineses aumentaram e têm uma grande participação no direcionamento para cima dos preços médios mundiais. Os preços chineses se tornaram internacionalmente atrativos aos exportadores – e também deverão motivar a produção doméstica chinesa, para a qual a produção industrial está substituindo o setor tradicional de quintal – em alguns casos, rapidamente.

- A China ultrapassou o Oriente Médio e a África do Norte como sendo o maior importador mundial de carnes. Os volumes de importação de carnes continuam aumentando – para mais de 4,3 milhões de toneladas em 2014 (previsão). Esse dado não inclui miúdos: para os quais os volumes e os níveis de preços estão altamente atrativos para os exportadores em outros países também;

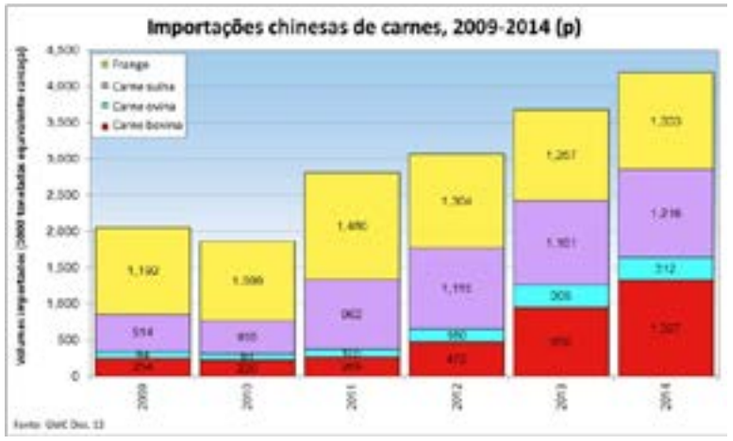
- A gama de cortes e a qualidade dos mesmos que estão sendo importados estão melhorando. Isso novamente é bem ilustrado pela carne ovina – para a qual a China se tornou o maior importador. Essa nova demanda de importação teve um impacto significativo nos preços, especialmente à medida que o comércio ovino é tão dominado pela Austrália e pela Nova Zelândia: ambos que enfrentaram problemas de seca

em 2013, o que limitará as ofertas em 2014.

– A maioria do comércio de importação da China é direta, ao invés de ser canalizada através dos "canais cinzas". Uma maior transparência torna o comércio mais lucrativo e menos volátil para os exportadores.

– Principais desenvolvimentos da indústria chinesa no mercado doméstico e no exterior: compra em 2013 da Smithfield Foods pela Shuanghui foi um desenvolvimento dramático: com a maior processadora de carne suína sendo propriedade de de chineses. A China também é um dos mercados mais dinâmicos para novos investimentos – como ilustrado pela abertura do novo projeto integrado de frango de US$ 250 milhões de Cargill em Anhui e muitos outros projetos e desenvolvimentos para todos os principais membros da indústria do mundo.

Claramente, os volumes chineses de importação estão excedendo o comércio o crescimento no comércio global de carnes em cerca de 2% em 2013 e 2014.



Para 2014, a carne de frango mostrará o maior crescimento no volume comercializado, que é permitido devido aos maiores níveis de produção, à medida que os problemas de custos dos alimentos animais de 2012/13 diminuem. Apesar de muito mais limitado pelas barreias comerciais sanitárias e fitossanitárias e preferências religiosas, os volumes de comércio de carne suína também aumentarão novamente. Em ambas as espécies, os volumes comerciais aos mercados emergentes da Ásia e da África Subsaariana estão se tornando cada vez mais importantes. A velocidade pela qual a indústria de frango dos Estados Unidos encontrou mercados alternativos à Rússia, para seu subproduto coxa e sobrecoxa é impressionante e parece menos propenso à ruptura do que o comércio de carnes vermelhas.

O crescimento nos volumes comercializados de carne bovina é explicado pelo aumento meteórico recente nas exportações de carne de búfalo da Índia. Nos outros locais, o comércio de exportação de carne bovina está limitado pela oferta. Isso será especialmente o caso da Austrália, à medida que os produtores se esforçam para reconstruir o rebanho após os abates induzidos pela seca em 2013.

O setor de carne suína enfrentará um ano melhor pela frente: mas com alguns fatores de riscos de doenças importantes na forma de febre suína africana (ASF) na Rússia e Vírus da Diarreia Epidêmica Suína (PEDv) nos Estados Unidos especialmente e, é claro, o coquetel de riscos de doenças na China. Essas têm potencial para prejudicar o comércio e também de ter um efeito significativo nos preços.

A referência repetida à importância da China torna a escolha de Pequim como local para o IMS World Meat Congress nesse ano, em junho, especialmente pertinente.

Onde está o negócio de carne bovina?

Pablo Caputia, Direção de Informação e Análises Econômicas do Instituto Nacional de Carnes do Uruguai (INAC)

Uma ponte com muitos níveis

Imagine na margem de um rio um animal pastando. Imagine na outra margem do rio um consumidor faminto esperando sua porção de bife. Entre ambas as margens, há uma ponte com vários níveis: a cadeia da carne bovina. Os principais níveis desse negócio são cinco. Nem dois (produtor, consumidor), nem três (produto, indústria, supermercado). Cinco. Se o negócio está nivelado, podemos imagina-lo como uma ponte horizontal: se um põe água (ou dinheiro) no centro da ponte, essa se distribuirá homogeneamente entre todas as partes. Se o poder econômi-

co está desnivelado, será como essas pontes curvas onde a água (ou o dinheiro) se move de um lado para o outro.

O primeiro nível é o proprietário dos recursos naturais terra e água. Quem tem a propriedade desses recursos pode optar por produzir ele mesmo ou arrendar para que outros produzam. É a velha história que levou os grandes economistas britânicos, como David Ricardo, a se perguntar pela aluguel dos terra-tenentes (ou água-tenentes?). Hoje em dia, esses terra (água)--tenentes podem ser também fundos de pensão, beneficiando milhares de atuais ou futuros aposentados.

O segundo nível é o criador de vacas. É quem se encarrega de que a vaca fique prenhe e de fazer seu negócio. Vendendo dois produtos: as vacas de descarte e os bezerros. Seus rendimentos dependem da venda de ambos os produtos e, por isso, em muitos países não se busca um desmame muito alto: o criador precisa vender vacas de baixo desempenho ao longo do ano para ter liquidez e pagar as contas.

O terceiro nível é o dos engordadores. A pasto ou com grãos, pequenos e isolados ou enormes e concentrados, como nos grandes confinamentos do mundo. Nesse último caso, muito vinculados ao nível seguinte (processadores), já que no substantivo, um estabelecimento de engorda (feedlot) é um negócio "industrial": tanto no financeiro como no tecnológico se parece mais a uma indústria padronizada que a uma fazenda que convive com a heterogeneidade biológica.

O quarto nível é a indústria de processamento, que desmonta o animal (novilho, vaca ou novilha) em várias peças para sua venda como carne, vísceras, couro e subprodutos. Como a indústria de carros, mas ao contrário: em vez de montar, desmonta. Ou seja: basicamente, um negócio que requer habilidade logística e comercial. Somente os melhores nesses setores serão os vencedores.

Finalmente, está o nível que termina a ponte e que faz chegar a carne ao consumidor: os supermercados e açougues varejistas. É bastante comum no mundo que o açougue tradicional vá perdendo espaço para a venda de carne em grandes superfícies (supermercados).

Uma ponte curva, levantada no meio?

É comum entre os técnicos do setor que falemos muito das margens econômicas desse negócio como se tivesse somente três setores: o criador de bezerro, o engordador de novilho, o industrial que processa. Uma e outra vez olhamos os preços, a margens brutas por quilo ou por hectare, as margens líquidas e a rentabilidade. Às vezes, critica-se uns, às vezes, outros. Em geral, todos se acusam de baixa produtividade e de como se transfere essa ineficiência aos preços. Está bem, é uma parte da história e não devemos esquecê-la.

Porém, há outra parte da história: o primeiro nível da ponte (os proprietários de recursos) e o último nível que fecha a ponte (os supermercados e açougues) influenciam muito no preço que se paga pelo bezerro e pelo novilho. E quase nunca falamos de sua eficiência, sua inovação, seu poder de negociação ou sua rentabilidade.

Na última década, o valor dos recursos naturais (terra-água) se multiplicou no mundo, dado que os investidores perceberam na crise das ponto.com que a demanda de proteínas (fundamentalmente em países emergentes) cresceria mais rápido que a oferta (porque não há nenhuma Revolução Verde na porta, esperando). Por isso, posicionaram parte de seus ativos no agro. Fundos de pensão, fundos de risco, bancos e seus colaterais, investidores individuais estão participando cada dia mais desse jogo. Como as empresas agropecuárias não estão registradas na bolsa (salvo exceções), a forma de entrar no jogo é diretamente, comprando esses recursos. Nos países desenvolvidos, o valor da terra e da água se duplicou ou triplicou na última década. Nos países em desenvolvimento, a taxa de crescimento variou muito mais: em alguns, somente se triplicou, mas em outros, chegou a se multiplicar por dez vezes em dólares correntes. Os grãos (soja, milho), os azeites (palma, soja, canola), os álcoois (cana, milho), as carnes (frango, porco, bovina), as fibras (florestamento) mantiveram essas valorizações patrimoniais que arrastaram a alta aos arrendamentos, como é natural.

Um fenômeno bastante surpreendente para muitos é que na última década, as grandes empresas industriais não foram os grandes ganhadores do jogo. No Brasil, está bastante claro que as corporações gigantes que surgiram ainda lutam por estabelecer um marco de negócios que seja satisfatório para seus acionistas. O fenômeno é estendido no mundo e também na Europa ou Estados Unidos os processadores têm visto suas margens se estreitar de forma muito prejudicial. O nível aparentemente forte (indústria) teve dificuldades para reter a parte mais rentável do negócio de carne. De forma complementar se tem visto como o setor de distribuição, fundamentalmente os grandes supermercados, conseguiram manter seu poder negociador na cadeia (ponte), pressionando para trás por melhores ofertas.

Para usar uma imagem gráfica: na década passada, a ponte se levantou no "meio" em seus níveis produtivos (criador-engordador-industrial). O dinheiro que chegou ali pela melhor demanda não foi retido e se deslizou para ambos os extremos. Por um lado, para os proprietários de recursos terra e água (aumento do valor patrimonial, valor de arrendamentos) e, por outro, para os distribuidores (fundamentalmente supermercados e açougues).

É claro, há investidores mistos (ou produtores) que participam de mais de um nível. Ou ainda que participam dos cinco. Ao fazê-lo, nivelam sua própria ponte para reter melhor os recursos que ali caem.

Gerar e captar valor: um grande desafio

A receita tradicional de um bom negócio é simples: há que tratar de gerar e captar o melhor valor possível. A geração de valor é a primeira parte do filme: simplesmente diz quanto dinheiro entrará na ponte. A segunda parte do filme é, talvez, a mais relevante: quem e como captará a maior proporção desse valor gerado?

Setores com mais competência tendem a inovar mais, aumentar sua oferta e, com o tempo, contribuem para baixar seus preços e margens. Setores

menos competitivos (mais monopólios ou oligopólios) estão melhor posicionados para captar maiores margens sem ter que recorrer a grandes inovações. É somente estar no lugar correto, no momento correto.

A terra, por definição, é um bem finito e não pode se aumentar sua oferta. No entanto, a água (o bom uso dela) tem certa flexibilidade. Tanto em condições de falta, como de excesso. Talvez nessa década vejamos alguma mudança nesse sentido e esse nível que foi tão beneficiado na década anterior em seu valor patrimonial e arrendamento tende a estabilizar-se em seus preços (com variações entre países e regiões).

O setor de supermercados tem sido muito beneficiado com a afluência de milhões de novos consumidores dos países emergentes às classes médias. Seu poder aumentou exponencialmente e seria bom que os governantes levassem em conta esse fator: desbalancear o jogo para o setor de supermercados, porque ali está o consumidor (e o eleitor) via preços baixos dos alimentos, pode ser uma boa resposta de curto prazo, mas muito negativa no longo prazo. Estrangular os três níveis produtivos encarecerá o produto no longo prazo por falta de oferta. Quando se diz que o preço dos alimentos é alto atualmente, os governantes e os estudiosos do problema devem explicar que porção leva cada um dessa torta. Cada um dos cinco que participam, não somente os três (criadores, engordadores, indústria).

Os que amam esse setor seguirão trabalhando na Agenda do Século XX: mais e melhores pastagens, melhor alimentação, sanidade, genética e bem-estar animal, o que se traduz em aumento de produtividade. Melhores plantas industriais, que garantam não somente a inocuidade, mas também a transparência absoluta do processo com bons sistemas de rastreabilidade e automatização de alguns processos. Cuidado extremo do produto e agregação de valor através de inovações e ações tecnológicas e de marketing. Esse é nosso juramento como profissionais do agronegócio e o manteremos até as últimas consequências.

Porém, convido os amigos do BeefPoint que, paralelamente, complementemos essa agenda com algumas perguntas do Século XXI:

Seguirão nossos três níveis produtivos da ponte lutando uma e outra vez através dos preços, sem buscar uma cadeia mais nivelada nos cinco níveis?

Não deve ser analisado com uma visão de portfólio mais ampla o significado do aumento de produtividade, vinculando-o à captação de valor e sustentabilidade econômica de longo prazo da produção de carne bovina?

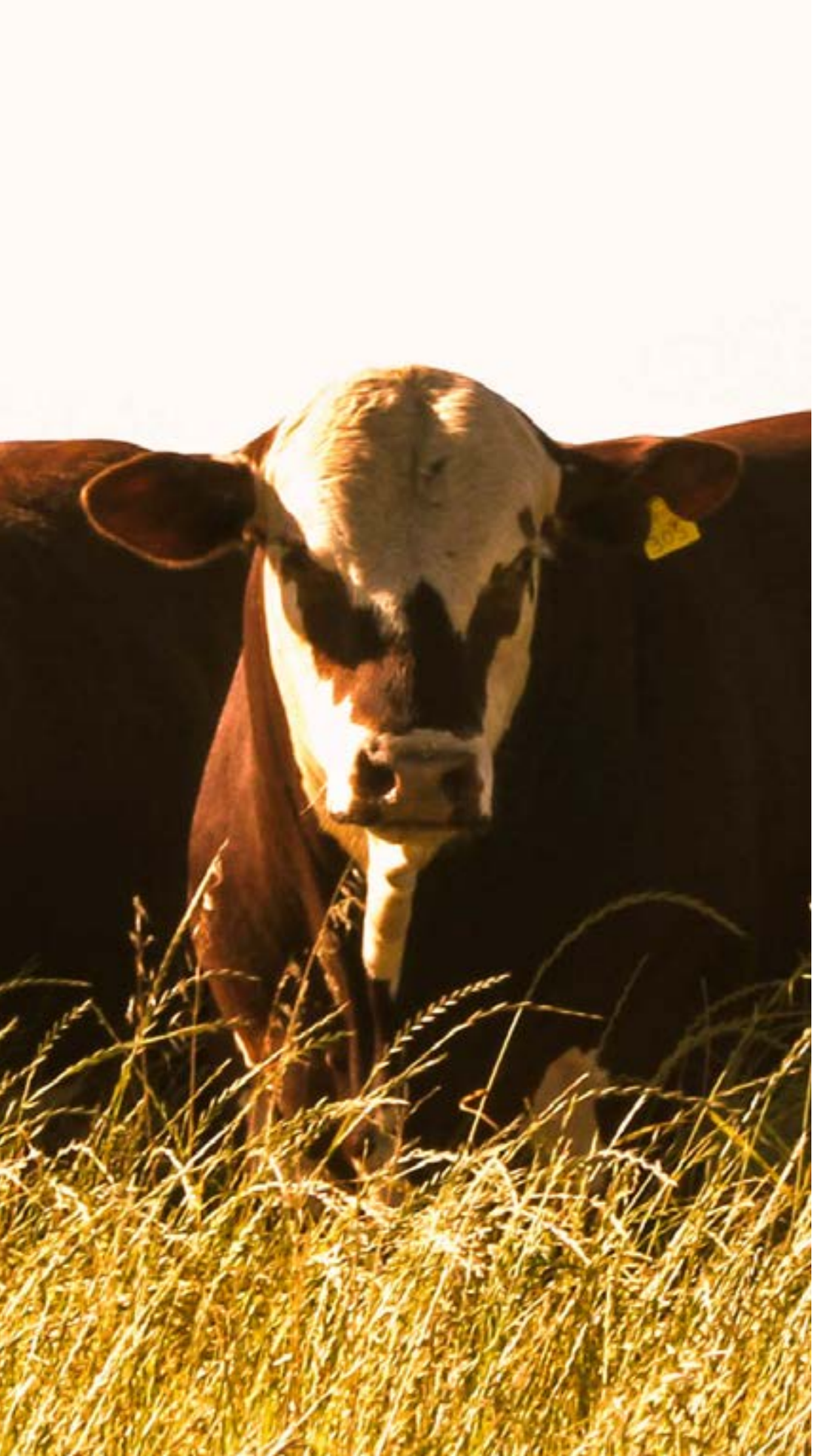
Tem sentido que entremos em projetos inovadores de longo prazo em nossas fazendas e indústrias que requerem não somente dinheiro, mas também compromisso vital se as questões anteriores não estão satisfatoriamente resolvidas?

Um abraço desde o Uruguai.

WORKSHOP 2012
ENGORDA A PASTO

Loja Virtual: **loja.beefpoint.com.br**
Email: **atendimento@beefpoint.com.br**
Telefone: **(19) 2532 - 4620**

ADQUIRA O SEU!



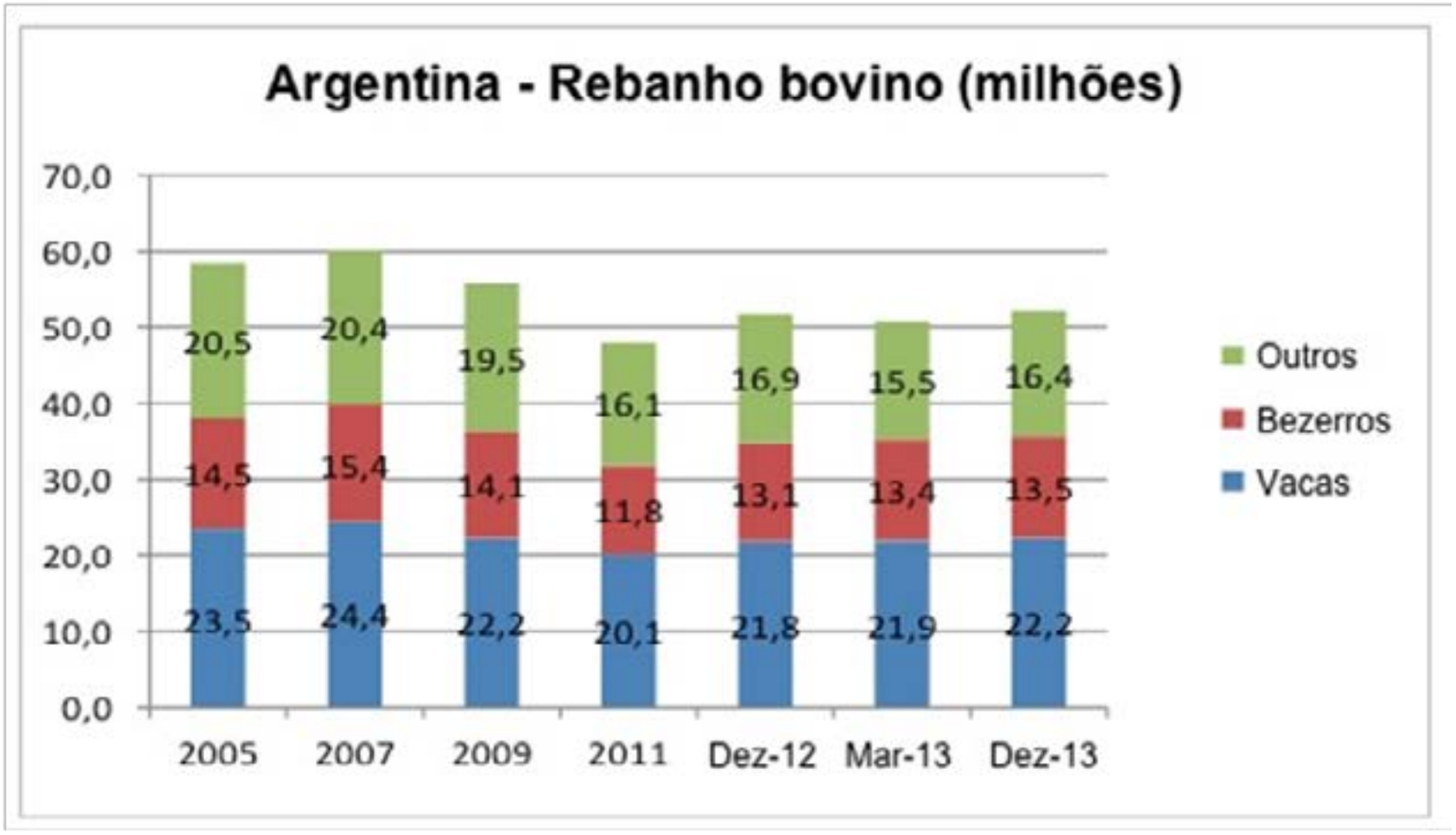
Confira perspectivas para o mercado da carne bovin na Argentina em 2014

Miguel Jairala, Argentina Analista Econômico do IPCVA

O processo de recuperação do rebanho bovino nacional iniciado em 2011 segue sua marcha, ao menos até o fechamento do ano de 2013, chegando a um valor aproximado de 52,1 milhões de bovinos, cerca de 4 milhões acima do piso de março de 2011, ainda que longe dos 60 milhões contabilizados ao final do verão de 2007. No entanto, o perfil da recuperação do rebanho bovino nacional se encontra limitado às categorias mais puras de cria: vacas, bezerras e bezerros, já que a disponibilidade das categorias mais requeridas para a produção de carne, como novilhos e novilhas, ainda se encontram em níveis similares aos do ponto mínimo de 2011.

Gráfico 1: Evolução do rebanho bovino

Essa composição do rebanho bovino do país condiciona a capacidade da indústria frigorífica orientada à exportação, já que o número de novilhos pesados apenas chega a 2,84 milhões, o que implica uma redução do número de novilhos (-40%) com relação aos 4,8 milhões que havia em 2008. A escassa disponibilidade de animais pesados limita a operação de exportação, que



se limitou nos últimos dois anos a apenas 7% da produção de carne bovina.

O problema mais sério que a produção de carne bovina enfrenta no país é a alta volatilidade das variáveis macroeconômicas que obrigam os produtores a privilegiar a realização de seus negócios em curto prazo. No último, ano, a taxa de inflação estimada pelas consultoras privadas aumentou para 28%, enquanto que nos últimos doze meses, o peso argentino caiu em 57% com relação ao dólar americano. Em um contexto de incertezas, o grosso da produção de carne bovina provém de animais de baixo peso e de idade inferior a 15 meses ou de vacas que provêm de rebanhos de cria, comprometendo a produção futura de carne. Como resultado desses condicionantes, observou-se em 2013 que os abates estiveram compostos em 61% por animais jovens cujo peso vivo de abate está abaixo dos 400 quilos, em 20% por vacas e outros e somente 19% vieram de novilhos.

Sob essas limitações econômicas e produtivas, as exportações de carne bovina da Argentina ficaram abaixo de 300 mil toneladas equivalente carcaça ao longo dos últimos quatro anos. A Argentina foi em 2005 o terceiro exportador mundial de carne bovina, alcançando um volume de cerca de 800 mil toneladas equivalente carcaça. No entanto, ao longo dos anos de 2006, 2007 e 2008, o governo nacional implantou várias disposições que restringiram as vendas externas a volumes aproximados a 500 mil toneladas.

Uma forte seca somada às politicas que desestimularam os investimentos na pecuária durante os anos anteriores provocaram uma forte liquidação do rebanho bovino, que caiu em um número superior a 10 milhões de cabeças entre os anos de 2007 e 2011. Desde então, a restrição da oferta pecuária mantém as exportações de carne bovina em níveis mínimos, o consumo doméstico limitado e os preços em níveis nominais que estão 300% acima dos do final de 2009.

A situação da indústria exportadora local de carne bovina é complicada. Apesar da desvalorização do peso argenti-

no no último ano, o aumento constante dos custos em moeda local observado no período de 2010-2013 impactou negativamente sobre a competitividade da carne argentina nos mercados de grandes volumes, ficando o país como um abastecedor relevante no segmento de cortes resfriados de alto valor na União Europeia (UE), no mercado do Chile, tomando um melhor posicionamento a partir dos problemas sanitários enfrentados pelo Paraguai e, em Israel, que somente compra alguns cortes congelados do quarto dianteiro.

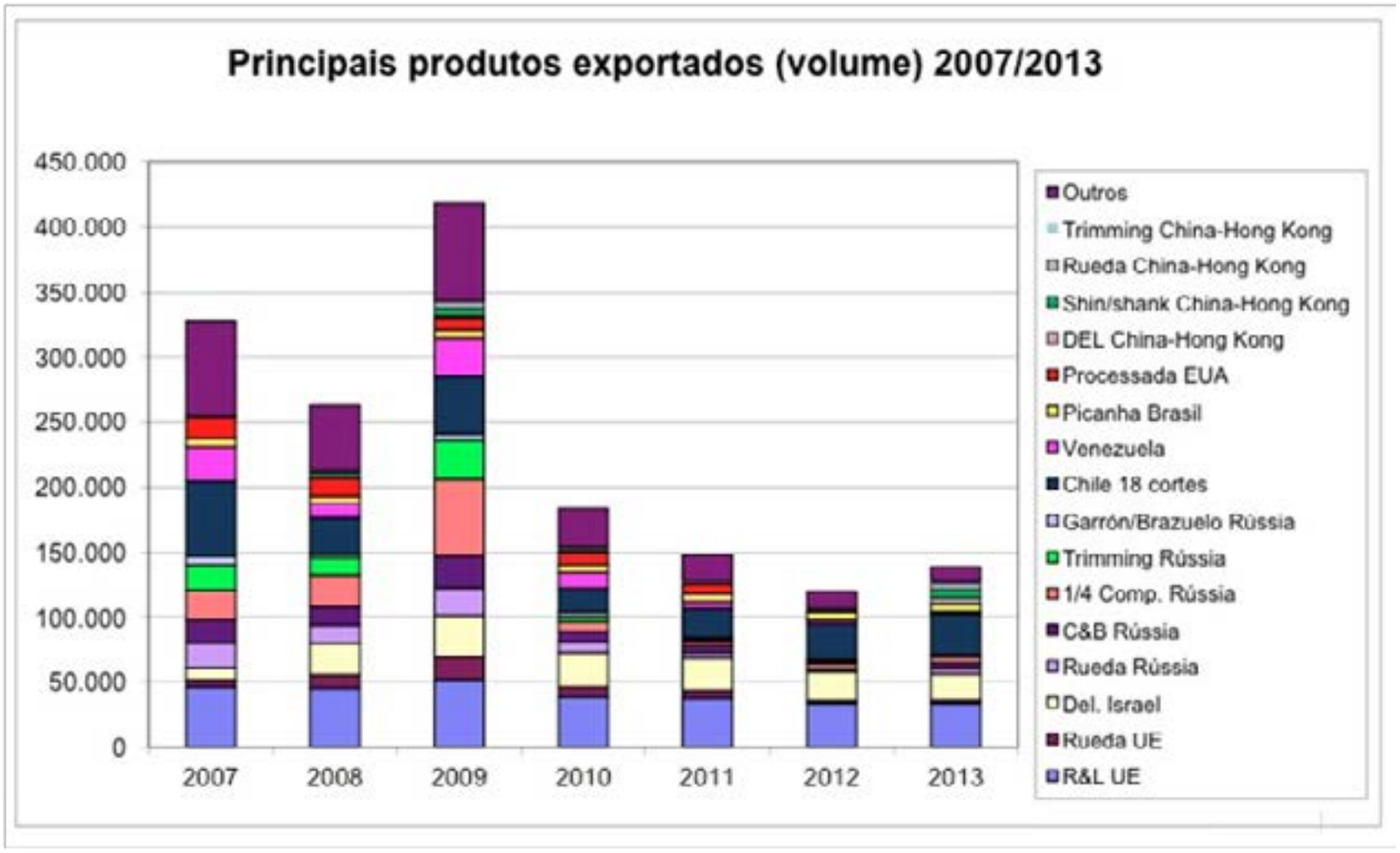


Gráfico 2: Evolução das exportações de carne bovina argentina por produto e destino (toneladas líquidas)

Ao enfrentar um custo de matéria-prima que está 10% acima do registrado no Brasil e no Paraguai, fica inviável para a Argentina ser competitiva no mercado russo, ficando somente habilitada a possibilidade de vender alguns produtos de valor médio no mercado chinês, para o qual o país está habilitado para entrar pelo canal branco.

A situação do setor de carne bovina na Argentina para esse ano de 2014 mostra uma situação em que a produção total se manterá em níveis similares aos do ano anterior, em 2,8 milhões de toneladas equivalente carcaça. No entanto, é provável que as exportações melhorem esse ano às custas de um menor consumo local.

A economia argentina está atravessando um período de incertezas e alta volatilidade dentro de um contexto de alta inflação, estancamento ou leve queda do Produto Interno Bruto (PIB) e forte queda do valor da moeda nacional. Nesse contexto, é provável que o gasto das famílias caia em termos reais em relação aos anos anteriores, reduzindo o consumo agregado em geral e o consumo de carne bovina em particular.
Outro ponto que atua em detrimento do consumo interno é o forte aumento do preço da carne bovina observado durante os últimos quatro meses, que passou de um preço médio (ao público) de pouco mais de 40 pesos (US$ 5,15) em outubro último para cerca de

60 pesos (US$ 7,72) nos primeiros dias de fevereiro. Diante das variações positivas de muito menor magnitude registradas para a carne suína e a carne de frango no mesmo período, o preço relativo da carne bovina ficou excessivamente oneroso, o que impactará negativamente no consumo local dessa proteína e sua substituição pelas carnes suína e de frango, atualmente relativamente mais acessíveis.

Todos esses fatores confluirão para que cresçam as exportações argentinas de carne bovina, diante de um nível estável de produção e menor capacidade de compra e menor disposição de pagar dos consumidores argentina, ocorrendo uma tendência de baixa no preço da matéria-prima (novilhos) que repercutirá positivamente na competitividade da indústria exportadora de carne do país. Dessa forma, espera-se um melhor desempenho exportador, que se dará com maior força a partir do segundo trimestre em diante, que estará principalmente impulsionado pelos mercados da Rússia e da China, destinos em sua maioria de cortes congelados de valor médio. Em síntese, a projeção é que as exportações recuperem terreno e representem 13% da produção total de carne bovina (ganhando cinco pontos de participação), o que equivaleria a 370 mil toneladas equivalente carcaça.

Construindo confiança, construindo crescimento

Forrest Roberts, executivo de sucesso com mais de 15 anos de experiência na indústria de saúde animal dos EUA. Sua família trabalha com pecuária de corte em Uvalde, Texas, EUA.

Existem oportunidades hoje no setor de carne bovina que não existiam há uma década ou até mesmo há cinco anos, e algumas delas resultam diretamente dos esforços de programas e da equipe da National Cattlemen's Beef Association (NCBA). Uma das principais missões dessa organização é construir a demanda doméstica e global por carne bovina. Alcançando essas metas abrem novas portas para comércio e expansão das vendas domésticas de carne bovina que adicionam valor aos bovinos e à carne bovina produzida nos Estados Unidos. Hoje, todos os produto-

res de carne bovina do país estão vendo os benefícios diretos do trabalho feito pela NCBA, tanto como uma organização política focada no comércio, tanto como um contratante do Beef Checkoff Program.

Comércio e oportunidade

Durante 2013, as exportações de carne bovina e produtos derivados dos Estados Unidos adicionaram um valor estimado de US$ 273 por cabeça aos preços dos novilhos e novilhas gordas, determinando um novo recorde e melhorando muito as condições do mercado. A marca alcançada nesse ano ultrapassa a meta do Plano de Longo Alcance da Indústria de US$ 252 por cabeça, colocando nossa indústria em uma base sólida no mercado global.

Os membros da NCBA entendem que a maré alta criada pelas exportações de carne levanta todos os barcos. As práticas de comércio livre e justo têm sido apoiadas pela indústria de carne bovina dos Estados Unidos e a busca por acordos de livre comércio e outras políticas de abertura comercial continuará impulsionando o acesso a mercados para nossos produtos. Para esse fim, em 2013, a NCBA tem buscado ativamente uma expansão da Parceria Trans-Pacífico (TPP), para incluir um maior acesso a mercados em importantes nações do Círculo do Pacífico, particularmente os mercados asiáticos, onde a demanda por carne bovina dos Estados Unidos é forte.

Estamos também focando no ganho de acesso a outros mercados, onde podemos aumentar o valor para nossos produtores aqui dentro. A NCBA está trabalhando para retomar o acesso ao mercado russo, acesso de portas abertas para a China e buscando expandir nossas oportunidades comerciais em outras nações onde o apetite dos consumidores por carne bovina está aumentando junto com os rendimentos da classe média. Continuamos vendo um crescimento nos mercados de exportação e importantes progressos no país onde há oportunidade para crescer, com o valor dessas exportações sendo adicionados aos preços do boi gordo no mercado doméstico.

Oportunidade doméstica

Não é somente nos mercados externos onde a NCBA está trabalhando para melhorar e apoiar a demanda por carne bovina. Como um contratante do Beef Checkoff, gastamos grande parte de 2013 alavancando oportunidades de crescimento doméstico da demanda por carne bovina. Uma de nossas principais áreas de foco tem sido alcançar os consumidores Millennials que estão começando a direcionar as tendências de consumo de carne bovina. Os Millennials estão no processo de formar seus hábitos de compra e sem um esforço significante para mirar, educar e informar essa geração de consumidores, poderíamos perder participação de mercado para a carne bovina. Já estamos vendo nossos esforços funcionar com os consumidores Millennials pagando dividendos. O Índice de Demanda de Carne Bovina no Atacado, que é uma das medidas que nossa indústria usa para medir a demanda doméstica, está em 112, acima da meta de mais de 110 determinada para 2015 e nossos esforços para alcançar os consumidores Millennials são uma parte importante para continuar essa força no futuro.

A geração Millennial representa uma

oportunidade importante para a indústria de carne bovina dos Estados Unidos e precisamos continuar focando nossa atenção e recursos na construção de nossa imagem e reputação com esse importante grupo de consumidores à medida que eles continuam moldando suas compras de carne bovina e seus hábitos de preparo. A execução dessa estratégia requererá novas táticas e recursos, mas investir nesses esforços agora pagará dividendos por décadas e ajudará a preparar o terreno para mercados domésticos melhores para nossa próxima geração de produtores de carne bovina.

Crescimento do rebanho e saúde da indústria

Apesar de termos alcançado marcos significativos no crescimento da demanda por carne bovina no mercado doméstico e no exterior, existe muito trabalho a ser realizado. Como uma organização e uma indústria, precisamos posicionar o rebanho bovino dos Estados Unidos para crescimento e o próximo ano pode representar o primeiro passo para transformar a maré de liquidação do rebanho que vem ocorrendo nos últimos anos. Obviamente, parte dessa liquidação é resultado da seca disseminada e resultando do aumento dos preços dos alimentos animais e de outros insumos. Podemos fazer pouco com a Mãe Natureza, que não coopera, mas as condições climáticas melhoraram de forma significativa durante a estação de produção desse ano e uma safra recorde de milho parece provável à medida que a colheita começa em 2013. A colheita de feno desse ano também está bem melhor em muitas partes do país, permitindo que os produtores comecem a reconstruir estoques de alimentos animais. Da mesma forma, a umidade nas áreas de pastagem de inverno parece que levará a uma das melhores pastagens de trigo de inverno dos últimos anos.

A melhora na disponibilidade de alimentos animais, a melhoria nas condições das pastagens e a redução resultando nos preços dos alimentos animais deverão ter um impacto positivo nos preços dos bezerros nesse ano, colocando os produtores de cria em uma situação onde a retenção de novilhas e a reconstrução do rebanho se tornam prioridades. A saúde da indústria de carne bovina de longo prazo requer que o crescimento do rebanho ocorra logo. Todos os setores de nossa indústria dependem de um setor de cria crescente e vibrante para sua própria saúde. O Plano de Longo Alcance da Indústria determina uma meta para a retenção de novilhas de 18% de retenção das novilhas de cria, enquanto estabiliza a produção de carne bovina dos Estados Unidos em um mínimo de 11,79 bilhões de quilos. Com o setor de cria vendo uma oportunidade significativa de lucros nesse ano e para um futuro previsível, 2013 pode marcar o ano quando o crescimento do rebanho começa.

A NCBA está trabalhando duro para ajudar a facilitar o crescimento do rebanho e apesar de não podermos influenciar diretamente os números dos rebanhos bovinos, a associação pode trabalhar para melhorar as oportunidades para seus membros e outros nas condições e oportunidades de mercado. A NCBA está trabalhando para proteger a liberdade dos produtores para operar de forma responsável. Outro componente essencial do Plano de Longo Alcance

da Indústria mede a porcentagem de produtores que dizem que as regulamentações impostas a seus negócios dificulta que os opere livremente. Nos últimos dois anos, o número de produtores que reportaram uma capacidade prejudicada de operar ficou em 76%. A NCBA e o Plano de Longo Alcance estão comprometidos a reduzir esse número para 72% até 2015 e nossa equipe em Washington, D.C., luta todo dia para proteger os interesses de nossos membros e protegê-los do alcance exagerado do governo.

Ao reduzir a regulamentação e aumentar as oportunidades para os produtores operarem mais livremente, nossa indústria pode focar melhor nas relações internas que nos ajudam a trabalhar juntos para agregar valor e aumentar as oportunidades. Aumentando a confiança da indústria, a abertura e as relações internas, toda a cadeia de valor da carne bovina se torna mais eficiente e produtiva, uma via que aumentará nossa sustentabilidade ao longo do tempo. Até 2015, o Plano de Longo Alcance determinou uma meta de aumentar o número de membros da indústria dizendo que têm boas relações individuais ao longo da cadeia de valor para 86% e aqueles dizendo que toda a indústria trabalha junto para 67%. Como uma indústria, estamos bem em nosso caminho para realizar todas essas metas. Em nossa pesquisa mais recente, 91% dos membros da indústria disseram que têm boas relações individuais e 77% disseram que toda a indústria trabalha junto.

Sucessos e oportunidades da NCBA

Como uma indústria, nós claramente fazemos progressos positivos em direção a alcançar as metas que determinamos para nós mesmos. Esse sucesso está sendo facilitado por líderes voluntários, membros e equipe da NCBA. Nós trabalhamos como uma equipe para ajudar a alcançar os resultados que importam para todos nós ao longo da cadeia de valor da carne bovina. O trabalho de nossa organização em Washington, D.C, é um componente crítico do trabalho que fazemos todos os dias em benefício de nossos membros em todo o negócio. A cada ano, começamos com um grupo de metas políticas que são determinadas pelos nossos membros de base e líderes que trabalham de perto com nossa equipe no Capitol Hill.

Já esse ano alcançamos vitórias significantes e estamos trabalhando duro para cumprir o restante de nossas principais iniciativas políticas antes do fim do ano. Com a recentemente definição da lei agrícola, mudamos nosso foco para alcançar uma ampla reforma na imigração e outras prioridades para nossa associação, áreas onde temos uma equipe focada todos os dias. Também estamos trabalhando na reversão da rotulagem obrigatória do país de origem em favor de um sistema voluntário que agrega valor a nossos produtos e cumpre com as regulamentações comerciais. Acreditamos que um sistema voluntário é a melhor resposta ao programa obrigatório que está adicionando custos para nossa indústria sem fornecer benefícios tangíveis.

Os benefícios que os membros da NCBA recebem como resultado de nossa presença em Washington, D.C., vêm a preço de custo. Estamos trabalhando para aumentar nossa efetividade em Washington, D.C., e nosso Comitê de

Ações Políticas (PAC) é um componente essencial desse esforço. O NCBA-PAC vem crescendo de forma significativa nos últimos anos e queremos que o crescimento continue. Estamos desafiando nossos membros para continuar contribuindo com a NCBA-PAC e para aqueles membros que ainda não contribuíram, encorajaríamos a considerar uma contribuição ao financiamento que aumenta a capacidade da NCBA de trabalhar de forma efetiva em benefício de nossos membros. Atualmente, apenas 5% dos membros contribuem com o NCBA-PAC. A meta é aumentar essa taxa de contribuição para 15% à medida que vai trabalhando em direção a um ciclo eleitoral de angariação de fundos de US$ 1,25 milhão.

O aumento de nossas contribuições PAC não é a única área onde a NCBA tem sido bem sucedida em 2013, bem é a única via em que estamos trabalhando para melhorar a efetividade de nossa organização. O crescimento dos membros também é importante e temos visto o número de membros da NCBA crescer durante o último ano, alcançando mais de 29.000 membros. Esse crescimento é, em parte, resultado de nosso sucesso organizacional nos últimos anos, bem como dos benefícios oferecidos aos nossos membros pelos membros aliados da indústria e parceiros da NCBA.

Construindo um futuro melhor

A NCBA está sempre olhando para o futuro de nossa organização e de nossa indústria. Estamos focados na distribuição de resultados que importam, enquanto também buscamos oportunidades para melhorar nossa eficácia e o futuro da indústria de carne bovina. Porém, para que a NCBA e a indústria continuem o histórico de sucesso dos últimos anos, temos muito trabalho a fazer e precisamos garantir que temos os recursos necessários para realizar o trabalho que precisa ser feito.

Como o rebanho bovino declinou nos últimos anos, o mesmo ocorreu com os recursos financeiros disponíveis para o trabalho que precisa ser feito em benefício da indústria de carne bovina. Os esforços de pesquisa, promoção, administração de problemas, educação e outros financiados pelo check off continuam enfrentando cortes, à medida que as coletas do check off declinam. Esse trabalho tem sido a base da proteção e da melhora do mercado para a carne bovina. Para continuar esse trabalho, é importante que a indústria considere a avaliação dos recursos do check off e uma discussão sobre um aumento nesse programa.

Não são somente os recursos do Beef Check off que precisam ser avaliados. Existem projetos e trabalhos que requerem que recursos sejam incluídos no espaço de trabalho permitido pelas leis que governam o check off. O trabalho que cai fora do check off é onde a NCBA, como uma organização política, está bem posicionada para fazer em benefício da indústria e realizar esse trabalho. Entretanto, esse trabalho requer recursos acima das atuais capacidades financeiras e de equipe da NCBA. No próximo ano, continuaremos trabalhando em benefício de nossos membros, enquanto também avaliamos formas de expandir nossos recursos para nos permitir expandir as atuais capacidades de nossa organização. Nós acreditamos firmemente que buscar esse

programa de mobilização de recursos posicionará melhor a NCBA e a indústria de carne bovina para cumprir as necessidades do futuro à medida que trabalhamos para construir confiança e crescimento para todos na indústria.

De perto, você vê que só a CFM faz a diferença.

pragma

- Mais de 34.500 touros produzidos
- Mais de 1.800 clientes atendidos
- 3.104 negócios efetivados

- Estimativa fêmeas cobertas: 1.208.340
- Total Municípios: 1.510
- Total Estados: 28
- Clientes no Brasil e Paraguai
- Índice de recompra de 53%

Fonte: Banco de dados CFM

Pode examinar à vontade. CFM é imbatível. Líder dos principais sumários de melhoramento genético há mais de 35 anos e dona do melhor pacote genético do mercado, a CFM proporciona os melhores resultados no menor tempo possível. Venha ver de pertinho. Nossa genética é tão boa que aumenta até seus números.

Nós preferimos:

Bellman Nutrição Animal
a nutreco company

NEOGEN

Apoio:

CEIP

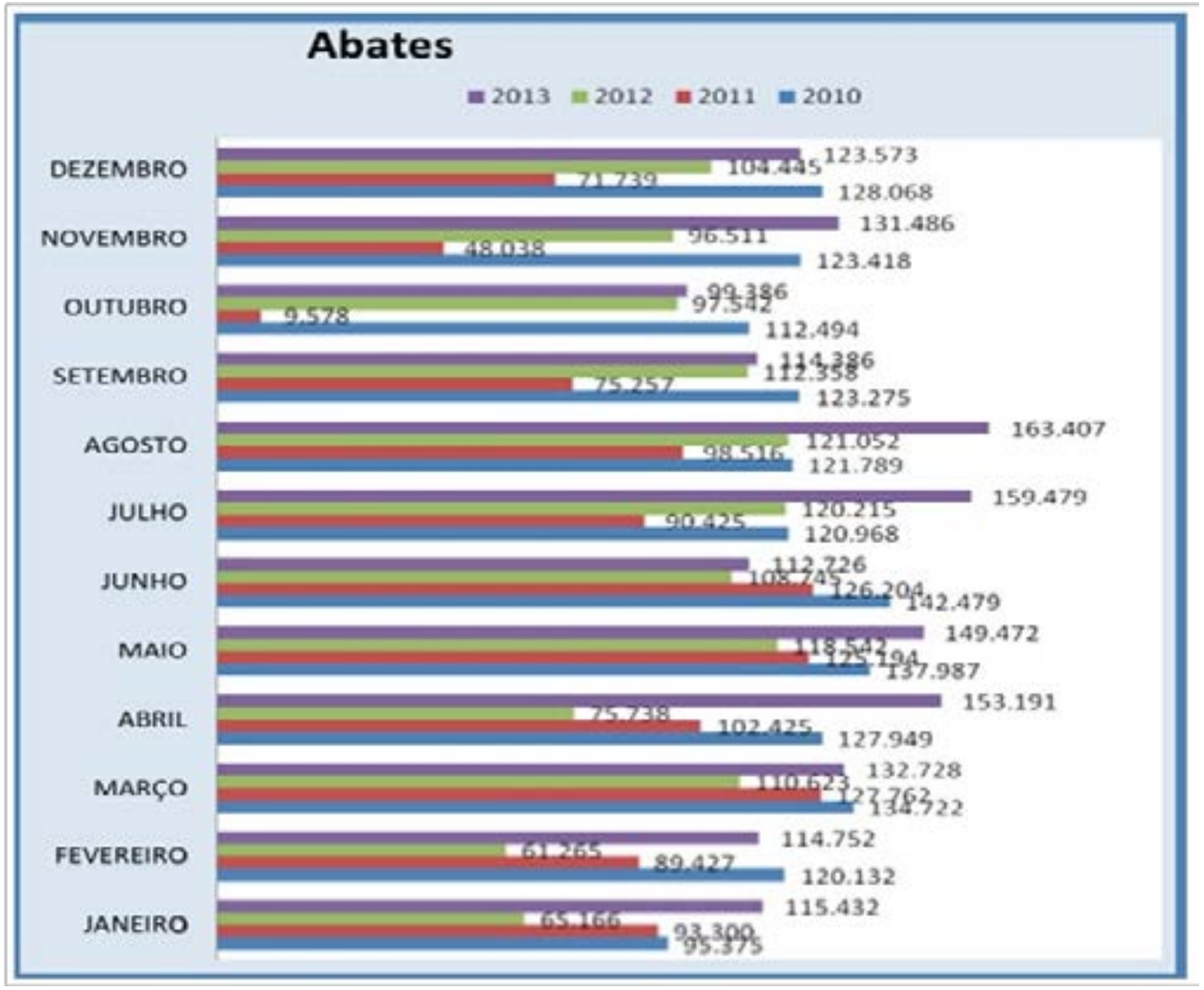
Confiança desde 1908
CFM Agro-Pecuária
CFM Touros Nelore
www.agrocfm.com.br 0800 127 111
faleconosco@agrocfm.com.br
Twitter: @agrocfm

Panorama de mercado para a carne paraguaia em 2014

Carlos Pedretti, diretor da CEA (Cooperativa de Pecuaristas para Experimentação Agrícola), do Paraguai.

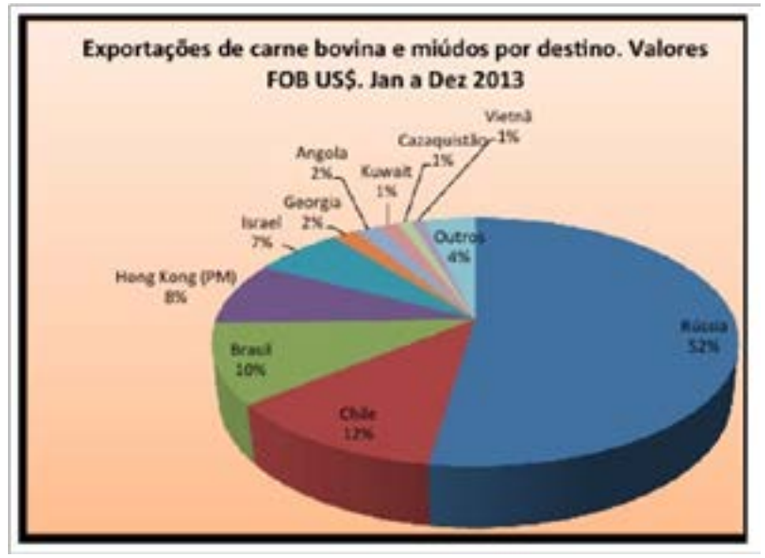
No ano de 2013, os abates de bovinos para exportações foram de:

1.570.018 cabeças	+ 31,7 % sobre ano 2012
	+ 48,4 % sobre ano 2011
	+5,5 % sobre ano 2010 (ano recorde)



*Fonte: *comision de investigacion, comercializacion y promocion de la carne bovina- ARP (C.I.C.P.C.B).*

Segundo as estatísticas, a Rússia apresenta um valor total de US$ 571 milhões, em segundo lugar, Chile, com 12% e US$ 128 milhões, Brasil em terceiro lugar quanto ao valor, com US$ 113 milhões, e Hong Kong em quarto lugar, com US$ 90 milhões e o maiotr destino de miúdos, com US$ 46,5 milhões.

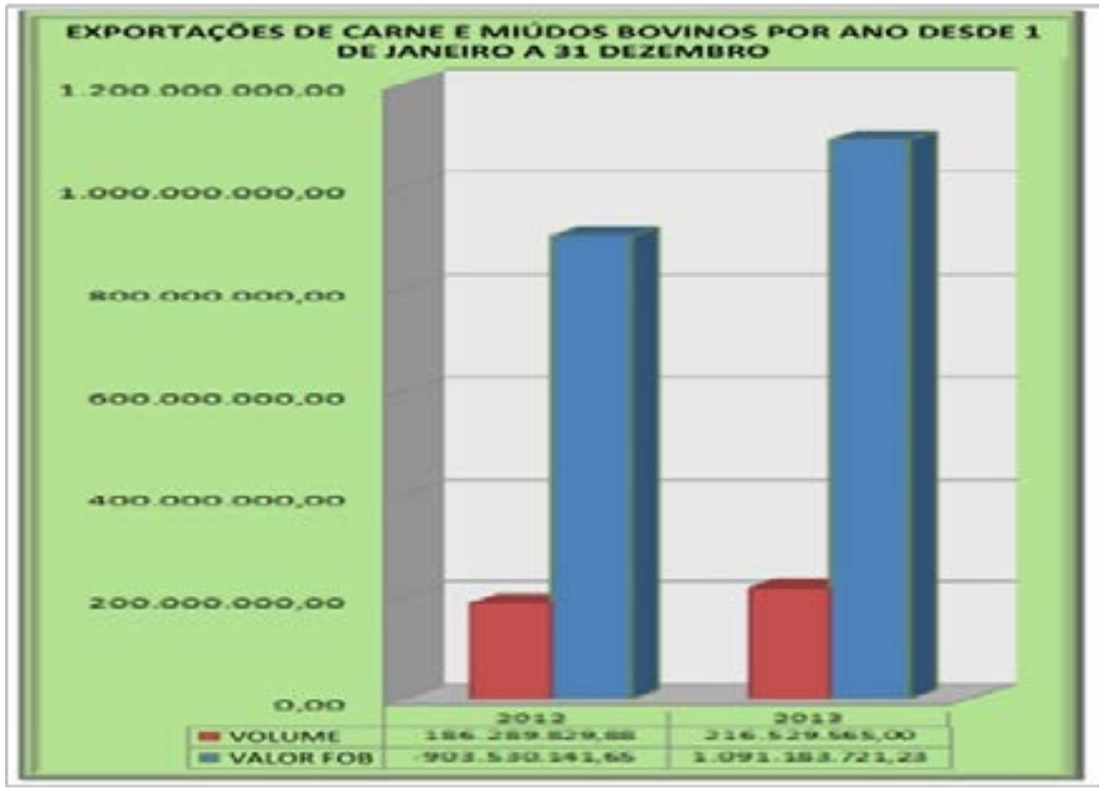


*Fonte: *comision de investigacion, comercializacion y promocion de la carne bovina- ARP (C.I.C.P.C.B).*

Janeiro	014	37,2 US$ milhões	-42,68% menos que em 2013
	013	64,9 US$ milhões	

A análise de exportações realizada pelo Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Animal (SENACSA) trouxe os seguintes resultados: as exportações de carne bovina e miúdos de janeiro a dezembro de 2013 alcançaram 216.530 toneladas por um valor de US$ 1,091 bilhão FOB. Isso representa 16% a mais em volume com relação a 2012 e 21% a mais em valor com relação ao mesmo período.

Os preços da tonelada de carne peso embarque se mantêm nos níveis de cerca de US$ 5.000/tonelada desde 2011. O valor da tonelada do miúdo se duplicou desde 2011, quando custava cerca de US$ 2.500, até 2013, com valores ligeiramente superiores a US$ 5.000 por tonelada.



*Fonte: *comision de investigacion, comercializacion y promocion de la carne bovina- ARP (C.I.C.P.C.B).*

Fonte: Diário ABC color- Edição 22 de fevereiro 2014.

Os preços da tonelada de carne peso embarque se mantêm nos níveis de cerca de US$ 5.000/tonelada desde 2011. O valor da tonelada do miúdo se duplicou desde 2011, quando custava cerca de US$ 2.500, até 2013, com valores ligeiramente superiores a US$ 5.000 por tonelada.

O rebanho pecuário segue crescendo a um ritmo de 6% anual e alcançou pouco mais de 14.000.000 cabeças em 2014, com projeções de chegar a 18.000.000 em 2018-20. O governo está elaborando planos para aumentar a taxa de cria, recria e terminação, com o fim de aumentar em mais de 22% a porcentagem de extração.

O pecuarista aumentou o peso de entrega no frigorífico em cerca de 240 quilos/carcaça e espera que siga aumentando. O gado que tem valor é o novilho com documentos para o Chile que valor hoje US$ 3,20, cerca de 5 a 10 centavos de dólar por quilo a mais sobre o novilho comum, que está a US$ 3,10. A novilha está em US$ 3,10 por quilo carcaça e a vaca, US$ 3,05 por quilo carcaça.

O preço atual caiu por causa da seca durante janeiro e fevereiro de 2014 e o fim do período de vacinação, que permitiu que o pecuarista vendesse para cobrir seus compromissos, aumentando a oferta, além do fechamento do mercado russo, que reduziu a demanda. Espera-se que se estabilize, com

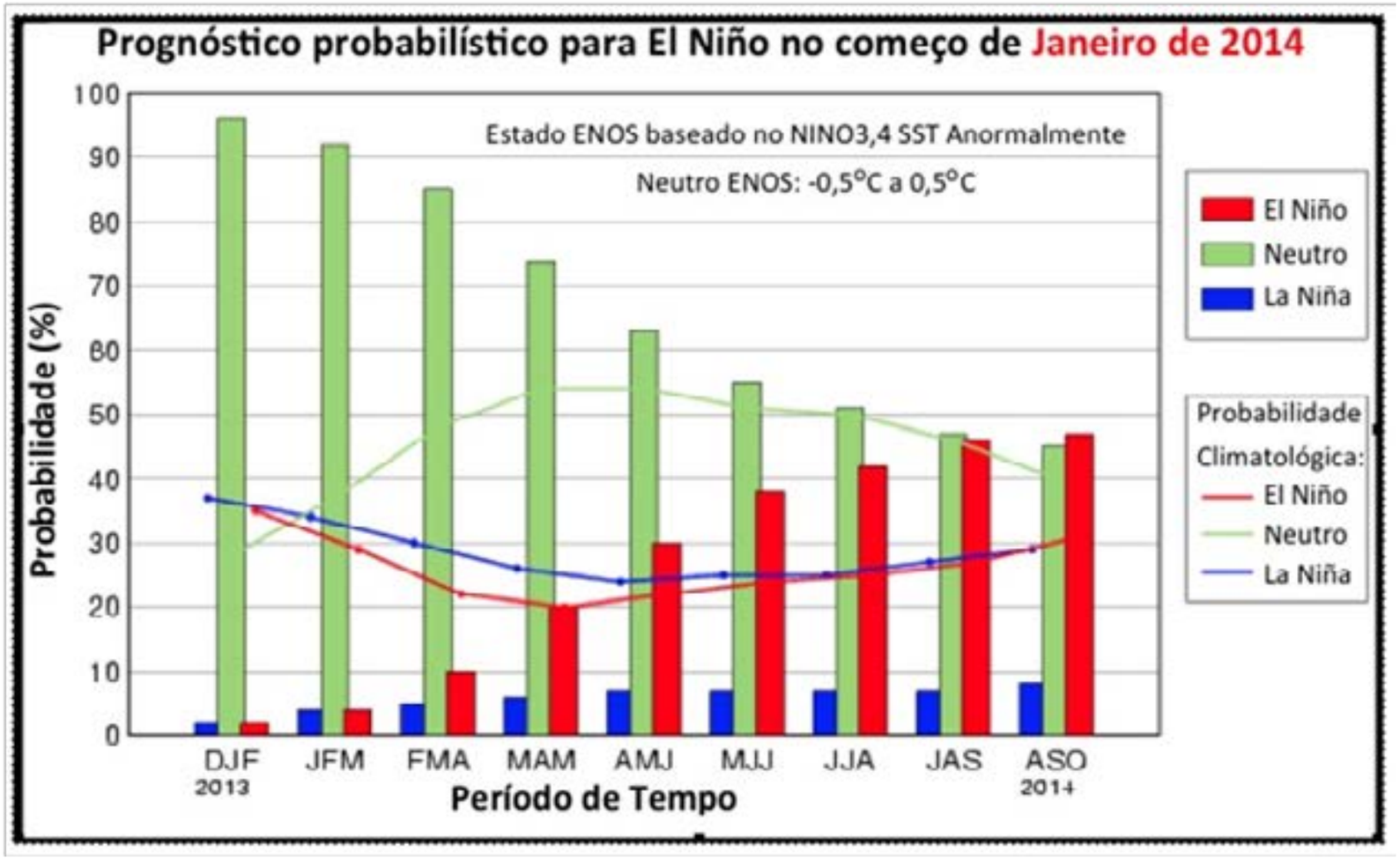
prognóstico de chuvas que permitam aumentar a capacidade de retenção.

Perspectiva climática em longo prazo

O modelo ENOS (El Niño/Oscilação Sul) do IRI (International ResearchInstitute) indica uma tendência de possível configuração do fenômeno El Niño para julho, agosto e setembro de 2014, o que poderia ser uma boa notícia para a produção pecuária, já que o inverno seria menos rigoroso, mais úmido, com temperaturas mais quentes e maiores chuvas para o centro sul do país.

O macho desmamado, matéria-prima do invernador, está aumentando a níveis de 2010, chegando a US$ 1,98 por quilo vivo. É a mercadoria que mais vai aumentar. Por unidade, vende-se a valores de US$ 286,37 a US$ 352,45.

Até julho dura a temporada de safra, que faz com que o pecuarista venda e alivie seu campo antes do inverno, o que provoca um aumento da oferta. A partir de julho, os frigoríficos aumentam substancialmente suas compras de gados com documentos que servem para exportar ao Chile e seu pico ocorre em agosto, para cumprir com a demanda de carne com destino ao Chile para sua festa Nacional na primeira quinzena de setembro. Esperam-se preços de cerca de US$ 3,30 a US$ 3,50 durante a entressafra (julho a dezembro).



Auditoria da UE

O Paraguai receberá a auditoria da União Europeia (UE) de 1 a 10 de abril desse ano. Se o país for aprovado pela UE, isso permitirá à indústria pagar cerca de US$ 3,5 por quilo carcaça. A habilitação para a UE é muito importante, pois não somente permite a entrada de carne paraguaia a esse bloco, mas

também habilita a outros mercados que somente se abrem se a UE estiver aberta. Então com a UE, Chile Rússia e Israel, ao qual hoje se soma o Brasil, a indústria pode decompor a carcaça de forma muito eficiente e conseguir uma excelente integração da carcaça.

O gado que estiver inscrito no Sistema de Rastreabilidade do Paraguai – SITRAP (habilitado para a UE) poderia obter entre 5 a 10 centavos de dólar por quilo de carcaça adicional.

Conclusão

– A abertura da UE dará estabilidade ao mercado conseguindo preços muito bons com a Hilton (rump&Loin) (5 cortes) ou (19 cortes) para o mercado chileno.

– Possibilidade de aumentar os preços através dos cortes Hilton (cerca de US$ 15.000–US$ 17.000 por tonelada). O Paraguai conta com uma cota de 1.000 toneladas.

– Segue o Brasil, que demanda picanha e bifes.
– Com Chile + UE, consegue-se enviar 14 cortes que são de dianteiros + 5 cortes (R & L) para a UE ou os 19 cortes para o Chile.

– Além disso, nem todo o gado pode ir para Europa ou Chile e, para esse caso, seu destino é a Rússia, que começou a reabilitar as plantas aptas para exportação. Até agora, 3 de 10 plantas estão habilitadas e se espera que, para março, todas estejam operando.

– Se a UE aprovar a entrada de carne paraguaia, essa poderá ser exportada a preços de US$ 3,5 por quilo carcaça; caso não se aprovem, teremos preços de US$ 3,30 por quilo carcaça durante a próxima entressafra (julho a dezembro).

Oportunidades

– Ter acesso ao mercado chinês de forma direta que permitiria economias de até US$ 600 por tonelada embarcada. Esse mercado é muito conveniente e melhor que a Rússia, pois não requer tantas aprovações.

– De acordo com as estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e do Rabobank, espera-se um aumento sustentado da demanda para o mercado chinês em aproximadamente 10% anual até pelo menos o ano de 2020.

– Outros países do Sudeste Asiático, como Malásia e Cingapura, para citar alguns, também aportariam sua cota de demanda a preços, inclusive, superiores aos do mercado chinês.

– Finalmente, o Paraguai atualmente é o 8o Exportador Mundial e poderia avançar ao 5o lugar entre 2018 e 2020. Para esse período, espera-se contar com 18 milhões de cabeças e com o aumento da taxa de extração e o peso da carcaça alcançaria uma venda superior a 580.000 toneladas, que é atualmente o equivalente ao que vende a Nova Zelândia.

– O governo atual oferece a empresas estrangeiras que quiserem fazer investimentos importantes benefícios. As indústrias estrangeiras dizem que operam com um custo de 70% comparado com o Brasil. Esse desconto vem aumentando e se sustenta, principalmente no custo da energia de US$ 41/

MWh, o mais baixo da América, custo de água, custo de mão de obra e custos de impostos que não superam 10% do lucro líquido. Além da localização privilegiada do Paraguai, que lhe permite chegar ao Chile em 5 a 7 dias, à Europa em 45 dias e à Rússia em 80 dias.

Previsão Global do Mercado de Carne Bovina – Perspectiva dos EUA

Erin Borror, economista, U.S. Meat Export Federation

Nos Estados Unidos, temos a sorte de ter um mercado de carne bovina grande e maduro, mas as exportações nos permitiram diversificar nossa base de clientes e capitalizar sobre o crescimento econômico no mundo. As exportações agregam valor a cada animal e existe muito espaço para crescimento, mas enfrentamos uma série de desafios no mercado internacional. Duas principais questões continuarão impactando o comércio nos próximos anos: acesso a mercados e seca.

Acesso a mercados

Dezembro de 2013 marcou 10 anos

desde o primeiro caso de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) dos Estados Unidos ter fechado nossos mercados internacionais. O caminho de volta foi longo e meticuloso, incluindo vigílias à luz de velas na Coreia, protestos altamente politizados em Taiwan e a restrição de idade de 20 meses no Japão. Em uma virada positiva, Japão e Hong Kong retiraram as restrições à carne bovina dos Estados Unidos em fevereiro de 2013, facilitando um aumento nas exportações para o ano. À medida que os mercados reabriram ao longo dos anos, a USMEF lançou campanhas personalizadas, trabalhando para acalmar os medos dos consumidores, incluindo a campanha "WeCare" no Japão, "To-Trust" na Coreia e "We Love U.S. Beef" em Taiwan. Felizmente, estamos agora capazes de focar mais nos atributos positivos da carne bovina americana, mas a segurança continua sendo uma mensagem importante.

Somente um importante mercado permanece fechado para a carne bovina dos Estados Unidos e a indústria americana compartilha a frustração do Brasil pela falta de acesso à China. À medida que a China está aumentando seu poder econômico global, está também se tornando uma força direcionadora enorme da carne bovina mundial. Em 2013, a China importou US$ 1,33 bilhão em carne bovina – quase cinco vezes o valor importado em 2012. Essa tendência deverá continuar à medida que a produção doméstica da China não pode acompanhar o ritmo da crescente demanda. Os preços da carne bovina da China continuaram aumentando, em cerca de 80% desde 2011. Os preços do leite fresco também alcançaram recordes, à medida que a demanda não pode ser suprida pela produção doméstica e isso está fornecendo um desafio à transição de produção no quintal para indústrias de carne bovina e de lácteos em escala comercial.

A USMEF estima que as exportações de carne bovina à região (China, Hong Kong, Vietnã e Macau) de todos os fornecedores alcançaram cerca de US$ 5,5 bilhões em 2013, tornando essa de longe a maior região importadora de carne bovina do mundo. Embora o céu pareça ser o limite quando olhamos para o crescimento da demanda global, as ofertas disponíveis serão um fator limitante. Com a seca em importantes regiões produtoras de carne bovina do mundo, da Austrália, aos Estados Unidos e ao Brasil, e o longo ciclo de produção de carne bovina, podemos esperar preços maiores e crescimento mais limitado do consumo. Como uma proteína, a carne bovina lutará para competir com a carne de frango e suína mais baratas. Esse será o caso na América do Norte e é provável que os consumidores internacionais estarão dispostos a ultrapassar os americanos para carne bovina.

Em um esforço contínuo para produzir mais carne bovina a partir de vacas, a indústria de carne bovina dos Estados Unidos adotou tecnologias de produção, frequentemente antes do resto do mundo, resultando em restrições comerciais. Em alguns casos, países como China e Rússia tendem a adotar o ideal europeu, opondo-se ao uso de todos os aditivos e hormônios promotores de crescimento.

A Rússia proibiu as carnes vermelhas dos Estados Unidos no começo do ano passado devido a resíduos de beta-agonistas e o mercado continua fechado. Os Estados Unidos não foram a única

vítima, já que as exportações do México e do Canadá também sofreram restrições da Rússia. O Brasil também tem sua cota de frustrações no mercado russo. Em dezembro, a Rússia colocou restrições às exportações da Austrália devido a resíduos do implante do promotor de crescimento trembolona (que também é usado nos Estados Unidos). Ainda não há um caminho claro para a reabertura do mercado russo para a carne bovina dos Estados Unidos e se esse mercado demandar um programa estilo União Europeia (UE), os volumes de exportação dos Estados Unidos serão mínimos.

Seca

A menor produção e um dólar mais forte tornaram a carne bovina dos Estados Unidos relativamente mais cara do que o produto de outros importantes exportadores. A produção de carne bovina da Austrália aumentou em 2013, à medida que a seca se traduziu em cerca de 15% mais carne bovina. Isso trouxe um aumento correspondente nas exportações, com um enorme crescimento nas vendas à China e Oriente Médio. O Brasil também produziu e exportou mais carne bovina, mas isso foi reflexo da reconstrução do rebanho após a liquidação que terminou em 2006-2007, com ajuda adicional do Real mais fraco. Um fator positivo é que os produtores dos Estados Unidos retiveram novilhas em 2013, e com os preços dos bovinos em níveis quase recordes, os incentivos para a reconstrução são claros. Os Estados Unidos estão posicionados de forma única para ajudar a suprir a crescente demanda global por carne bovina de alta qualidade e de animais alimentados com grãos. Embora nosso rebanho esteja em seu menor nível na história recente, continuamos sendo o maior produtor de carne bovina do mundo.

Previsão para exportações de carne bovina dos Estados Unidos em 2014

Apesar dos muitos desafios, as exportações de carne bovina e miúdos dos Estados Unidos alcançaram outro recorde em 2013, no valor de US$ 6,15 bilhões, e aumentaram em 55% com relação a 2003. A USMEF espera que as exportações de carne bovina cresçam novamente em 2014, mas provavelmente somente em valor. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) previu um declínio de 5% na produção de carne bovina dos Estados Unidos, o que corresponde aos menores números de bovinos em engorda e a menor safra de bezerros por causa da liquidação do rebanho induzida pela seca. O USDA superestimou queda na produção de carne bovina dos Estados Unidos nos últimos anos, mas nessa vez, sua previsão pode estar perto. Os pesos das carcaças deverão se manter nos níveis de 2013, mas não compensarão a queda nos números abatidos, como ocorreu no passado.

As exportações de carne bovina dos Estados Unidos novamente serão lideradas pelo Japão (US$ 1,4 bilhão em 2013, +35% com relação ao ano anterior), com um crescimento modesto esperado à medida que a carne bovina dos Estados Unidos continua substituindo o produto australiano. O Canadá foi o segundo mercado em valor para a carne bovina dos Estados Unidos em 2013 (US$ 1,17 bilhão, -1%), mas comprará menos carne bovina dos Estados Unidos novamente nesse ano, refletindo o fraco dólar canadense.

As exportações de carne bovina dos

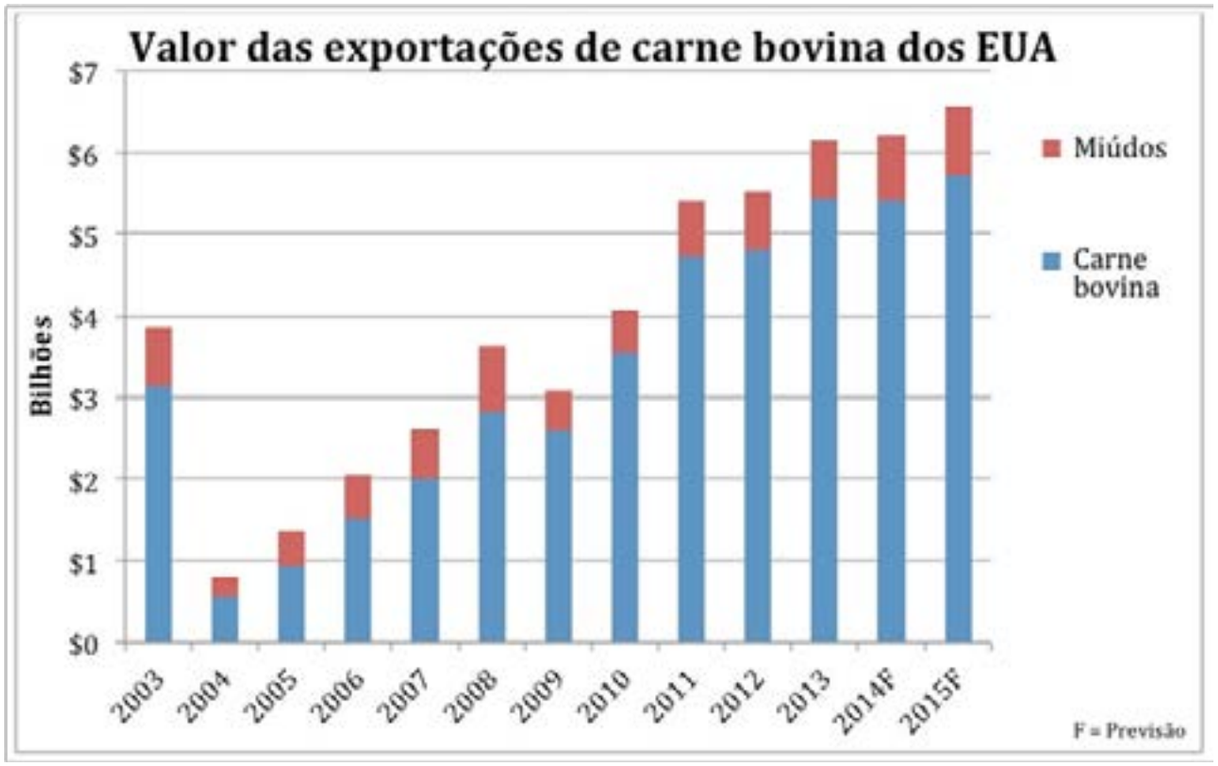
Estados Unidos ao México (US$ 925 milhões, +13%) viram uma recuperação começando no meio de 2013 após anos de declínio. As ofertas domésticas escassas de carne bovina e o consumo per capita já reduzido manterão o piso das importações do México, de forma que esperamos firmemente volumes mais altos nesse ano. Vindo de um ano recorde, Hong Kong (US$ 823 milhões, +142%) poderá comprar ainda mais carne bovina nesse ano, mas ainda competirá com Japão, Coreia e Taiwan pelas ofertas limitadas dos "cortes da Ásia" dos Estados Unidos.

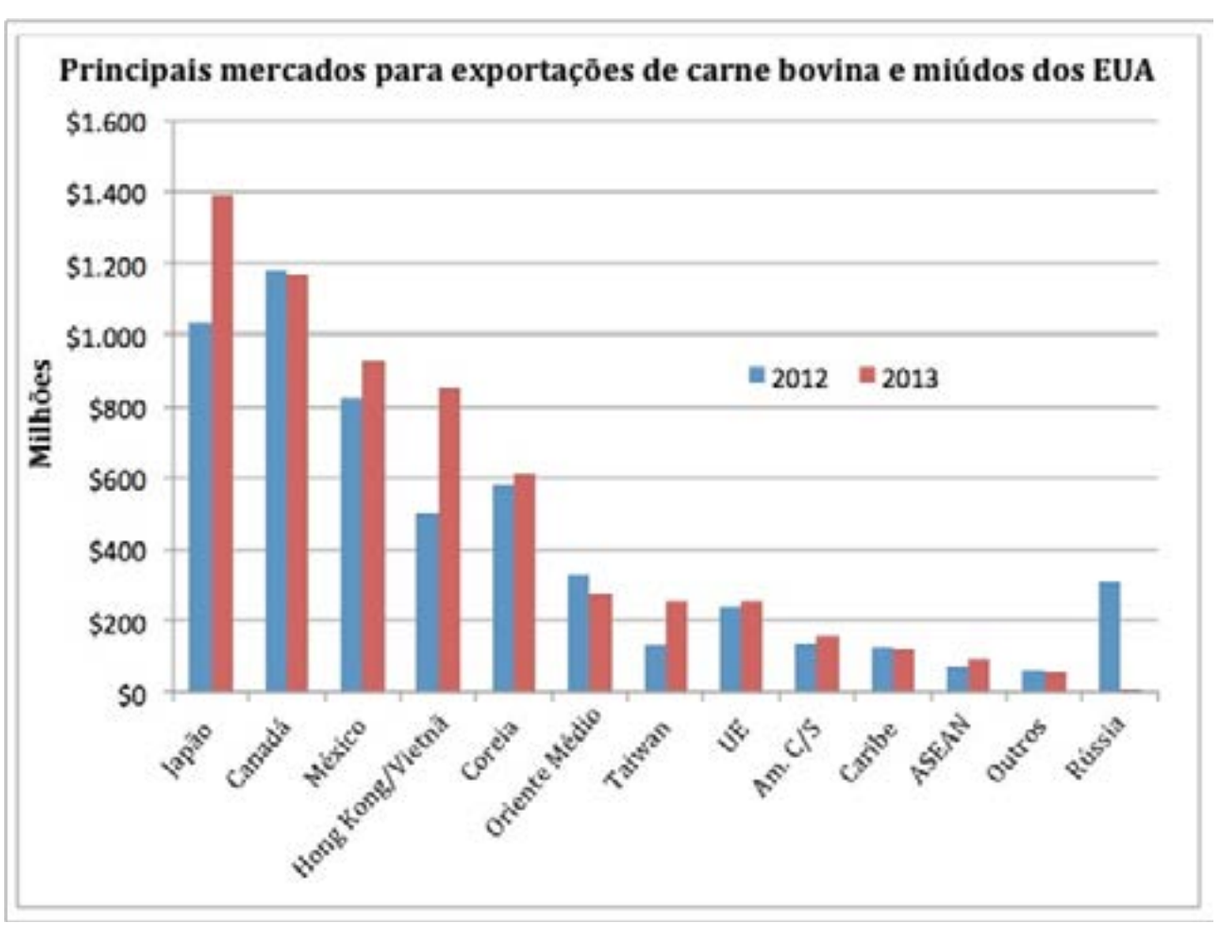
O Oriente Médio, com seu crescimento econômico e produção doméstica limitada, tem sido um mercado crescente promissor para a indústria global de carne bovina, mas o Brasil e os Estados Unidos compartilham outra frustração: o mercado fechado da Arábia Saudita. Já o Egito continua sendo um mercado proeminente para a carne bovina e miúdos dos Estados Unidos e os Emirados Árabes Unidos continuam crescendo como um mercado de cortes de alto valor. Na América do Sul, os Estados Unidos viram um forte crescimento nas exportações aos países que fazem parte de acordos de livre comércio como Peru (principalmente miúdos) e Chile (principalmente cortes de maior valor) e esperamos que essa tendência continue.

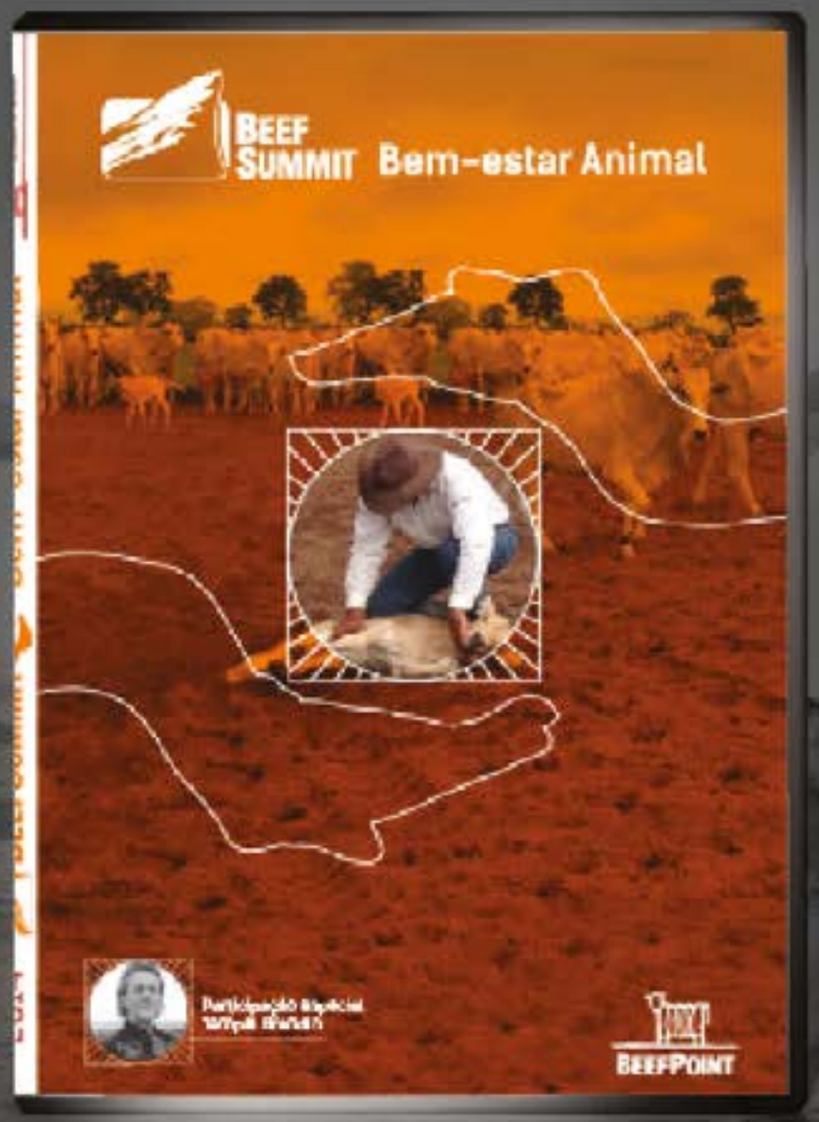
Oportunidades futuras incluem acordos de livre comércio, como a Parceria Trans-Pacífico (TPP) e a Parceria Comercial e de Investimentos Trans-Pacífico (TTIP, entre Estados Unidos e UE) que reduziriam as barreiras comerciais. A TPP levaria a menores tarifas no Japão, que reclamou sua posição como o maior mercado para a carne bovina dos Estados Unidos, apesar da tarifa de 38,5%. Entretanto, esses acordos ainda estão sendo negociados e quaisquer potenciais benefícios estão, pelo menos, a alguns anos de distância.

Nesse meio tempo, continuamos vendo benefícios dos acordos de livre comércio existentes. O NAFTA ajudou a integrar o mercado da América do Norte, com Canadá e México respondendo por US$ 2 bilhões anualmente nas exportações de carne bovina dos Estados Unidos, tornando-os parceiros de valor inestimável. As tarifas também estão sendo removidas gradativamente na Coreia (um mercado de US$ 609 milhões em 2013) e vários importantes destinos na América Central e do Sul, conforme notado acima.

Embora os próximos anos devam ser cheios de desafios, a indústria global de carne bovina pode continuar buscando agregar valor através das exportações, à medida que nossos países, com abundantes recursos naturais, suprem a crescente demanda por carne bovina em um mundo cada vez mais urbanizado.


Valor das exportações de carne bovina dos EUA
Bilhões
$7
$6
$5
$4
$3
$2
$1
$0
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014F
2015F
Miúdos
Carne bovina
F = Previsão


Principais mercados para exportações de carne bovina e miúdos dos EUA
Milhões
$1.600
$1.400
$1.200
$1.000
$800
$600
$400
$200
$0
2012
2013
Japão
Canadá
México
Hong Kong/Vietnã
Coreia
Oriente Médio
Taiwan
UE
Am. C/S
Caribe
ASEAN
Outros
Rússia



A EVOLUÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL ESTÁ AQUI

Palestras + Participação especial Temple Grandin

BEEF SUMMIT

Bem-estar Animal

Loja Virtual: ***loja.beefpoint.com.br***

Email: ***atendimento@beefpoint.com.br***

Telefone: ***(19) 2532 - 4620***

▶ ADQUIRA O SEU!

Perspectivas da pecuária argentina para 2014

Miguel Gorelik, diretor do Valor Carne da Argentina

Desde 2005, os instrumentos de política dirigidos ao setor de carne bovina na Argentina têm sido muito negativos. Desde a intervenção direta no mercado, para tratar de baixar os preços, o aumento nos impostos sobre a exportação e até as restrições regulamentares para as mesmas, as medidas têm sido diversas e se utilizaram com firmeza, inclusive, quando não se justificavam. O objetivo do governo foi o de defender a "mesa dos argentinos". Em outras palavras, que a carne sempre fosse um alimento barato no mercado interno. Os resultados estiveram longe dos objetivos, finalmente.

A Argentina, em um contexto interna-

cional muito propício, com exceção do período de crise financeira global entre 2008 e 2009, observou uma queda do rebanho de 60 a 50 milhões de cabeças, queda na produção de carne, queda muito forte nas exportações (para esse ano provavelmente nem sequer seja parte dos 10 principais exportadores mundiais), queda no consumo interno e preços internos muito altos em 2010 e 2011.

Essa política, unida à seca histórica de 2008-2009, provocou a redução do rebanho pecuário em quase 20%, o que foi inédito na história argentina. Como consequência disso, a oferta para abate caiu notavelmente (-26% em 2010 vs 2009) e os preços reais chegaram a níveis nunca vistos. Iniciou-se uma fase de recuperação de animais no ciclo pecuário que, no entanto, foi muito fraca pela falta de expectativas favoráveis na política interna, conseguindo-se aumentar 2 ou 3 milhões das 10 milhões de cabeças perdidas anteriormente.

A partir de 2012, a estabilidade do preço do gado unido à inflação da ordem de 25% anual provocou uma queda em seu preço real, que frustrou qualquer intenção de crescimento do rebanho, que se transformou em algo inercial.

No entanto, a valorização real do peso argentino frente ao dólar, usado como única âncora anti-inflacionária, provocava um valor da carne muito pouco competitivo para o mercado mundial. A perda de valor real dos animais continuou até setembro de 2013, quando se registrou a menor medição.

Desde outubro, o preço dos bovinos teve um impulso de alta que superou a evolução, tanto da inflação, como da desvalorização do peso, apesar de que ambas as variáveis se aceleraram nos últimos seis meses. A principal causa desse movimento se encontra na desaceleração dos abates totais e na forte redução que tem ocorrido na categoria de novilhos, especialmente os pesados. De fato, as políticas pouco amigáveis com o investimento na pecuária e no setor de carnes têm feito com que os pecuaristas focassem na produção de animais leves para o mercado interno, que os tem remunerado bem. Generalizou-se a prática de desmamar bezerros, machos e fêmeas, e dar-lhes um tratamento de alimentação muito energético, em confinamento ou no campo, para vendê-los para abate com menos de 400 quilos vivos.

Somente uma minoria mantém a recria e a engorda final para obter novilhos com mais de 400 quilos e, excepcionalmente, com mais de 450 quilos que são procurados pela indústria exportadora. Hoje em dia, somente se registra a metade do número de novilhos que havia em 2007, antes da liquidação pecuária.

Ao longo de 2013, com a perda mencionada de valor real do gado, eram muitos os analistas que previam uma nova fase de liquidação. Essa teria sido mais grave, já que sairia de um nível de animais muito menor (52 ou 53 milhões de cabeças) que o correspondente ao início da fase de 2007-2009. No entanto, a valorização real do gado desde outubro (60% em termos nominais e 35% em termos reais) freará, em todo caso, essa suposta entrada em uma fase de liquidação. No entanto, a conjuntura pecuária pode-se qualificar como de equilíbrio instável.

Quanto às perspectivas para 2014, há

que se considerar o contexto econômico atual:

- a taxa de inflação, que durante dois ou três anos se manteve "estavelmente" em 25% anual, nos últimos meses passou para 35% atual e as expectativas indicam uma maior probabilidade de que aumente antes de diminuir.

- a taxa de desvalorização, que há vários anos estava bem abaixo da taxa de inflação, vem acelerando desde o último trimestre de 2013; inicialmente, alcançou 30% anual entre outubro e novembro; em dezembro foi de 6% no mês (equivalente a 100% anual) e em janeiro, além de manter esse último ritmo, no dia 21 ocorreu uma desvalorização de 15%, chegando a 8 pesos argentinos por dólar dos Estados Unidos.

- após essa maior desvalorização, criou-se uma forte incerteza, pelas marchas e contramarchas nas declarações políticas de diversos funcionários, impulsionando o mercado paralelo de câmbios a uma desvalorização similar, mantendo-se a brecha com o mercado oficial.
- finalmente, o Banco Central impôs aumentos importantes na taxa de juros, que passou de 15% anual a quase 30%, o que permitiu estabilizar o mercado oficial do dólar e observar baixas importantes no mercado paralelo, cuja brecha baixou de mais de 60% que se viu no final de janeiro/começo de fevereiro, a 36% atual.

- existe consenso acerca de que o aumento da taxa de juros não bastará para manter a tranquilidade nos mercados cambiários e que se requerem sinais mais firmes acerca dos gastos públicos para consolidar uma baixa da inflação.

- também nesses momentos, estão sendo negociados salários para 2014, tanto públicos como privados, e se não houver sinais claros de que os salários avançarão abaixo da inflação esperada (25% é o aumento buscado pelo governo), o impacto sobre a inflação será considerável.

Então, um prognóstico sobre o mercado de carnes para o resto do ano depende de variáveis políticas que não são fáceis de antecipar. No entanto, pode-se prever o seguinte:

- o abate será similar ao de 2013.

- as exportações poderiam ser, inclusive, menores que as magras 200 mil toneladas equivalente carcaça do ano passado, por causa da menor oferta esperável de novilhos gordos que requer a exportação.

- o consumo será levemente superior

- se não se desencadear uma onda muito importante de instabilidade macroeconômica, é possível que a pecuária não entre ainda em uma fase de liquidação de rebanhos e que, segundo o que aconteça em outros âmbitos da economia, que continue a fase de expansão do rebanho, em previsão das medidas que pode tomar o próximo governo, a partir de dezembro de 2015.

Os analistas concordam que nenhum novo governo manterá os instrumentos tão anti-pecuários que têm regido nesses últimos 9 anos. Agregando a essa projeção a manutenção de um mercado mundial muito demandante, as perspectivas pós 2015 são muito favoráveis para a pecuária e o setor de carnes. Se a maioria dos pecuaristas

compartilhar essa visão, se afastaria ainda mais o risco de uma liquidação de animais nos próximos três ou quatro anos.

Os investimentos brasileiros na Argentina

Desde 2005, as empresas brasileiras fizeram importantes investimentos na indústria processadora argentina. O JBS comprou 6 plantas de abate e o Marfrig comprou 5. Em 2012, o Marfrig entregou uma planta de abate ao BEF no marco de uma troca de ativos no Brasil. Hoje, cada uma delas tem uma planta de abate em operações, enquanto mantém as demais paradas.

Em minha visão, essas empresas deveriam tratar de manter uma atividade o mais reduzida possível até que passe a atual fase negativa. Certamente a partir de 2016 podem voltar a se expandir em um ambiente mais favorável aos negócios. Parece muito difícil que um novo governo sustente as ferramentas usadas pelo atual para o setor de carne bovina. Porém também aceito que, para uma empresa estrangeira não é tão fácil compartilhar esse ponto de vista.

Por último, o BRF tem na Argentina a única planta de abate de bovinos que tem no mundo, após o acordo que fez no ano passado com o Minerva para que gerencie suas plantas de bovinos no Brasil. Não parece que isso tenha muito sentido e deveria ser possível que um arranjo similar seja a entrada do Minerva na Argentina, com o que a Argentina contaria com a participação das 4 maiores empresas brasileiras no setor.

O panorama mundial da carne em 2014

Miguel Arias, , que trabalha na Federação Colombiana de Pecuaristas, editor de artigos da FEDEGAN, divisão de comércio exterior FEP, que lidera a inserção internacional de carne bovina colombiana no comércio mundial.

O ano de 2014 promete um cenário internacional muito interessante, especialmente do ponto de vista da demanda. Enquanto os principais exportadores mundiais não terão aumentos significativos em seus fluxos de exportação, a conjuntura de membros de grande importância no comércio mundial de carne bovina, como União Europeia (UE), Rússia ou China justificam que a demanda estará atenta não somente a uma oferta estável, mas também, às preferências de consumo. Essa oferta permitirá preços que com boas margens de rentabilidade sempre e quando se tenha em conta que, aproveitar os preços firmes requer necessariamente levar em consideração a manutenção e a qualidade do produto.

O aumento na produção na Argentina, Austrália e Brasil não será suficiente para compensar a contração na produção dos Estados Unidos e da UE, de forma que se esperam preços firmes no cenário internacional. No caso dos Estados Unidos, a queda

é causada por um rebanho doméstico muito baixo não visto em décadas, produto das secas e dos custos altos dos alimentos animais. A produção da UE, entretanto, enfrentará os altos custos da alimentação, o que impede a recuperação de seus volumes de produção e exportação, continuando a tendência de crescimento nas importações.

Frente ao consumo, será apresentado um aumento caracterizado na Argentina, Brasil e China devido às suas políticas de fomento, melhora na renda disponível e mudança nos hábitos alimentícios, entre outros. Argentina e Brasil mantêm um setor doméstico capaz de suprir sua própria demanda; enquanto a China mantém debilidades estruturais para suprir seu próprio mercado, de forma que se constituiu um destino muito atrativo em termos de volume – a princípio.

Analisando de maneira mais profunda a conjuntura europeia, que impulsionará a demanda mundial de carne bovina durante 2014, vale notar que essa ainda mantém limitada sua oferta doméstica após a permanência dos altos custos de produção já mencionados. Como segundo fator, existem incertezas frente à outorga dos pagamentos ambientais, o que incide diretamente no preço ao produtor e, além disso, no custo de oportunidade crescente da terra para pecuária, que enfrenta competição crescente pelos cultivos destinados aos biocombustíveis. A falta de visão na implementação da reforma da Política Agrícola Comum (PAC), aprovada durante 2013, terá um eco importante no setor produtivo.

O anterior se contrasta com o aumento no consumo na UE, que mostrará uma leve recuperação na renda disponível dos habitantes do bloco, e que frente à incapacidade doméstica de suprir sua demanda, resultam no aumento da demanda de carne importada.

Um ponto chave para se ter acesso ao mercado comunitário para aproveitar o auge importador esperado proveniente da UE é que sua política de importação se baseia na qualidade do produto que compra, em termos de rastreabilidade, inocuidade, bem-estar animal e sanidade. Isso é o que em última análise gera "confiança" do consumidor e o posicionamento da marca de carne de um país sobre outro. Somente para enunciar alguns desses esquemas que premiam qualidade com excelente preço e que são de particular interesse nessa boa conjuntura para exportação são as muito reconhecidas Cota Hilton ou Cota 481, com preços que rondam os US$ 17.000 a partir do cumprimento da qualidade. Países com processos produtivos ricos em transparência e qualidade são os únicos que podem exportar sob essa modalidade. A isso, é indispensável somar o trabalho proativo que têm mantido países como o Uruguai, que graças à sua diplomacia sanitária pode obter bons lucros de seus compradores.

Outro membro chave para o mercado internacional de carne é a Rússia, sendo como é amplamente reconhecido, um importador líquido de carne bovina e um mercado chamativo, tanto nos preços, como no volume. Com vista à conjuntura doméstica de seu setor pecuário, sua linha interna e sua política de importação revelam a altíssima sensibilidade do país (evidenciada pelo trabalho de seu serviço veterinário Rosselkhodnazor) na utilização de insumos promotores de crescimento, como a

ractopamina. Durante os últimos anos, esse serviço anunciou a proibição ou estudos preliminares a essa ação, a vários países que utilizam essa substância em seus processos produtores: Estados Unidos, Brasil, Canadá, México, Ucrânia e, mais recentemente, Austrália. Esse é um exemplo claro que a satisfação em termos qualitativos da demanda em mais vigência que nunca no comércio mundial; apesar de os fornecedores desse produto serem os mais importantes no mundo, viram a rentabilidade do negócio muito exposta por razões de índole sanitária.

O terceiro destino chave para entender a dinâmica do comércio internacional durante o presente ano é a crescente demanda da Ásia e, especialmente, o impulso da China, cujo volume de mercado sempre deve ser tido em conta nos mercados internacionais de alimentos. No ano passado, o mercado de carne bovina foi testemunha da intensificação dos fluxos de importação de carne bovina da América do Sul e Oceania a esse gigante asiático. Essa conjuntura pode ser explicada por uma mudança no mercado e na política agrícola do país. Estudos recentes do Rabobank e do GIRA demonstram que o horizonte econômico chinês muda de um sistema produtivo orientado às exportações a um que incentive o consumo doméstico.

No mercado chinês, prevalecem falhas estruturais em seu sistema produtivo, que tornam incapaz de suprir qualitativa e quantitativamente sua demanda doméstica. O gigante terá uma importância central nos mercados de carne bovina no grande volume de carne bovina que pode chegar a importar. A China, que representa 22% da população mundial, cada dia mais urbana e com maior renda disponível para sua alimentação, tem prognosticada a possibilidade de pagar pelos produtos de melhor qualidade. Os chineses não têm confiança em seu próprio sistema produtivo em termos qualitativos e, portanto, são inclinados às importações de outros países posicionados no comércio de carnes, como Austrália, Uruguai ou Nova Zelândia, entre outros.

Esse cenário de preços firmes e boa rentabilidade para a oferta gerará competição entre os países exportadores e, entre essa competição, o posicionamento de um produto acima de outro é vital para a rentabilidade do negócio. Esse posicionamento se baseia na garantia da qualidade, um aspecto mais importante que a renda disponível.

Ter sucesso nesses mercados implica a coordenação milimétrica entre os membros públicos e privados, já que parte da responsabilidade da manutenção da inocuidade e qualidade da carne bovina exportada depende de uma política pública eficiente nesse aspecto, além de um trabalho congruente e facilitador das entidades sanitárias em garantir padrões ótimos para os produtos alimentícios que são comercializados no mercado interno e para se adequar às exigências dos mercados importadores.

Com preços firmes, garantir o produto em termos qualitativos determinará as margens de lucros dos produtores pecuários e da cadeia de carnes em geral. Preparar-se na qualidade do produto é se preparar para 2014 e para o curto prazo, já que possibilita satisfazer a demanda de um consumidor informado e preocupado pela sanidade e pelo valor nutricional do que come. Hoje, cada

vez mais pessoas ao redor do mundo premiam (e têm renda para fazer isso) a qualidade na cadeia produtiva e isso aumenta. Esse é um fator chave para obter boas margens em nosso negócio

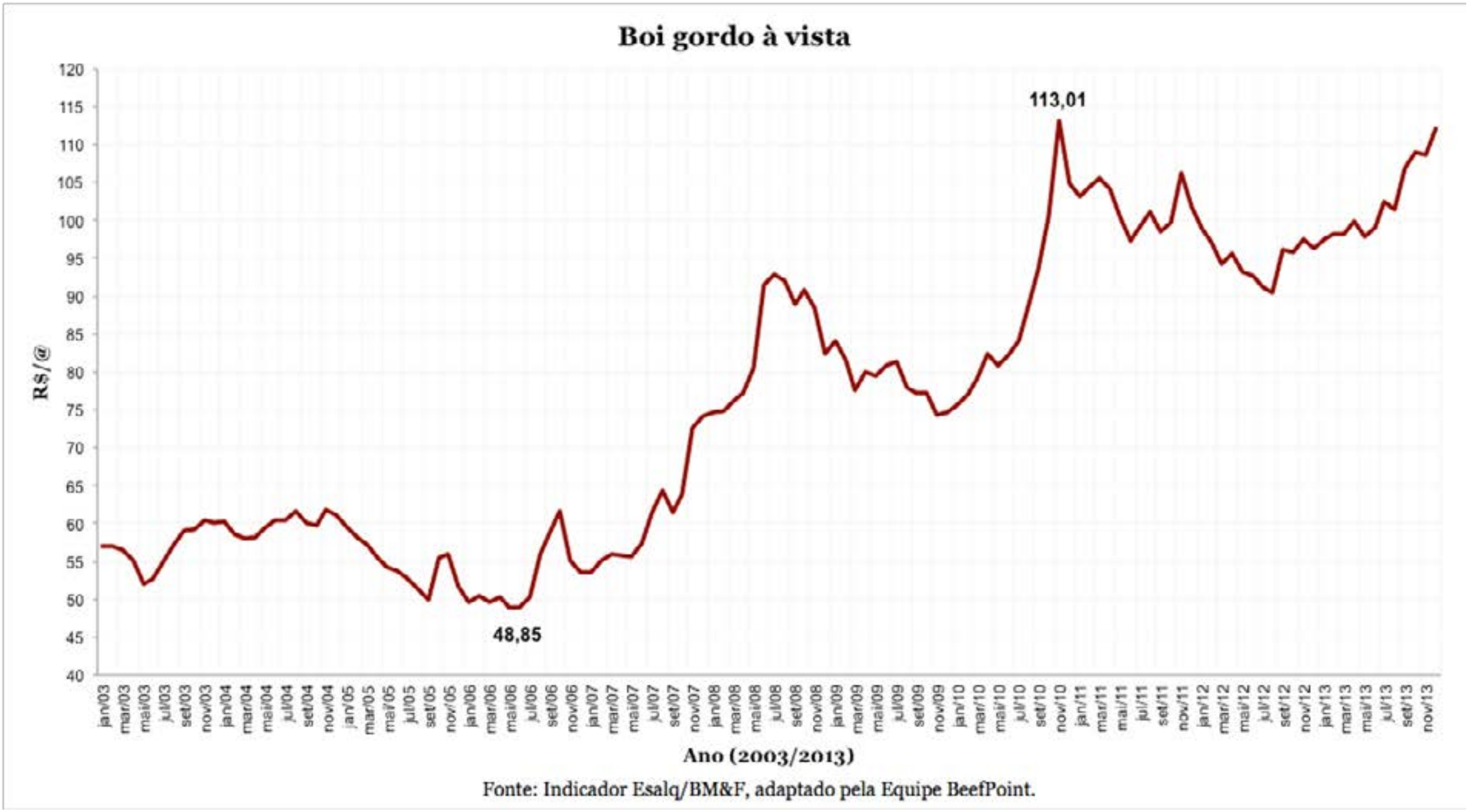
Gráficos **Mercado Pecuário** – *elaborados e adaptados pelo* ***BeefPoint***

O BeefPoint reuniu uma série de dados relacionados ao mercado do boi gordo. Em sua maioria, dados dos últimos 10 anos, com base neste compilado de dados foram elaborados gráficos relacionando-os para que o leitor BeefPoint consiga fazer uma leitura do mercado em 10 anos, 3 anos e em todo ano de 2013, mês a mês. Vale ressaltar que estes dados foram fornecidos por fontes confiáveis, as quais serão mencionadas abaixo de cada gráfico.

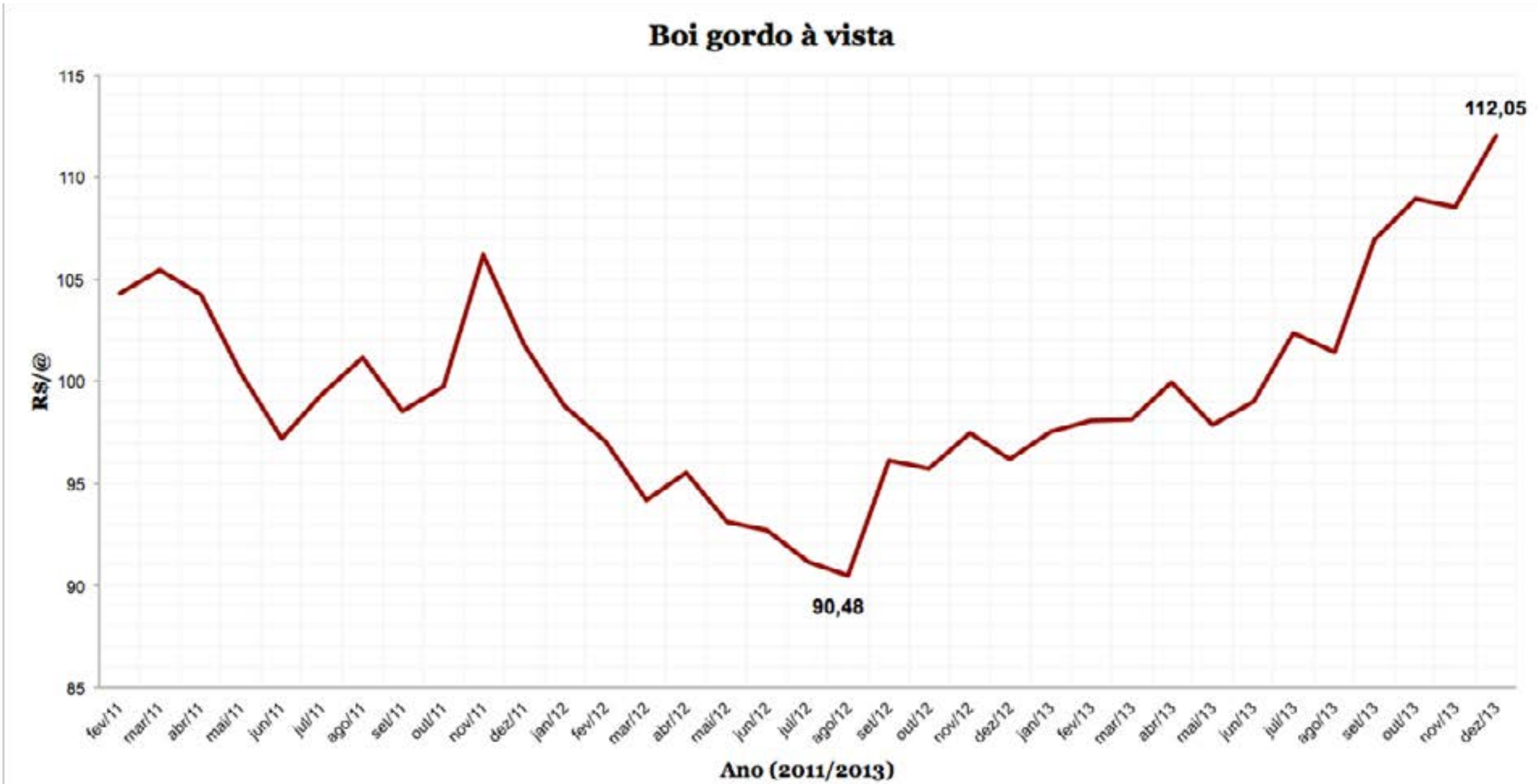
Abaixo você confere a lista dos gráficos. Ao todo são 140 gráficos elaborados para você, leitor BeefPoint, para que possa facilitar a tomada de decisão durante todo o ano de 2014.

- *Boi gordo*
- *Vaca gorda*
- *Bezerro*
- *Relação de troca boi gordo e bezerro*
- *Margem bruta na reposição*
- *Dólar comercial*
- *Rebanho brasileiro*
- *Abates IBGE e SIF*
- *Carne no atacado*
- *Exportações*
- *Carne no varejo*
- *Frango e suíno*
- *Inflação*
- *Salário mínimo*
- *% Desemprego no Brasil*
- *Milho e soja*
- *Ouro*

BEEFPOINT

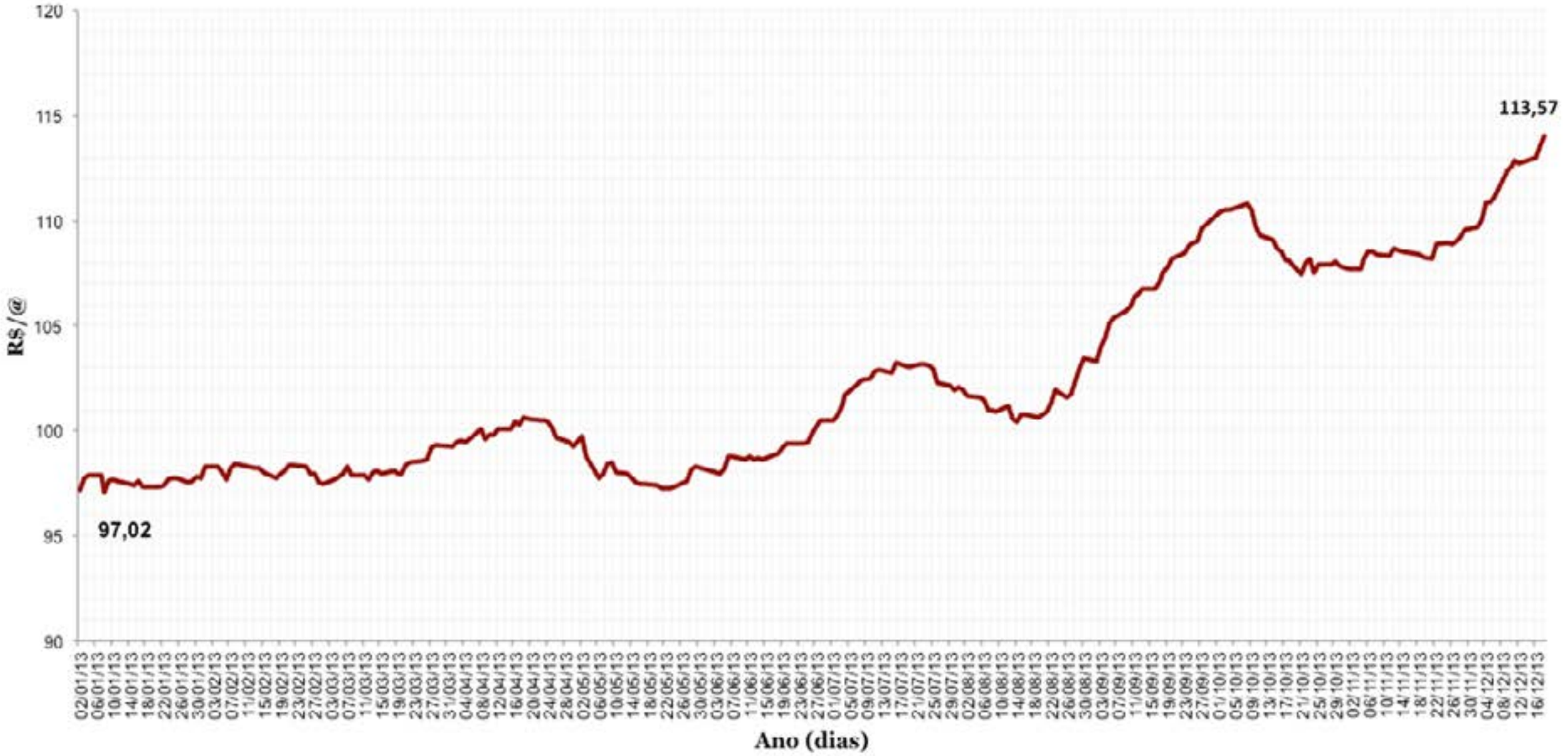


Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela Equipe BeefPoint.



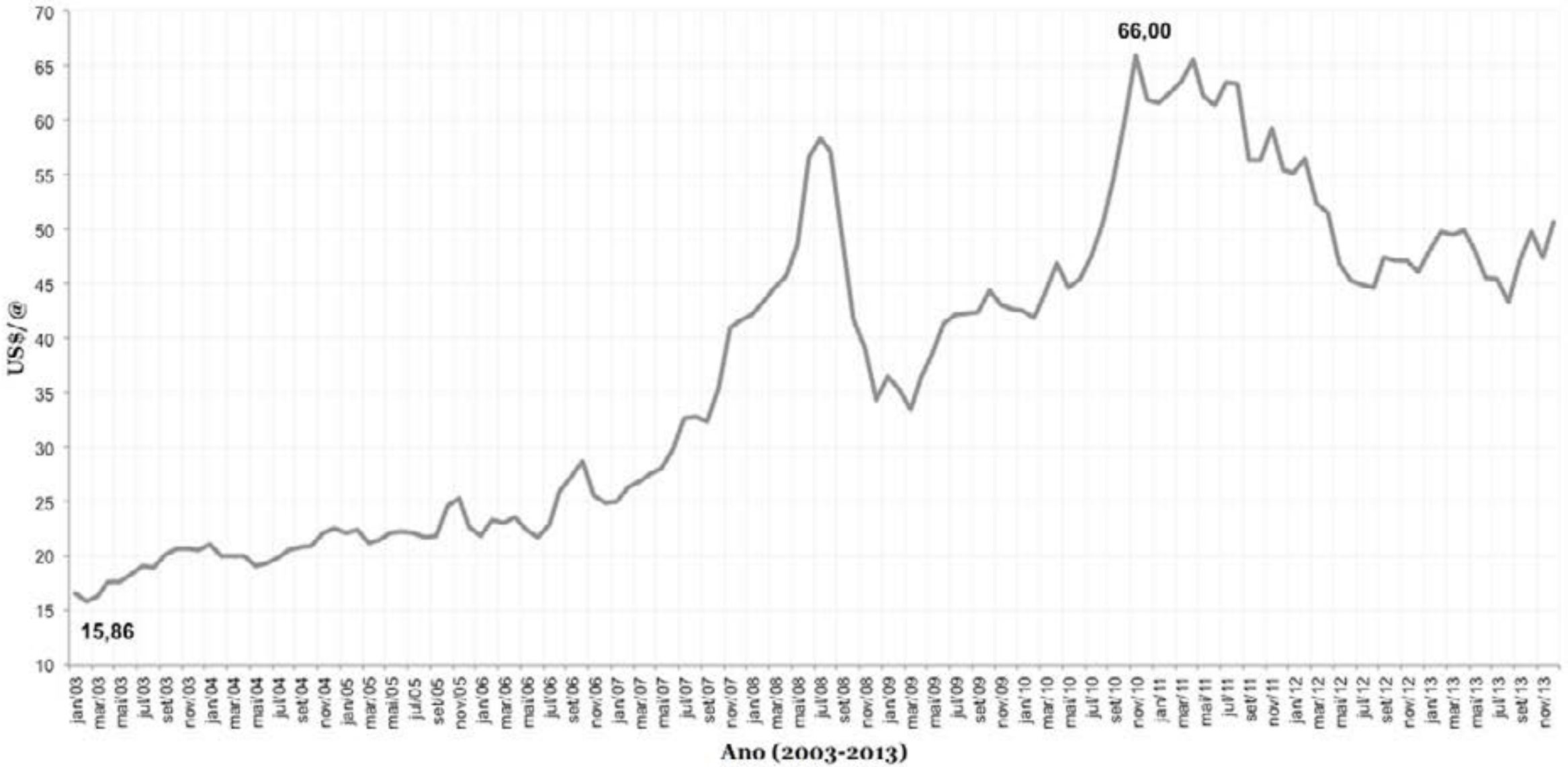
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela Equipe BeefPoint.

Boi gordo à vista



Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela Equipe BeefPoint.

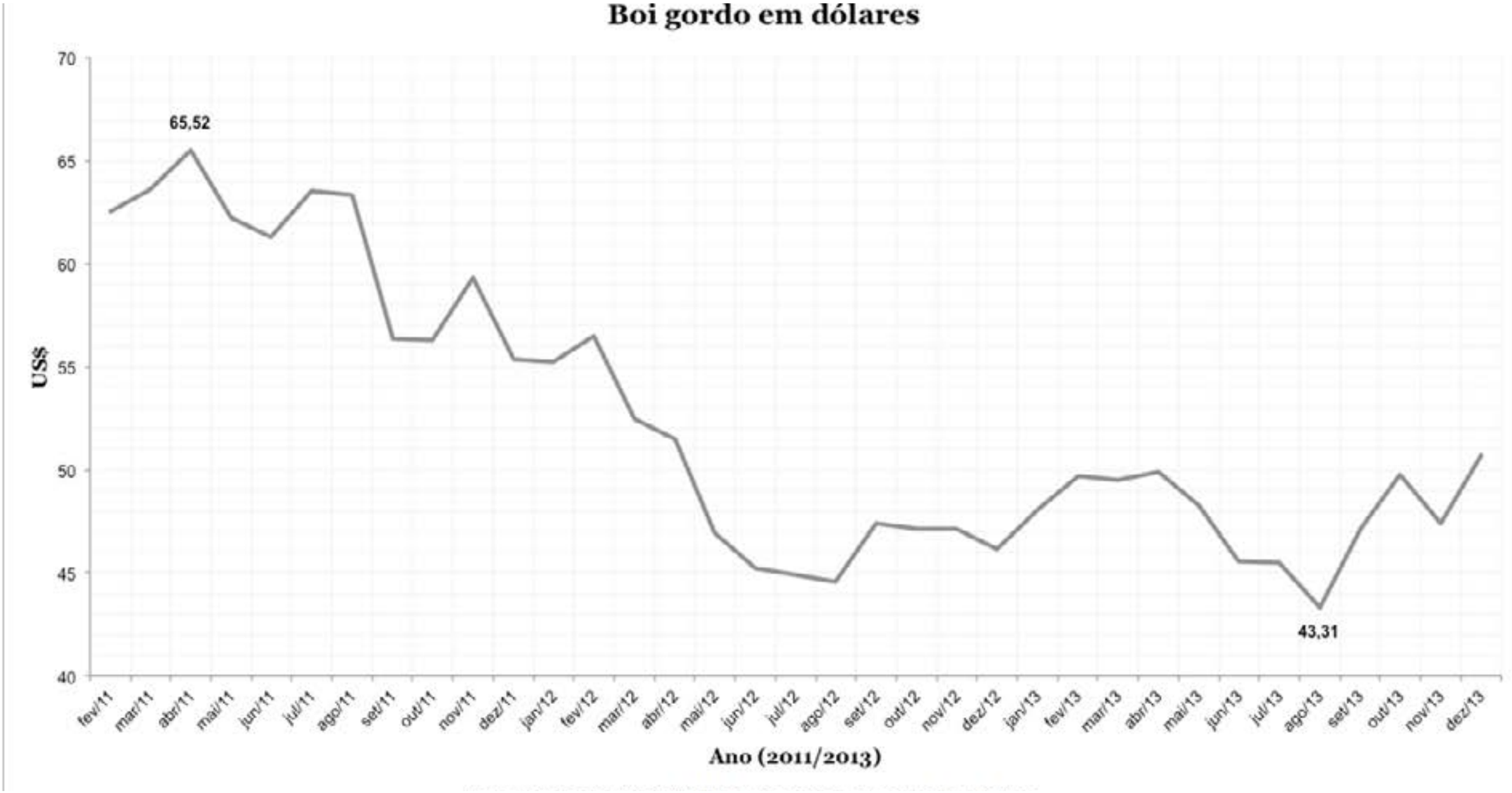
Boi gordo em dólares

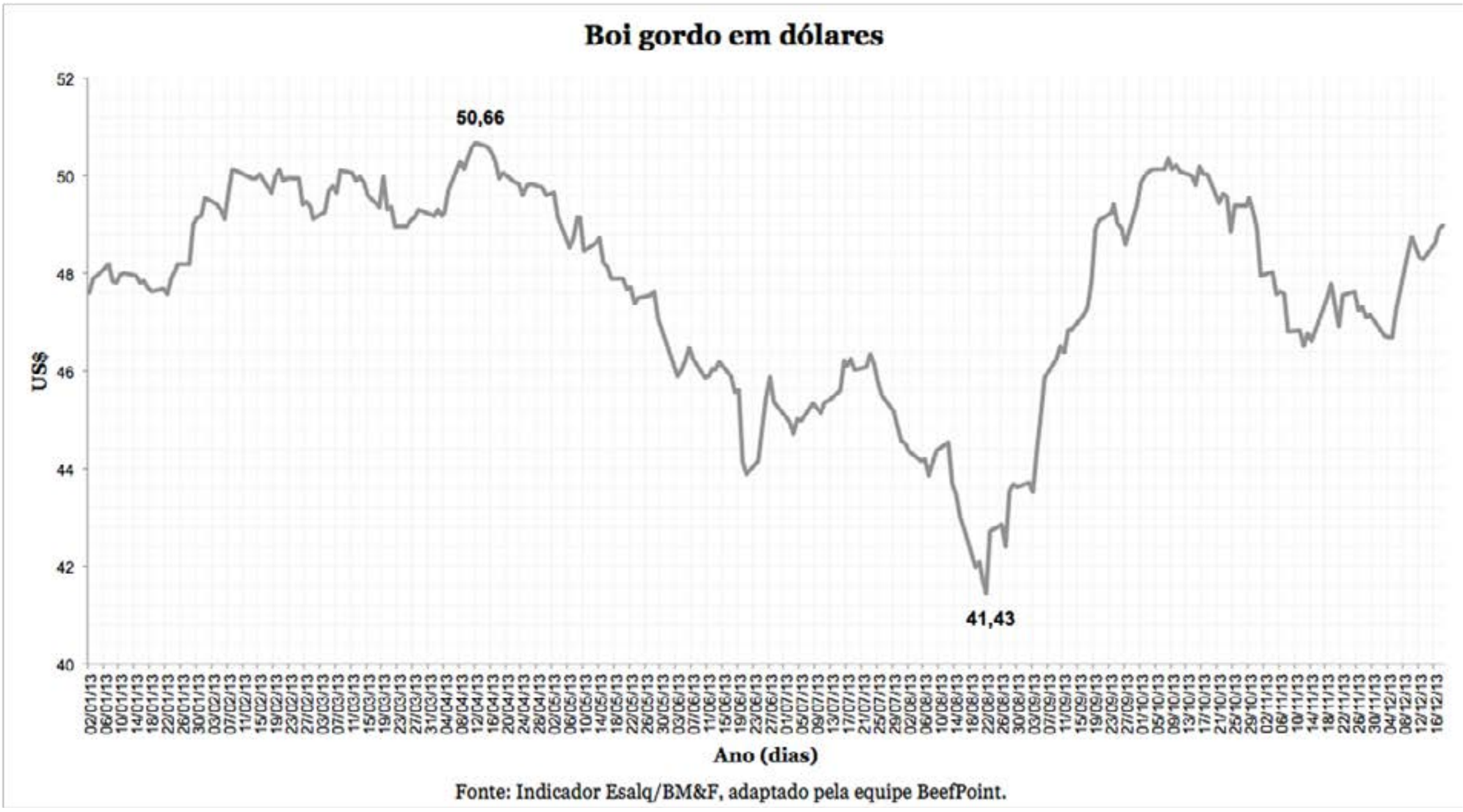


Ano (2003-2013)

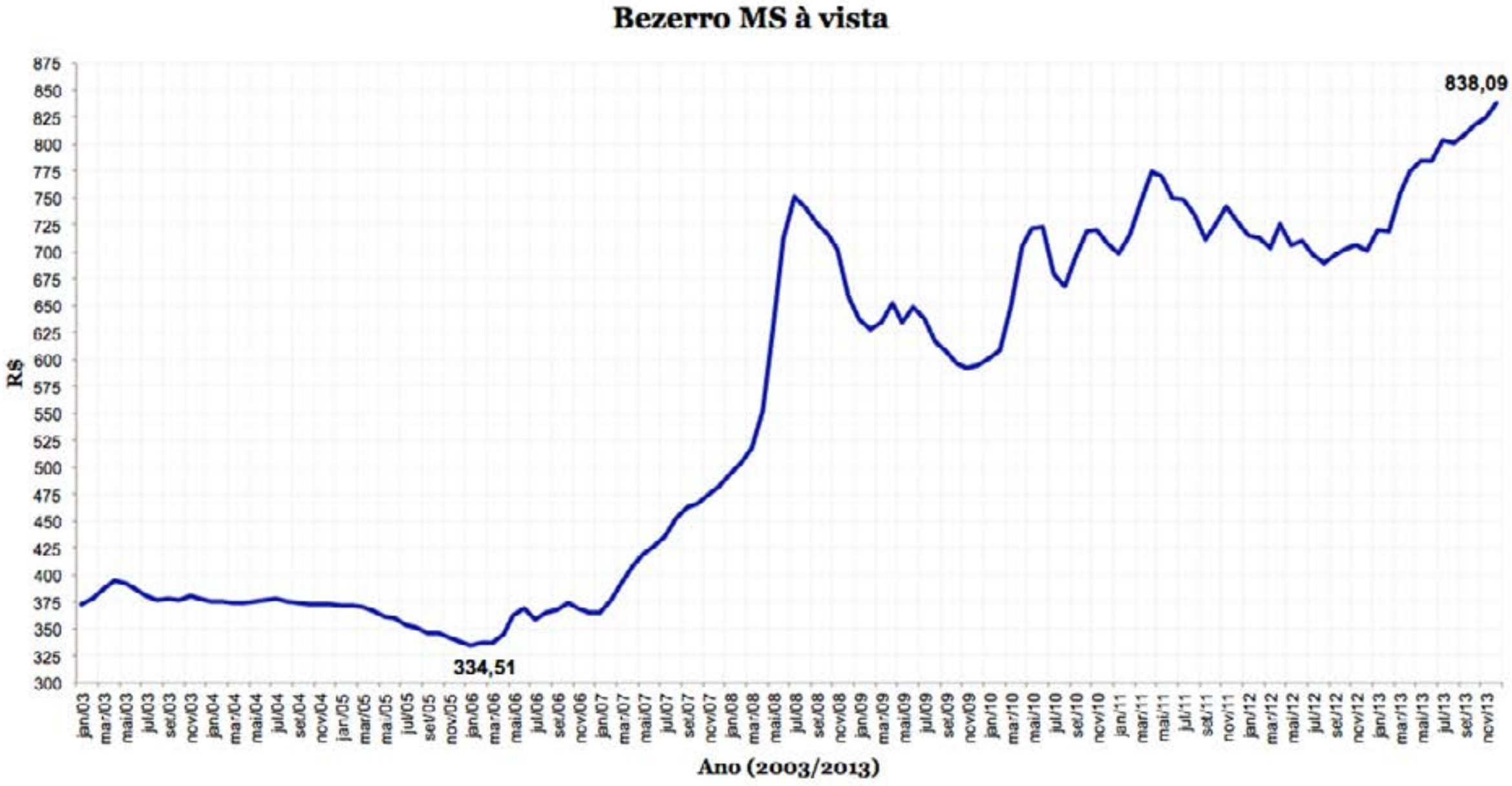
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela equipe BeefPoint.

Boi gordo em dólares

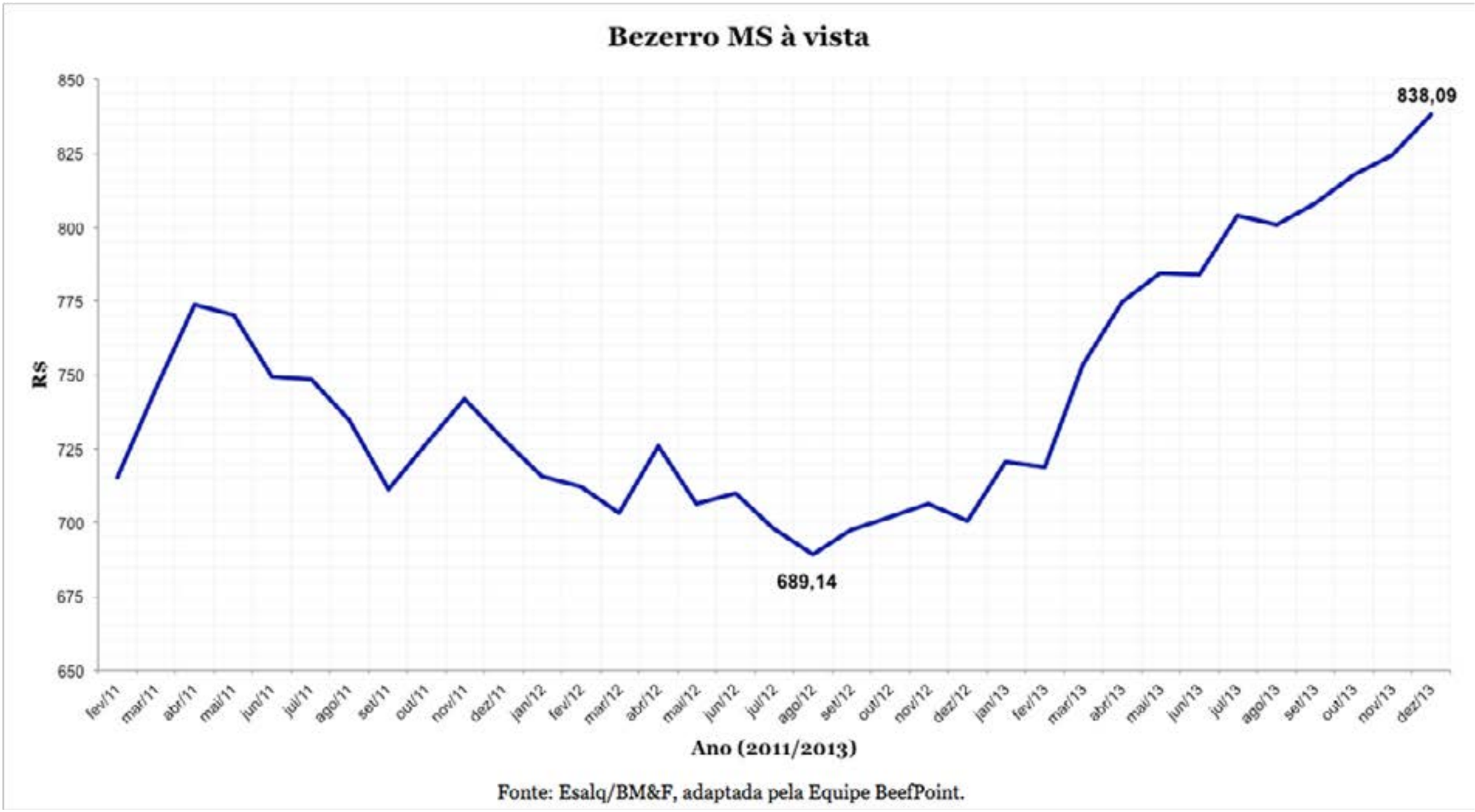




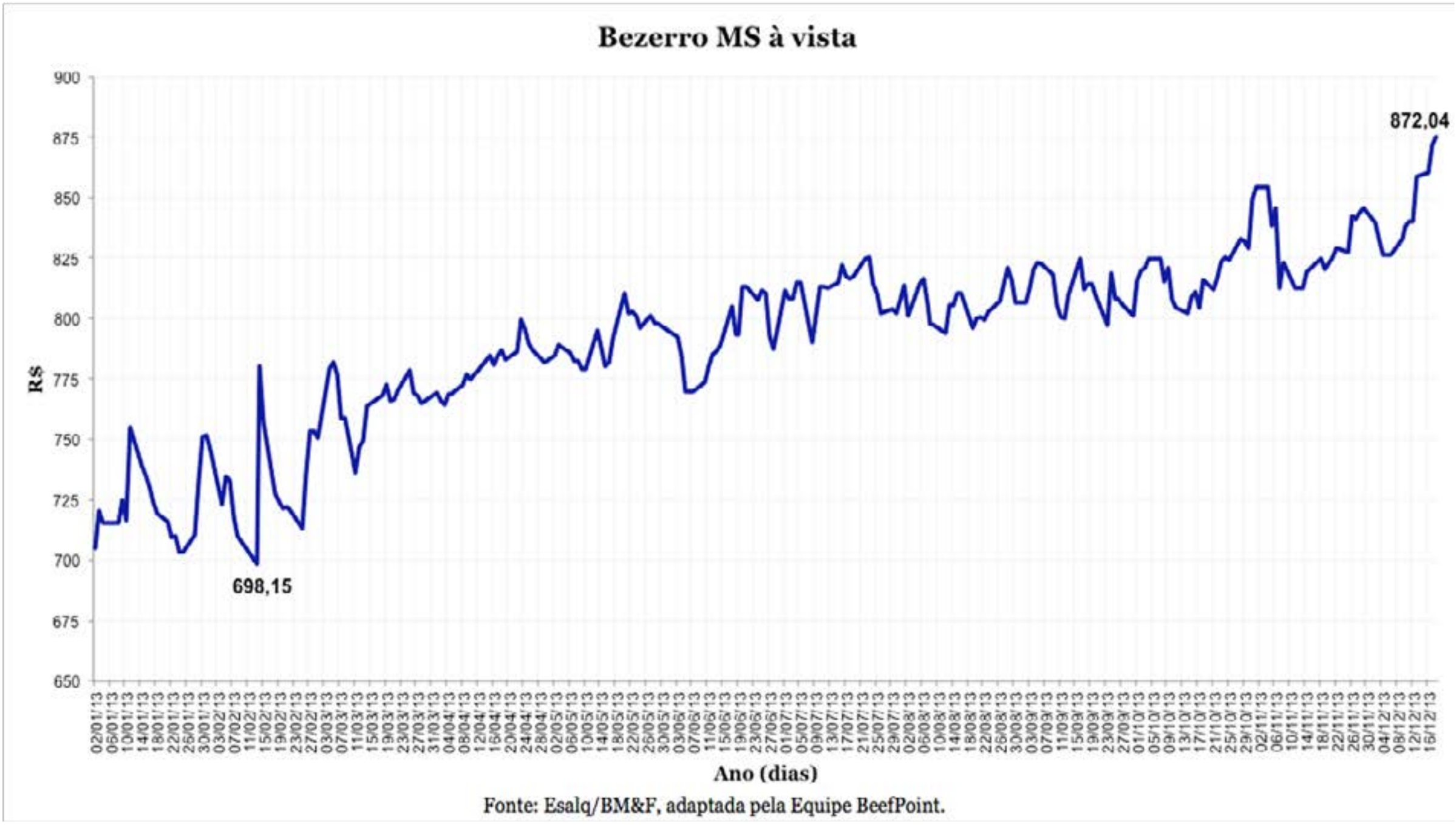
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela equipe BeefPoint.



Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

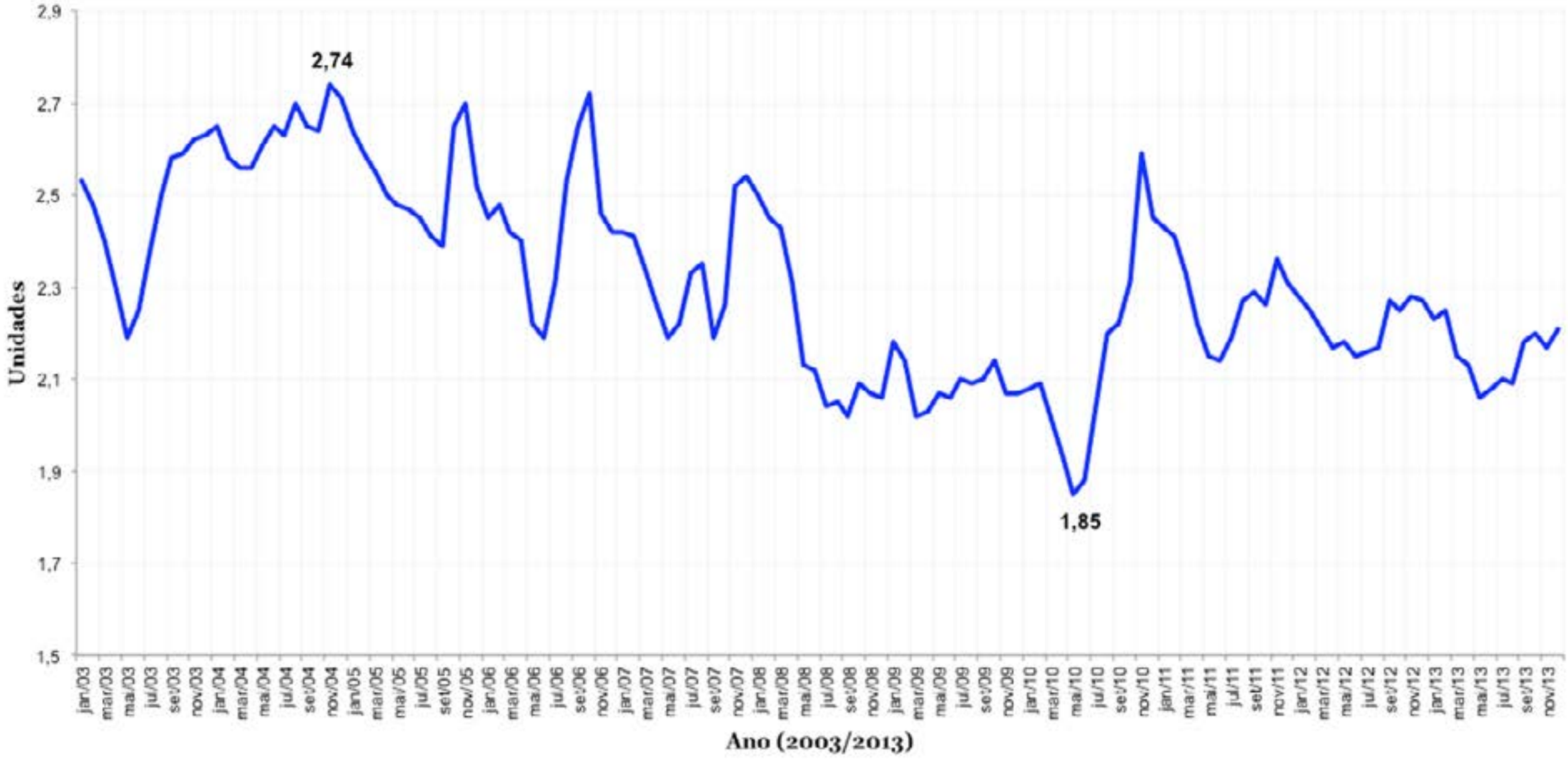


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



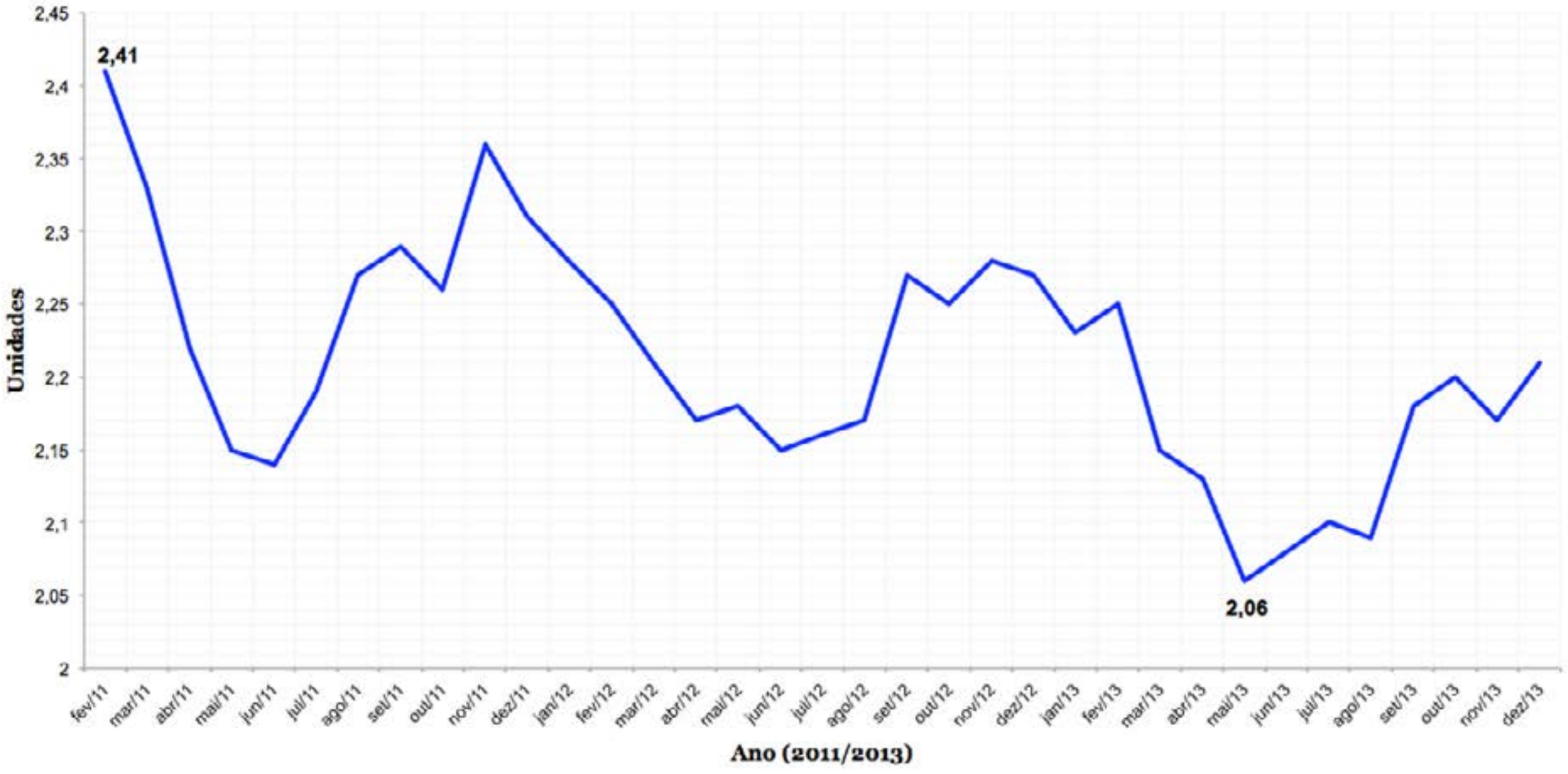
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo-bezerro



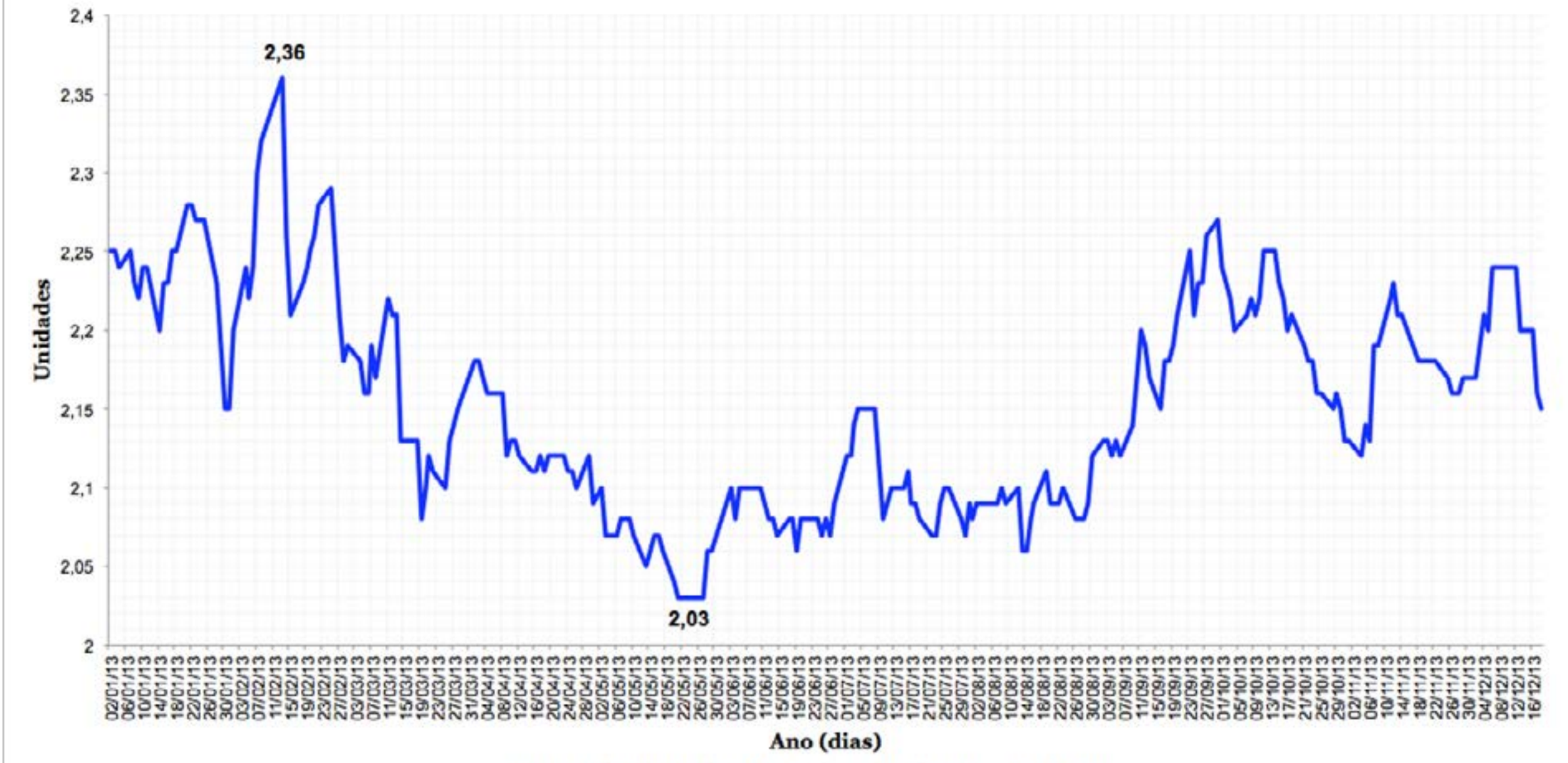
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo-bezerro



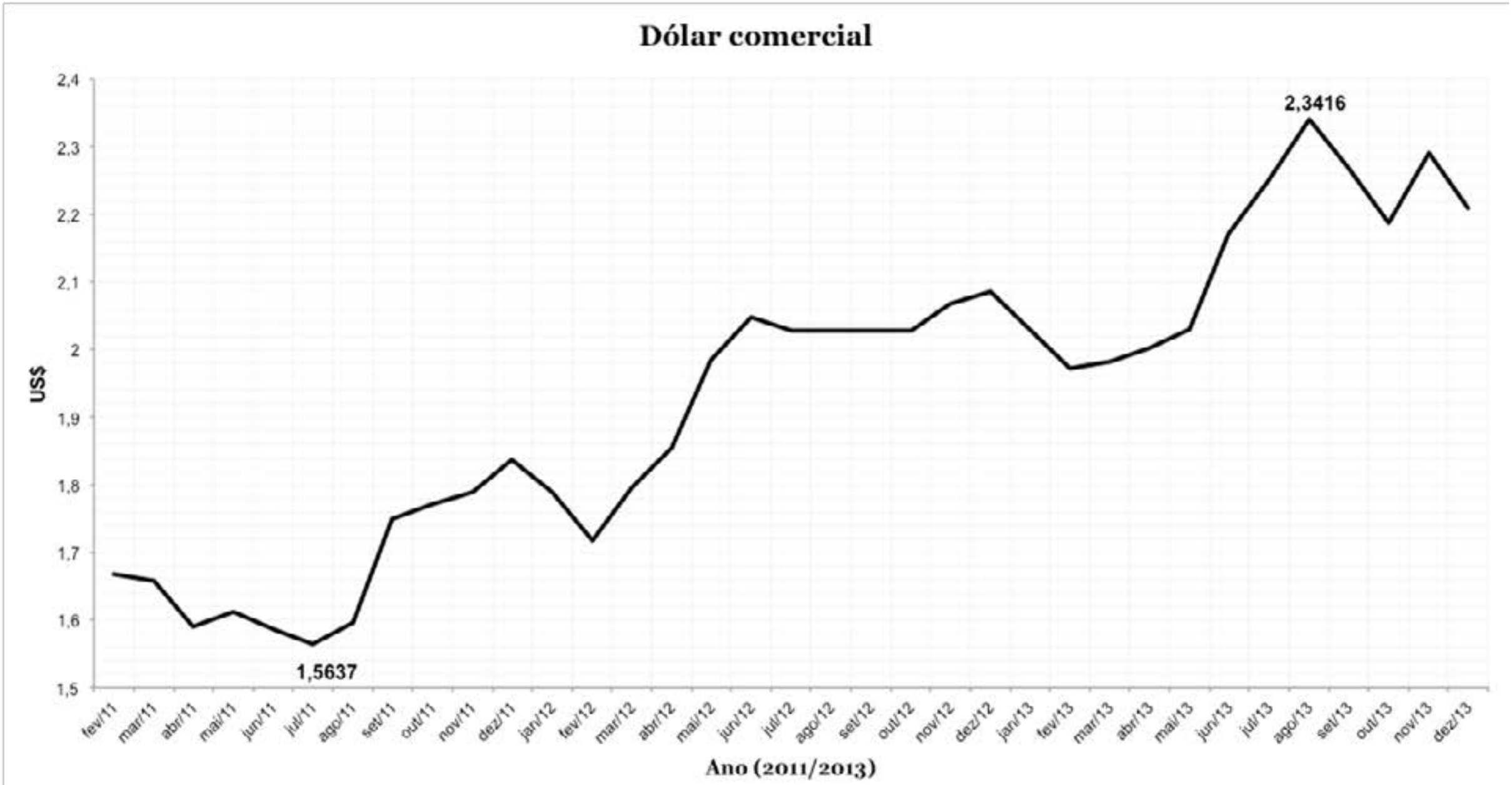
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo-bezerro



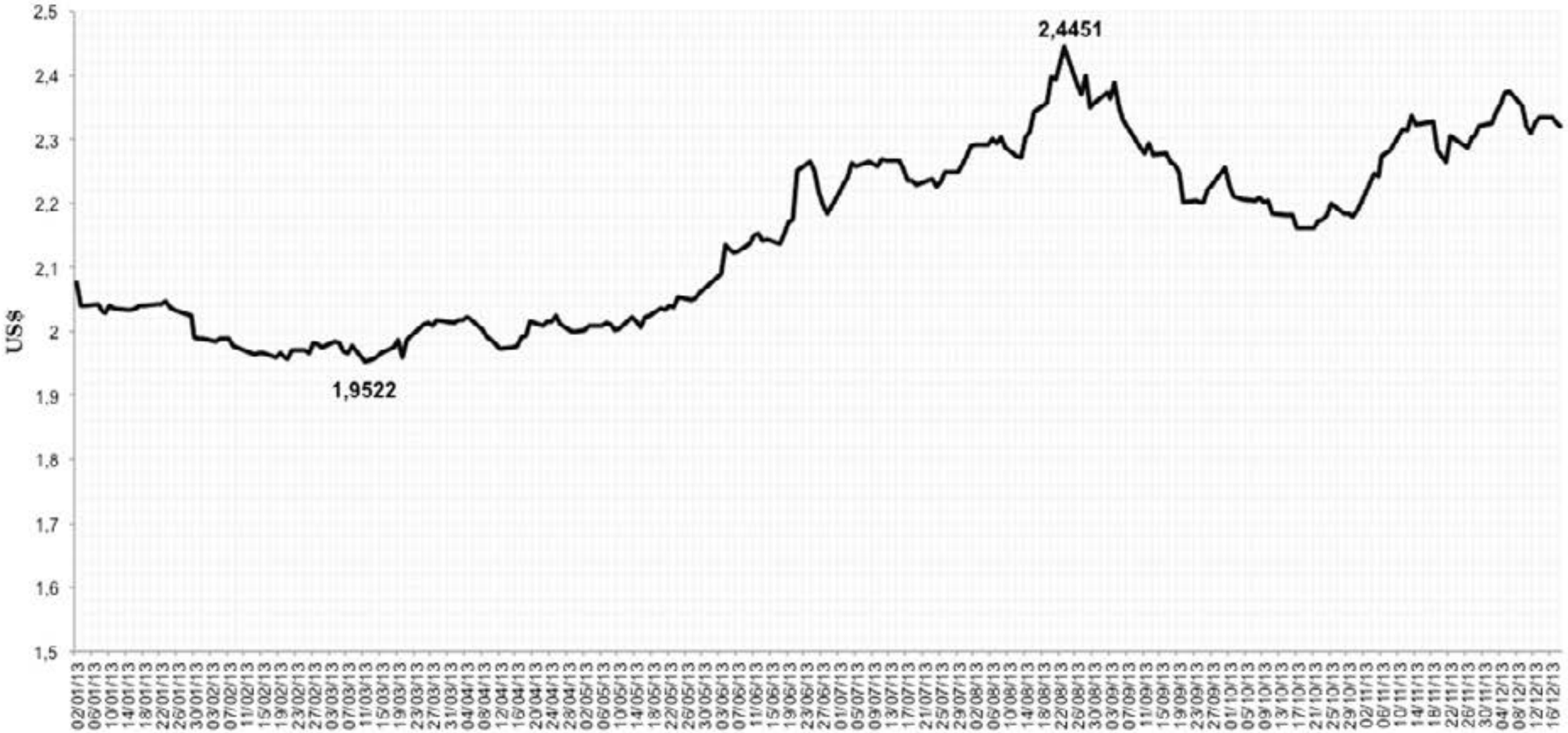
Fonte: Indicador Esalq/BM&F, adaptado pela equipe BeefPoint.

Fonte: Banco Central do Brasil, adaptado pela Equipe BeefPoint.

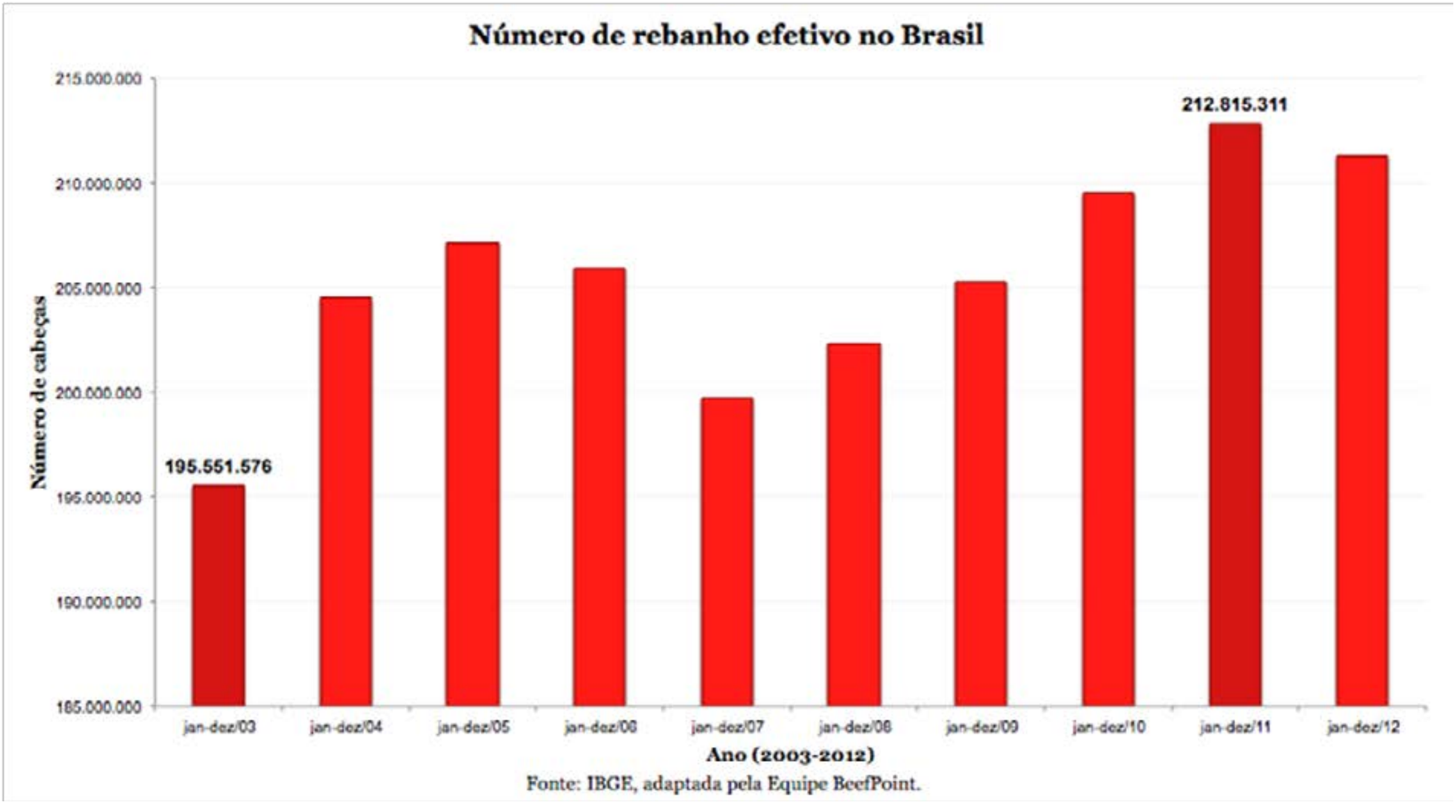


Fonte: Banco Central do Brasil, adaptado pela Equipe BeefPoint.

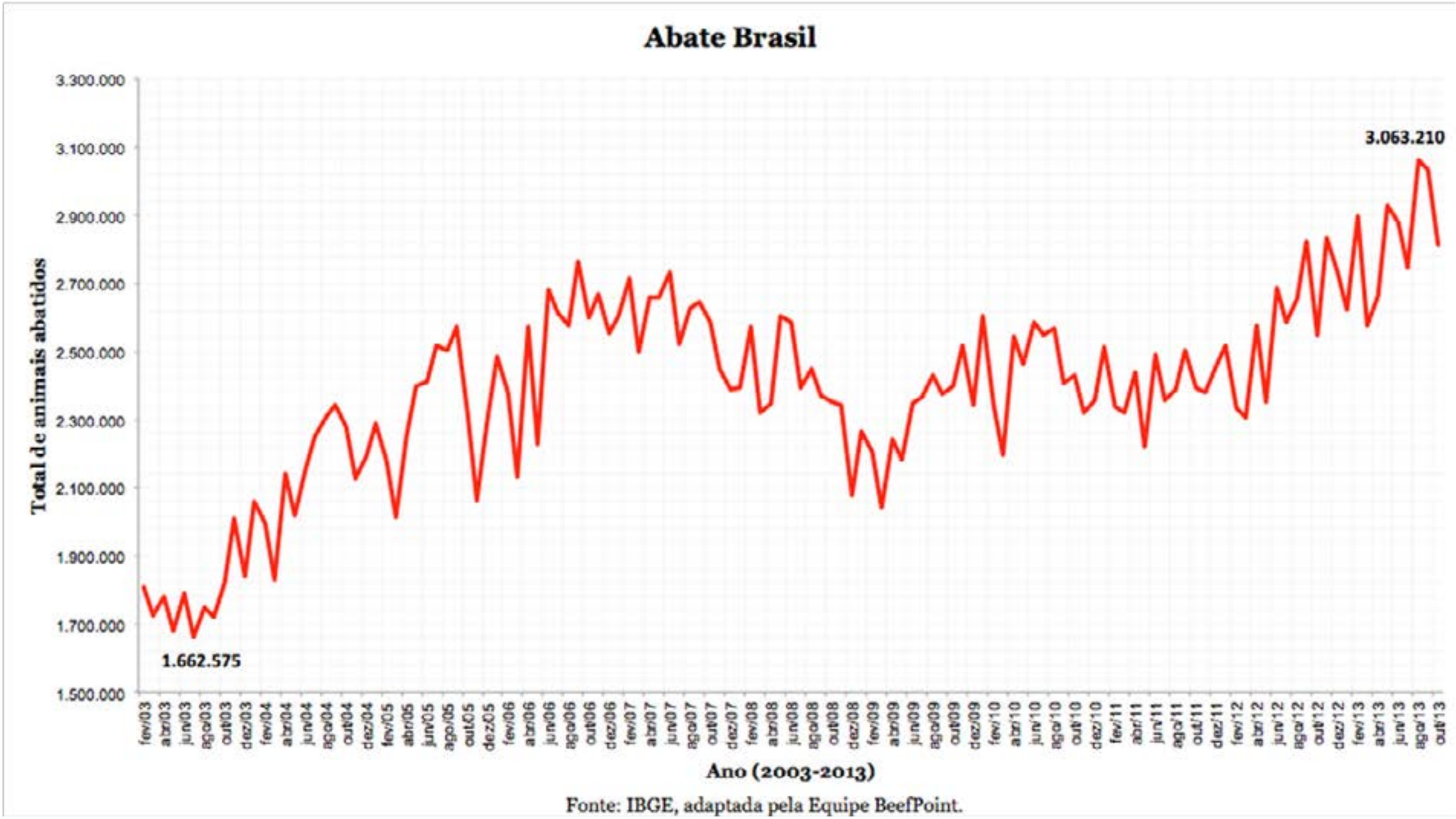
Dólar comercial



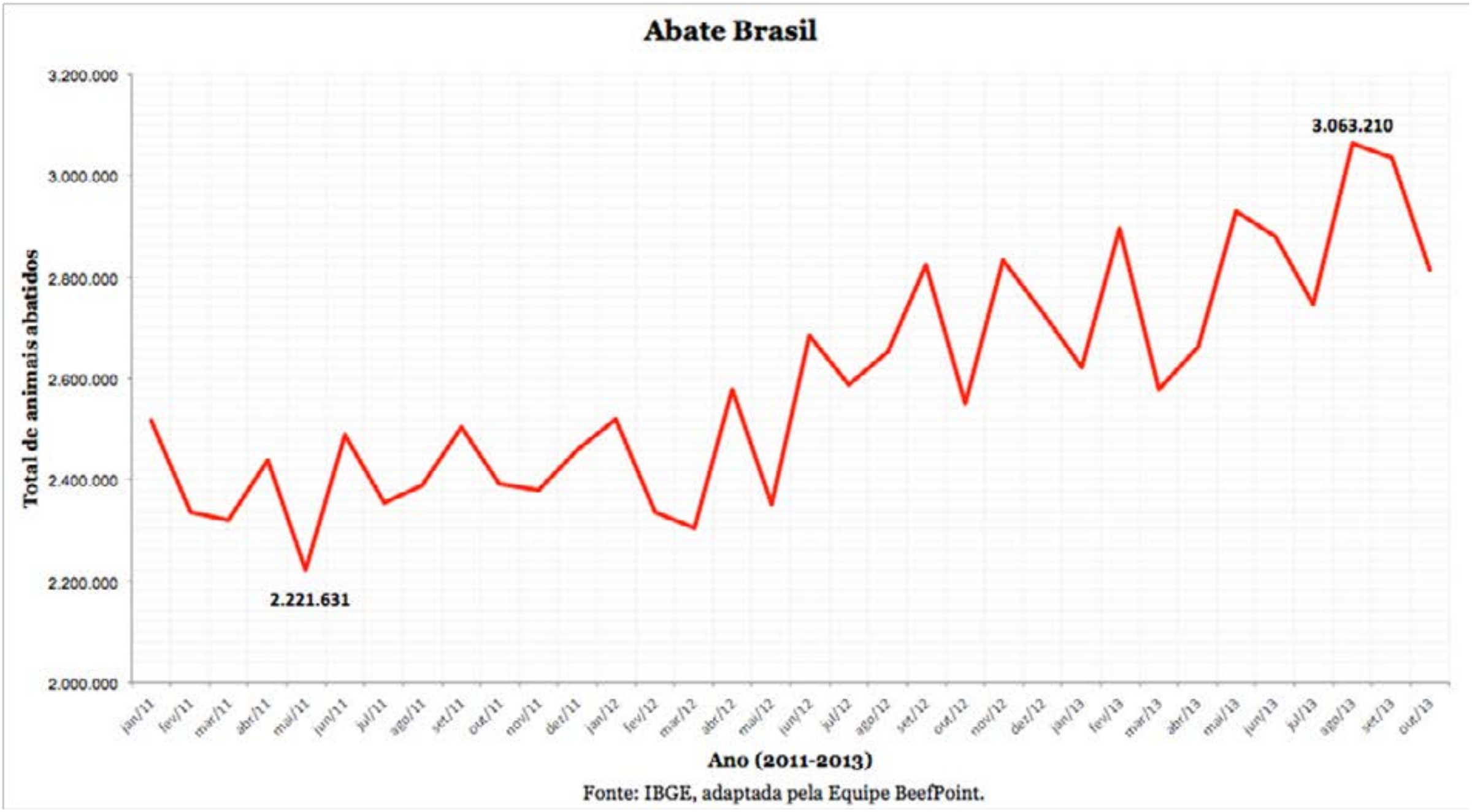
Fonte: Banco Central do Brasil, adaptado pela Equipe BeefPoint.



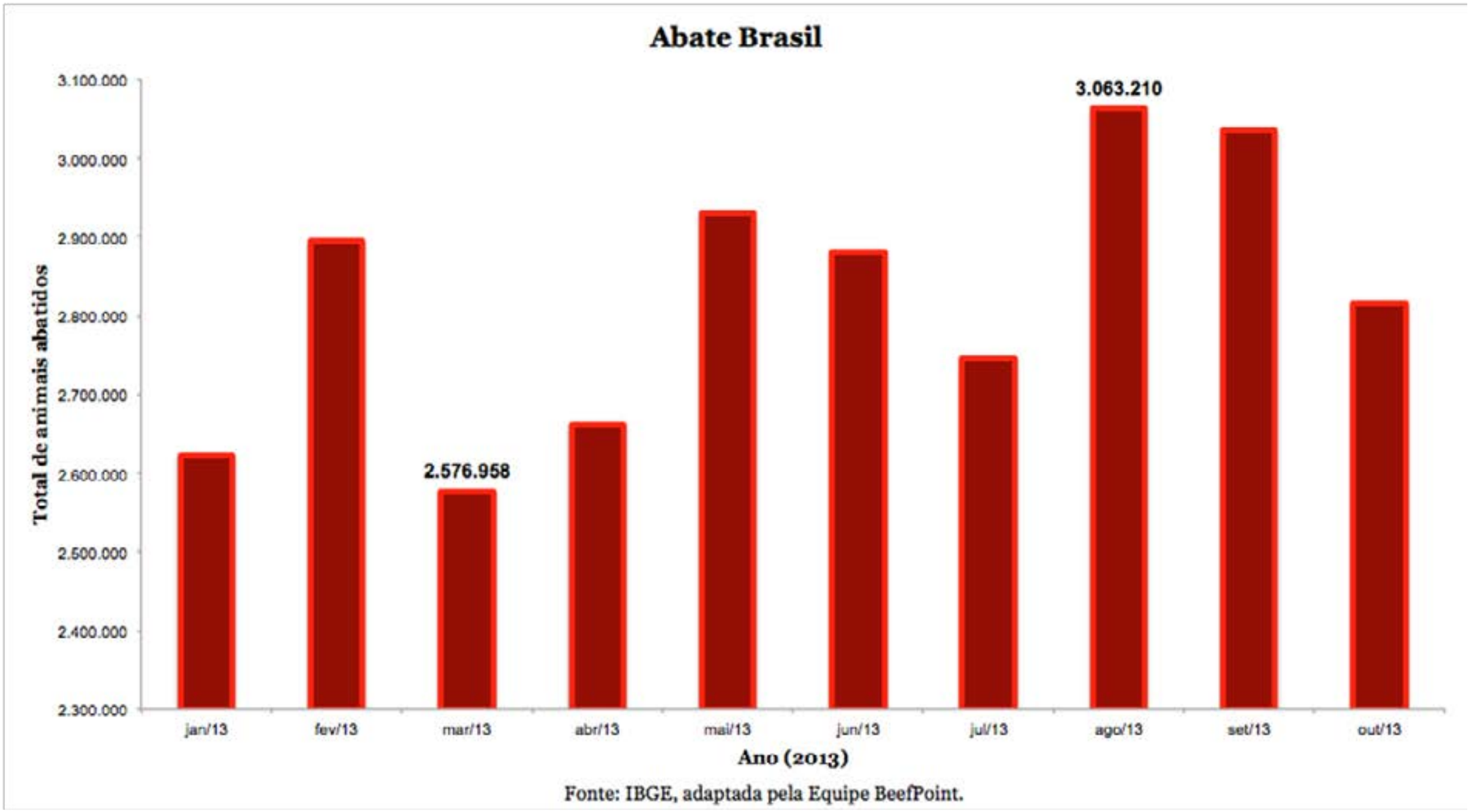
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



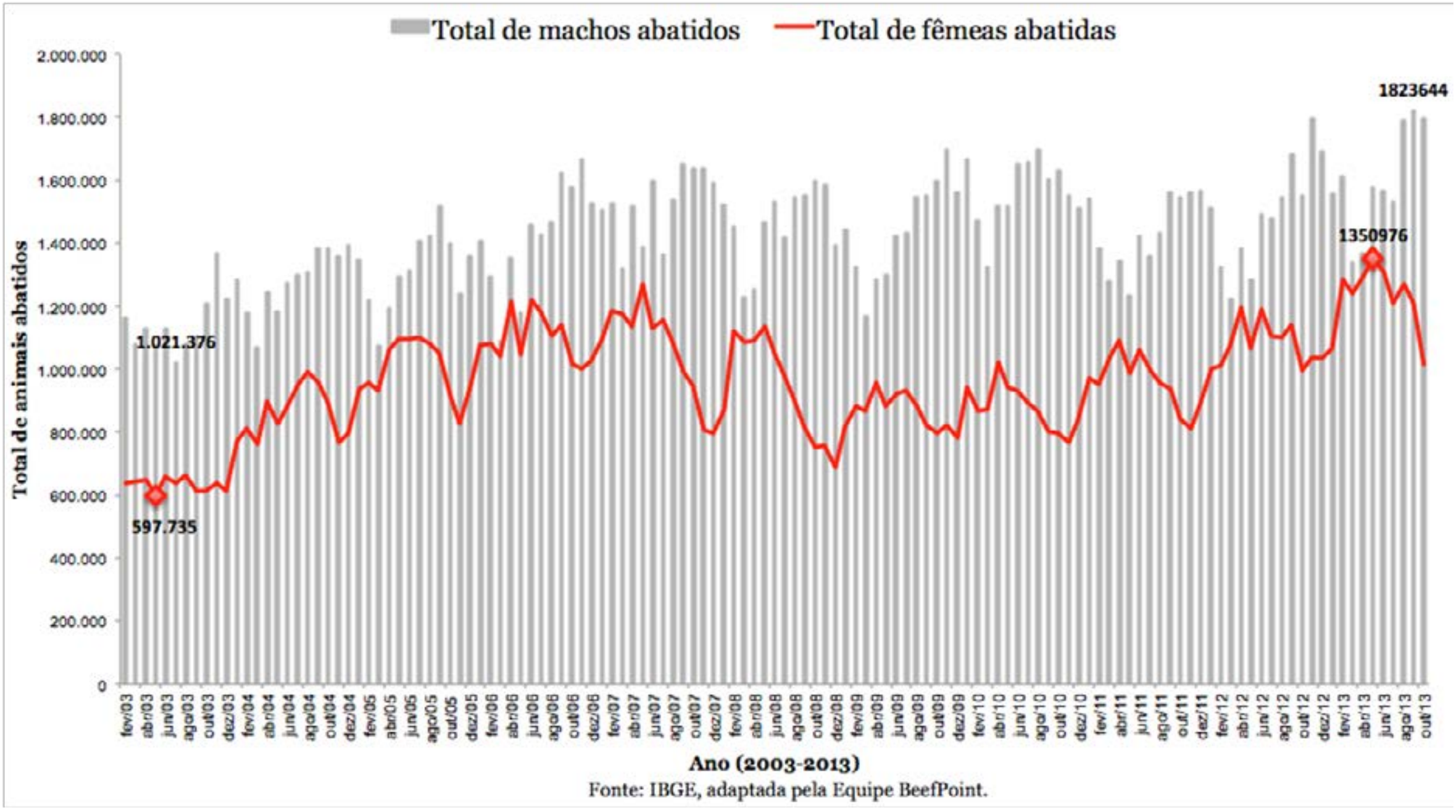
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



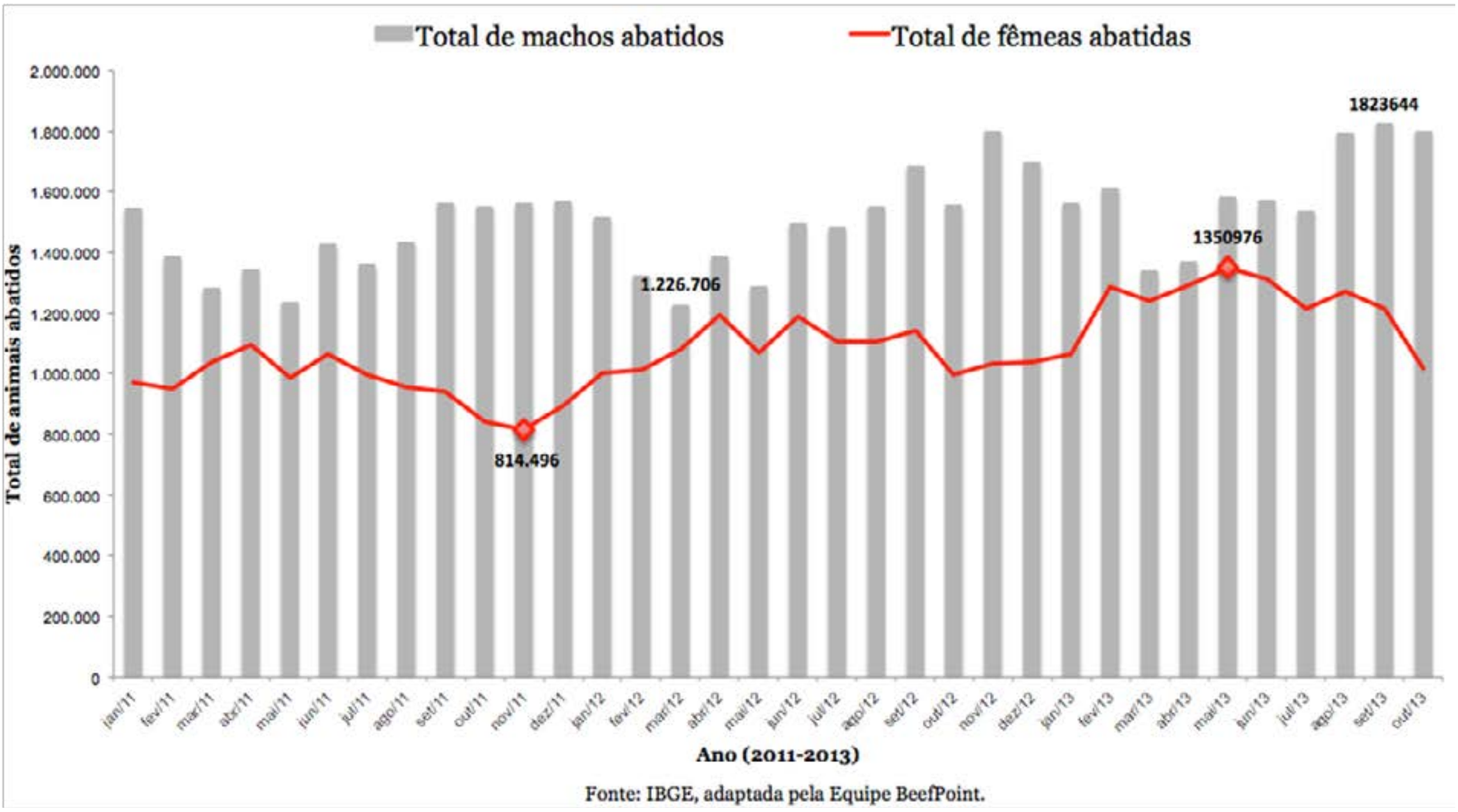
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



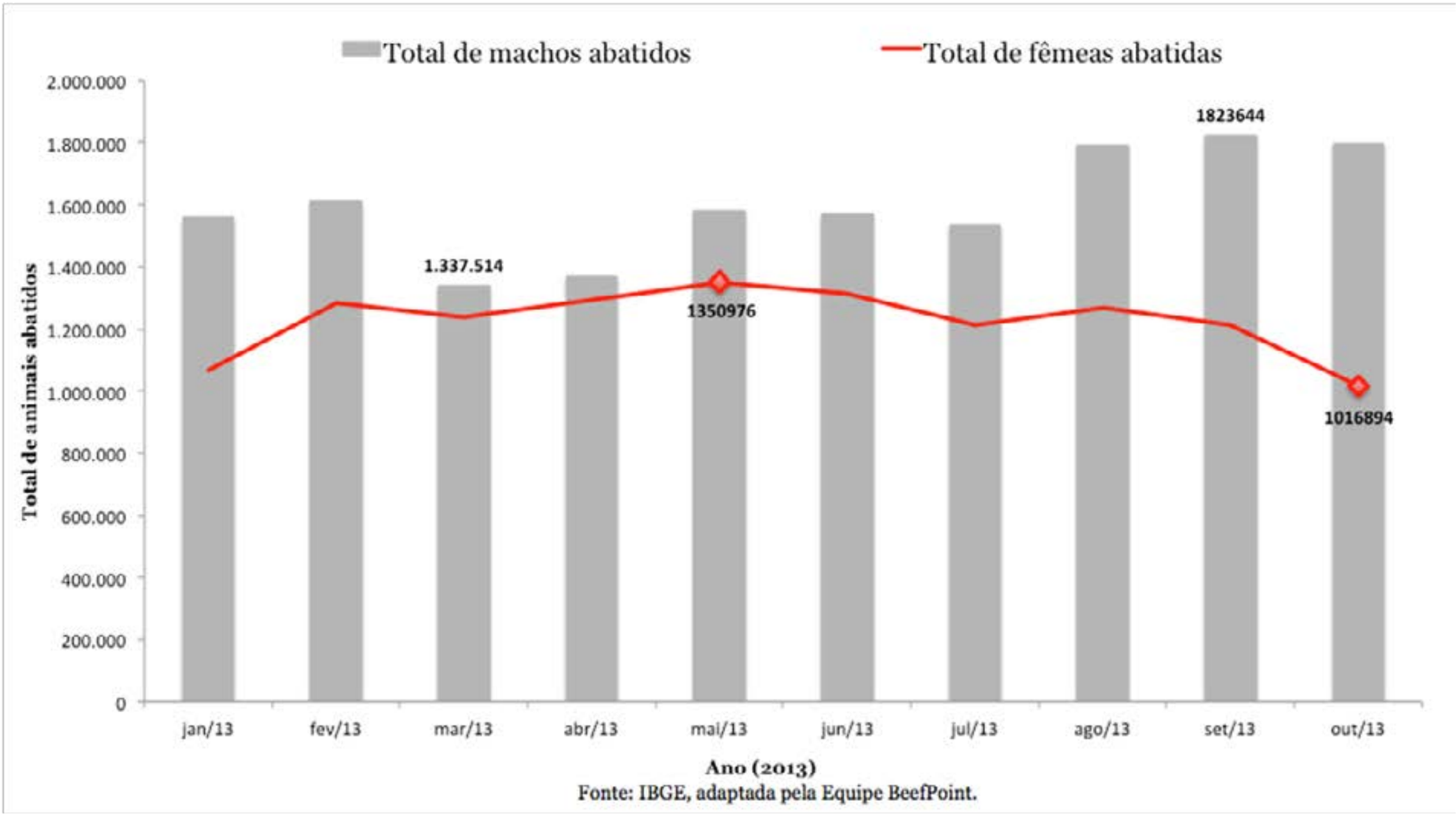
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



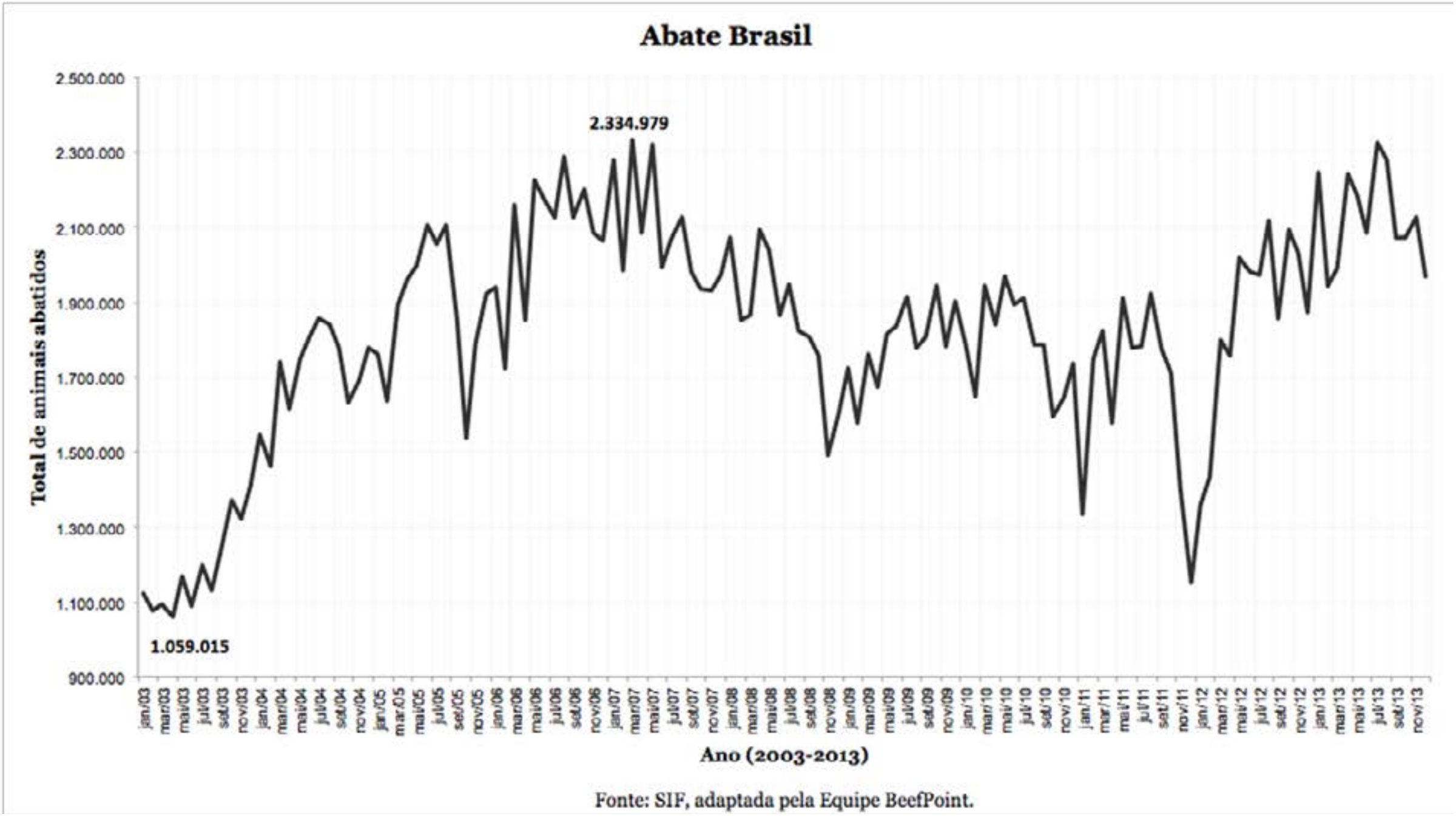
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



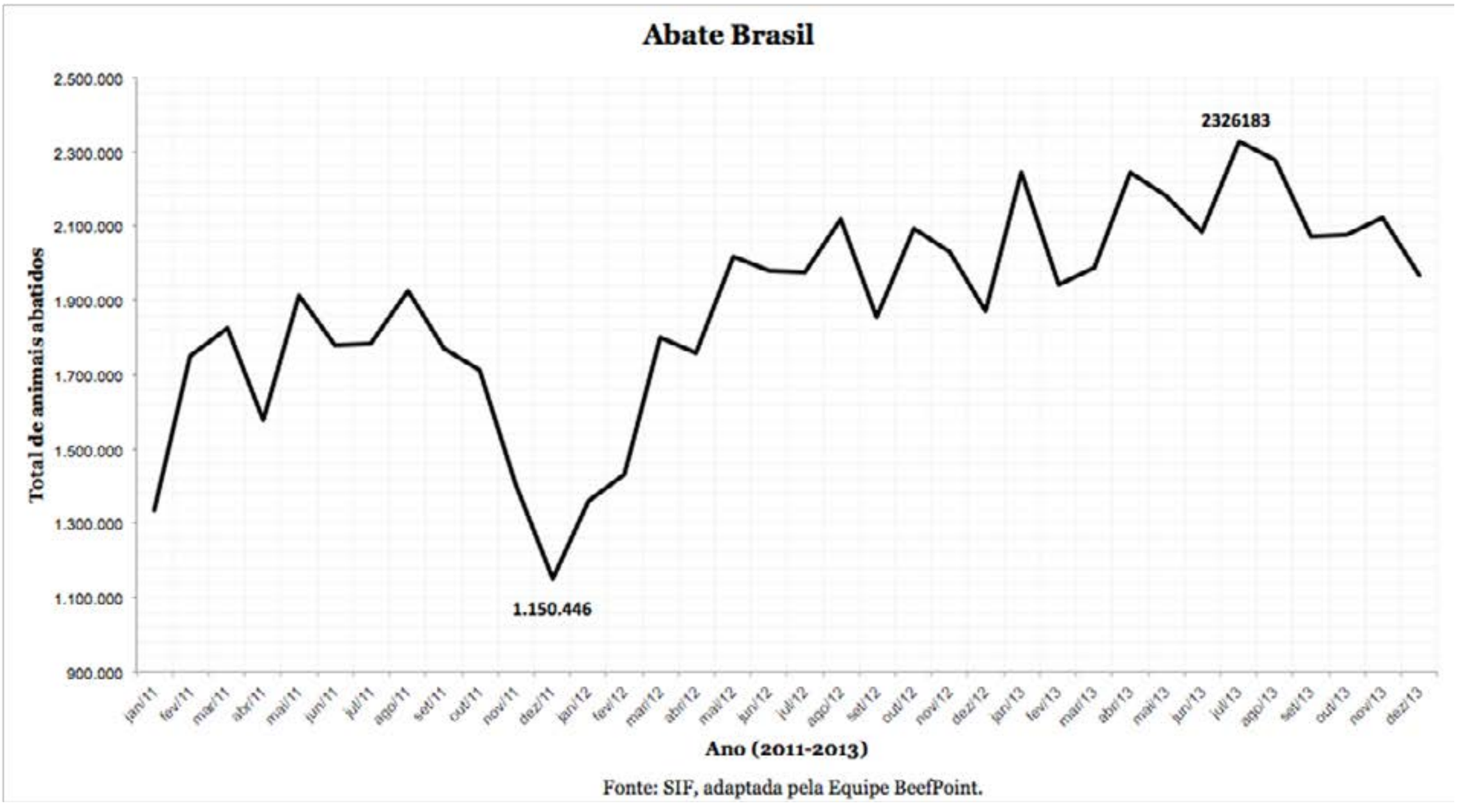
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



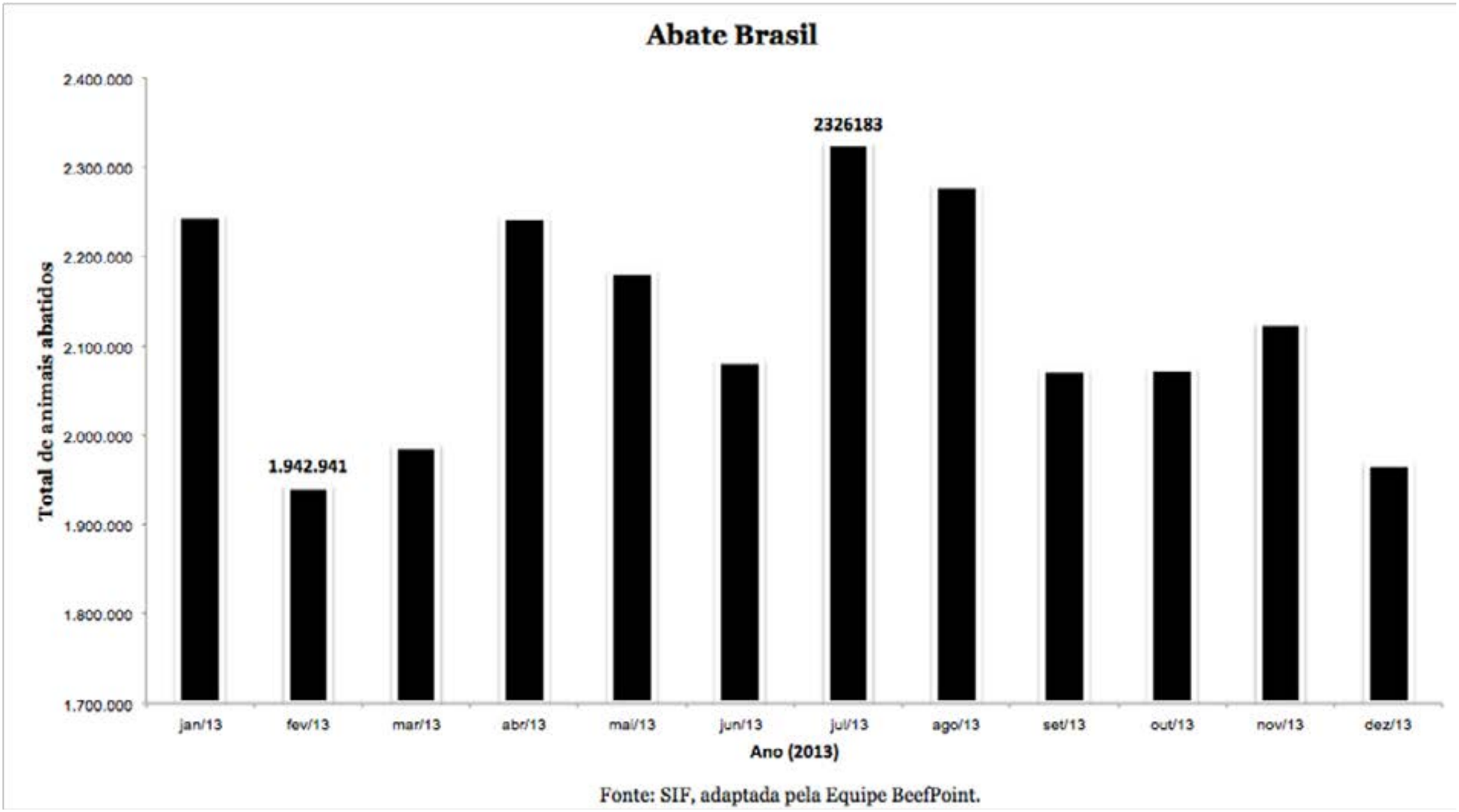
Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



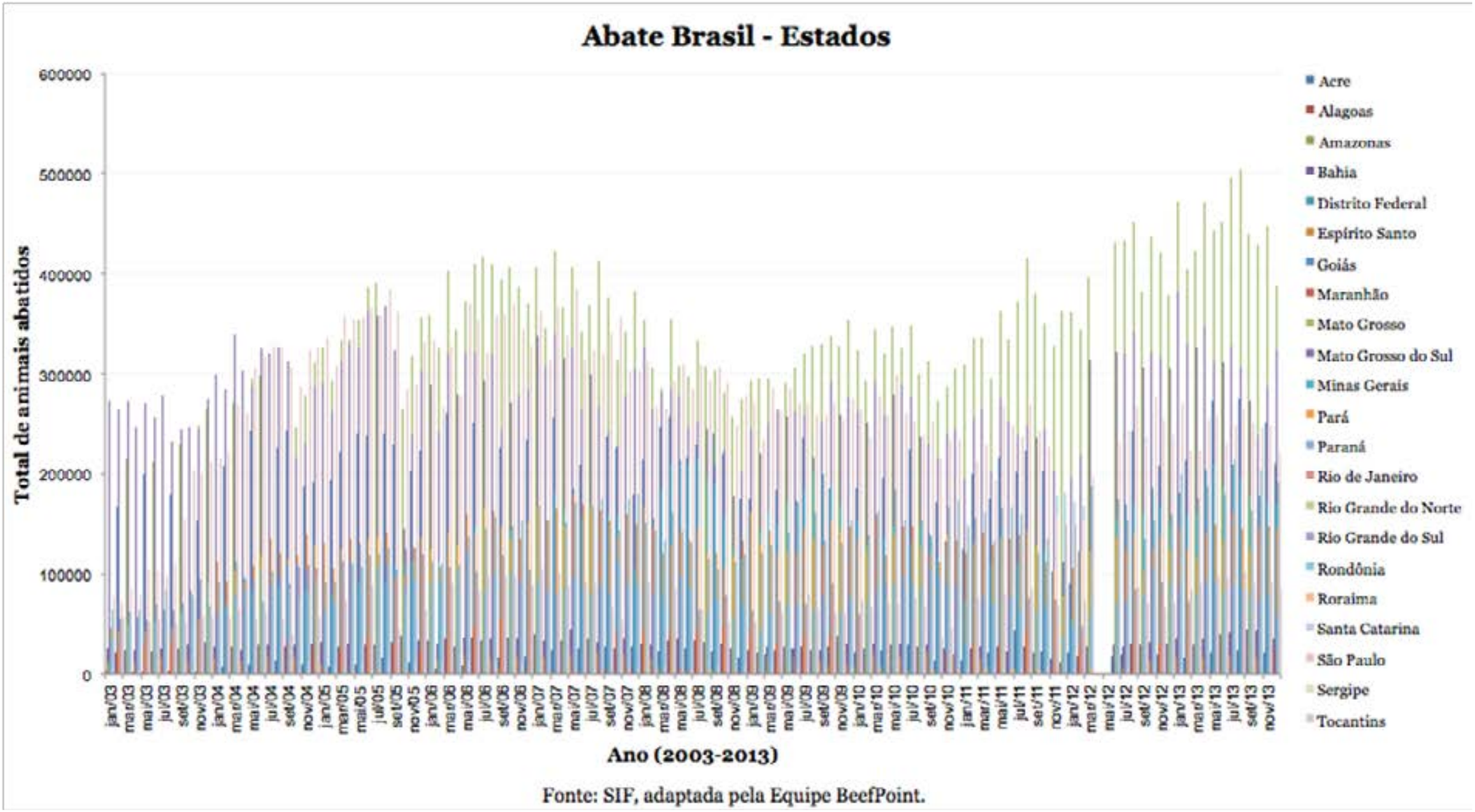
Fonte: SIF, adaptada pela Equipe BeefPoint.



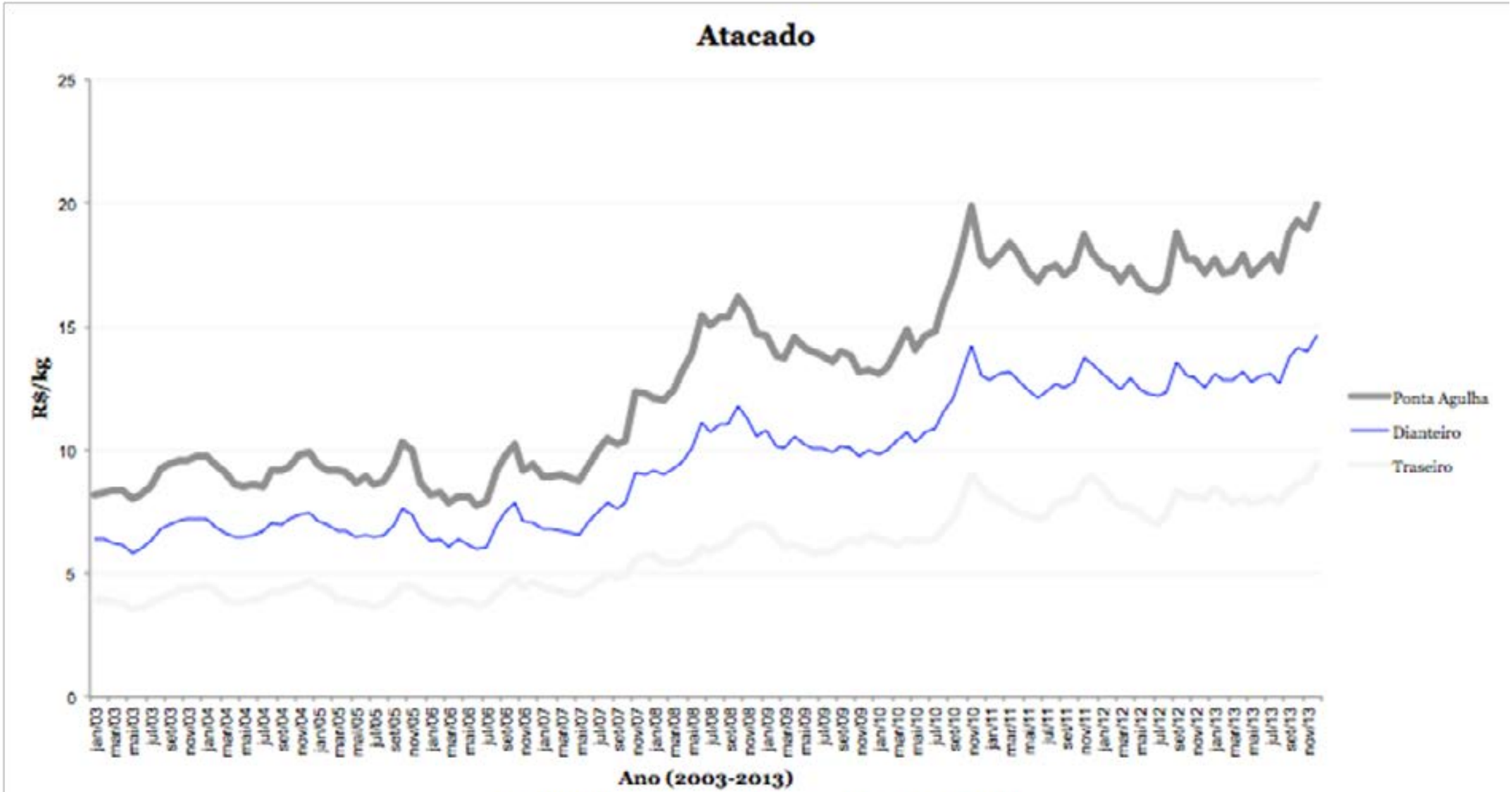
Fonte: SIF, adaptada pela Equipe BeefPoint.



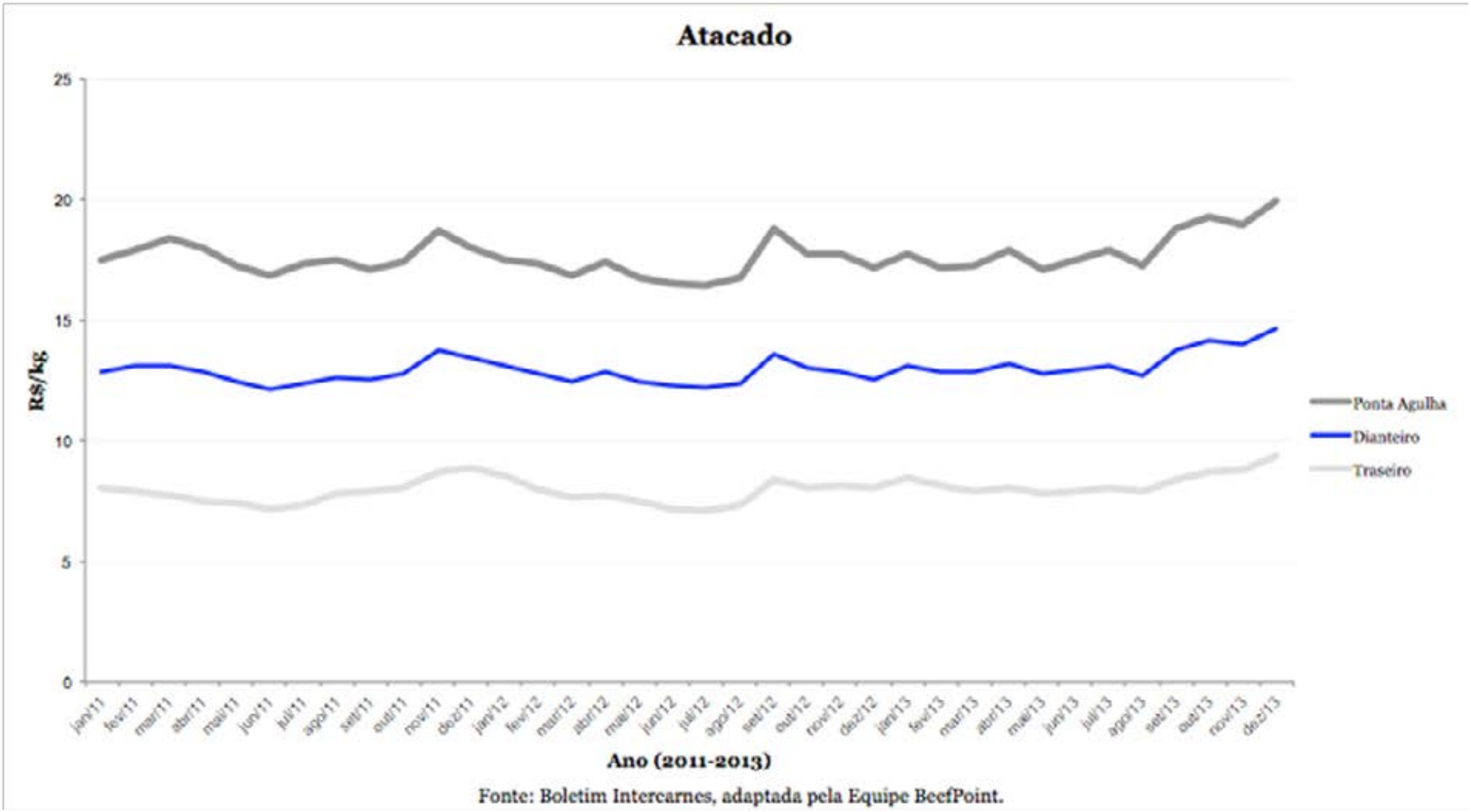
Fonte: SIF, adaptada pela Equipe BeefPoint.



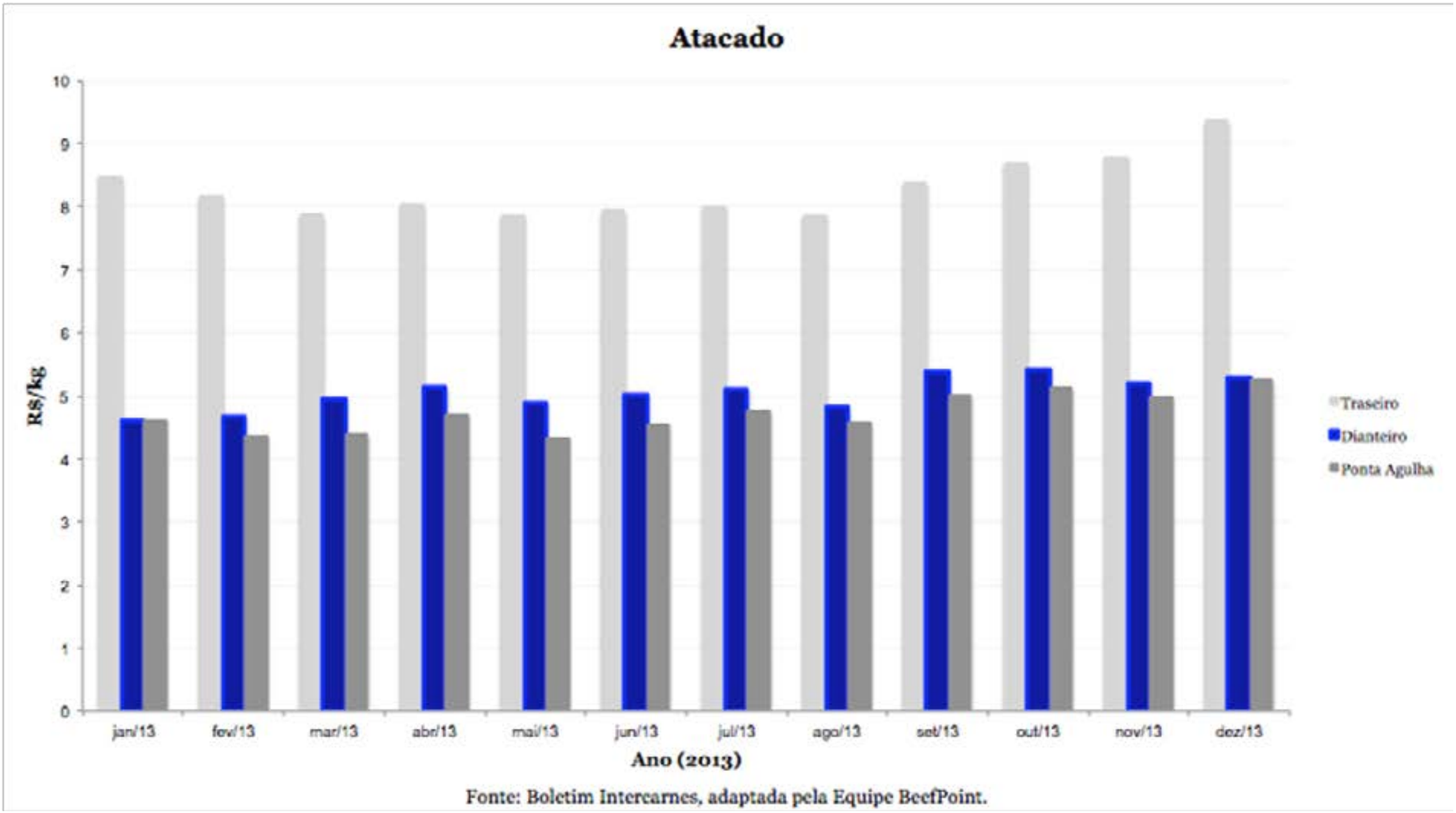
Fonte: SIF, adaptada pela Equipe BeefPoint.



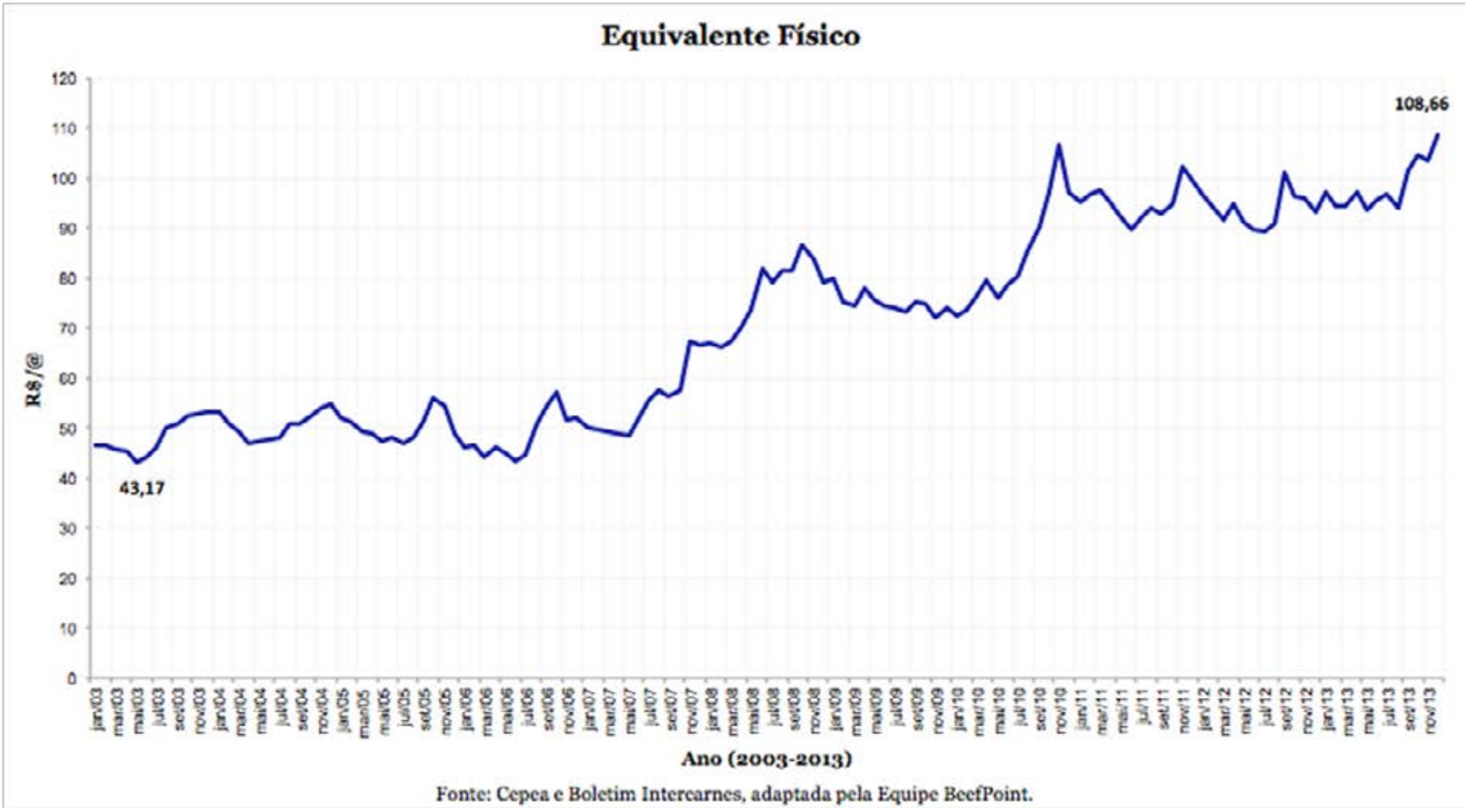
Fonte: Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



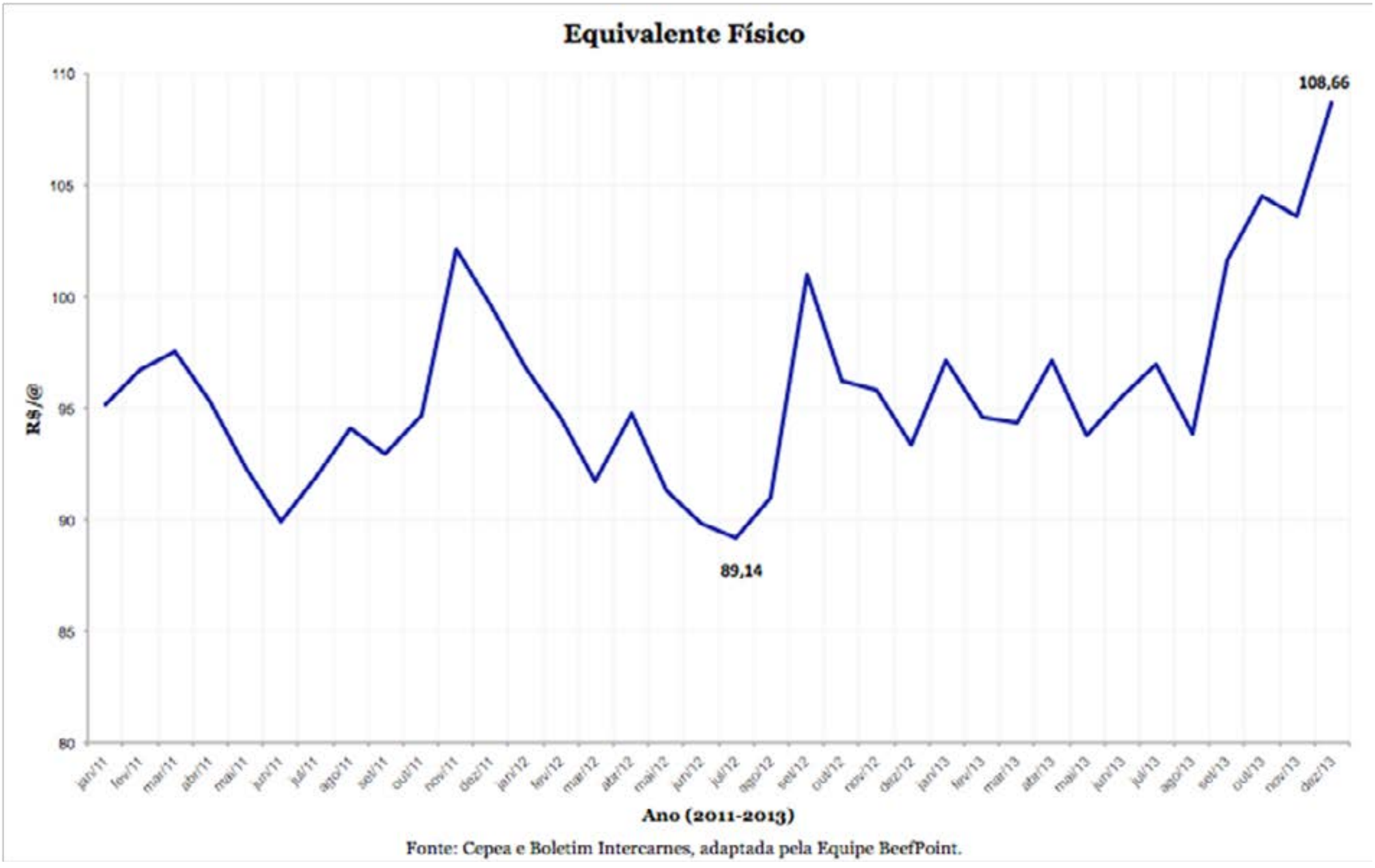
Fonte: Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.

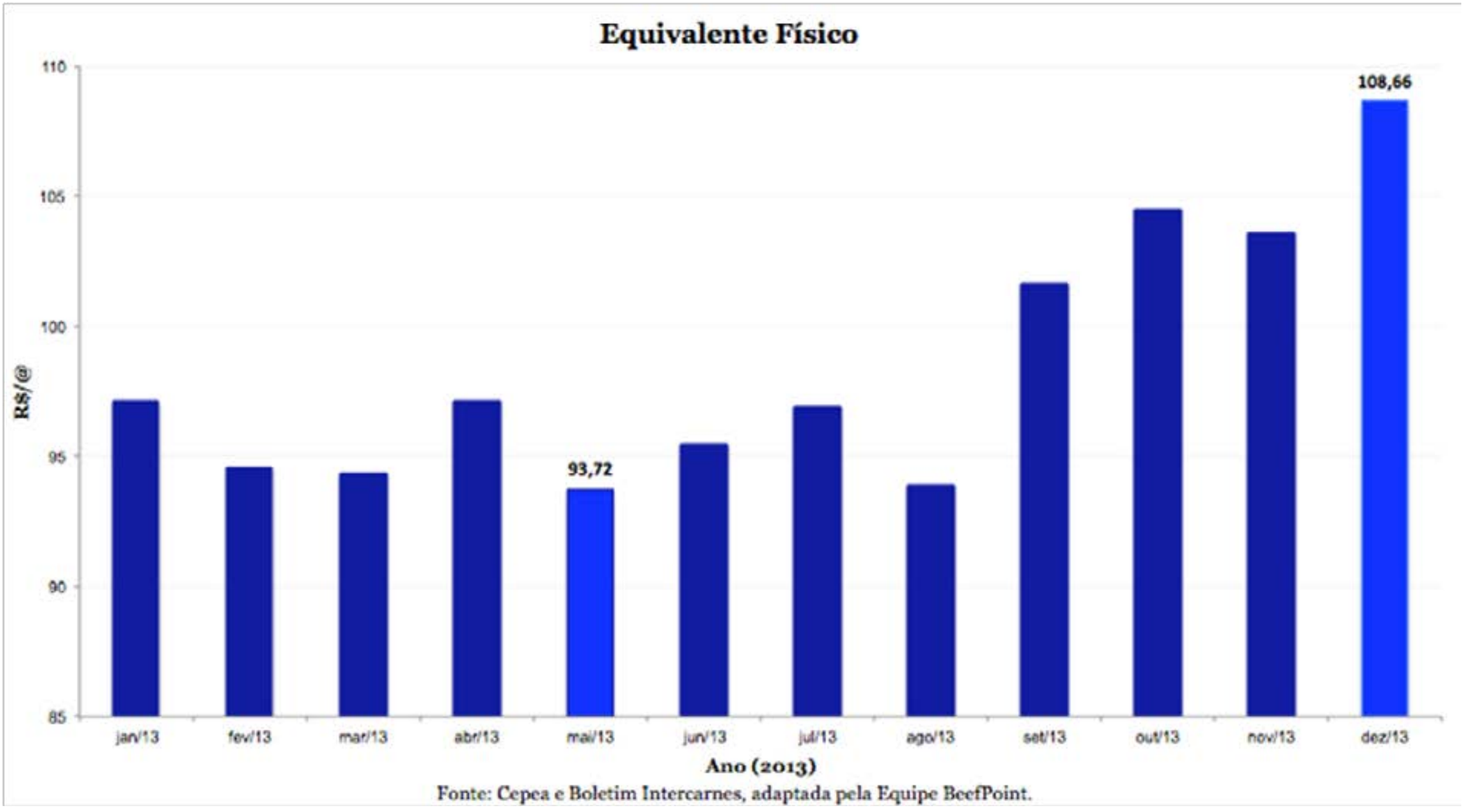


Fonte: Cepea e Boletim Interearnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.

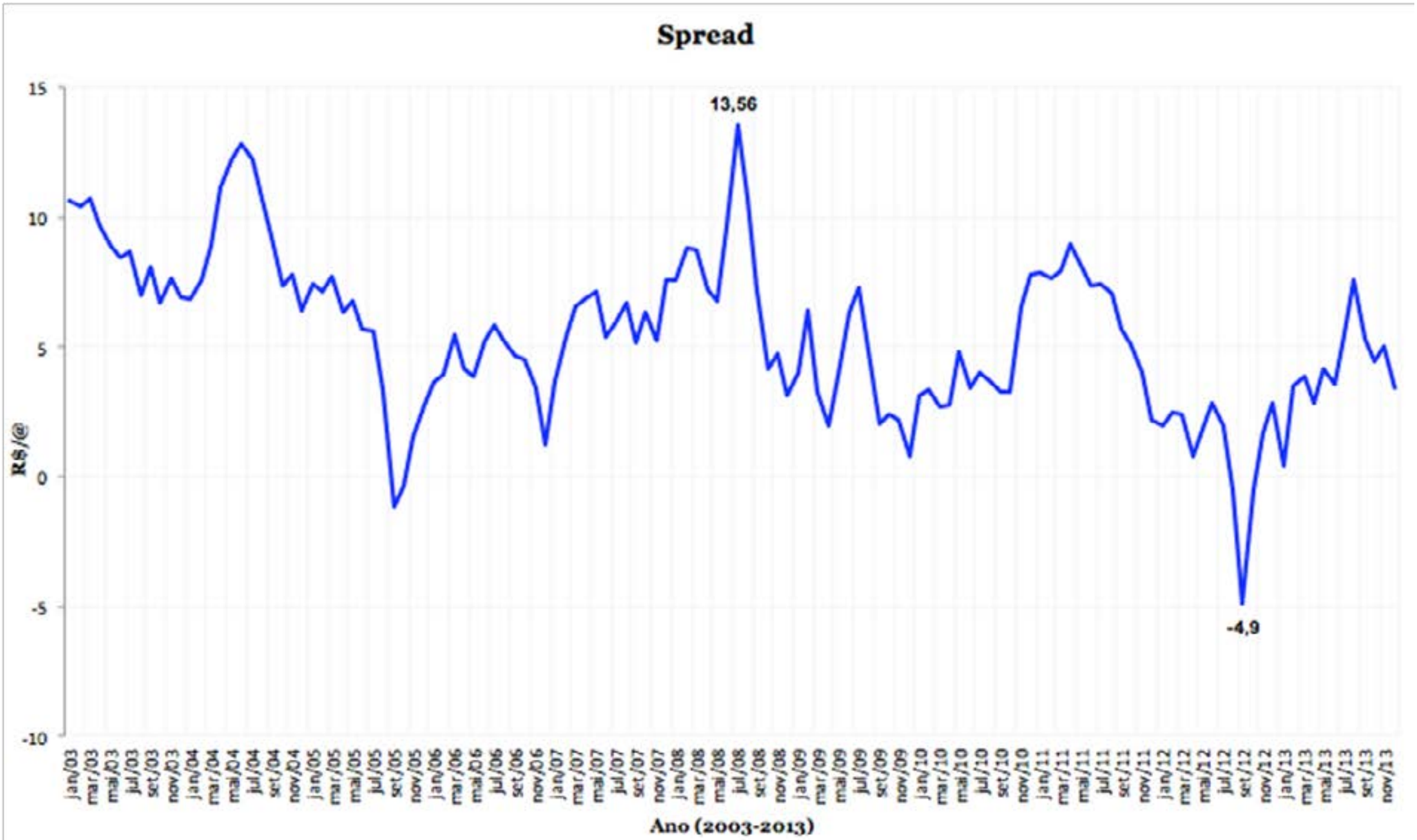


Fonte: Cepea e Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.

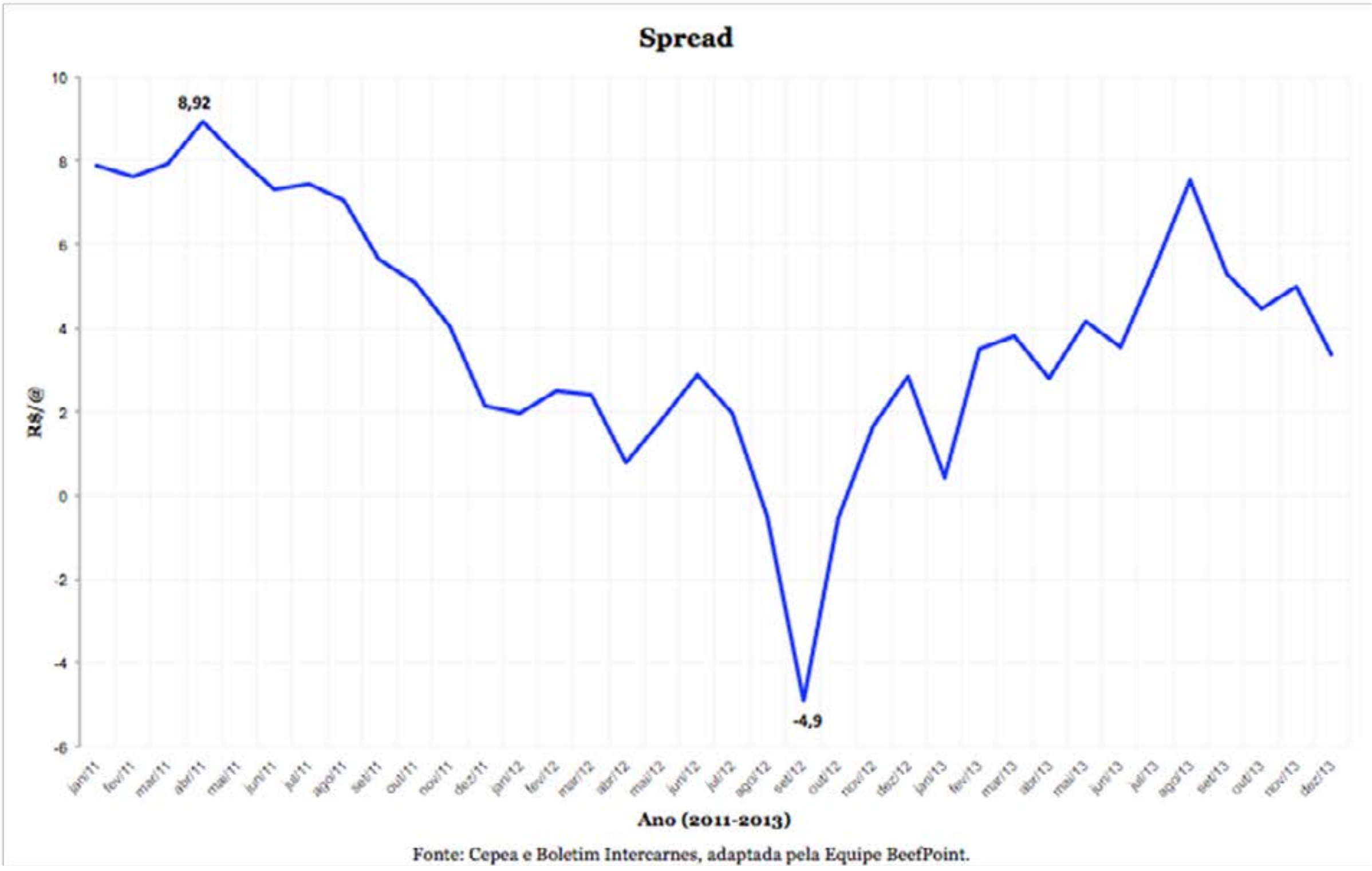
Equivalente Físico



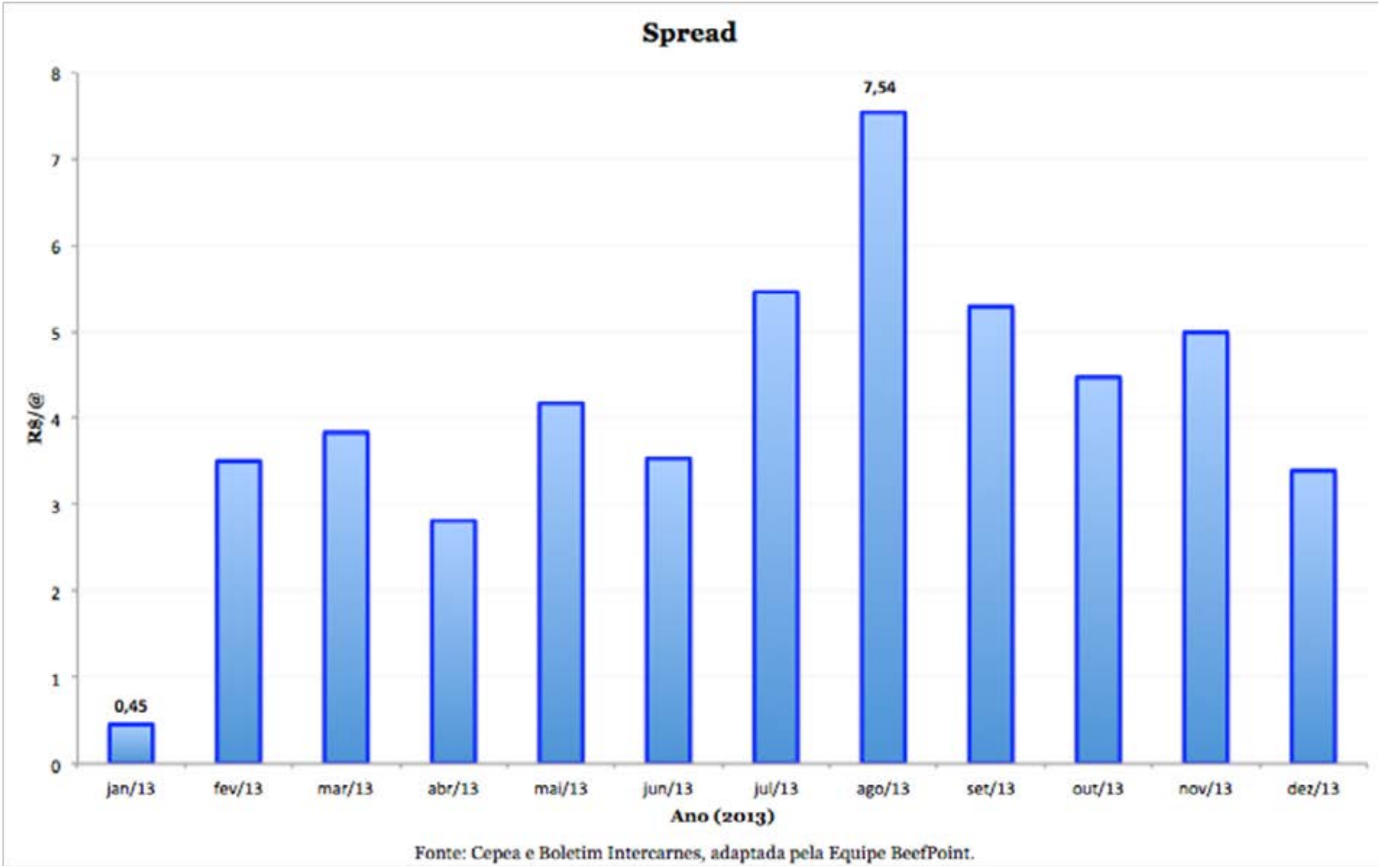
Fonte: Cepea e Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



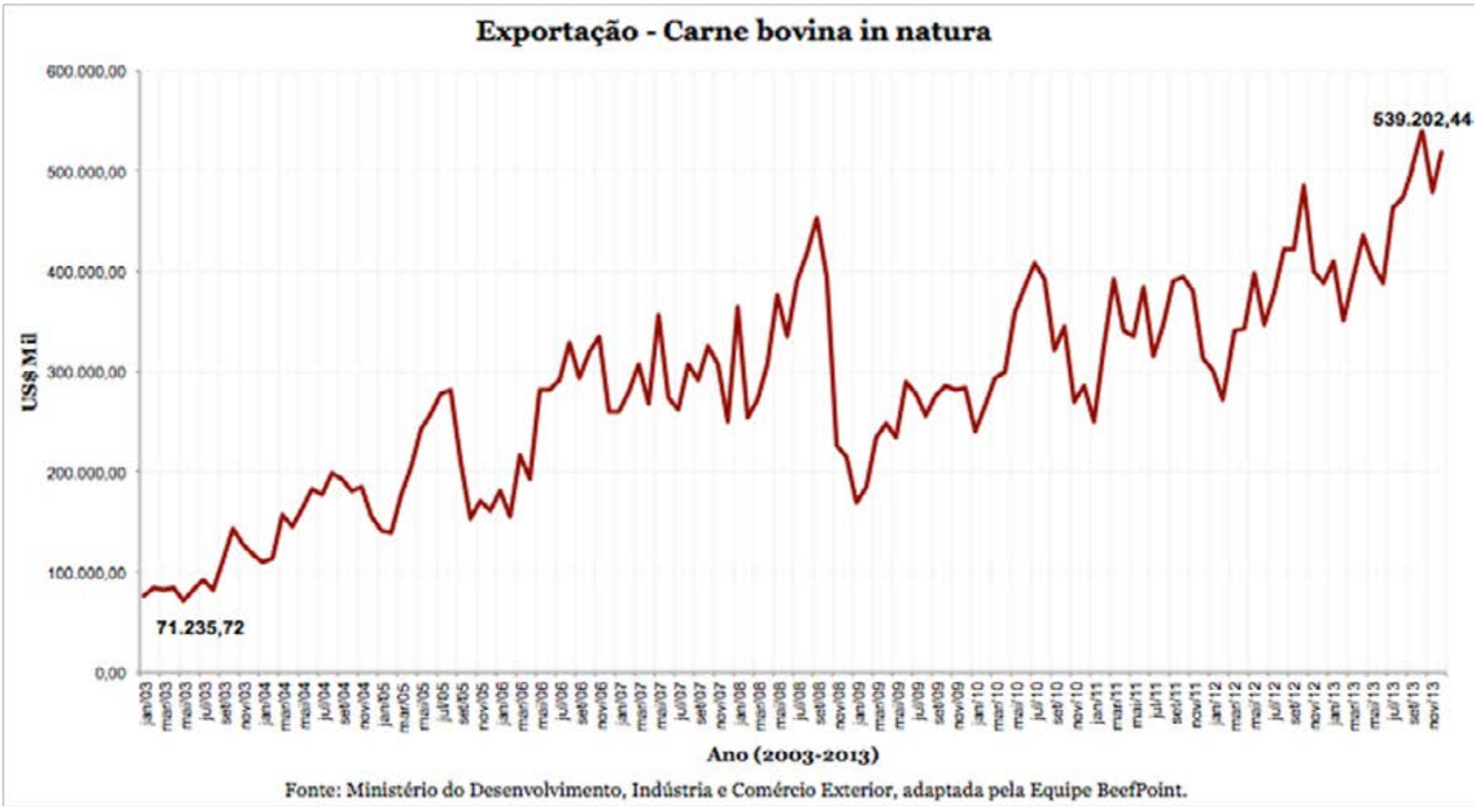
Fonte: Cepea e Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



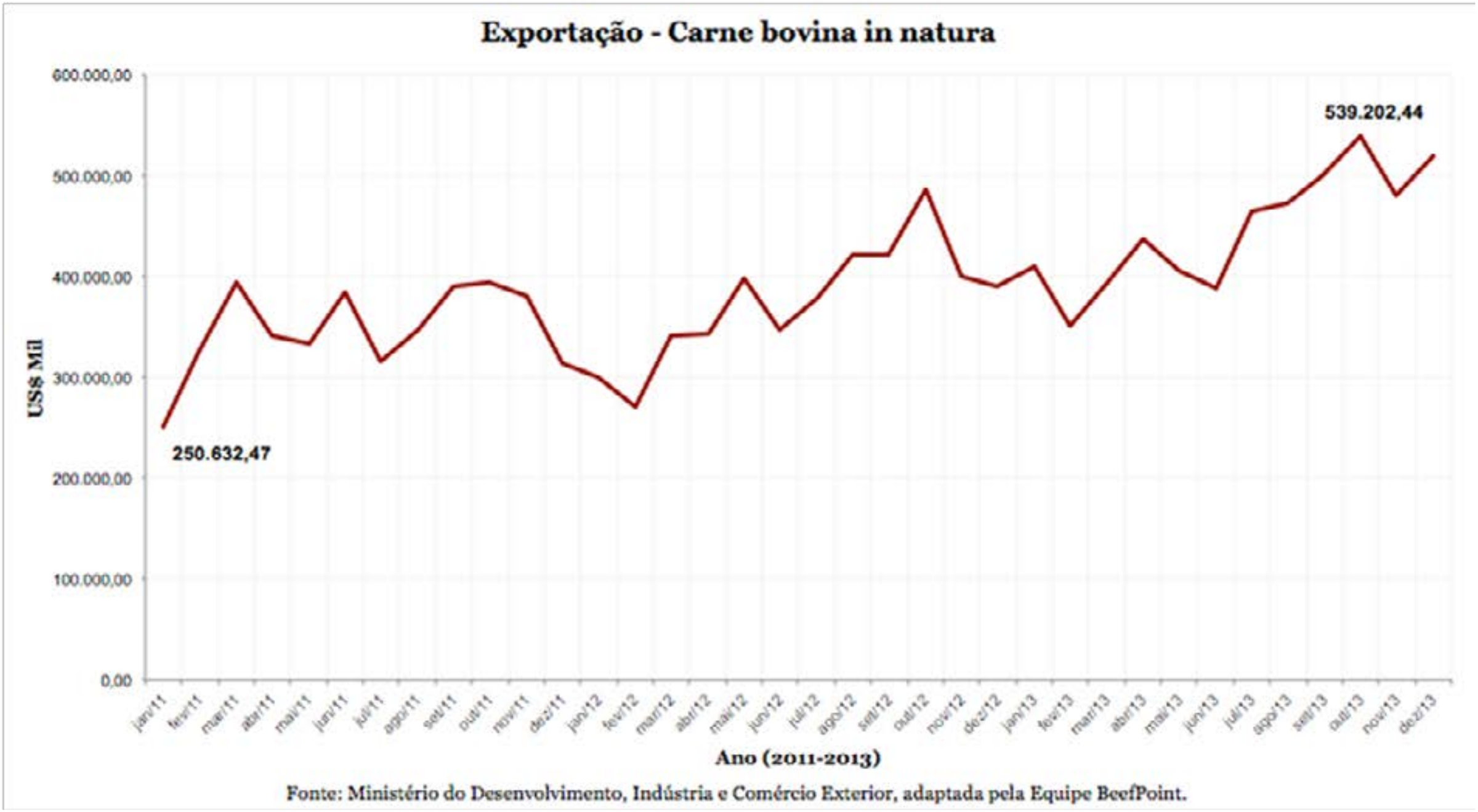
Fonte: Cepea e Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



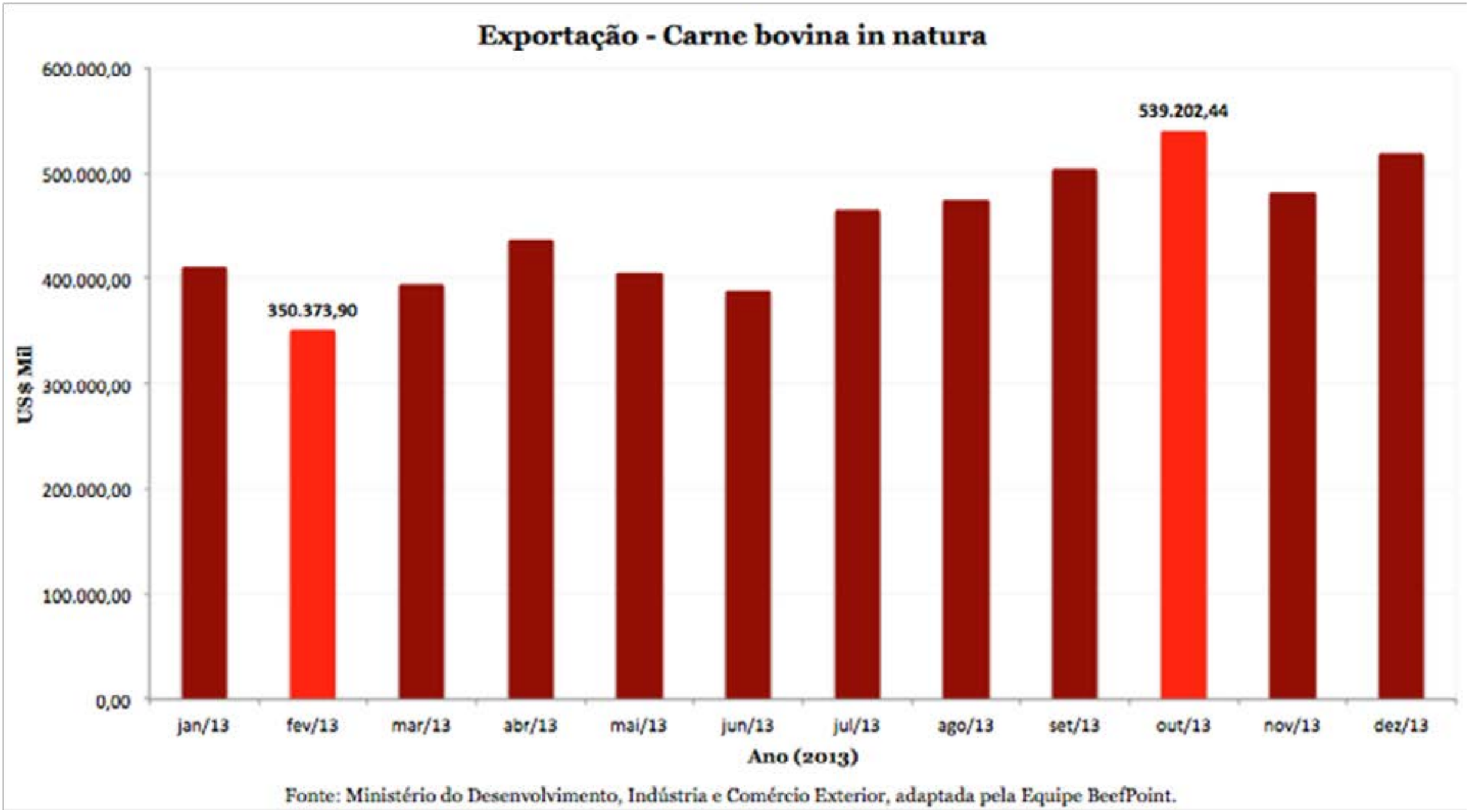
Fonte: Cepea e Boletim Intercarnes, adaptada pela Equipe BeefPoint.



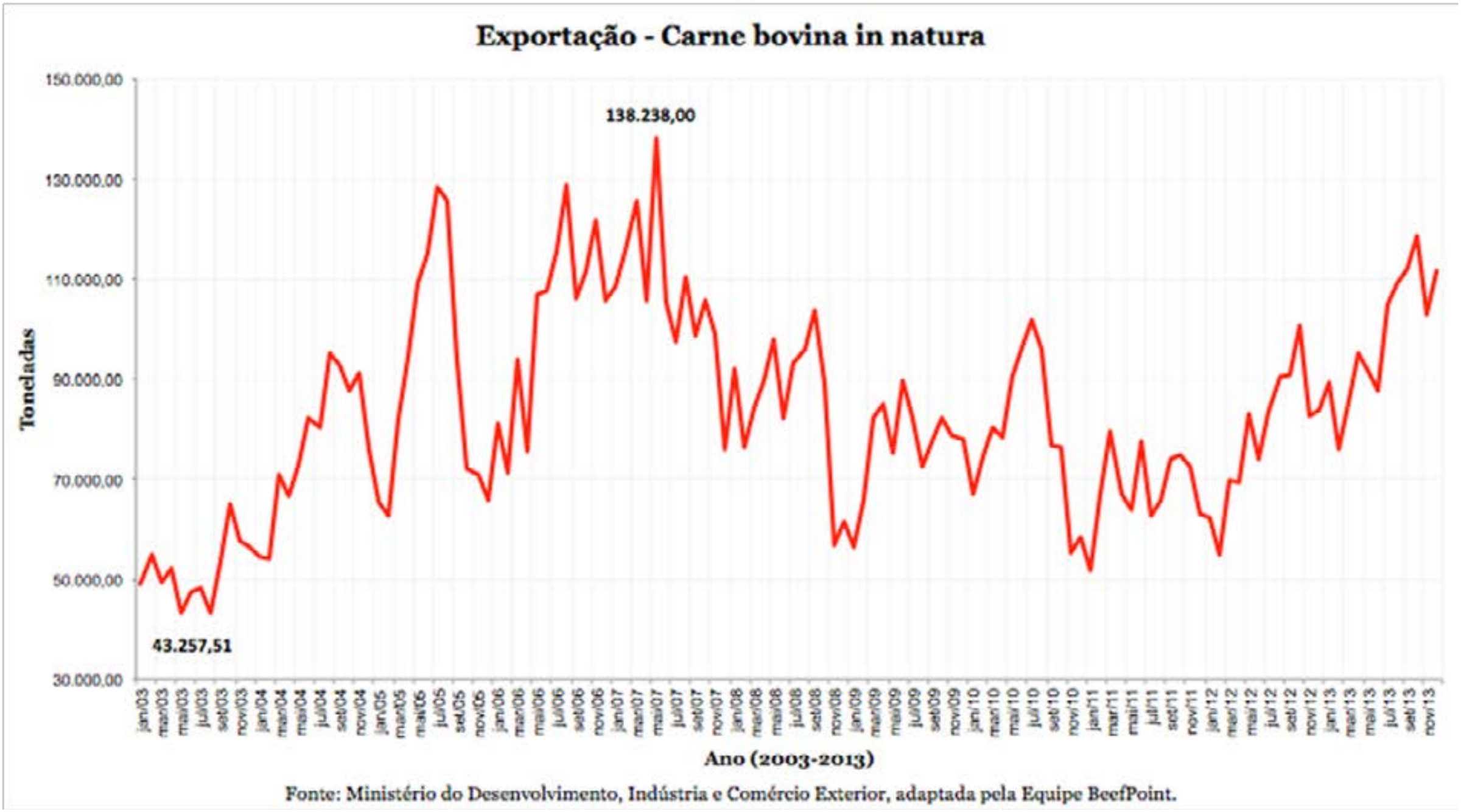
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



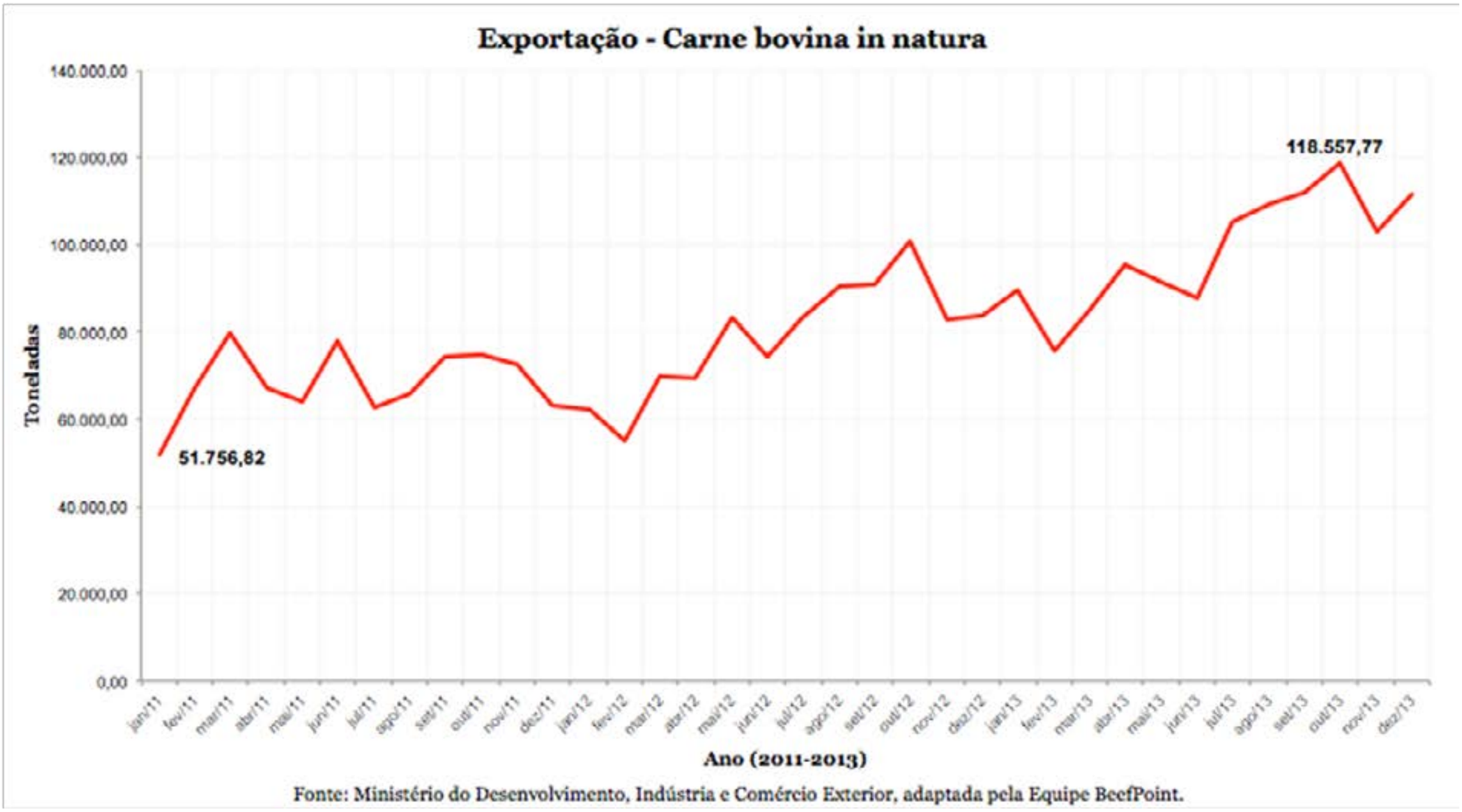
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



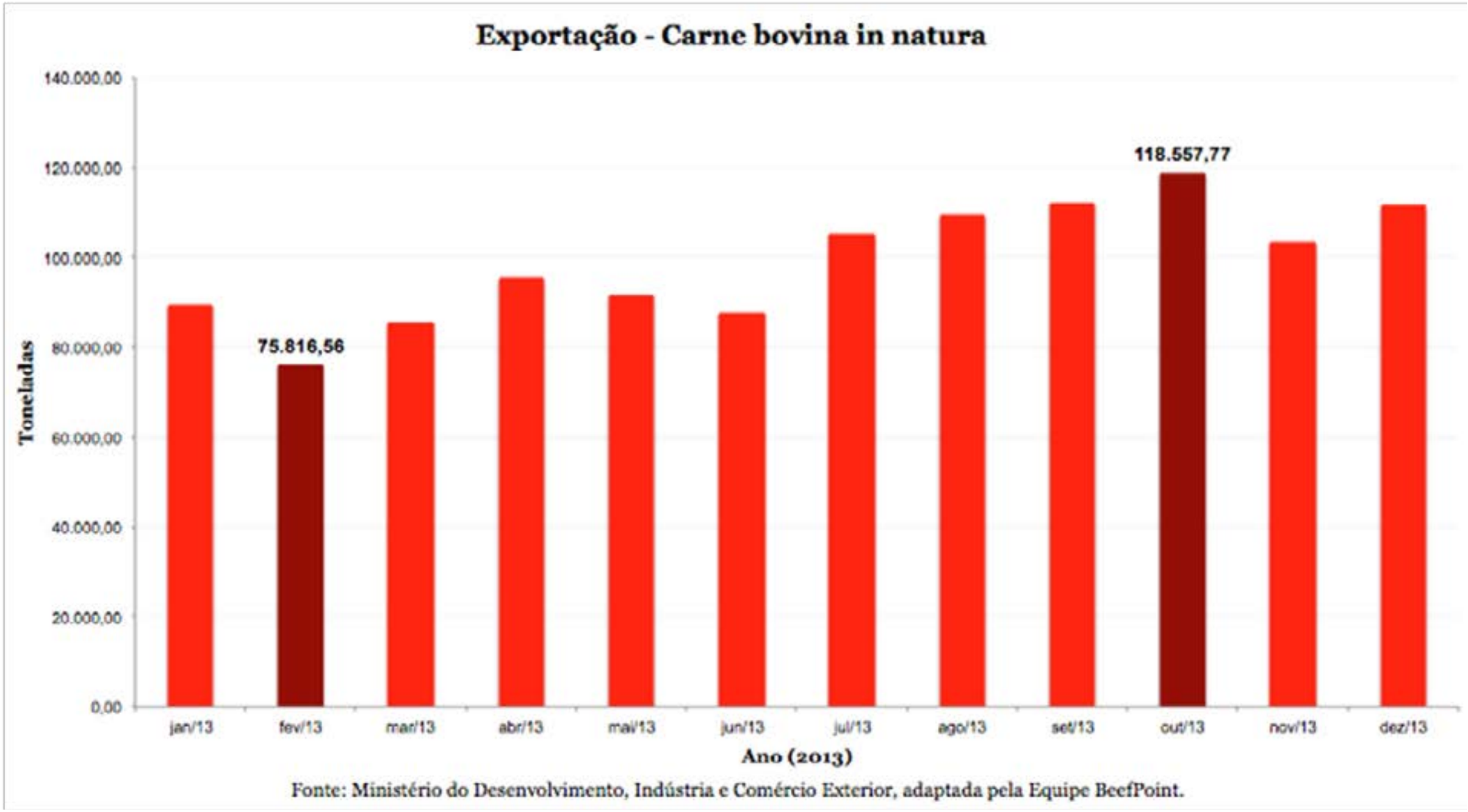
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

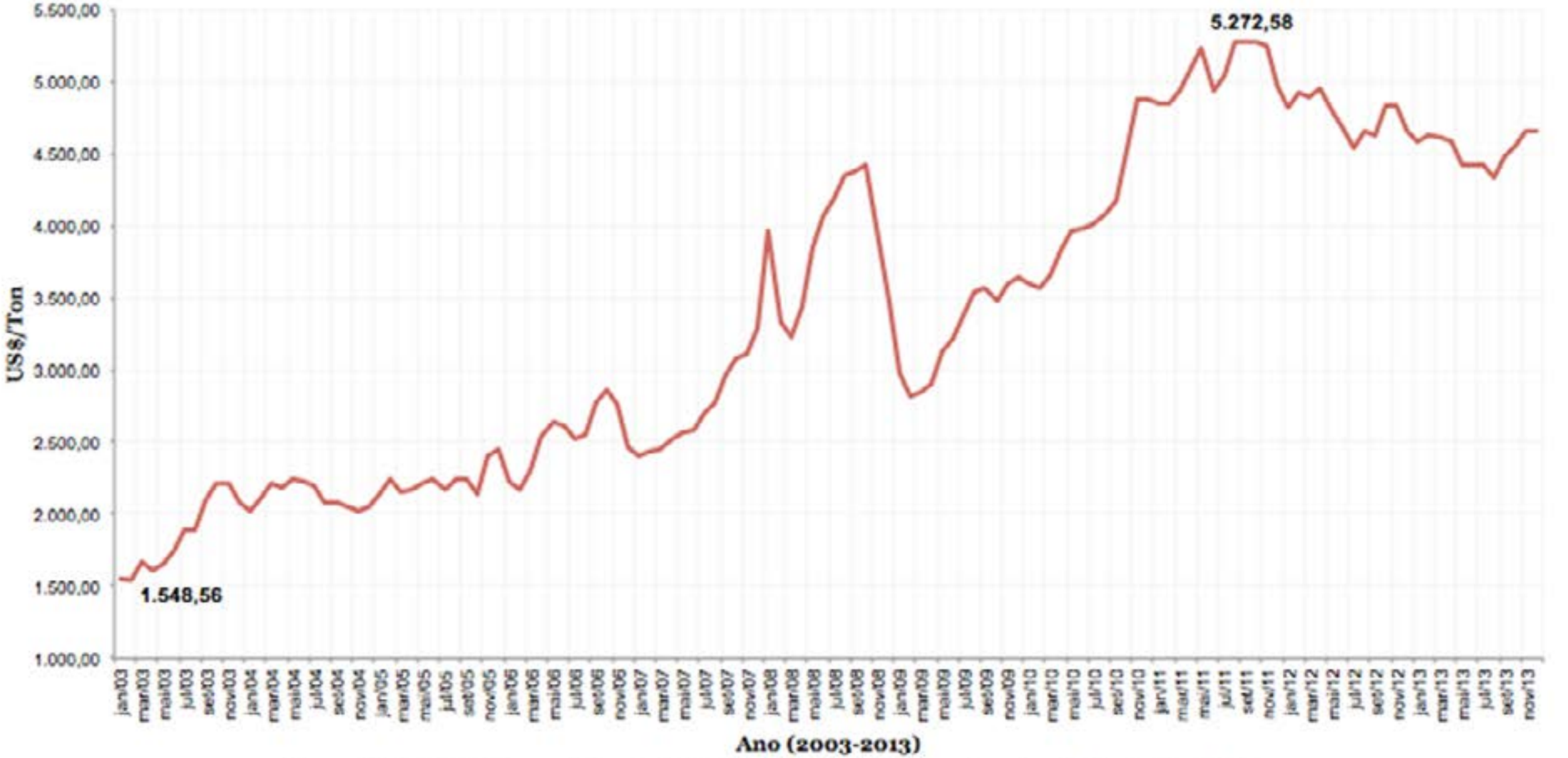


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

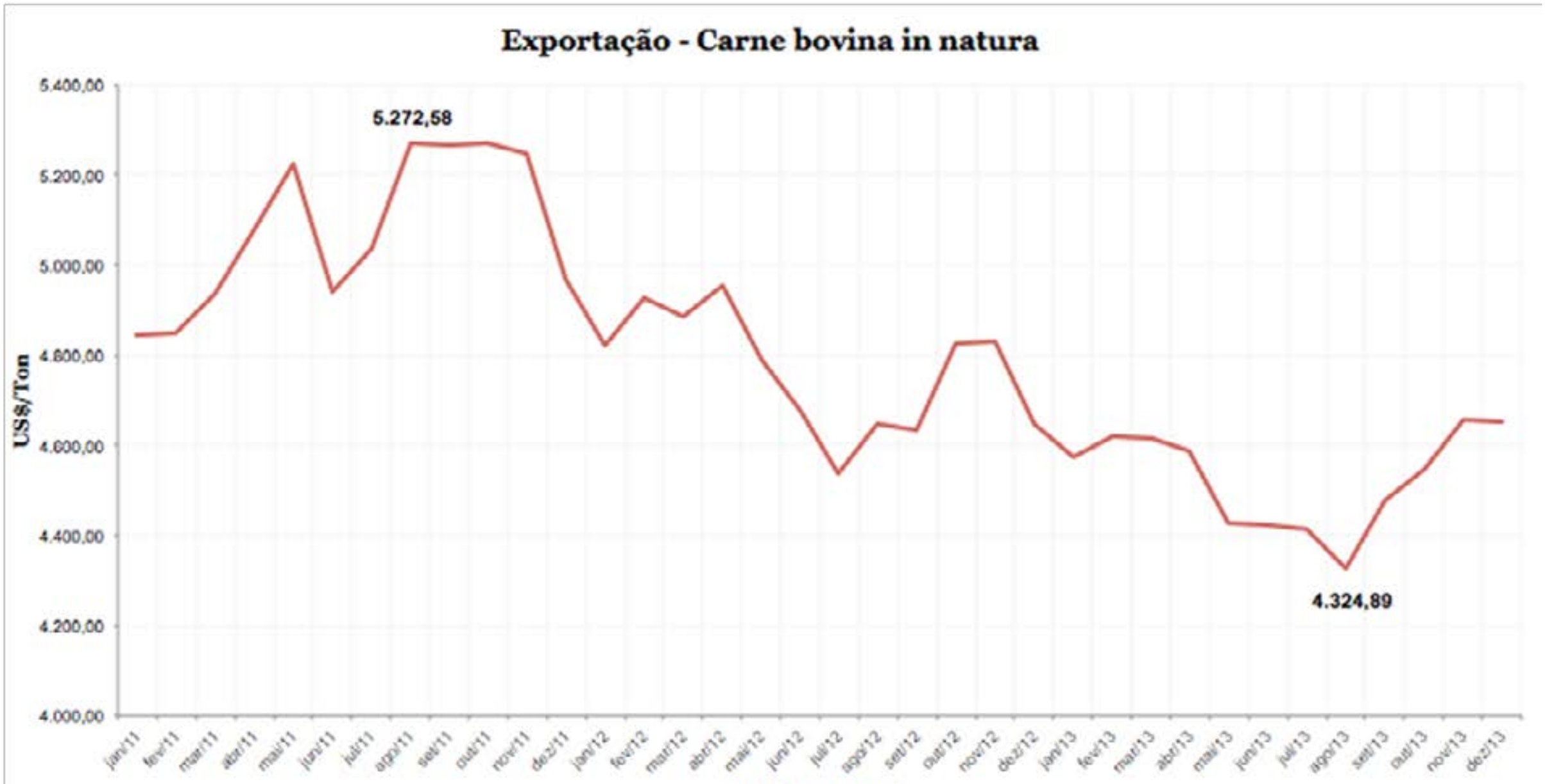


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

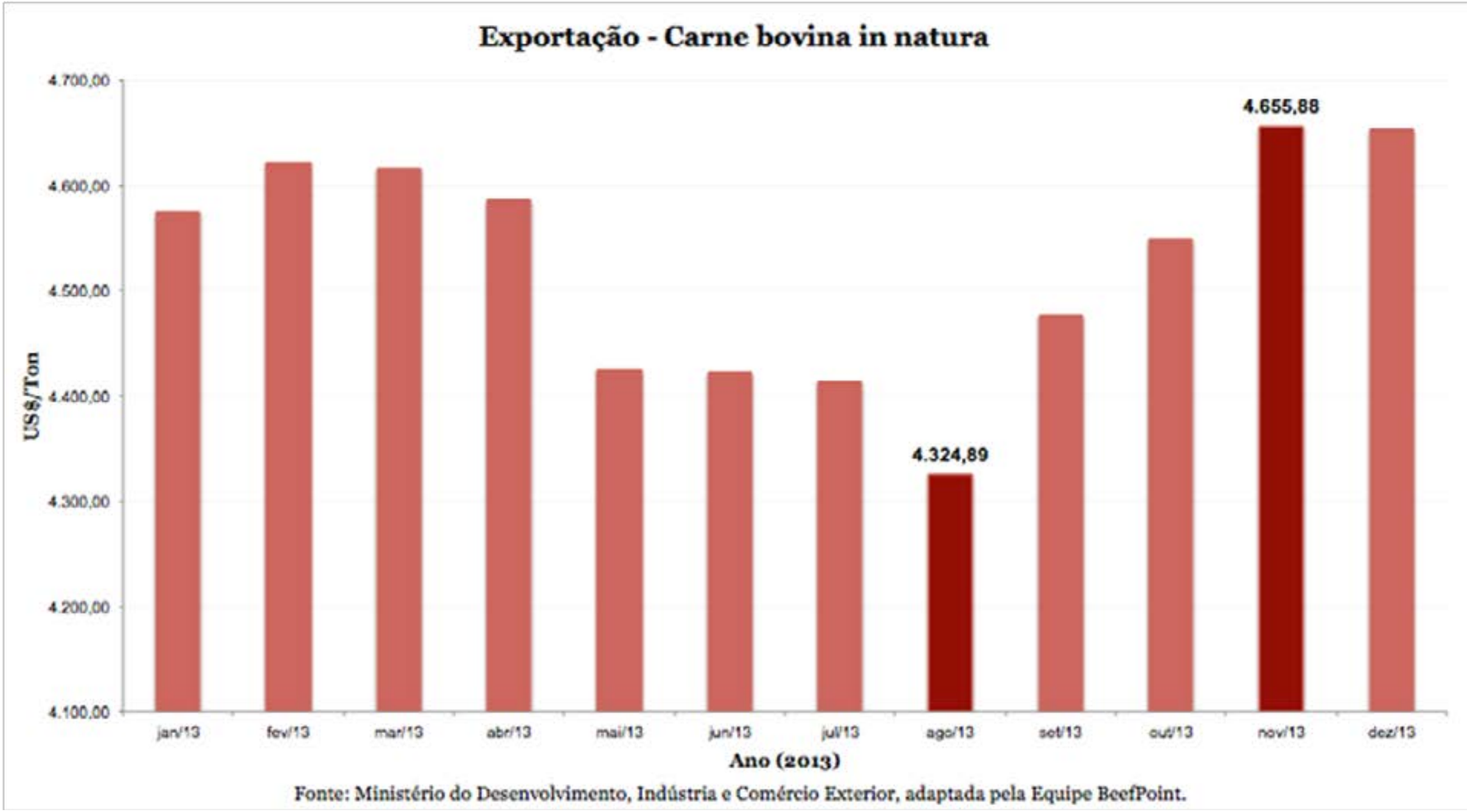
Exportação - Carne bovina in natura



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

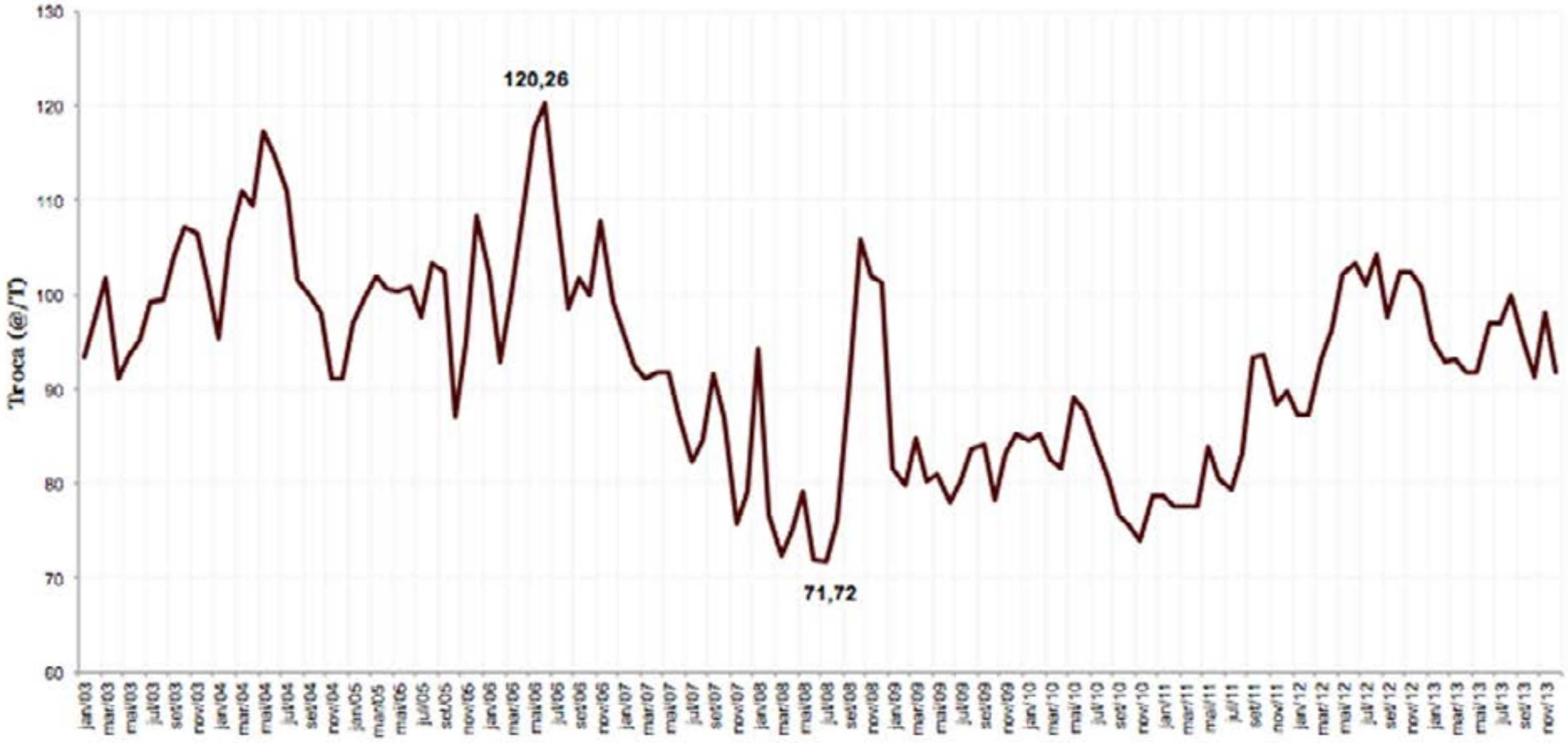


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

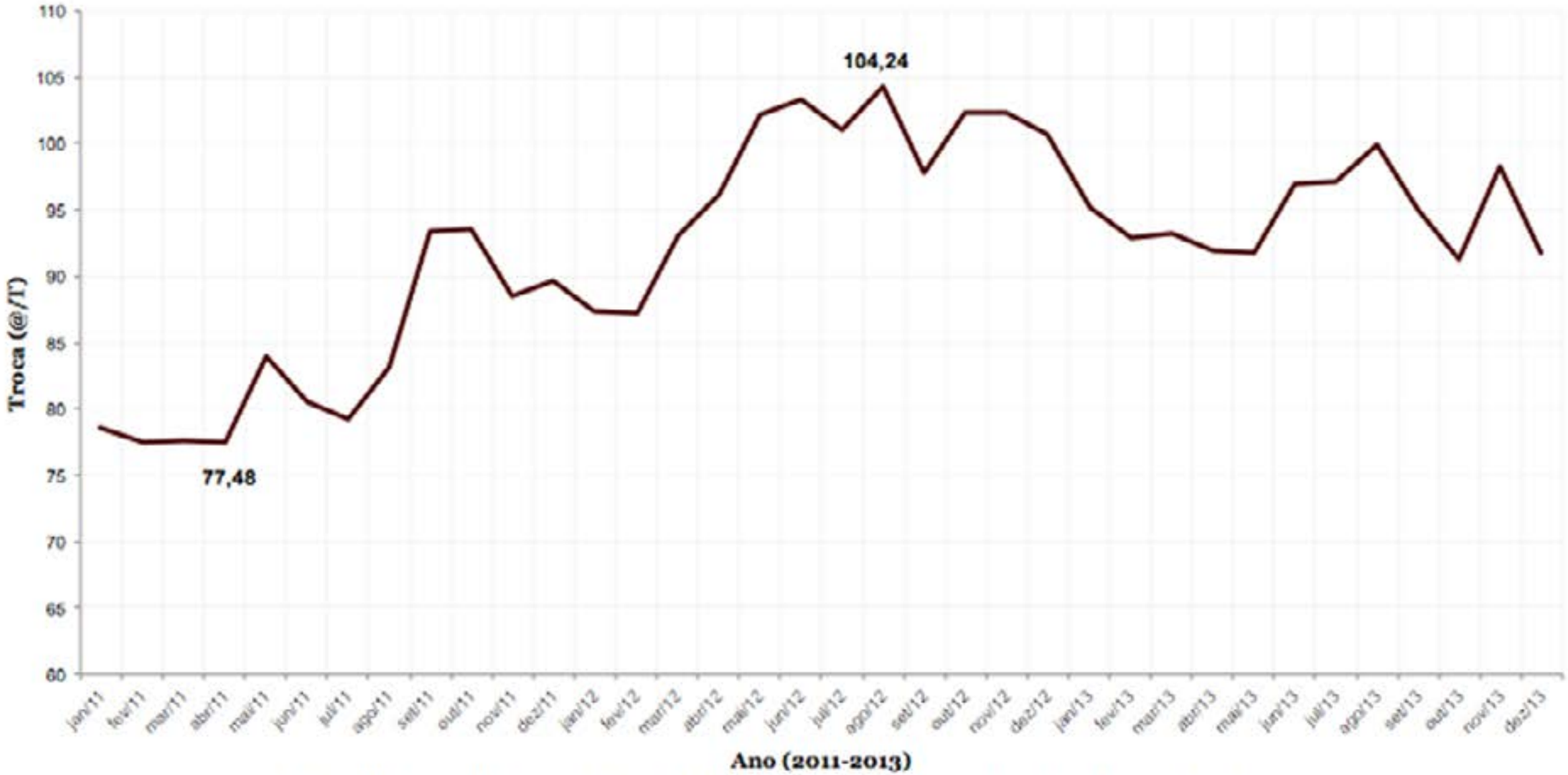
Exportação - Carne bovina in natura



Ano (2003-2013)

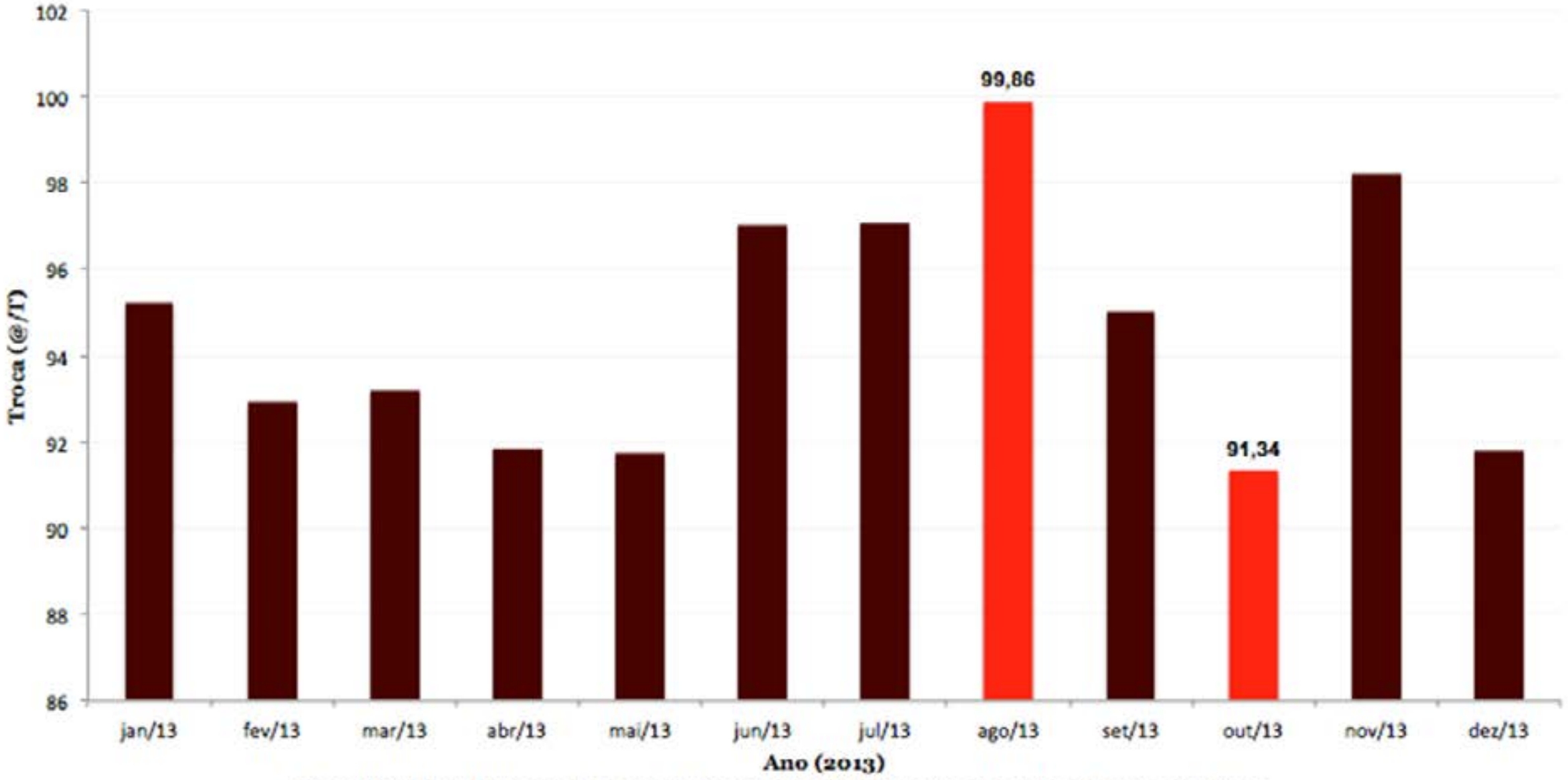
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Exportação - Carne bovina in natura

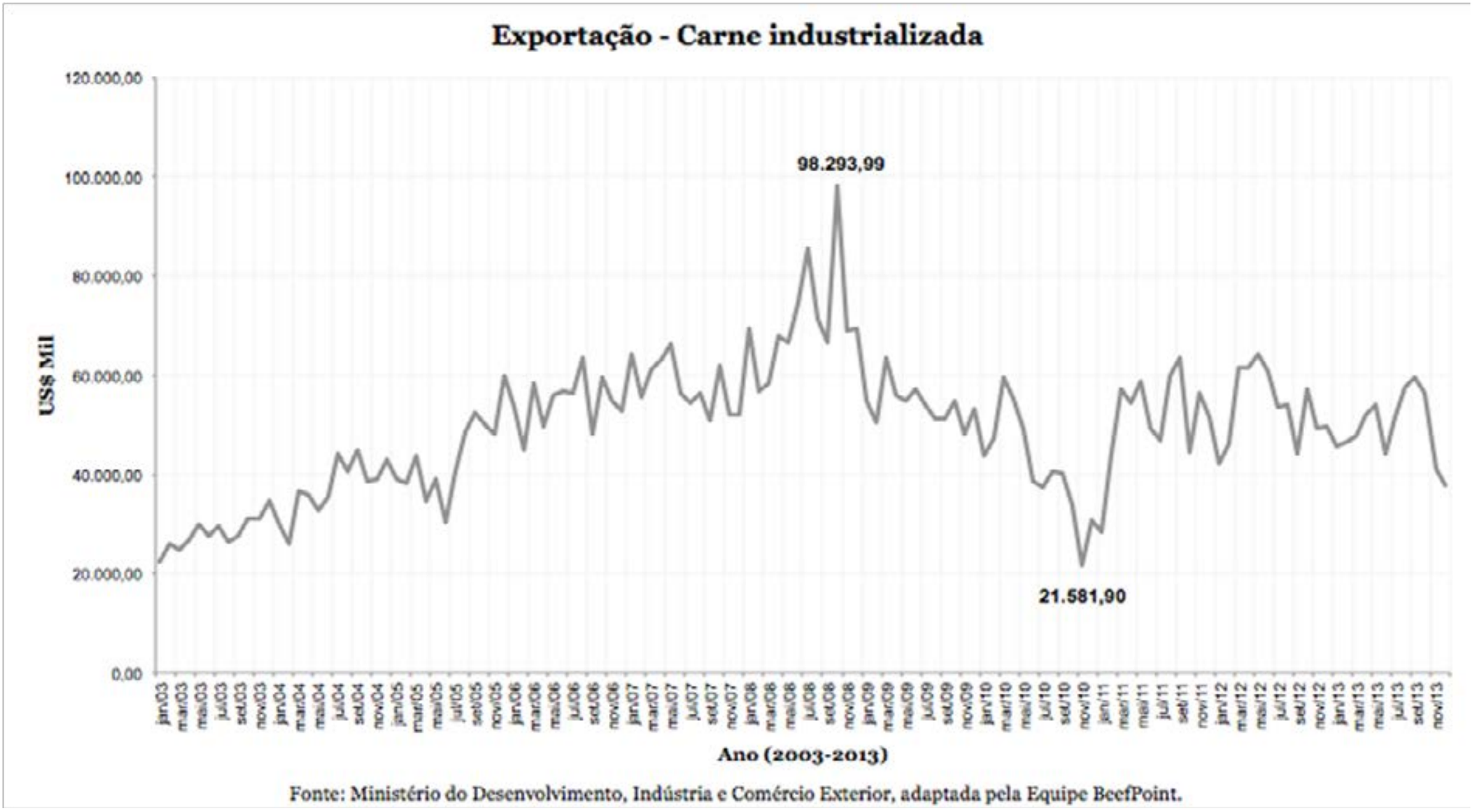


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

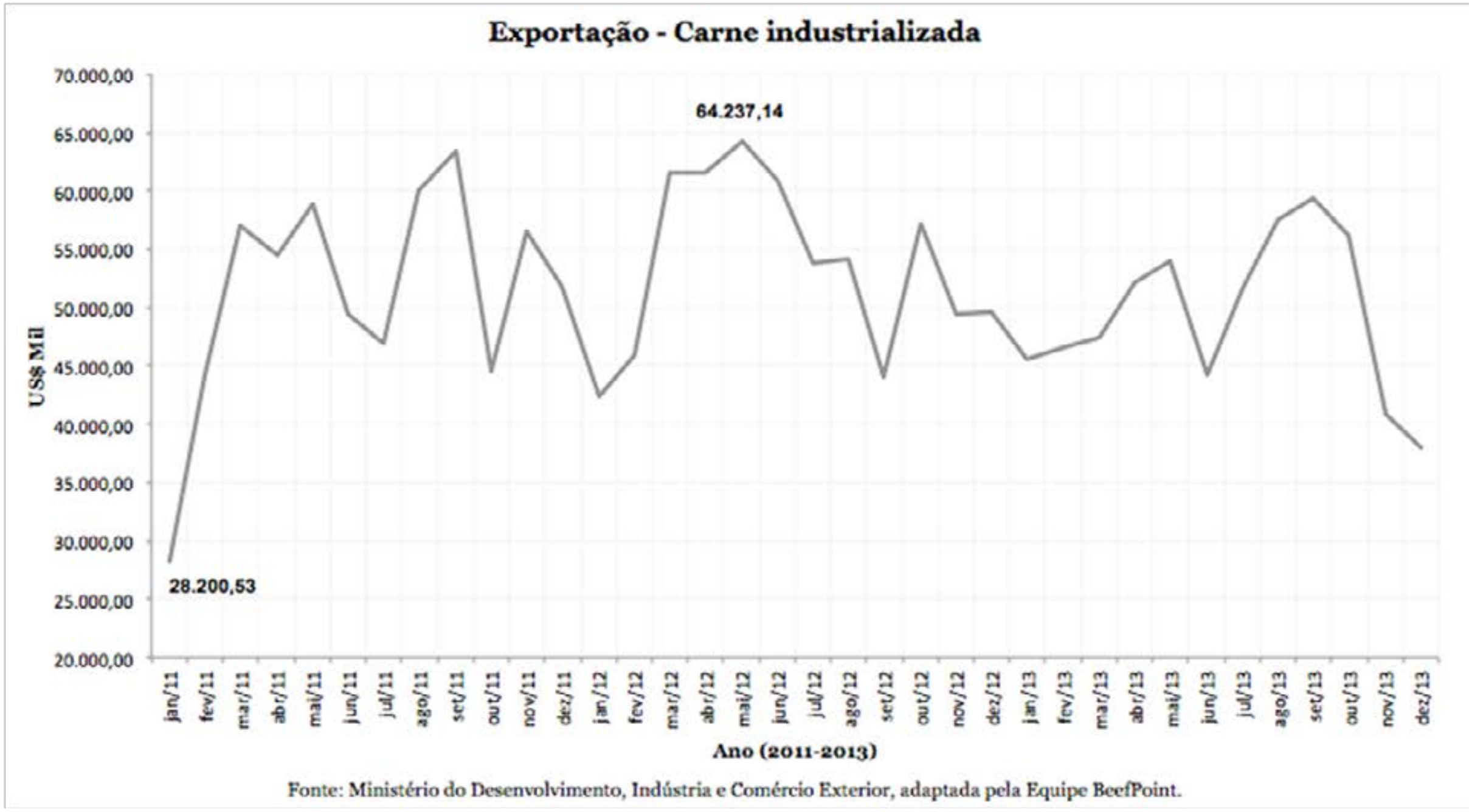
Exportação - Carne bovina in natura



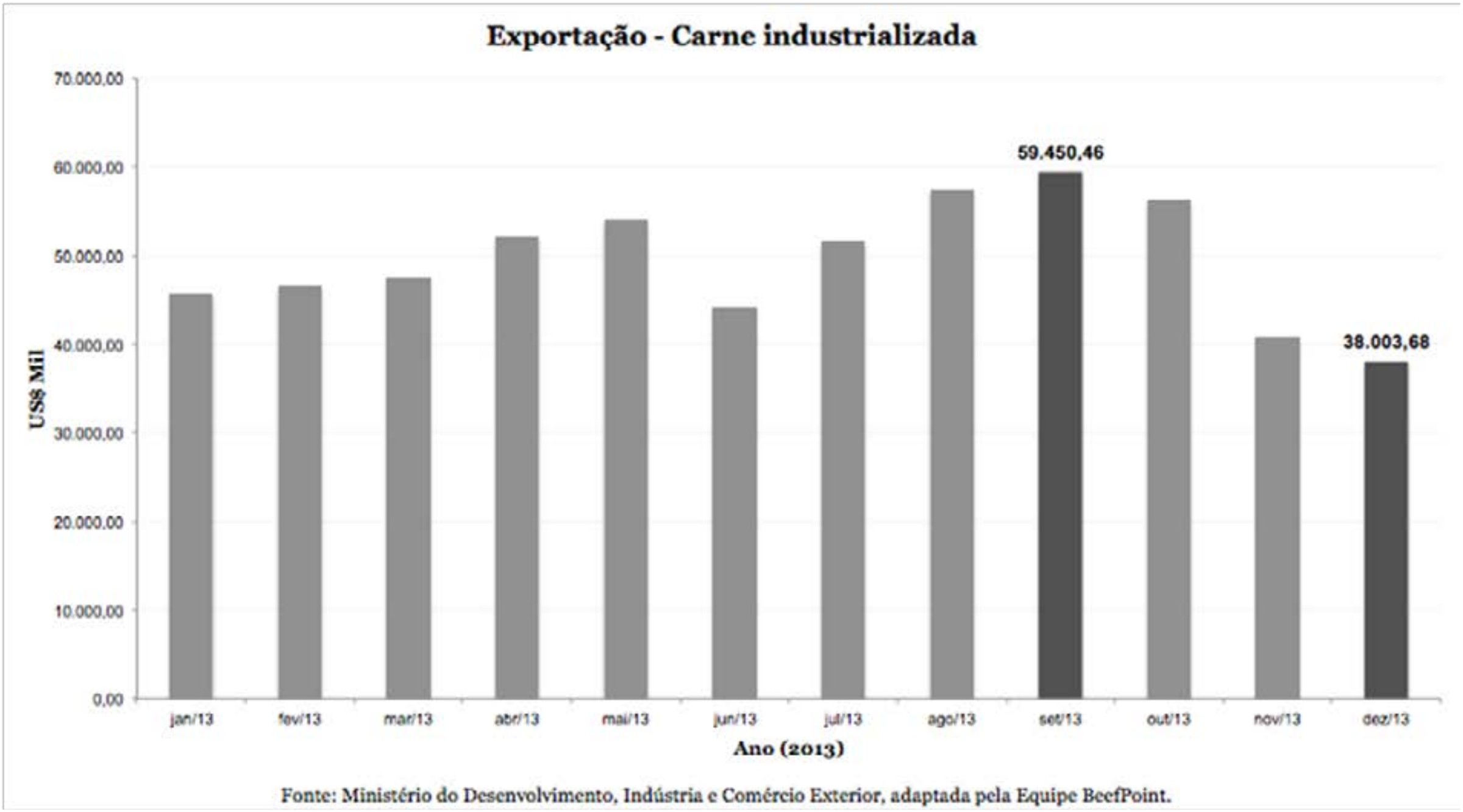
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



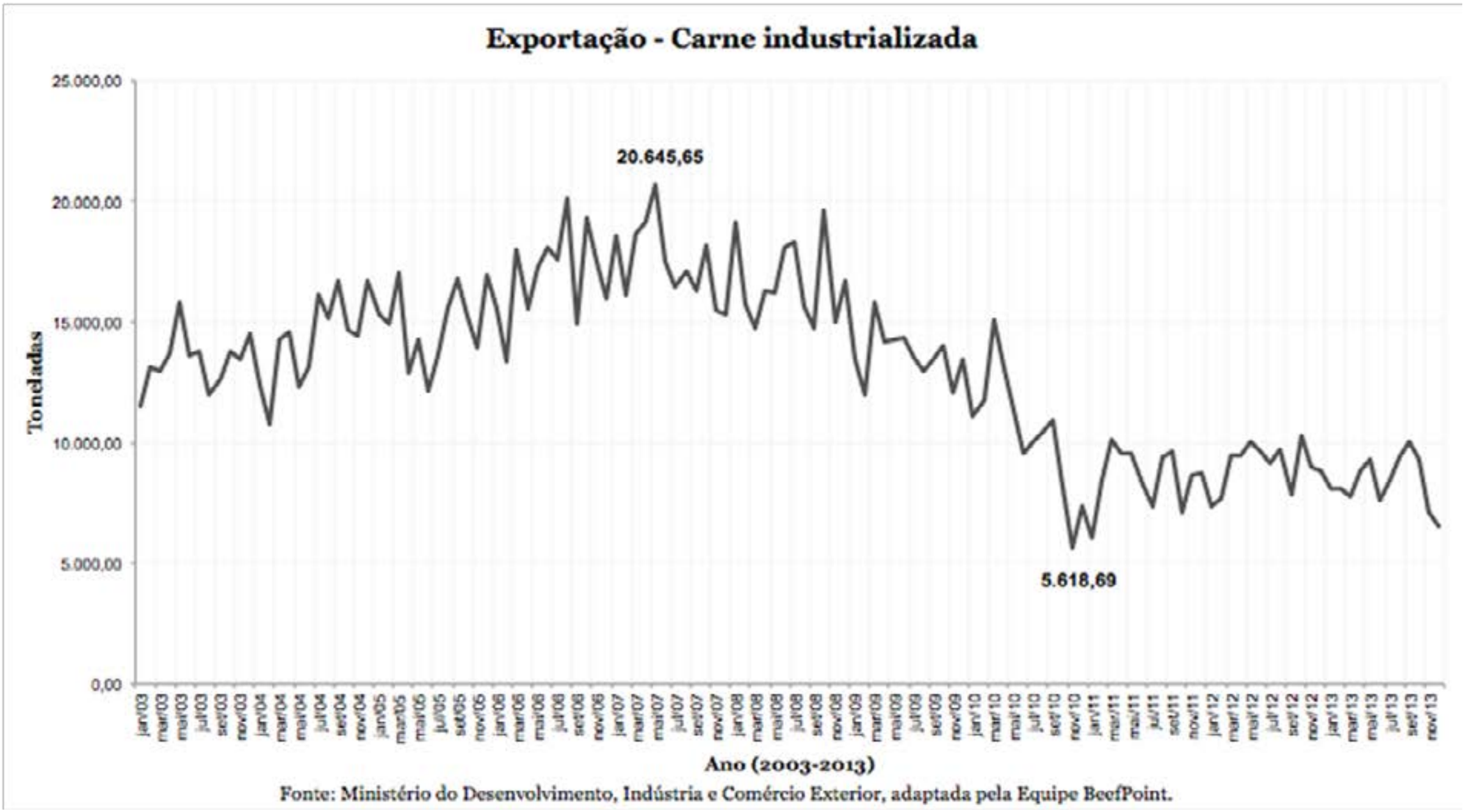
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



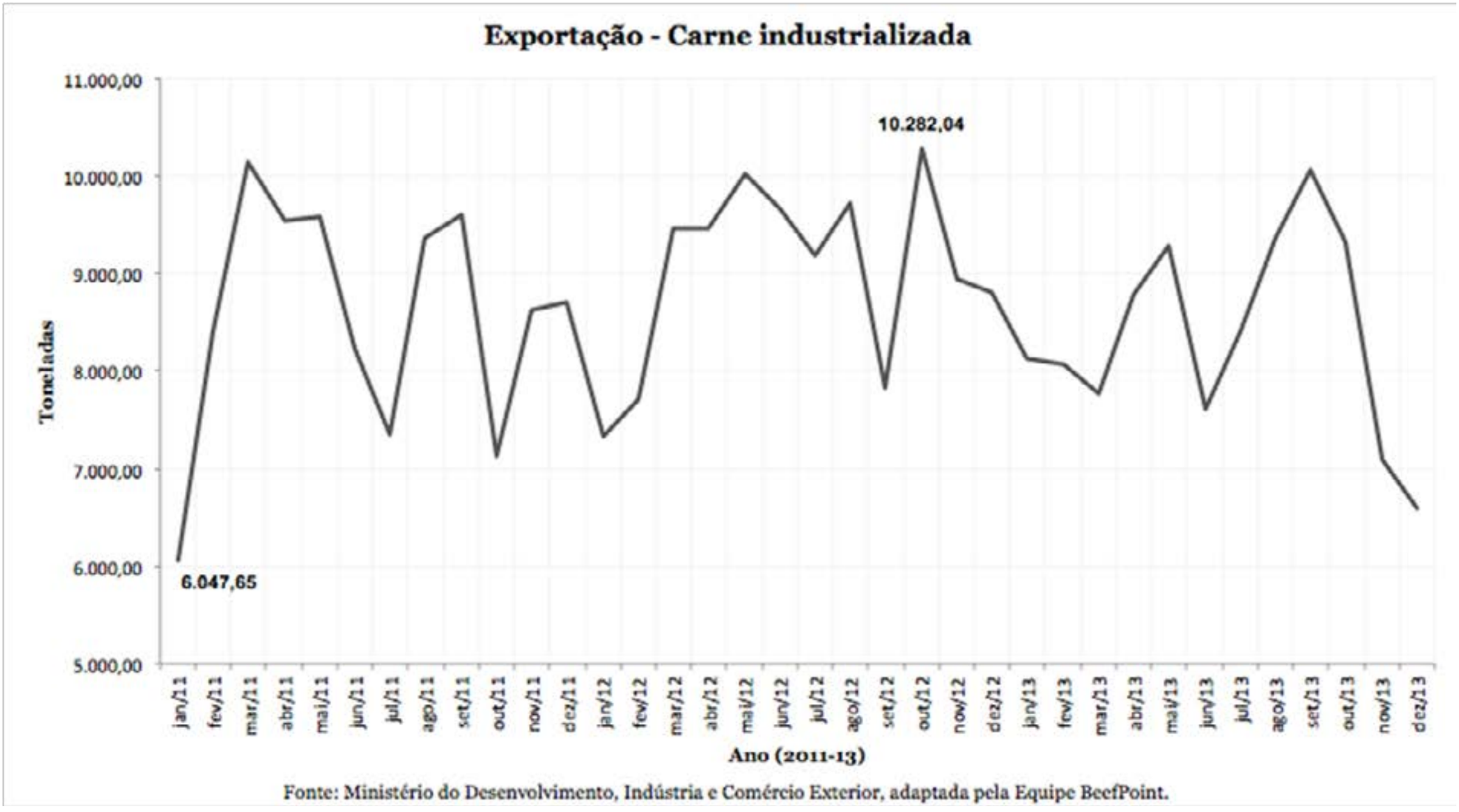
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

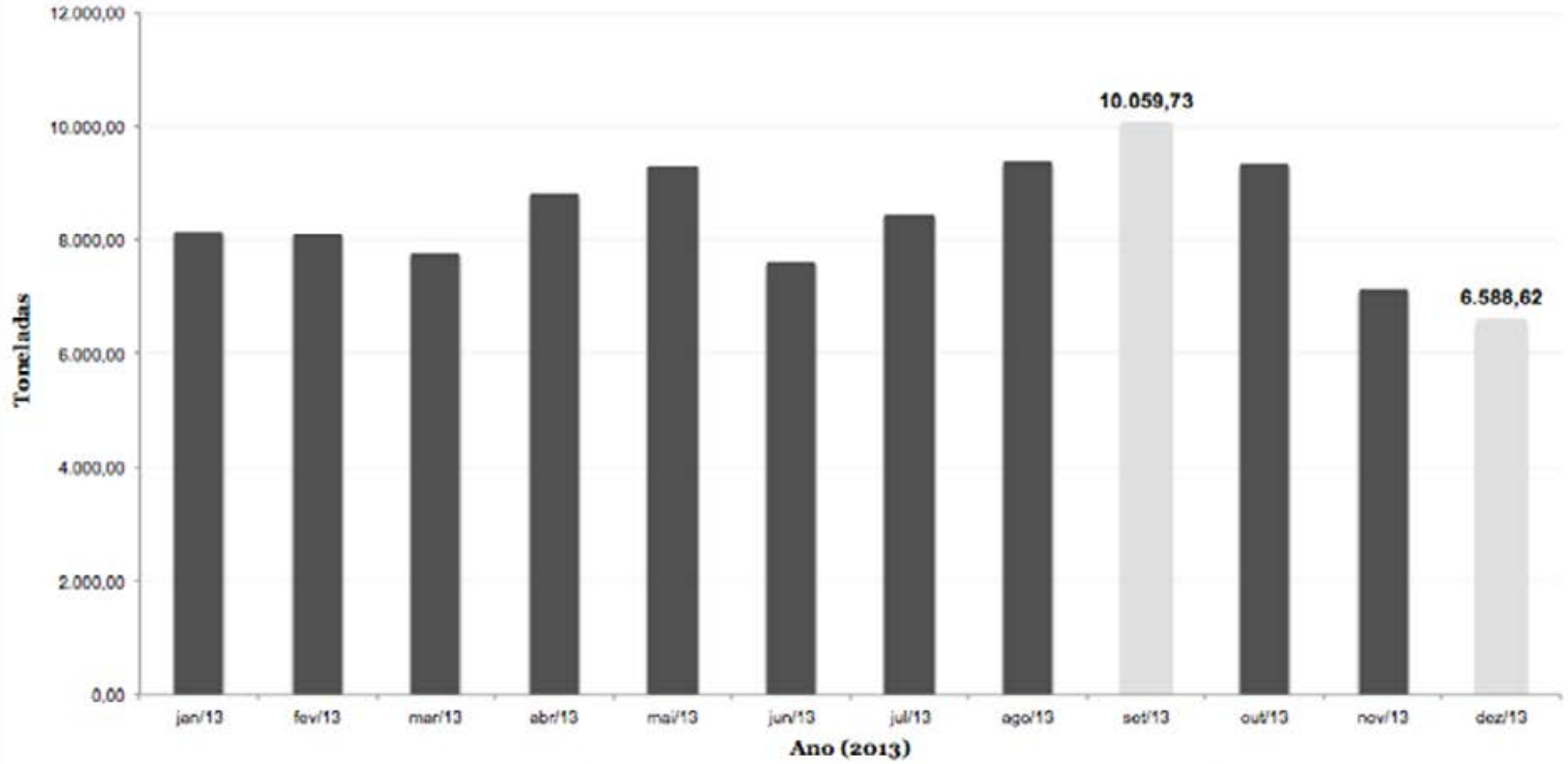


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Exportação - Carne industrializada

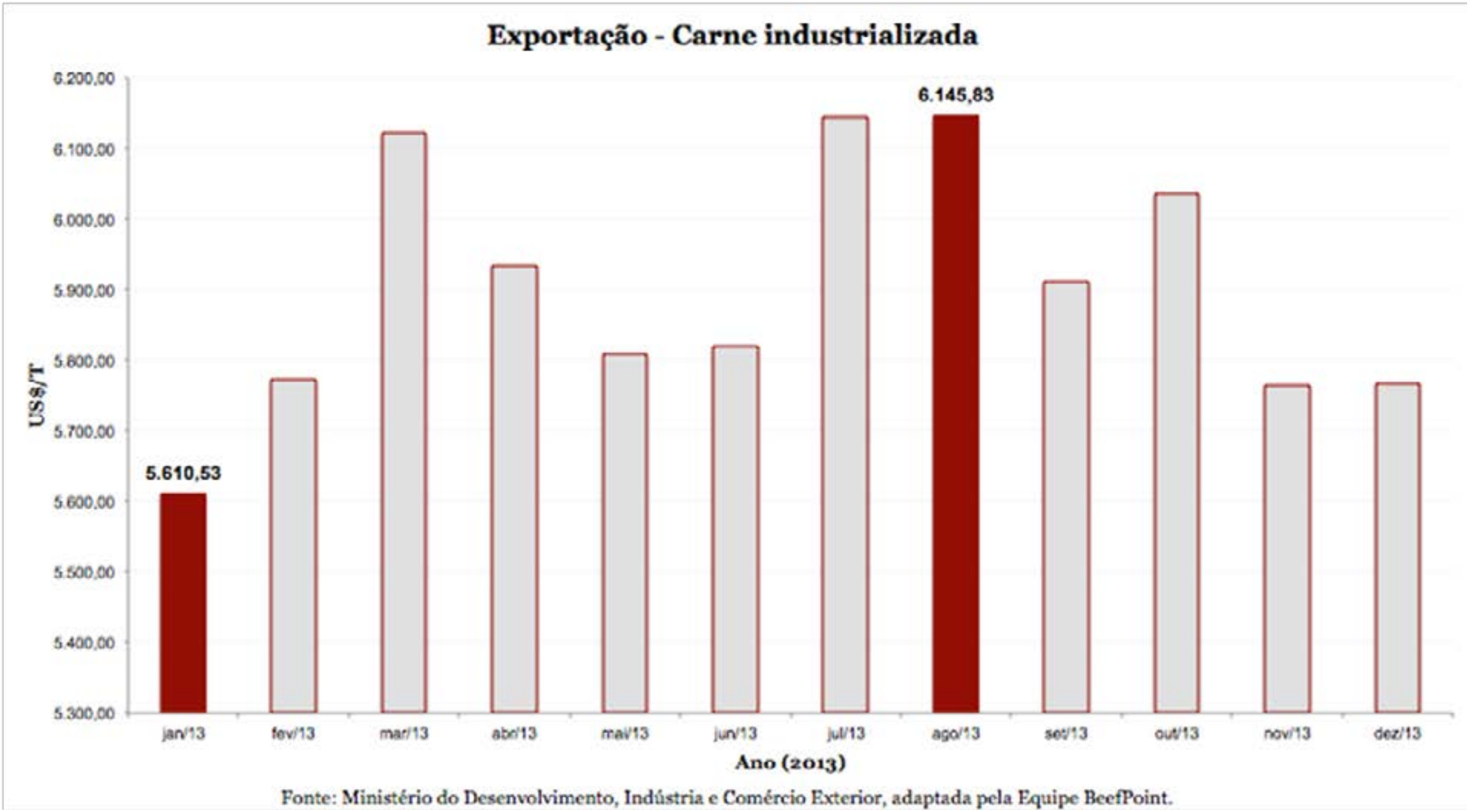


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

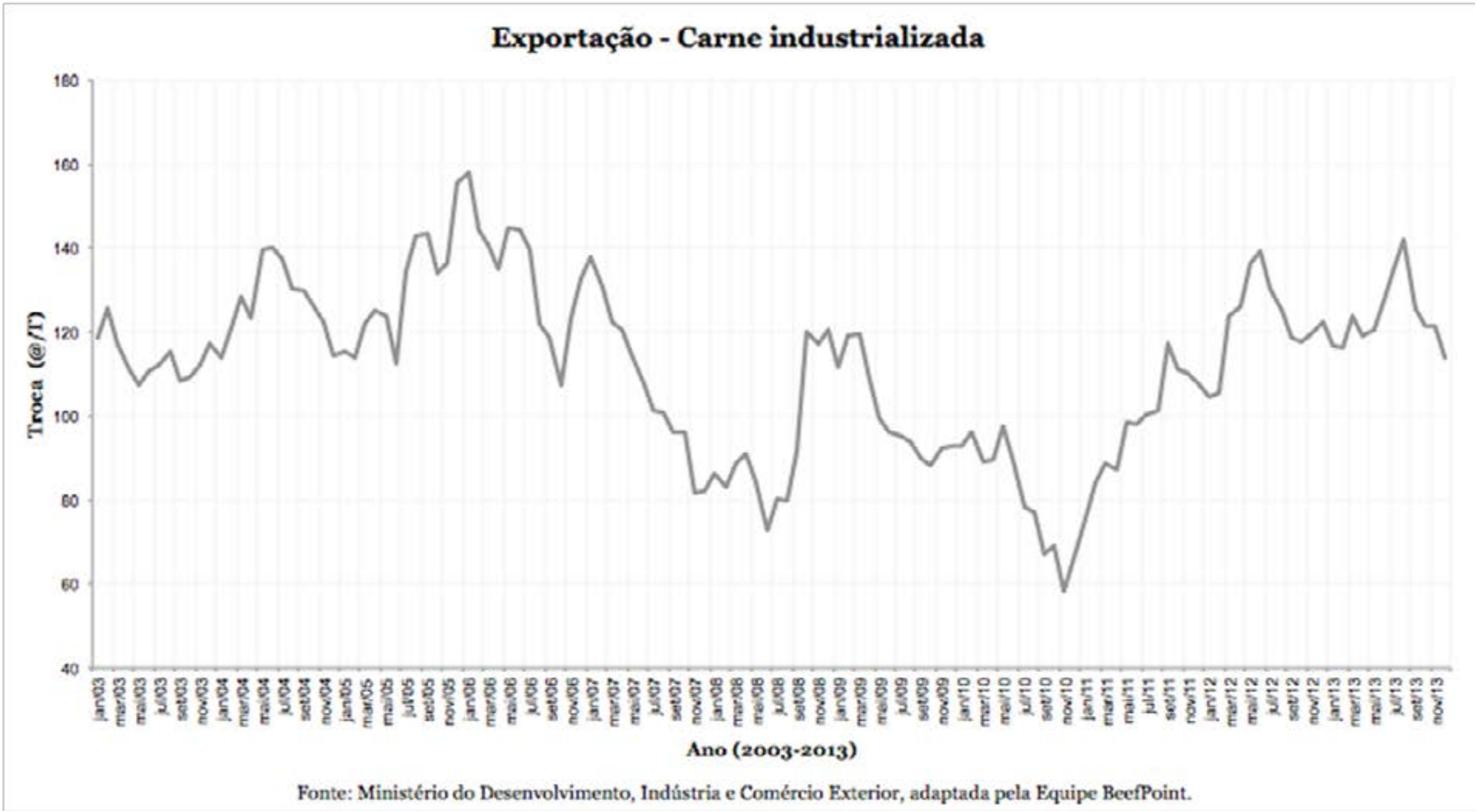
Exportação - Carne industrializada

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



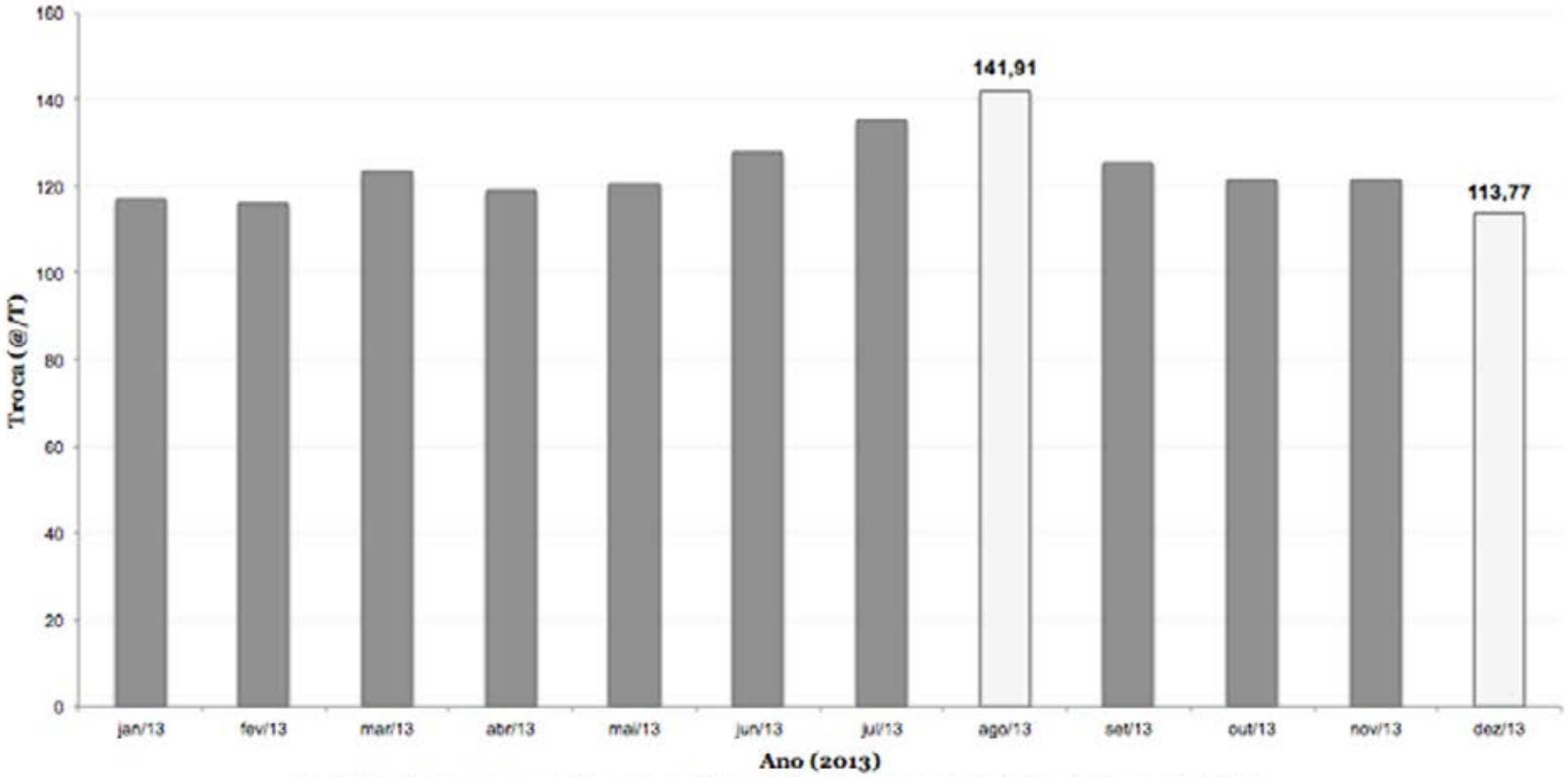
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



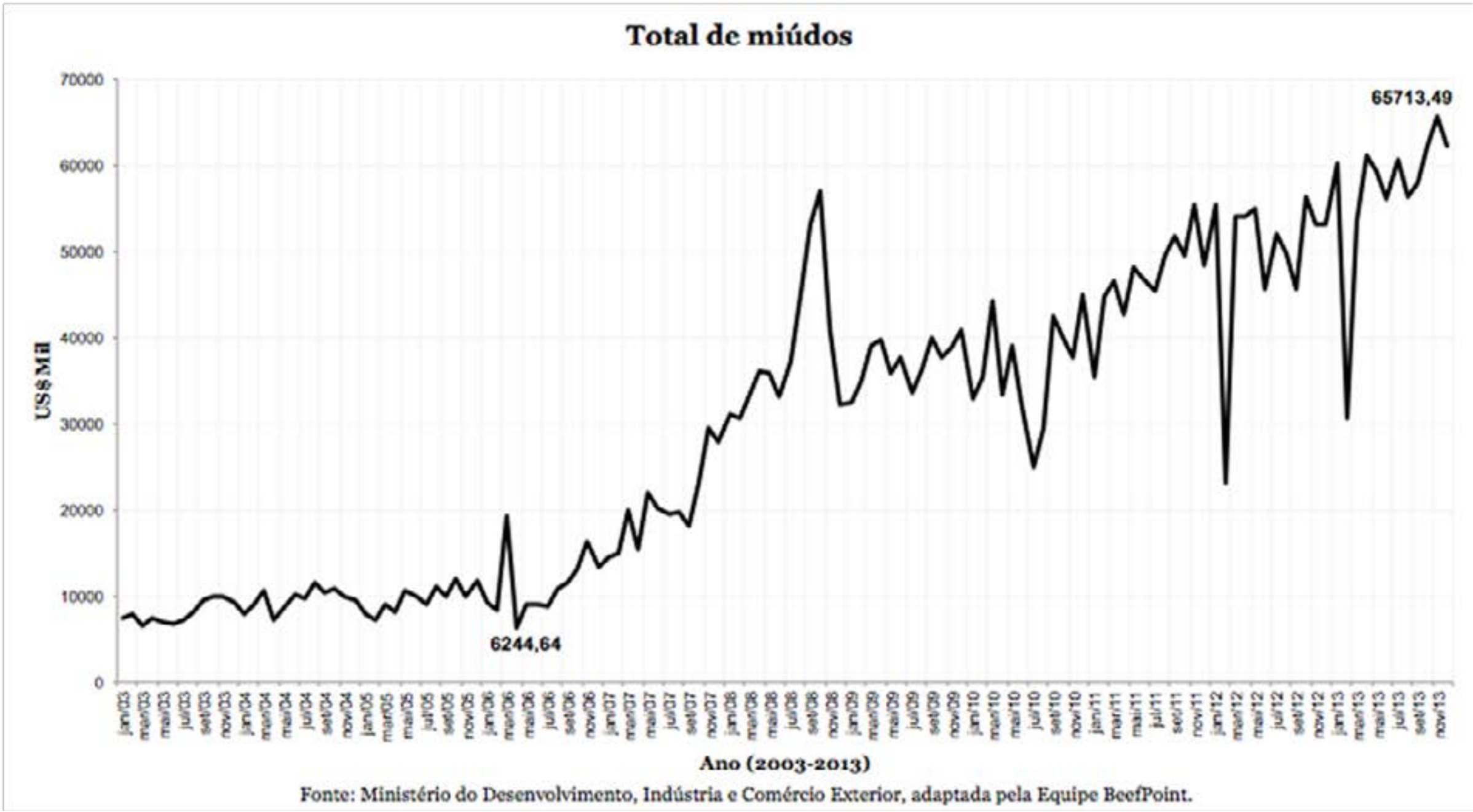
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

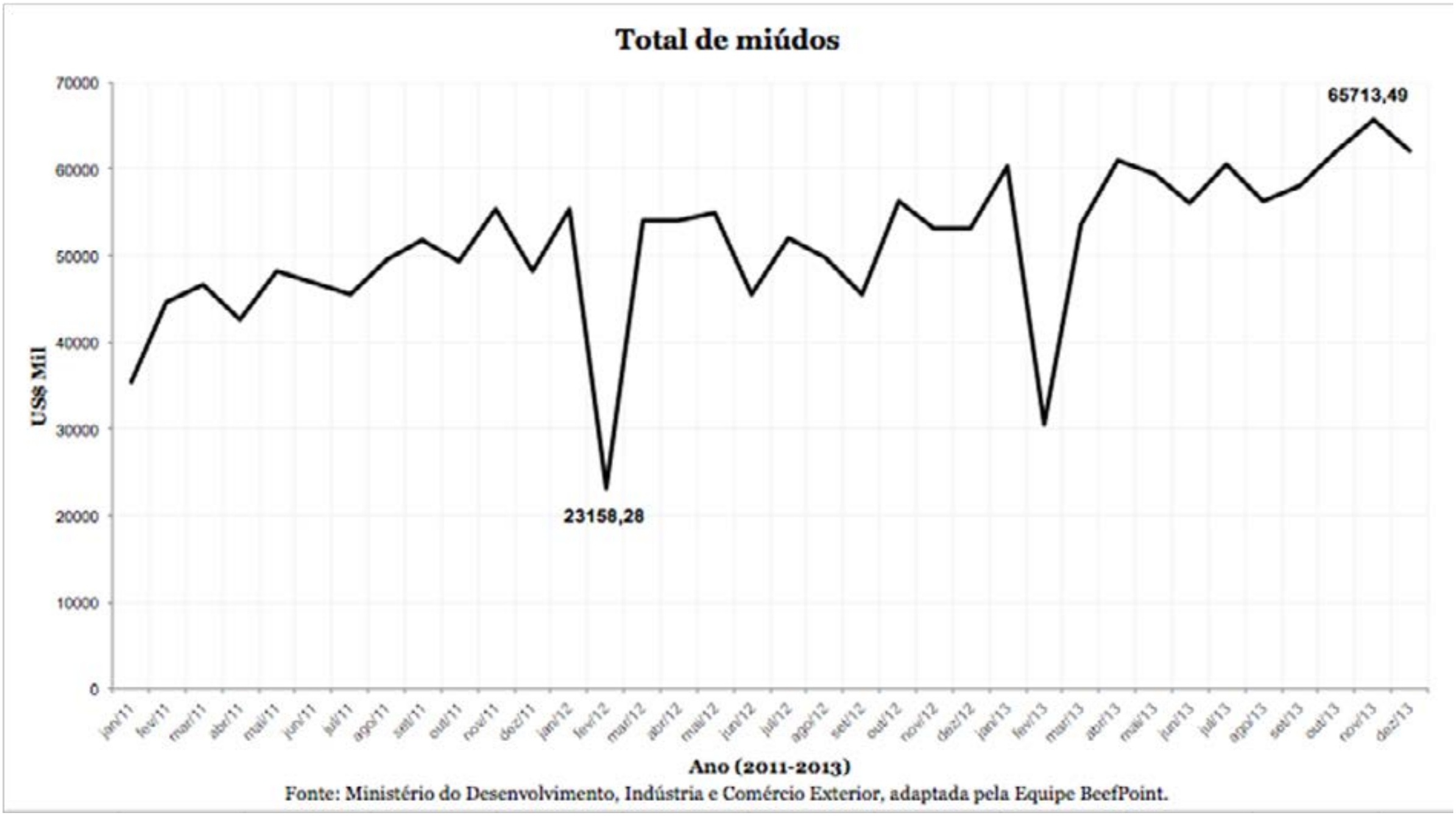
Exportação - Carne industrializada



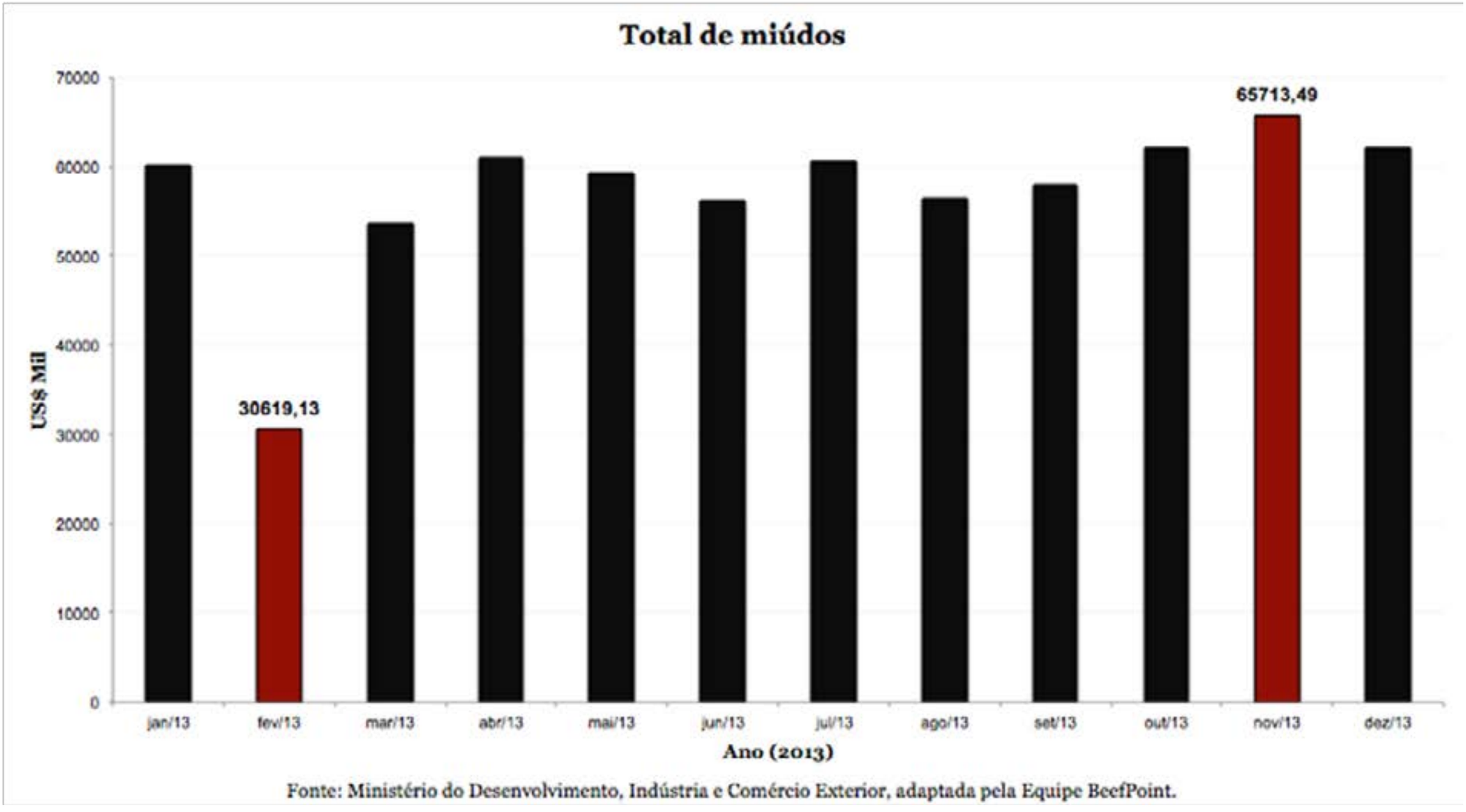
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



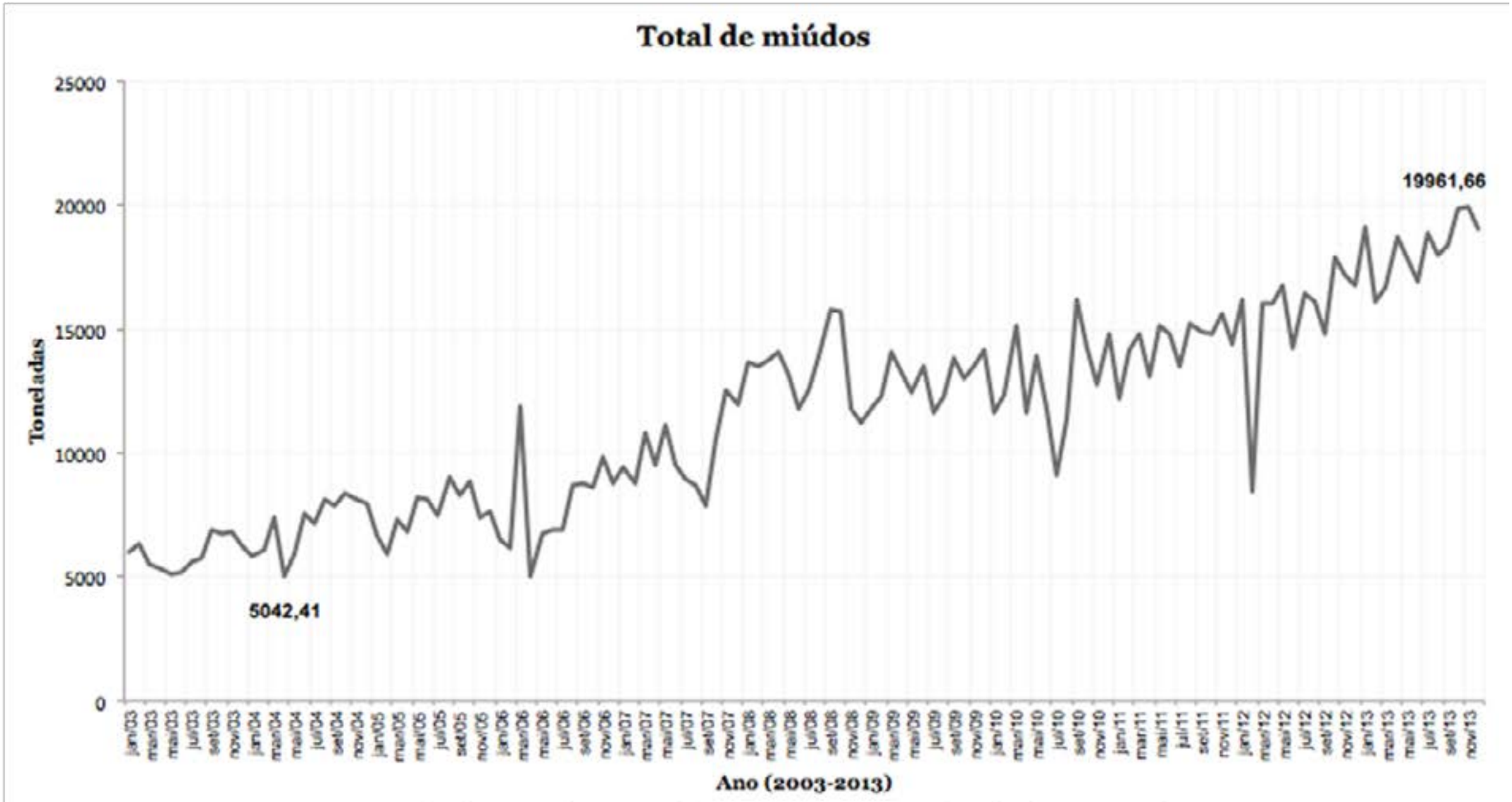
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



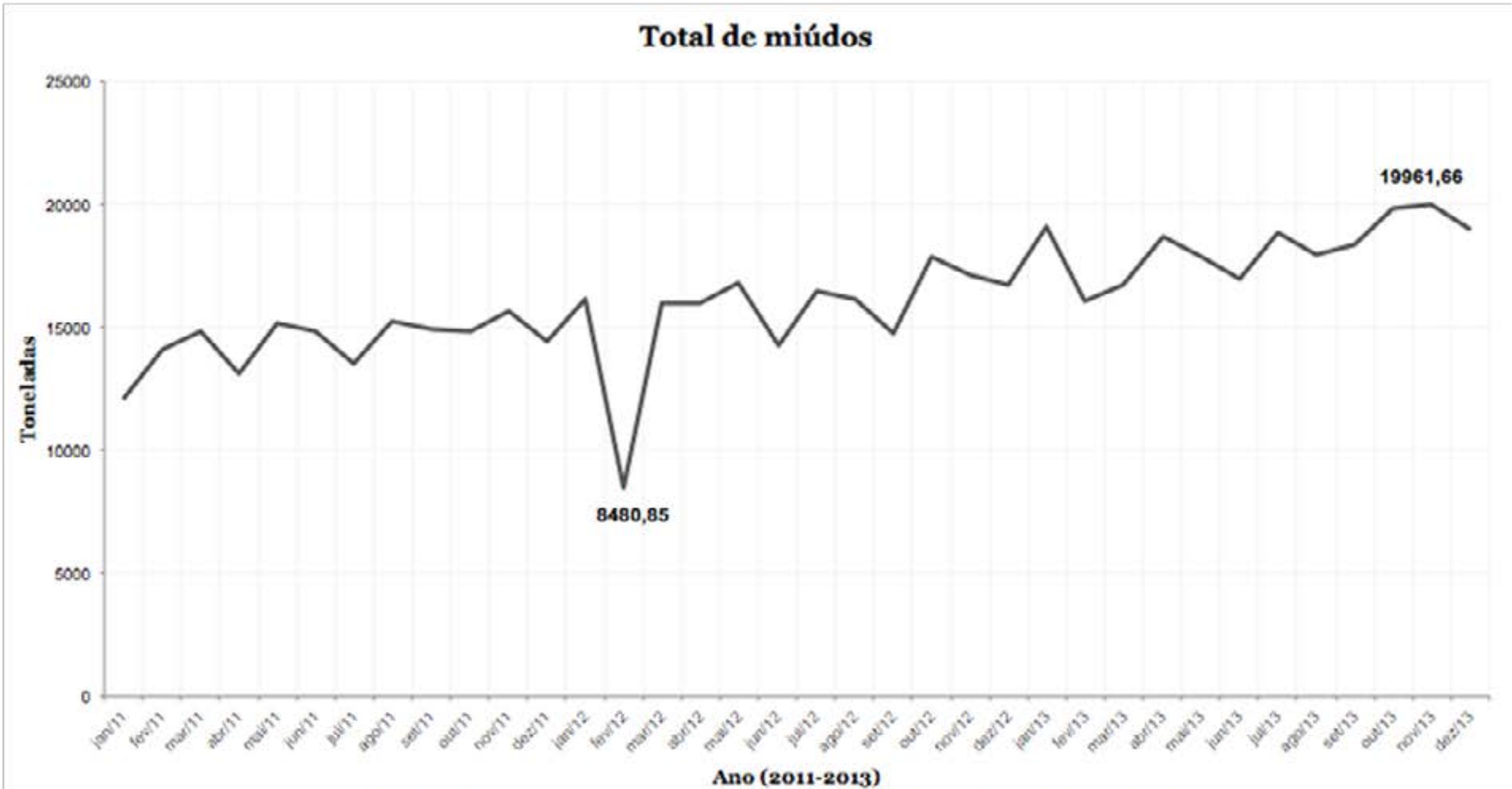
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



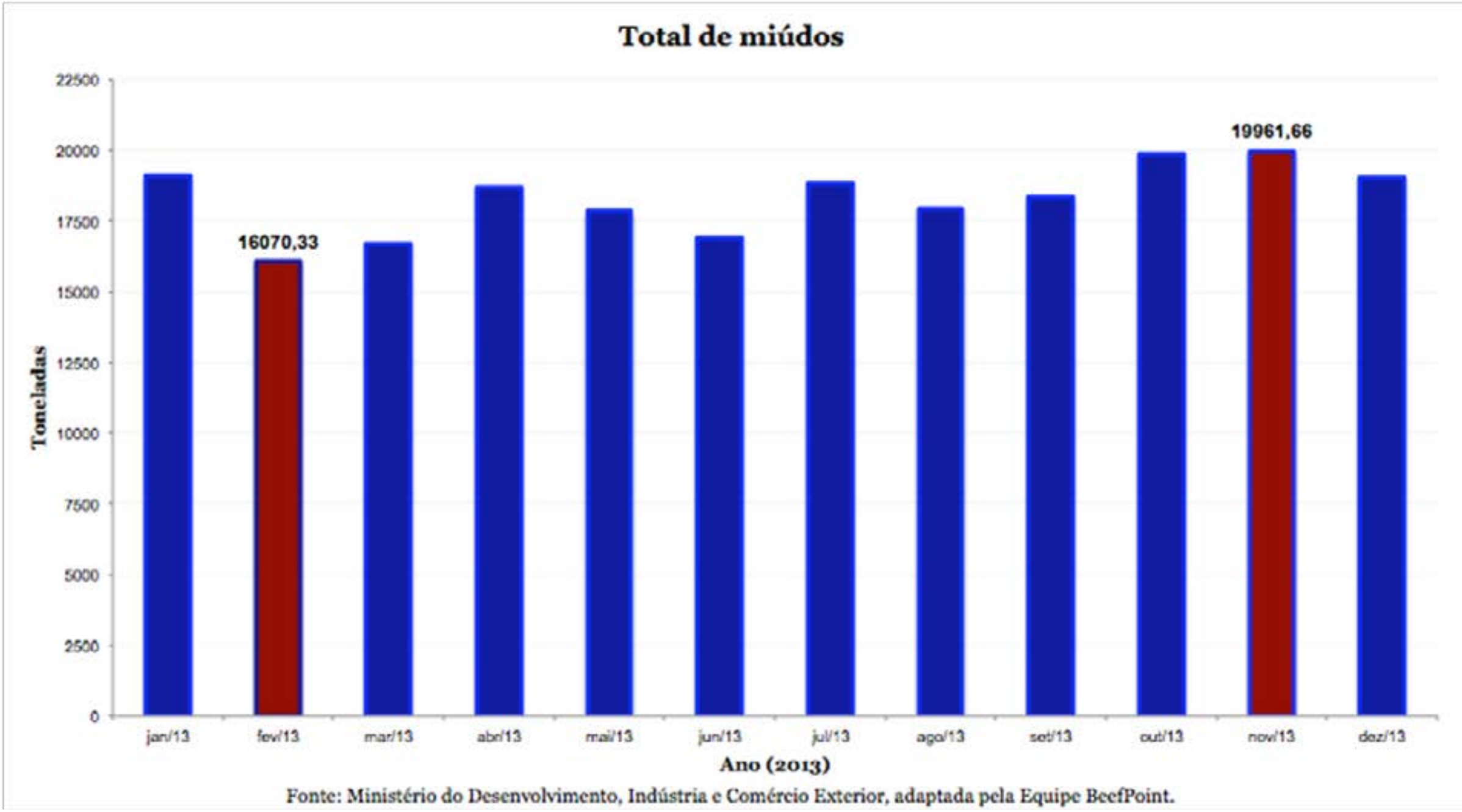
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



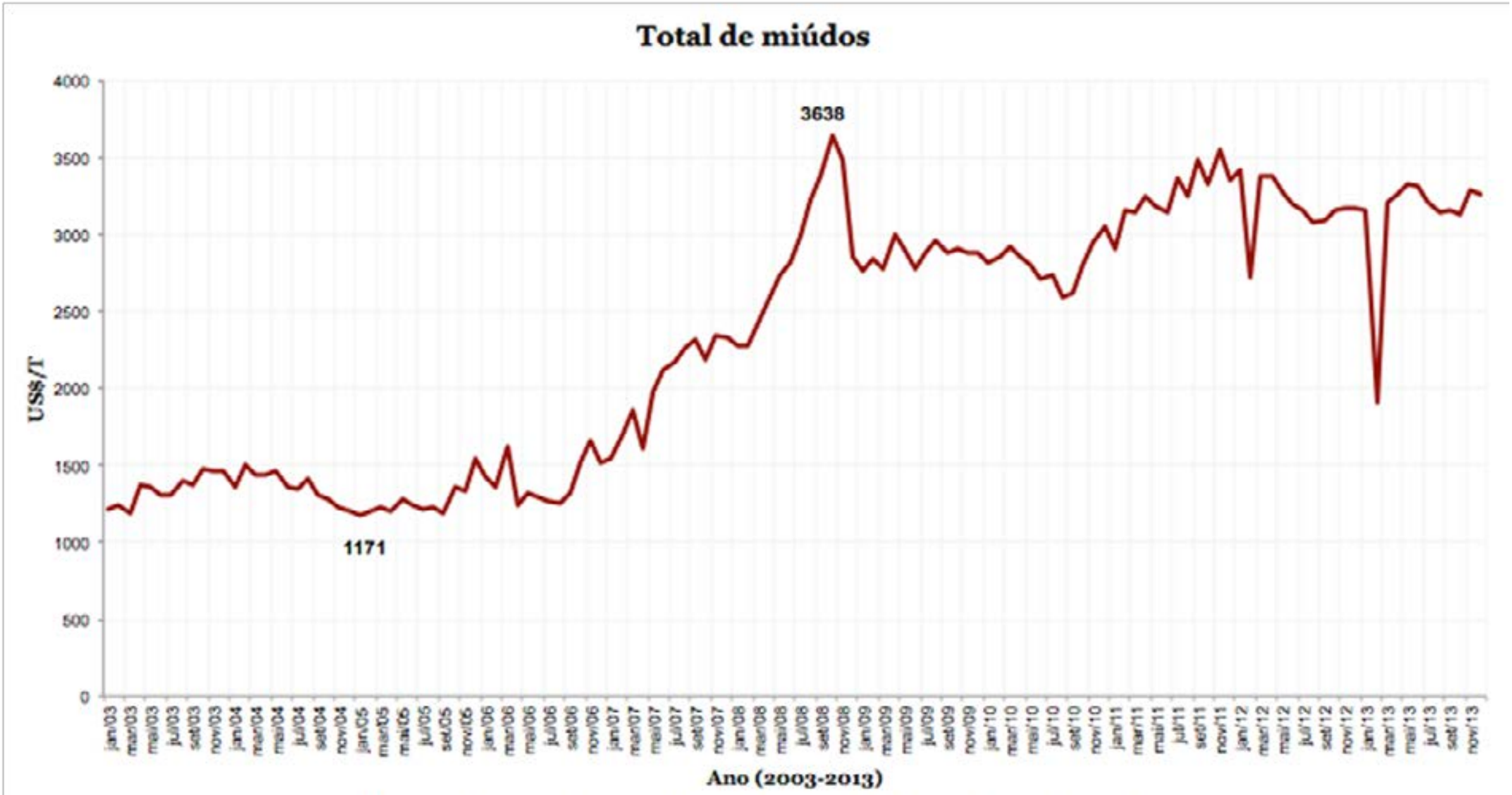
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



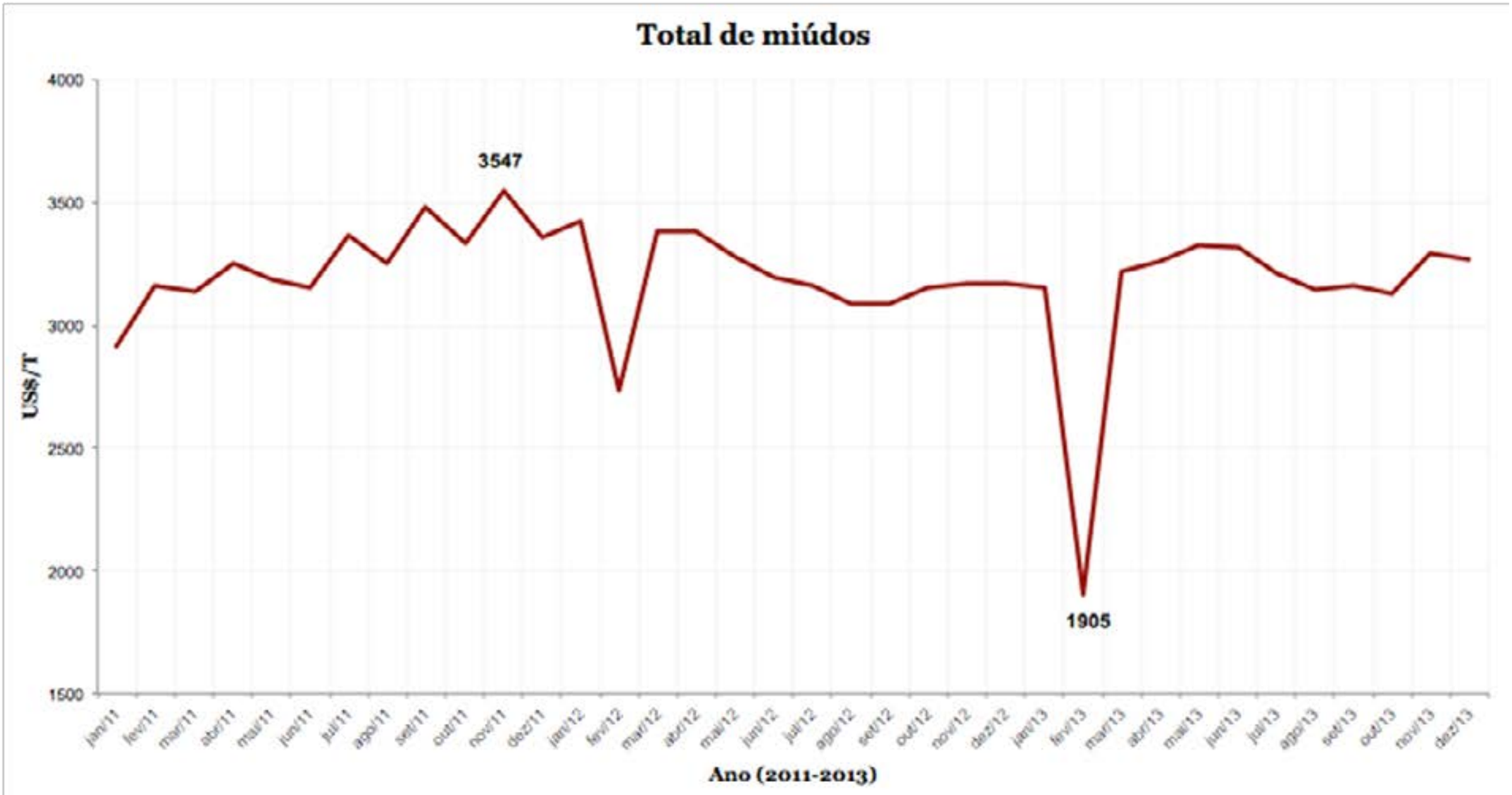
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



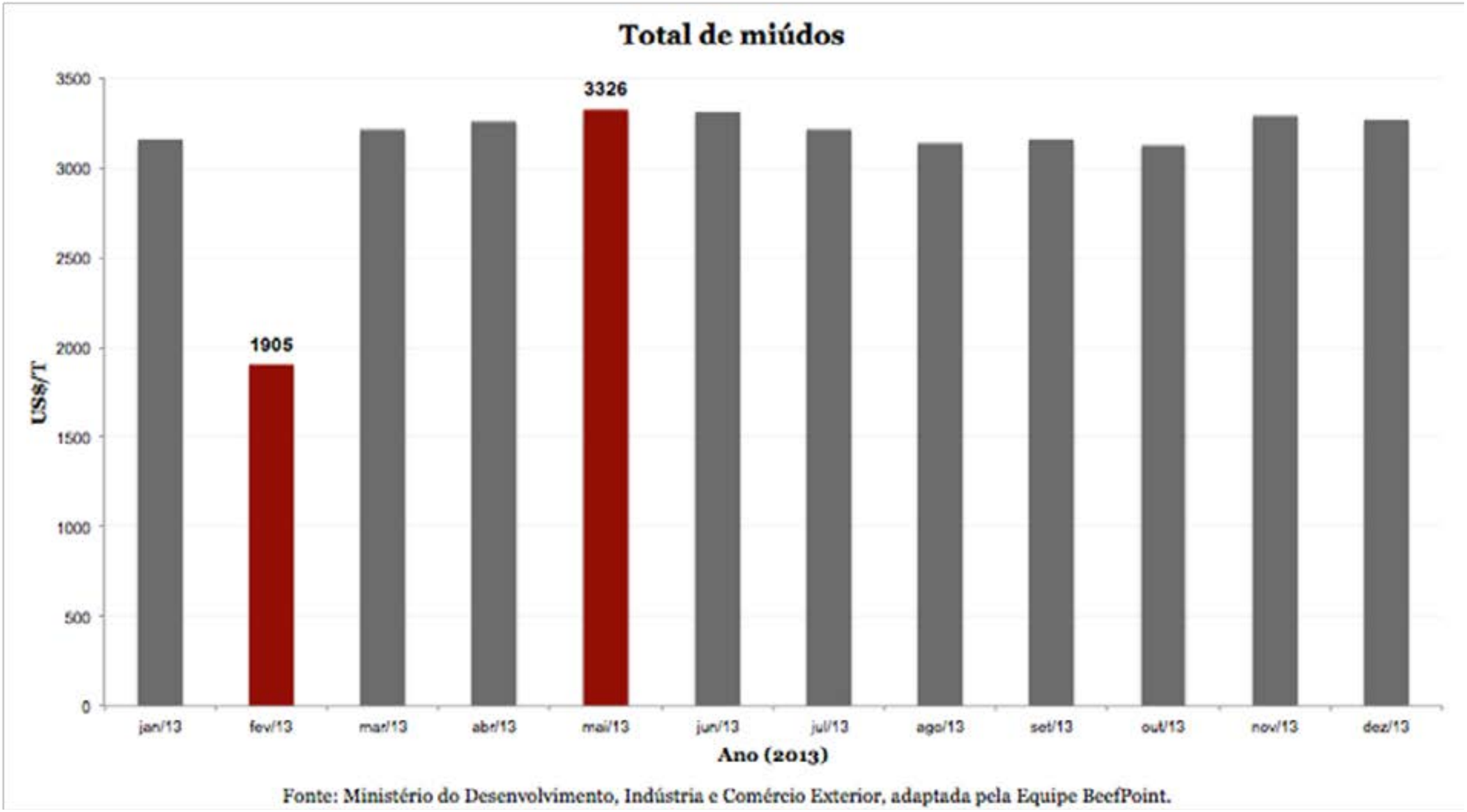
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



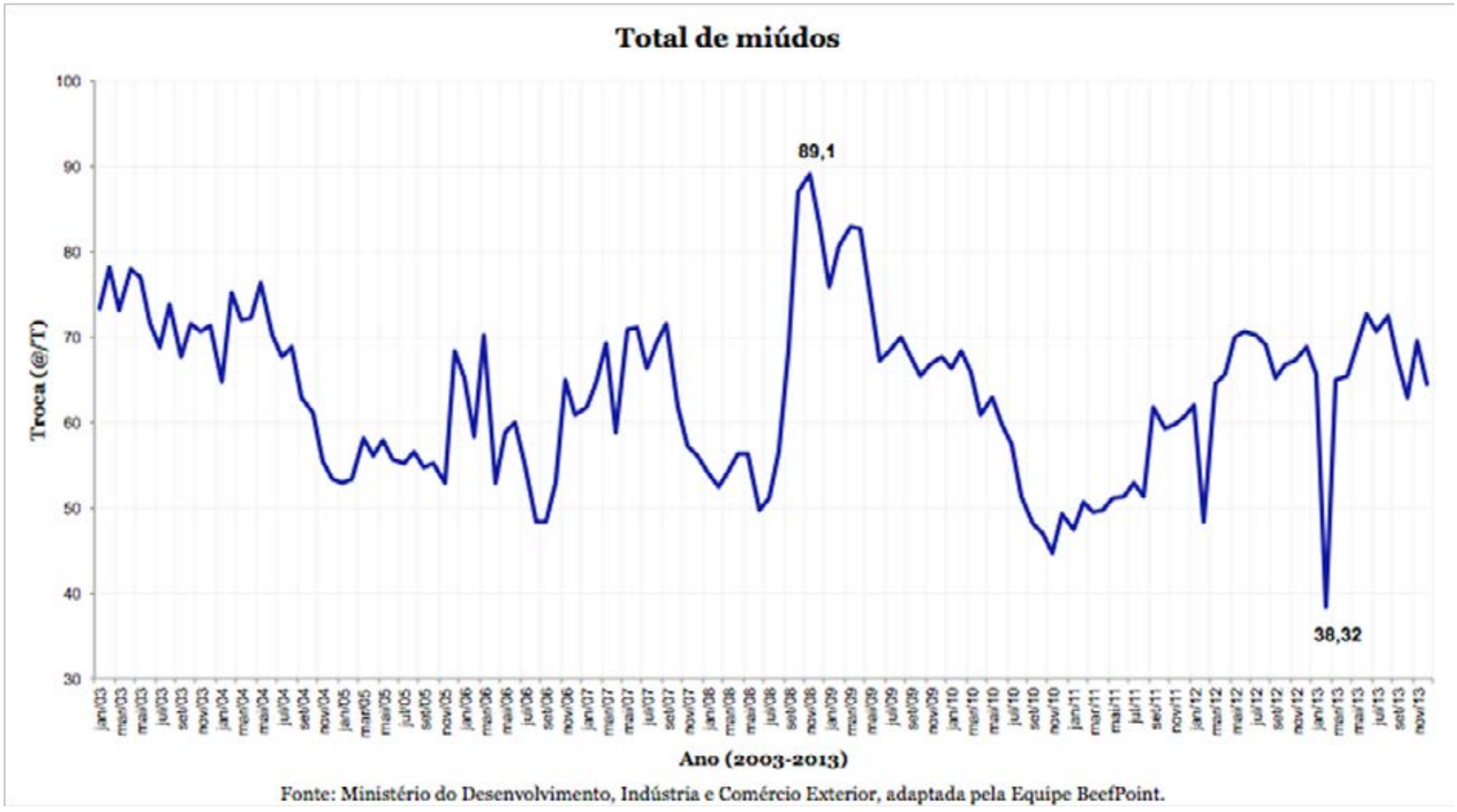
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



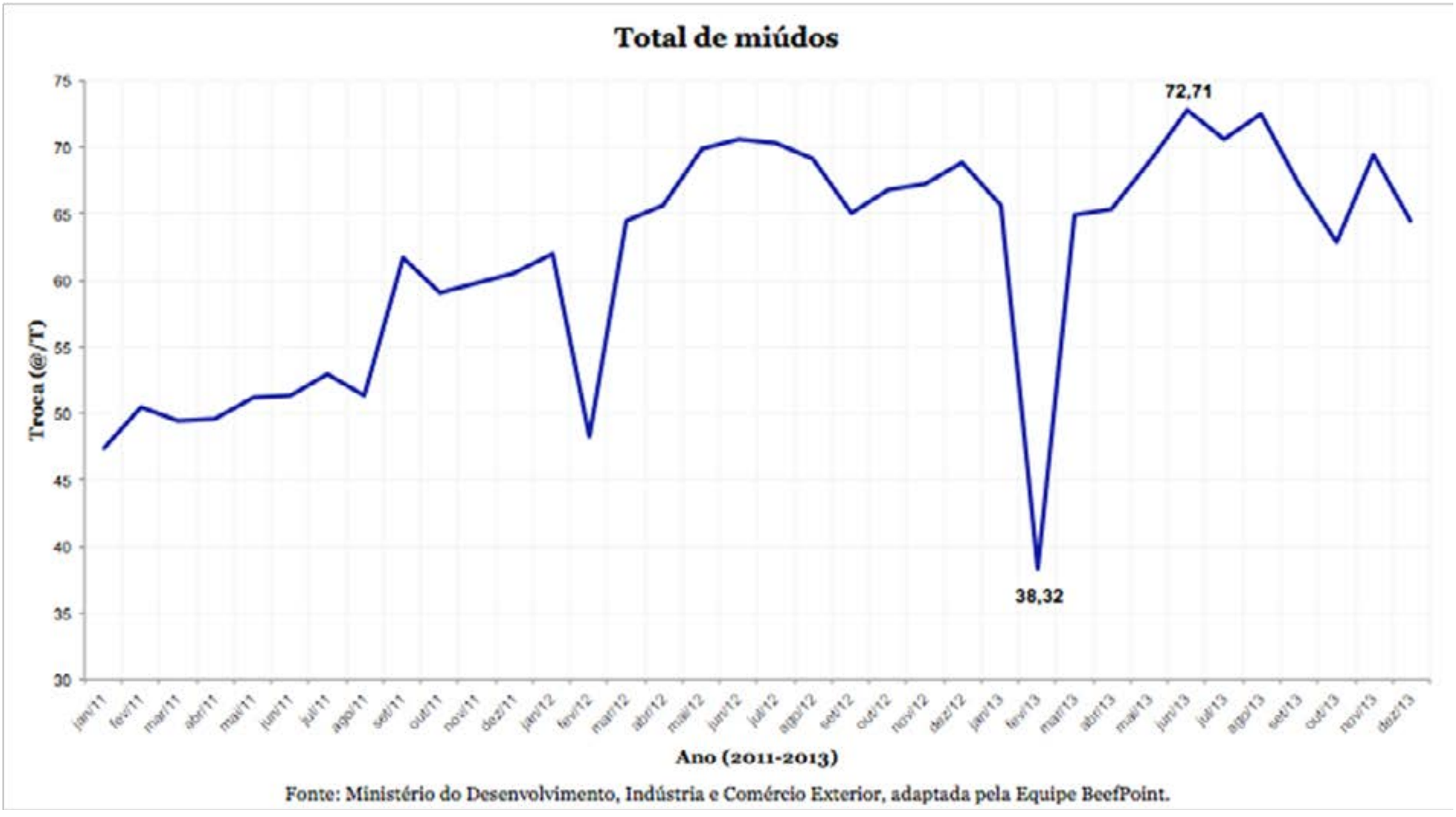
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



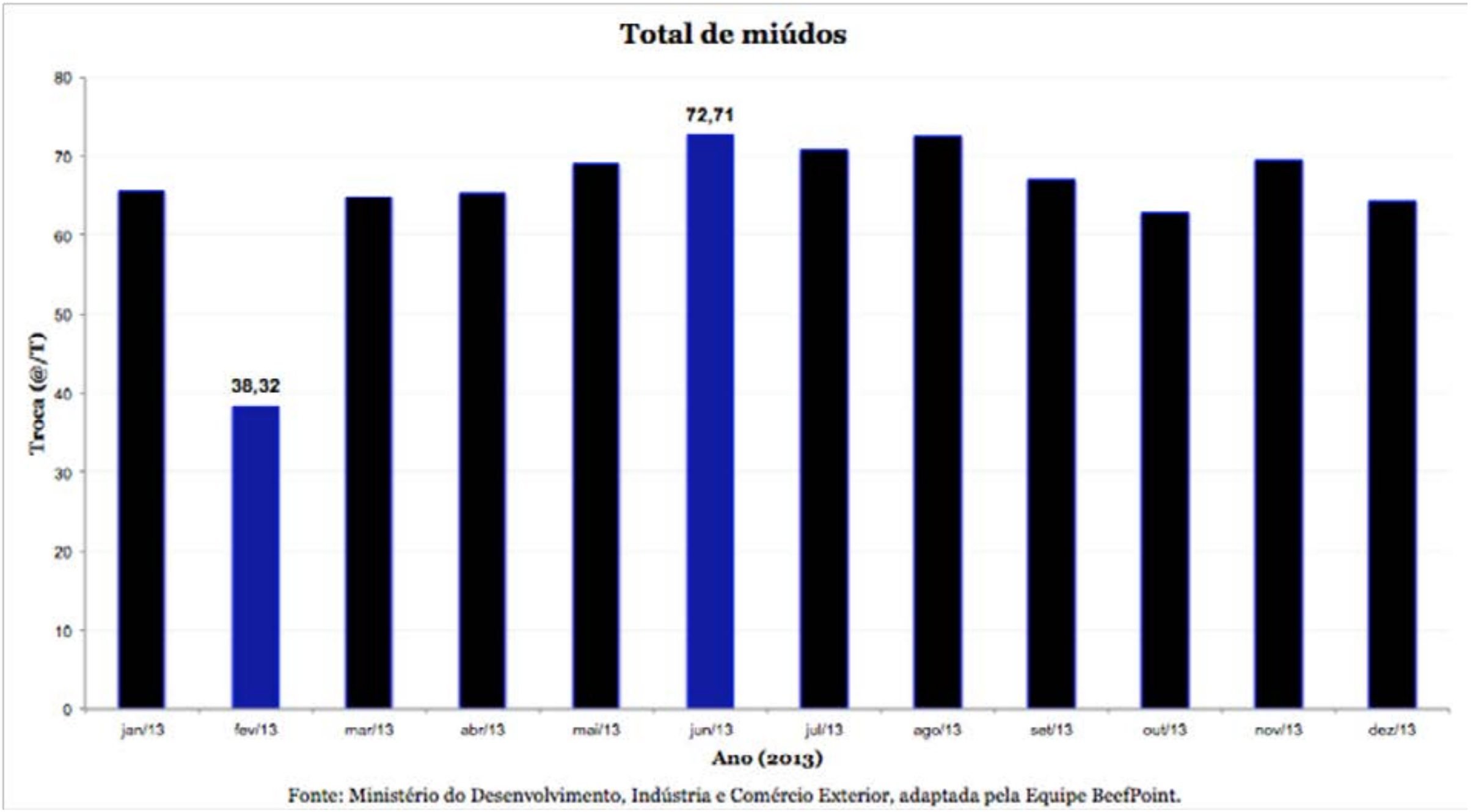
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



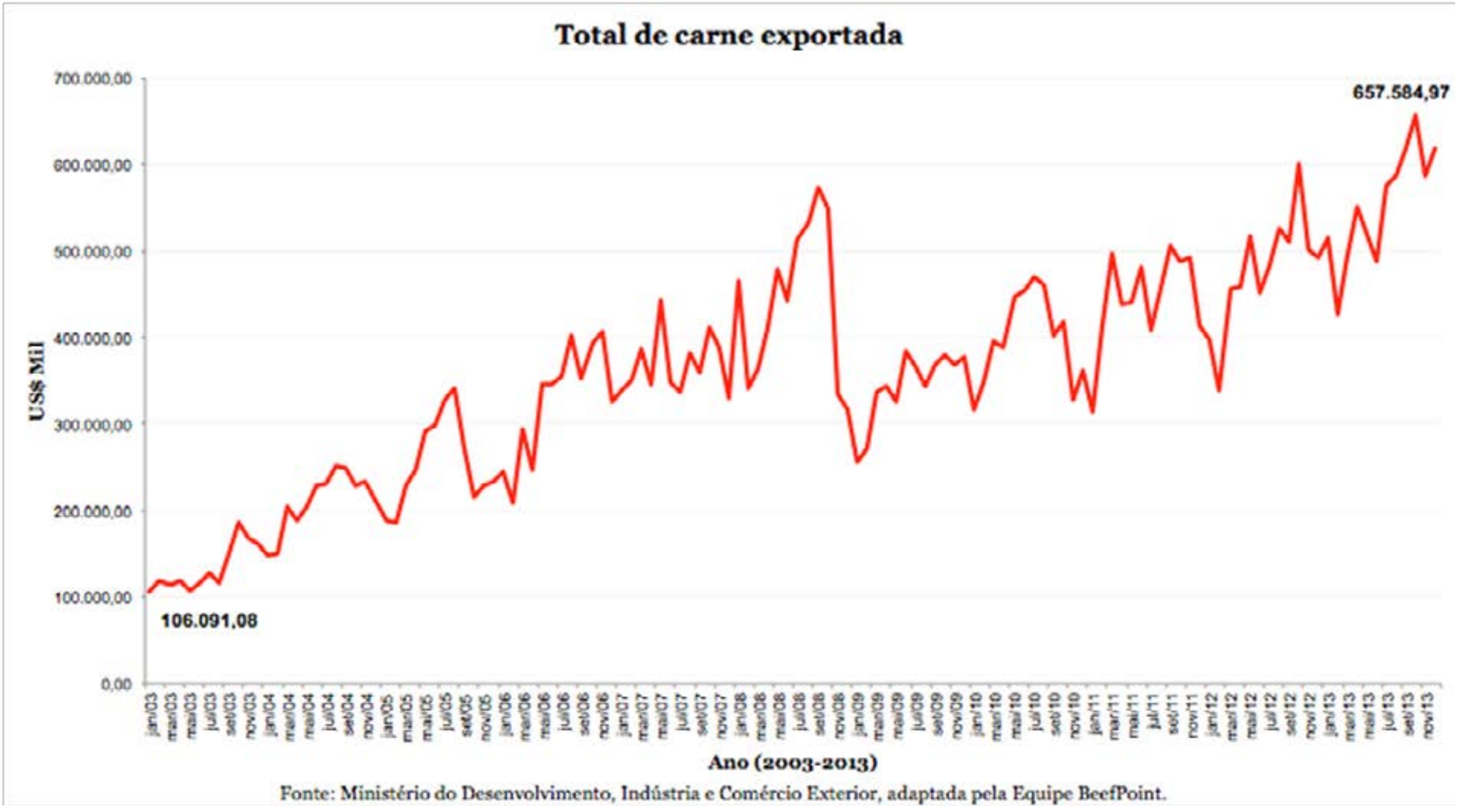
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

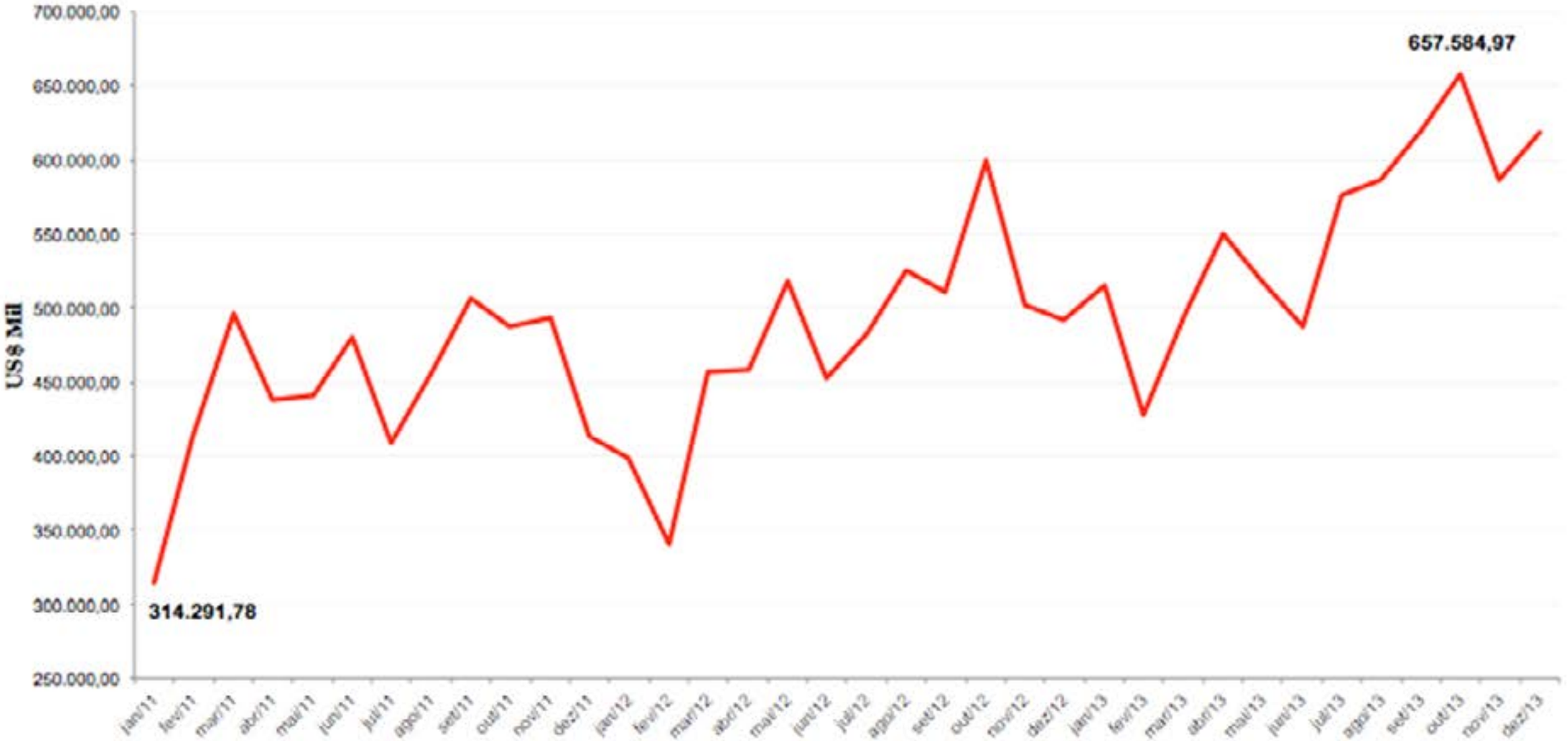


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

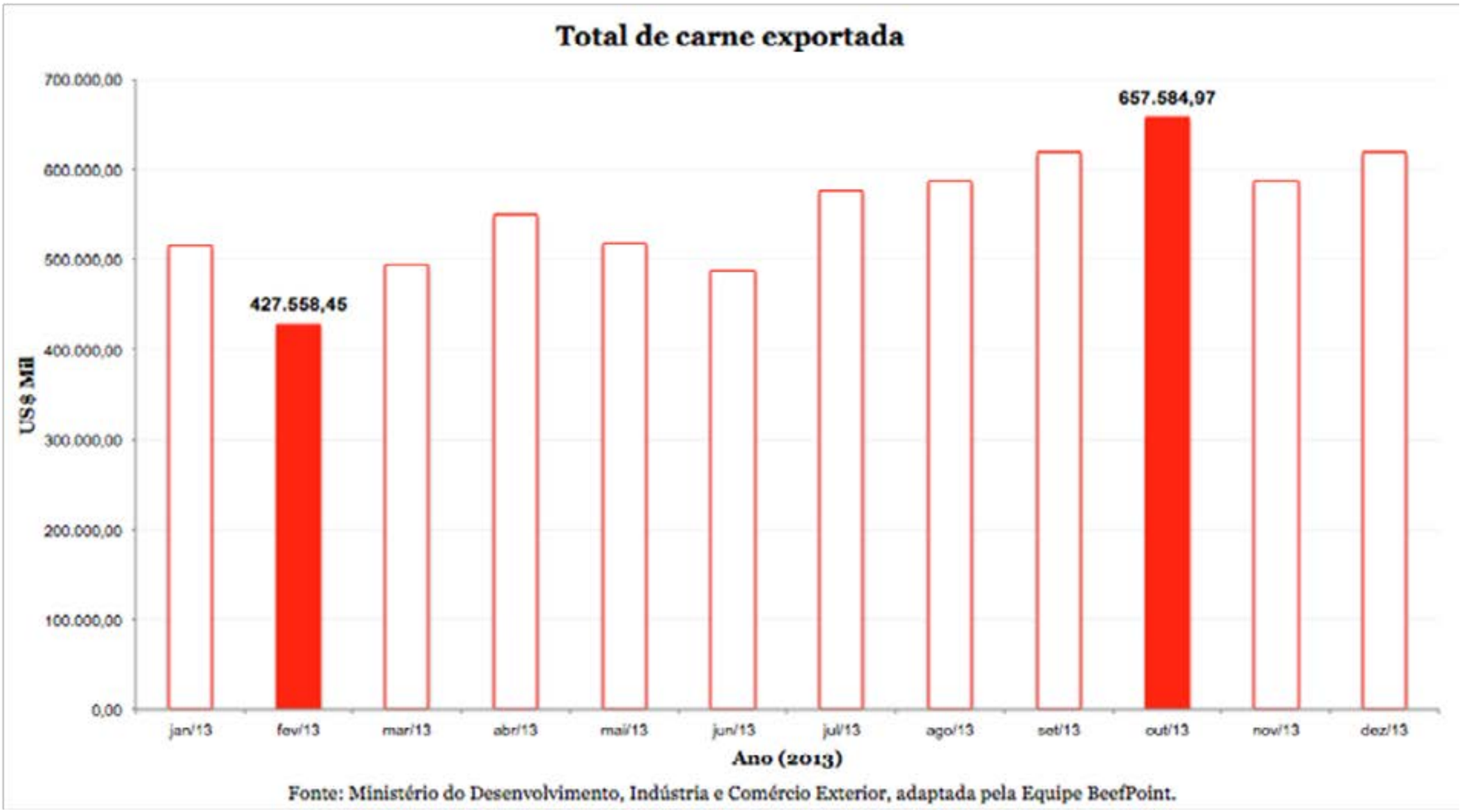


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

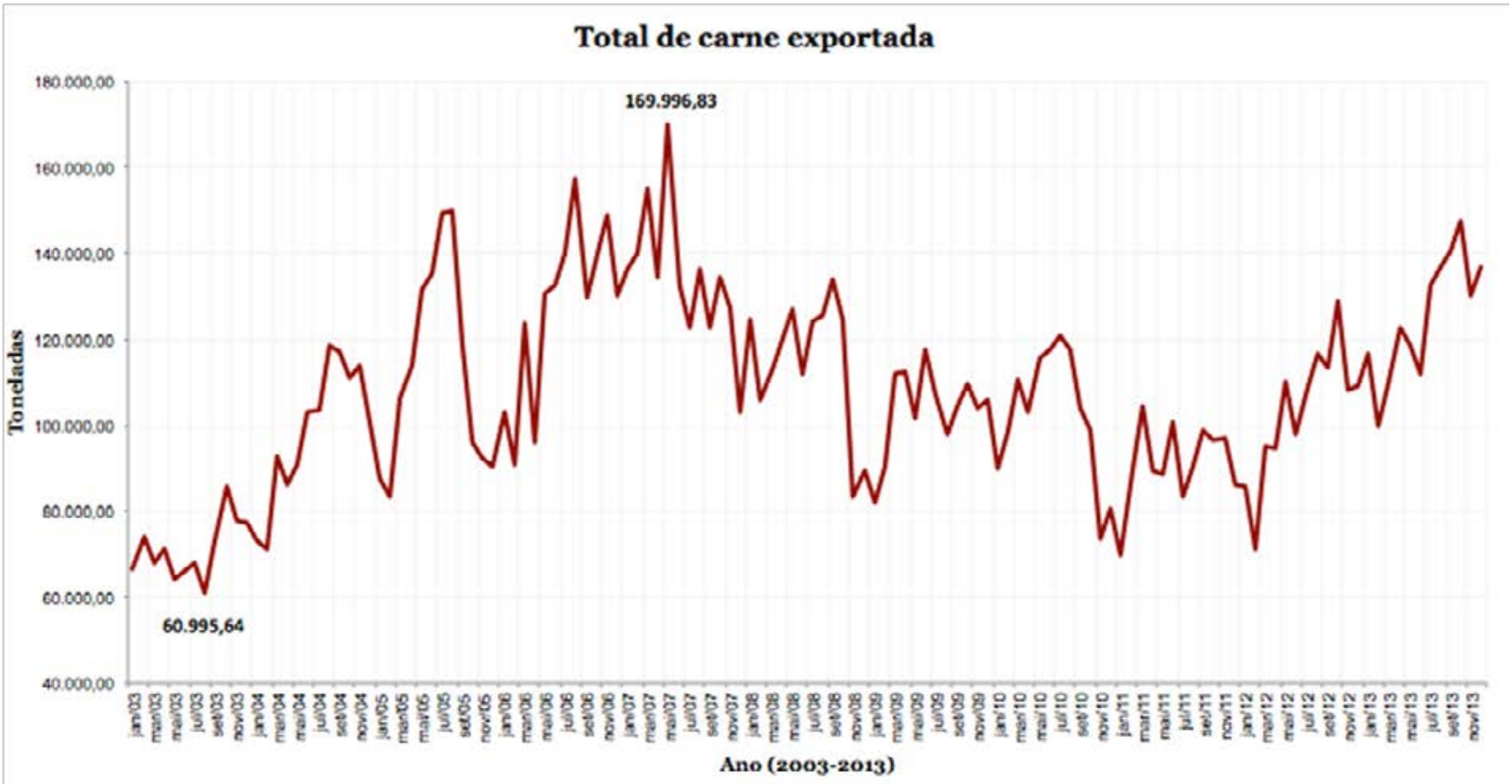
Total de carne exportada



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



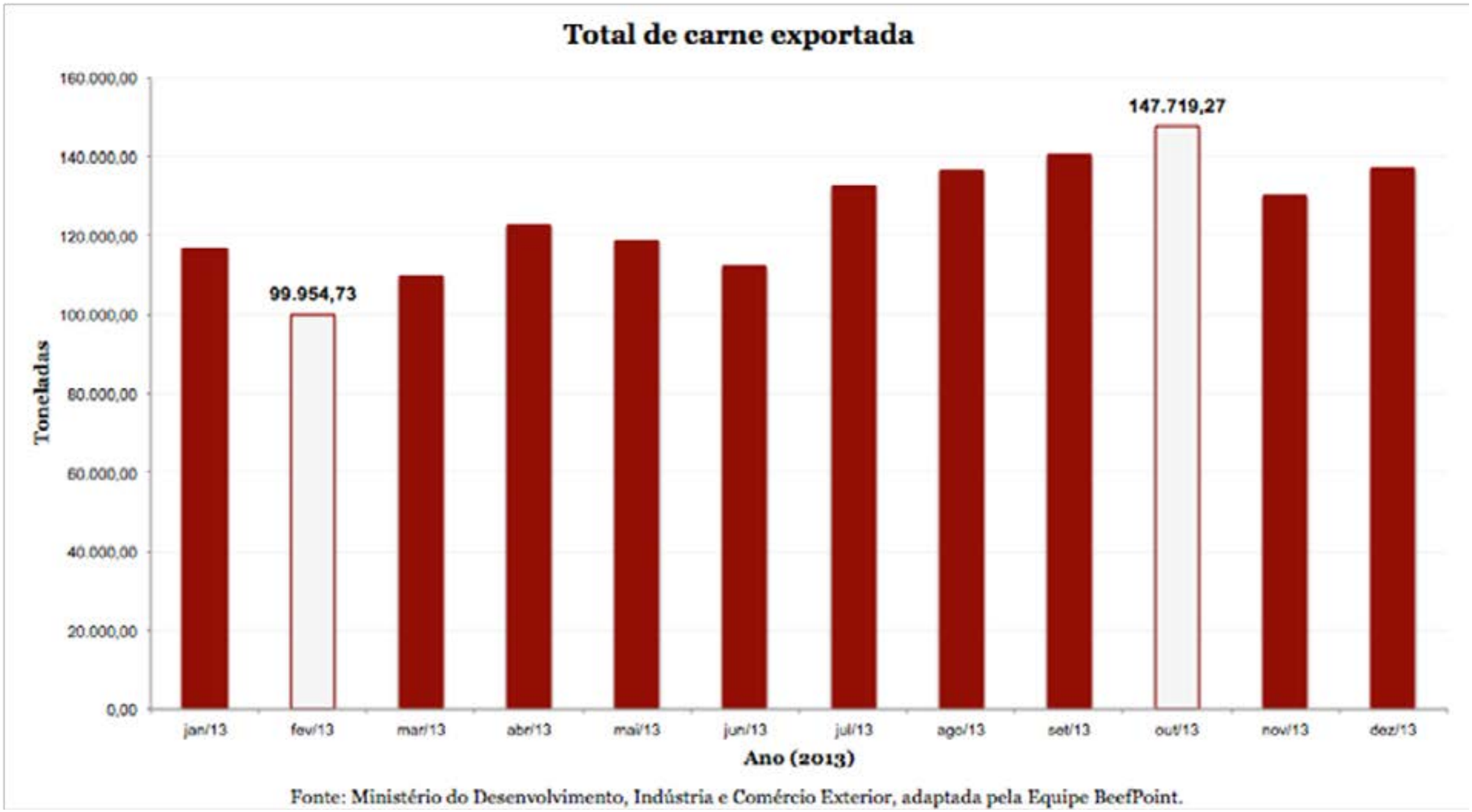
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



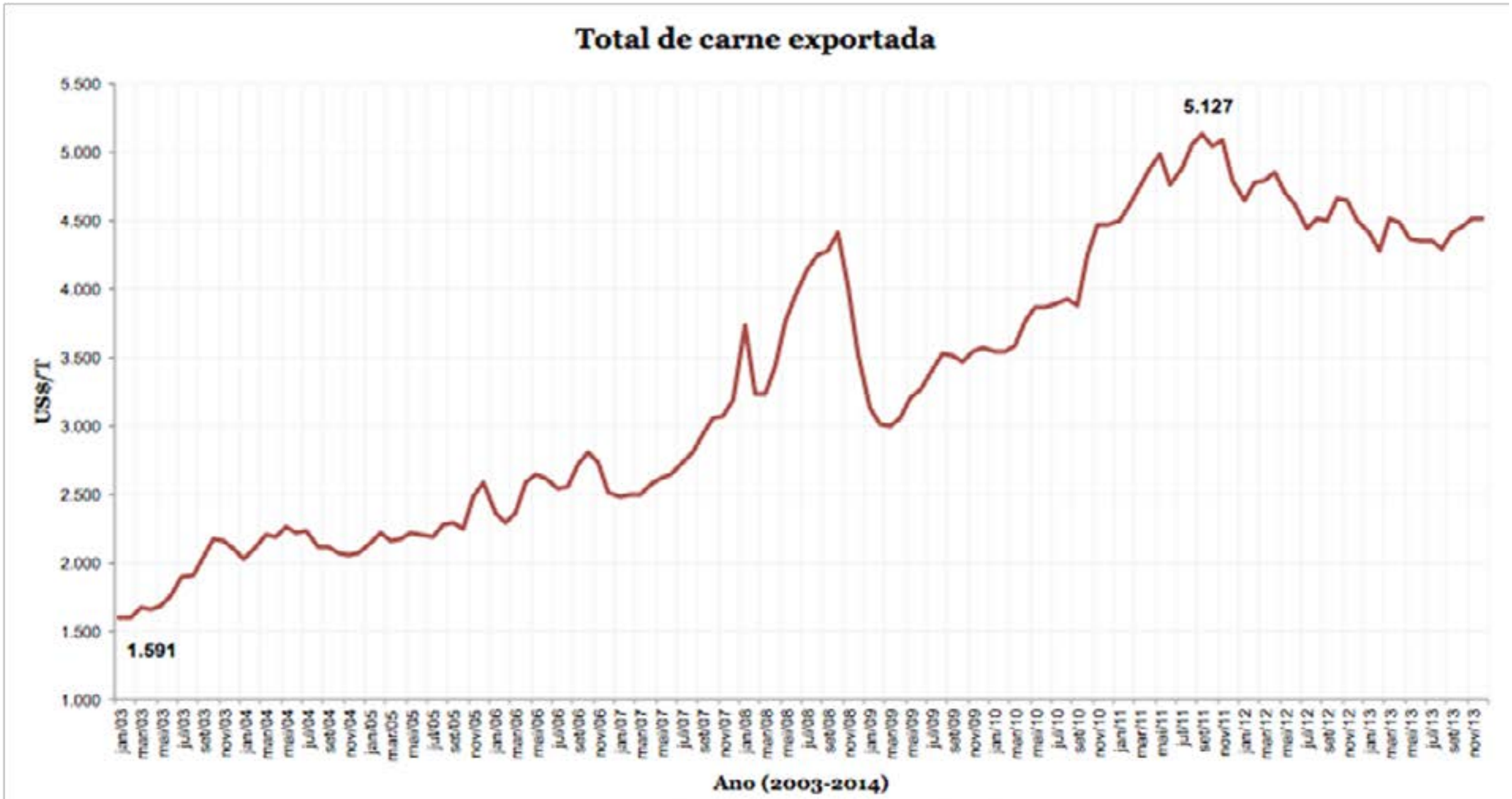
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Total de carne exportada

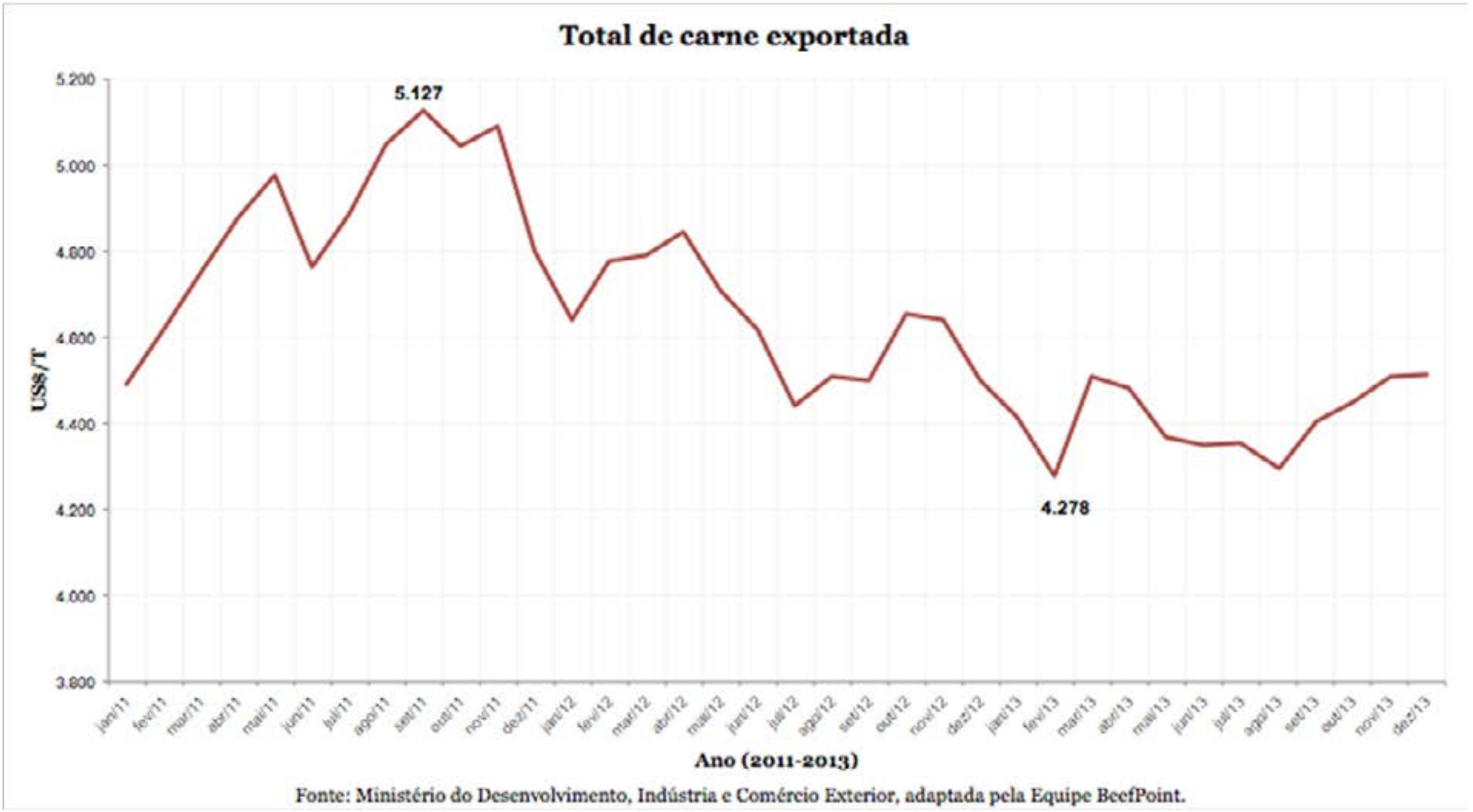
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



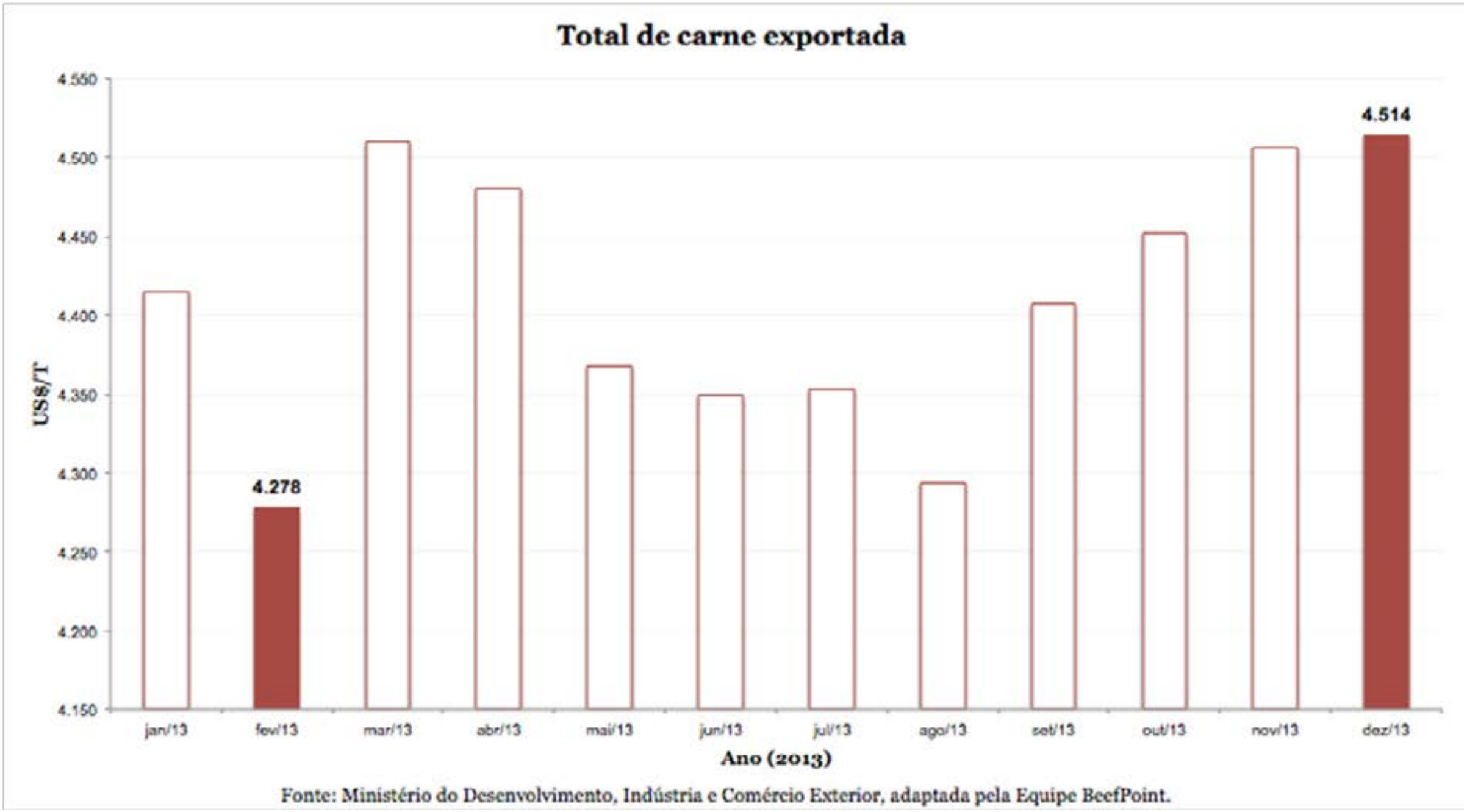
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

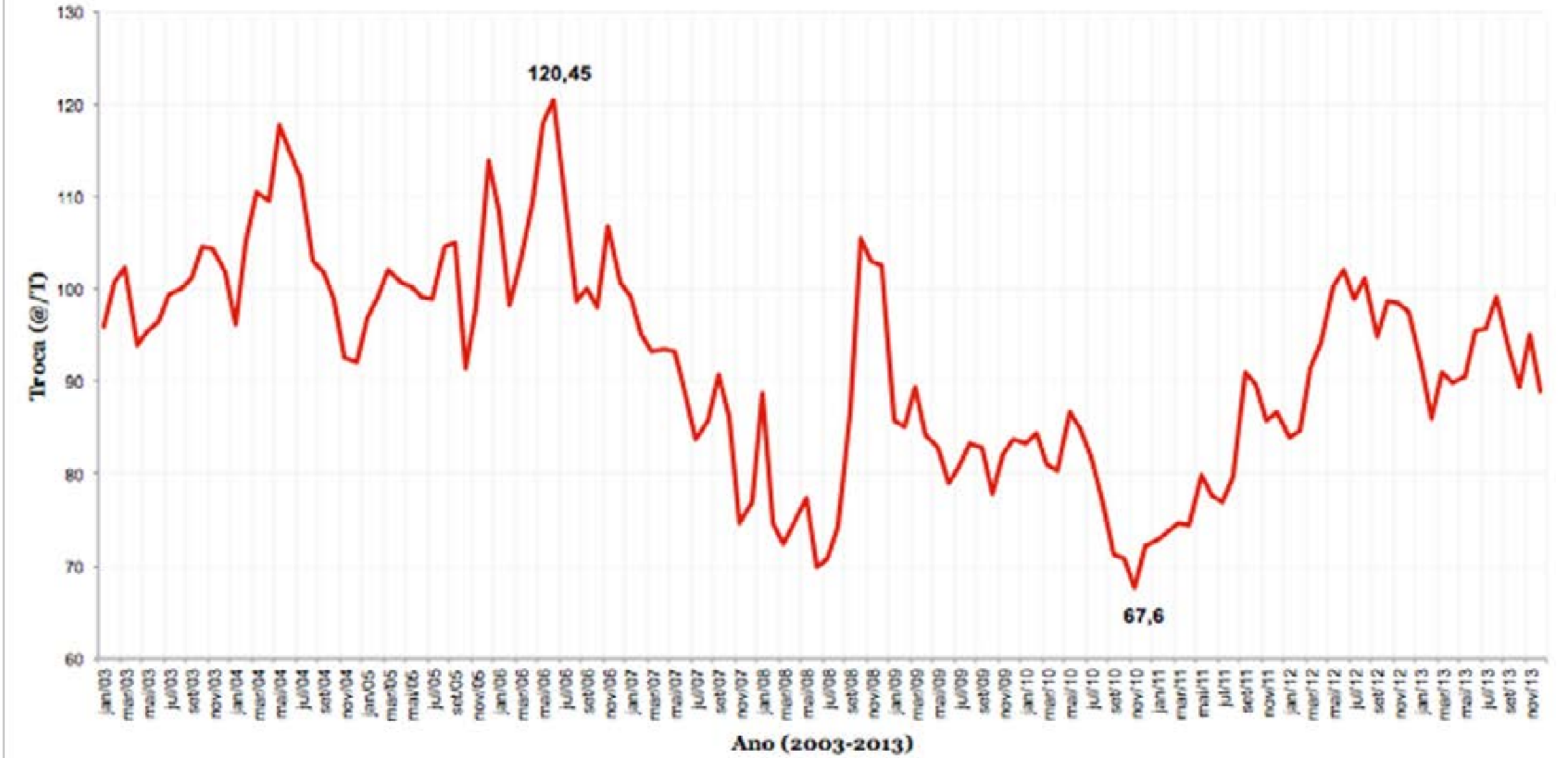


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

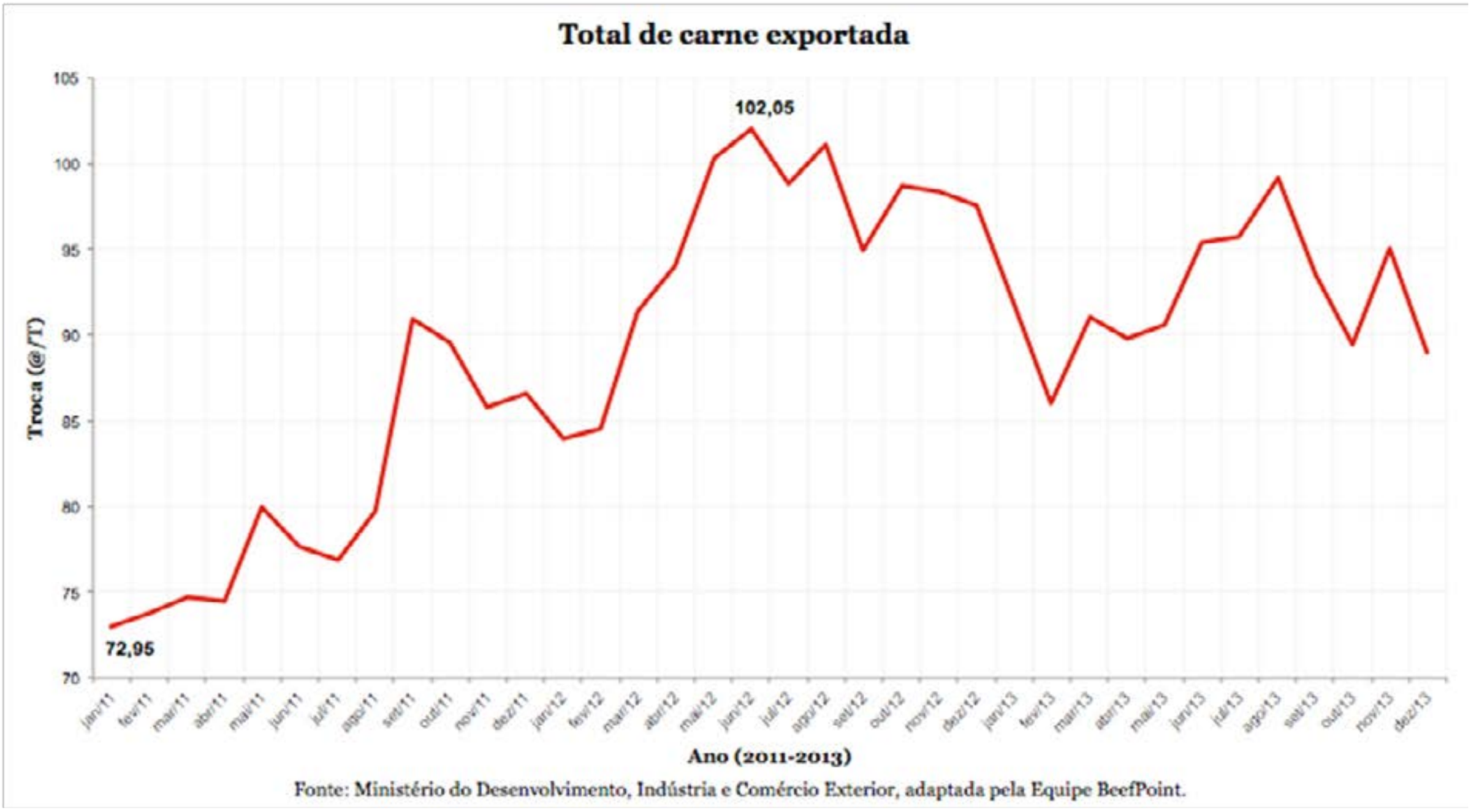


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

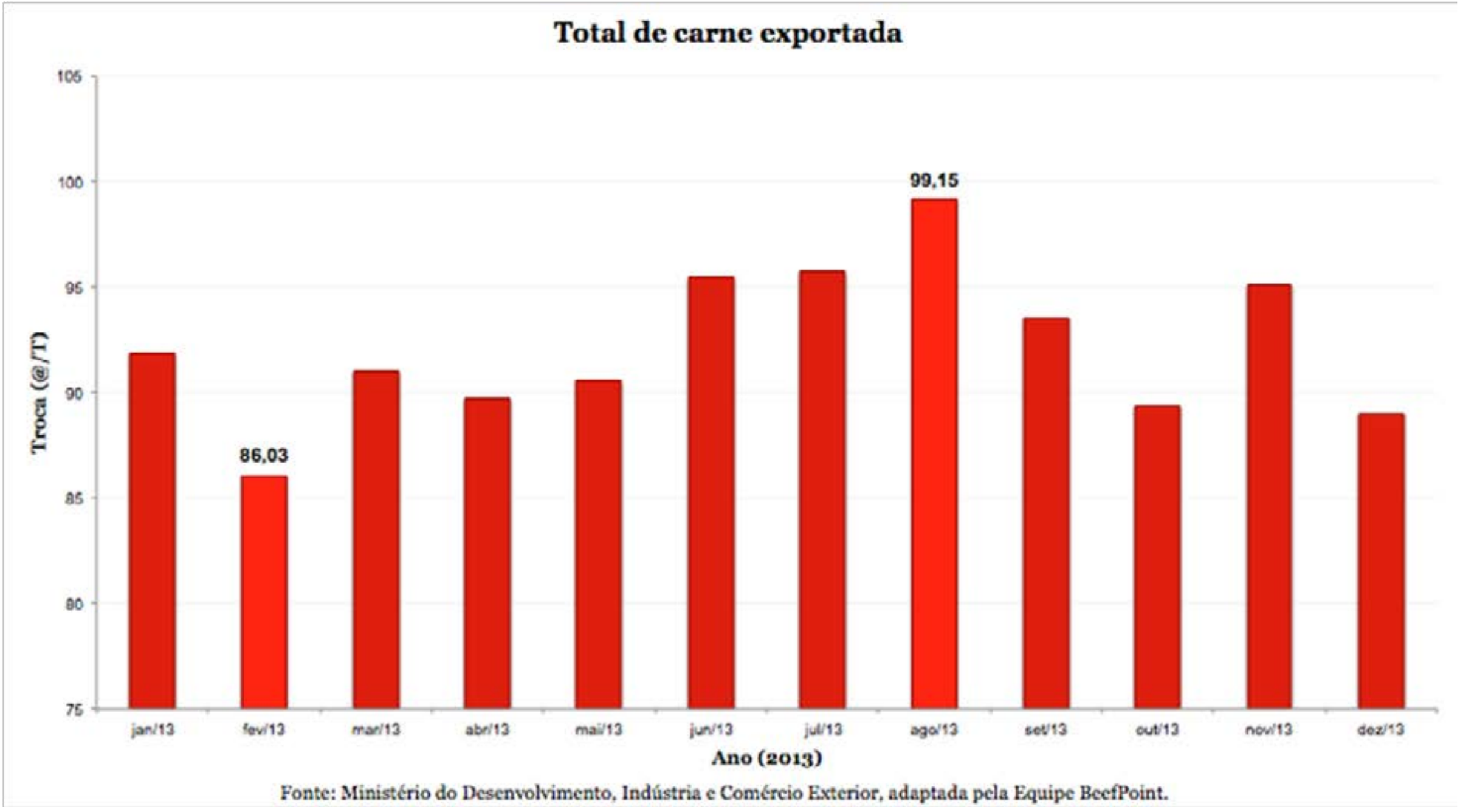
Total de carne exportada



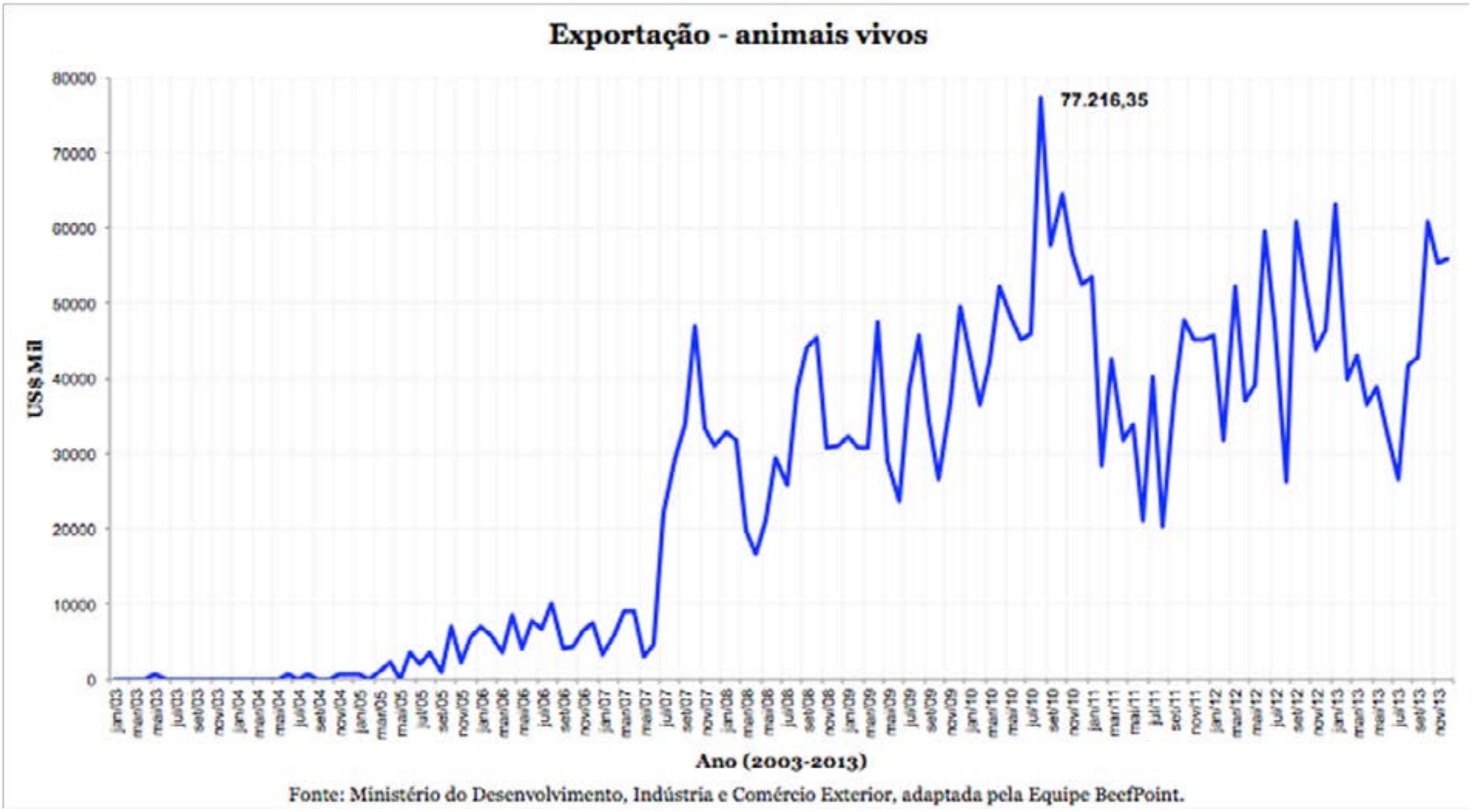
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



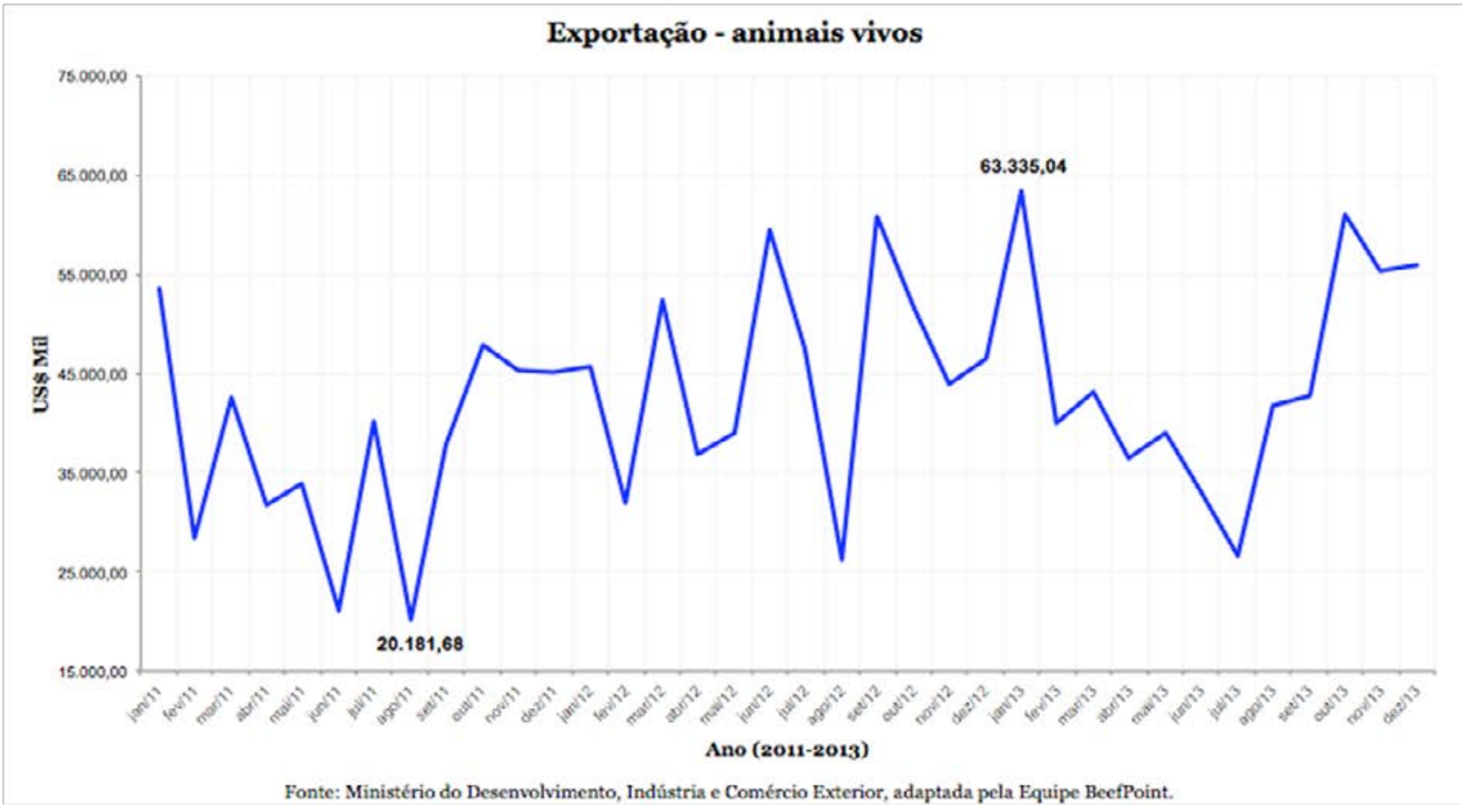
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



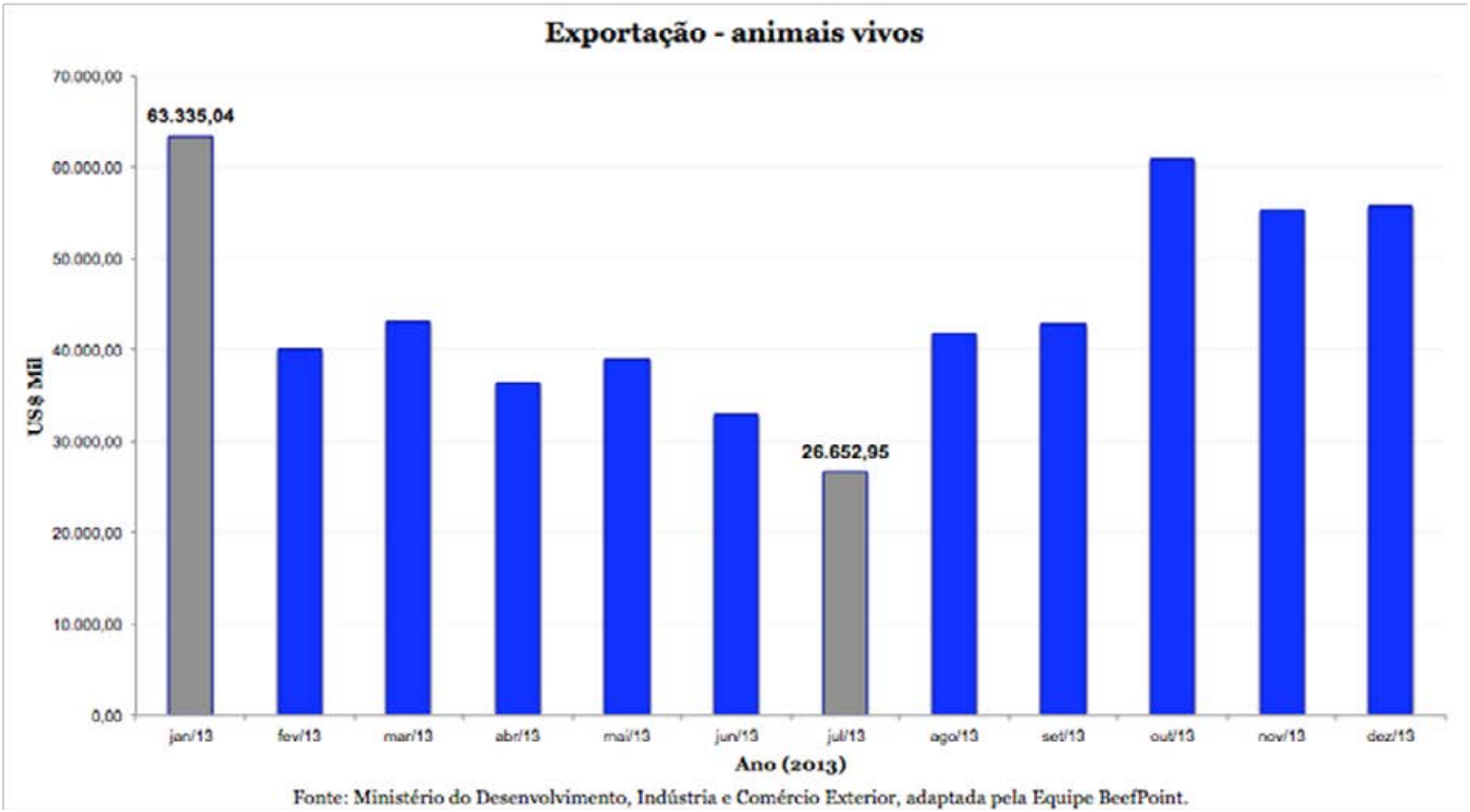
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



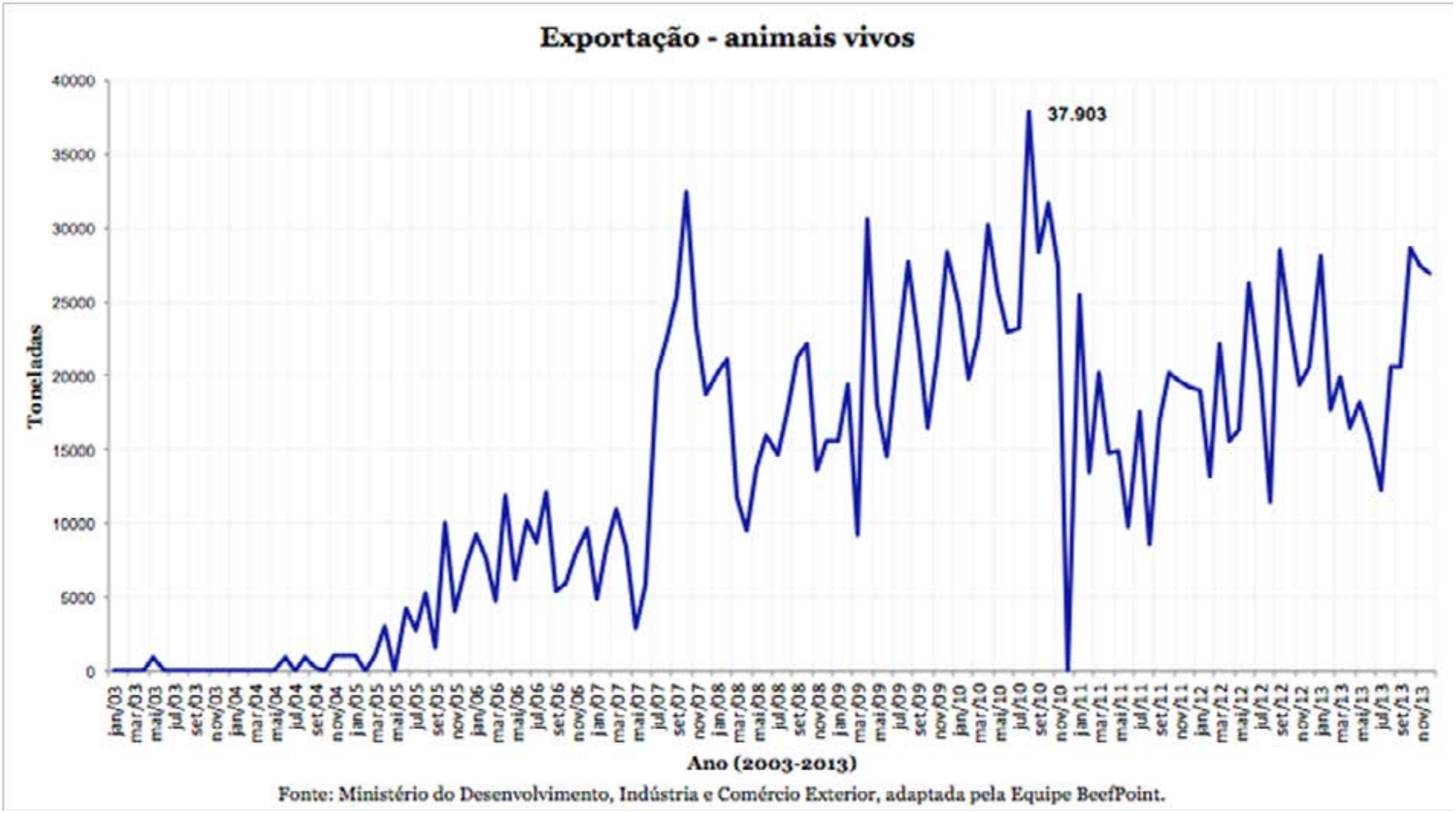
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



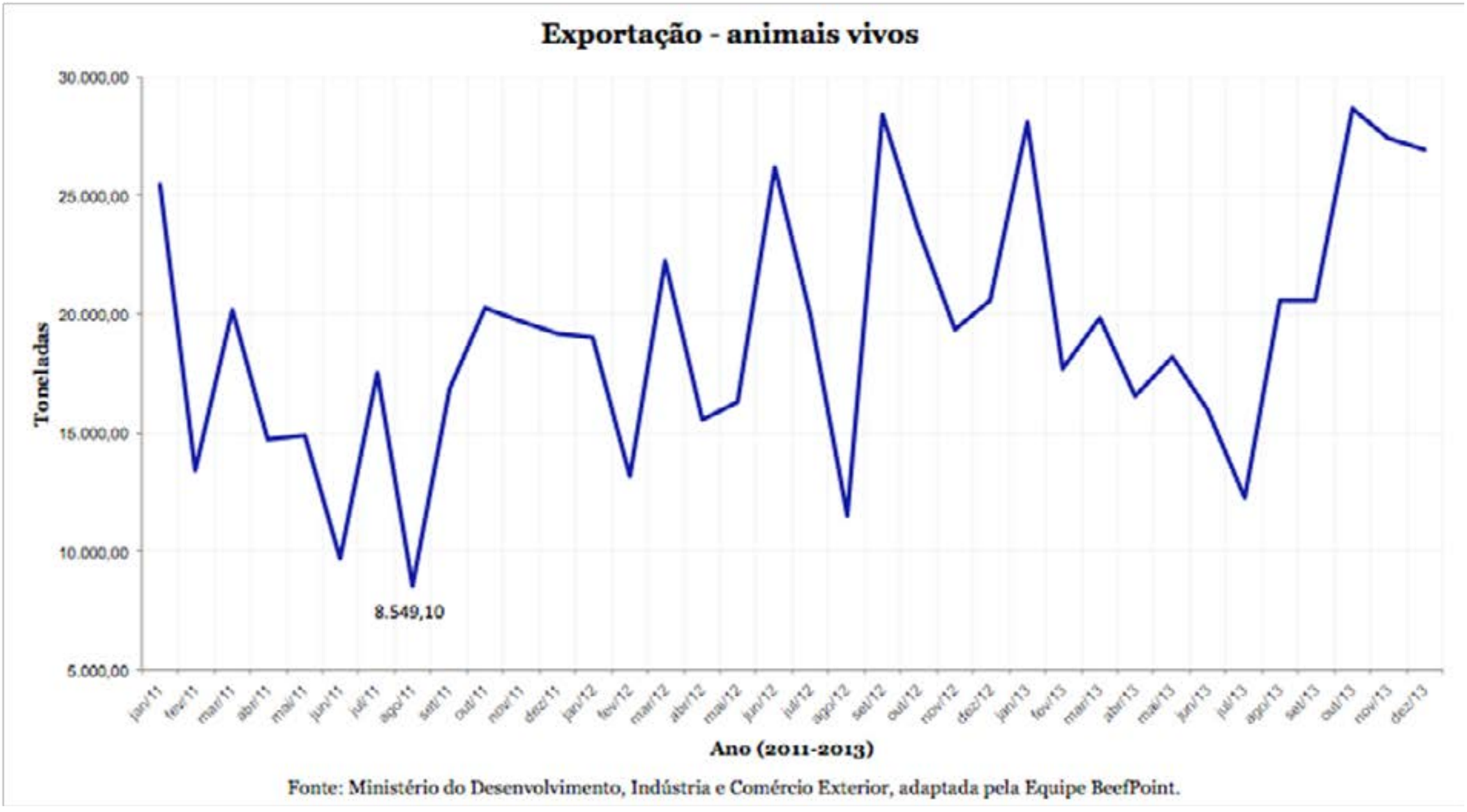
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



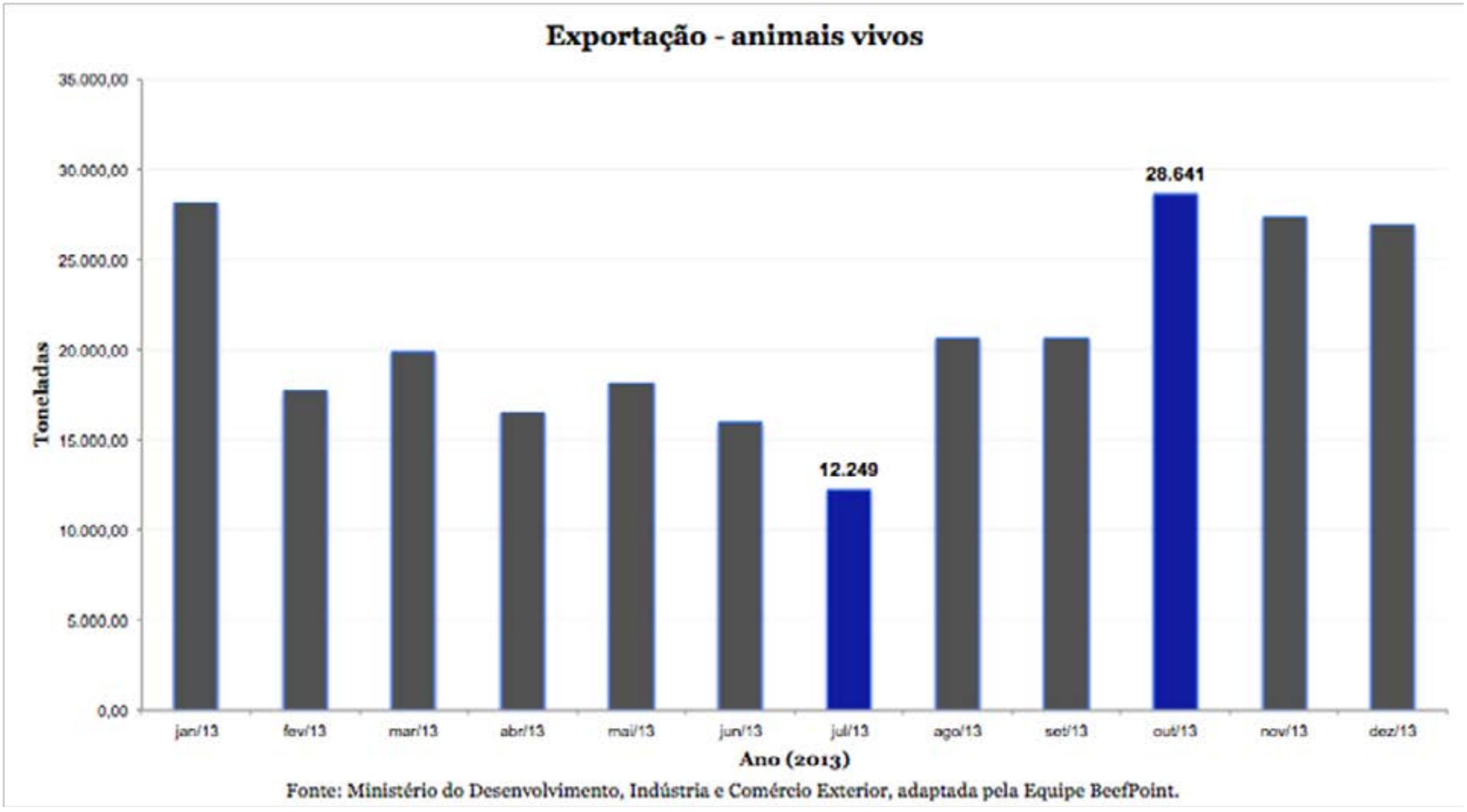
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

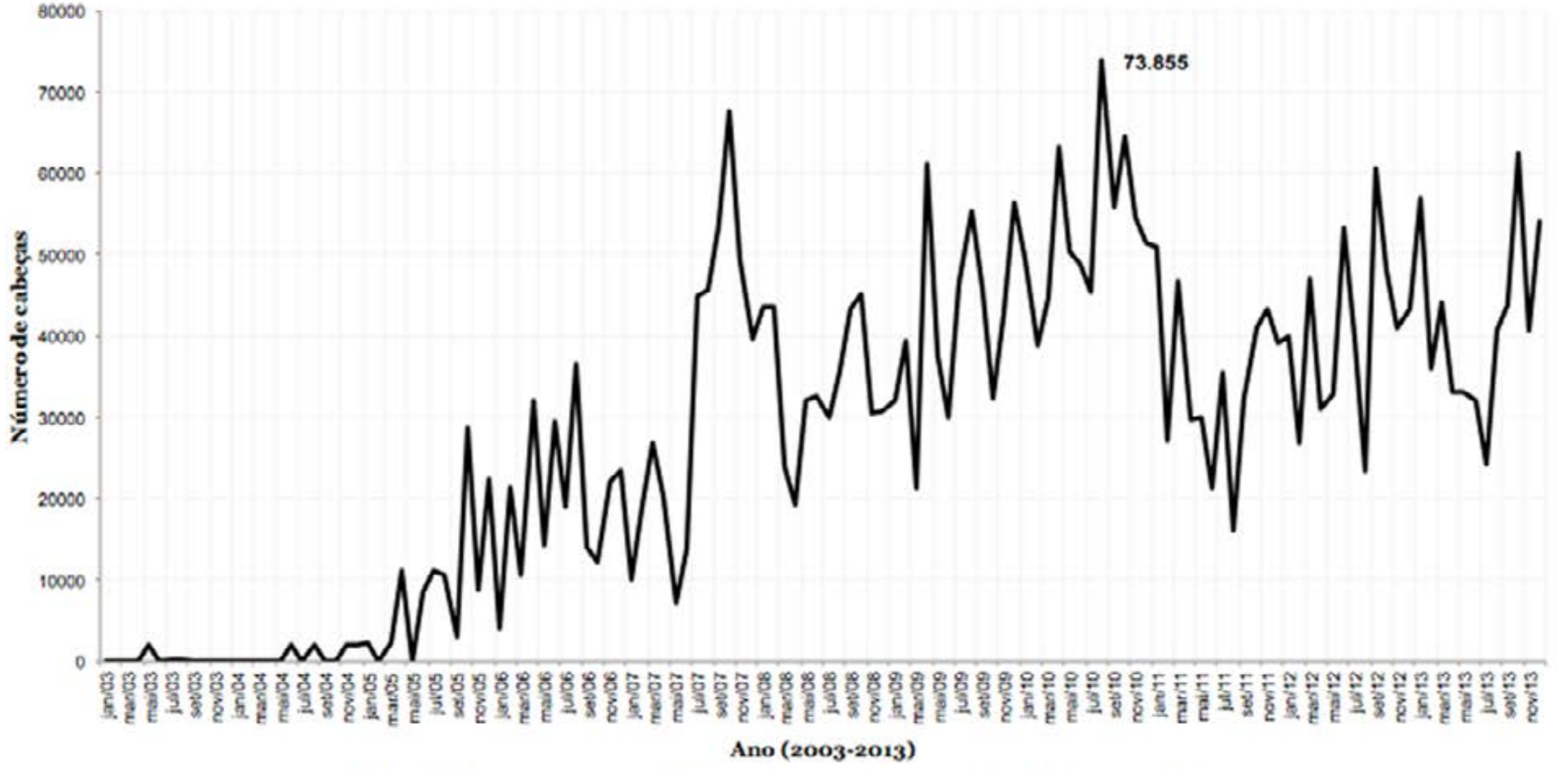


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

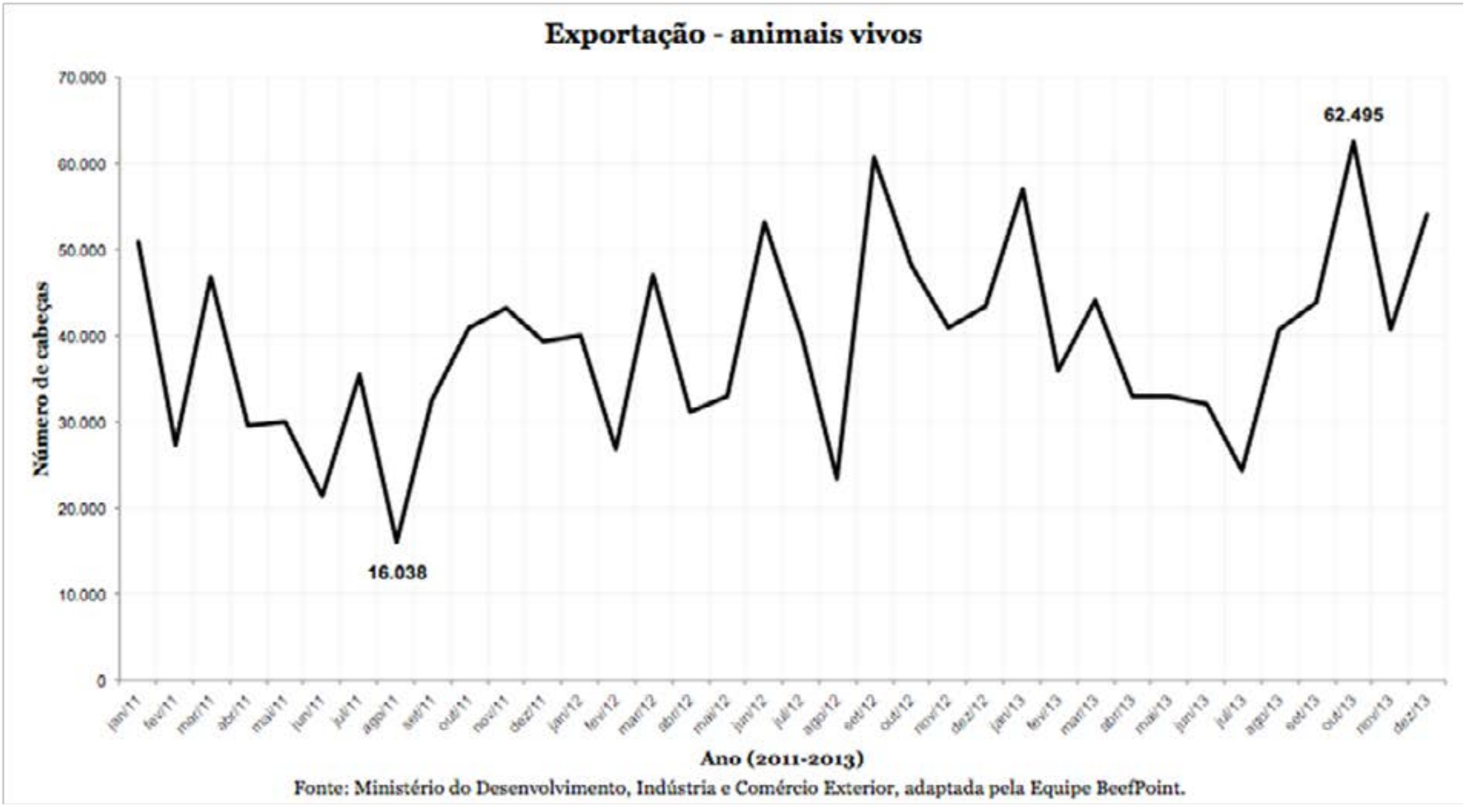


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

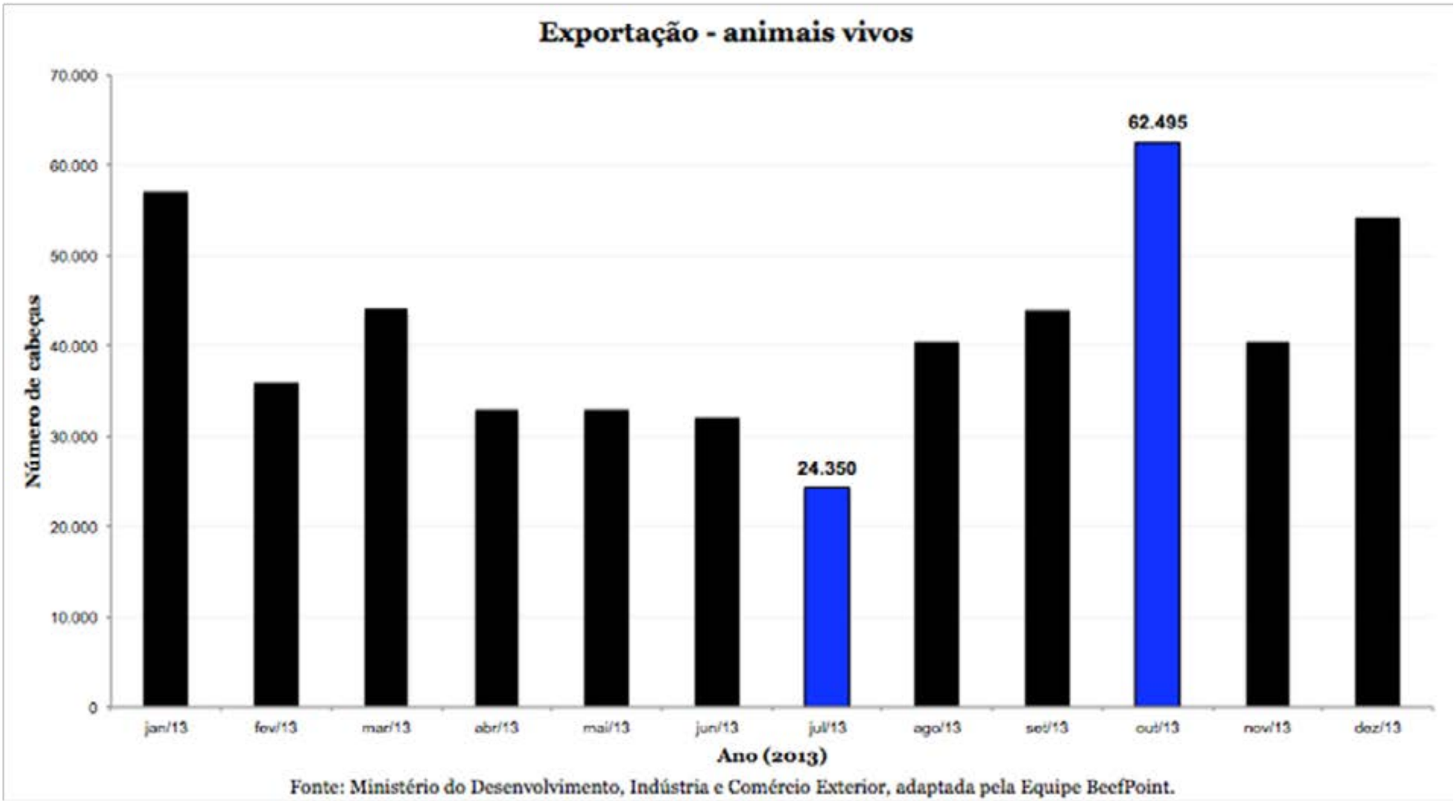
Exportação - animais vivos



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

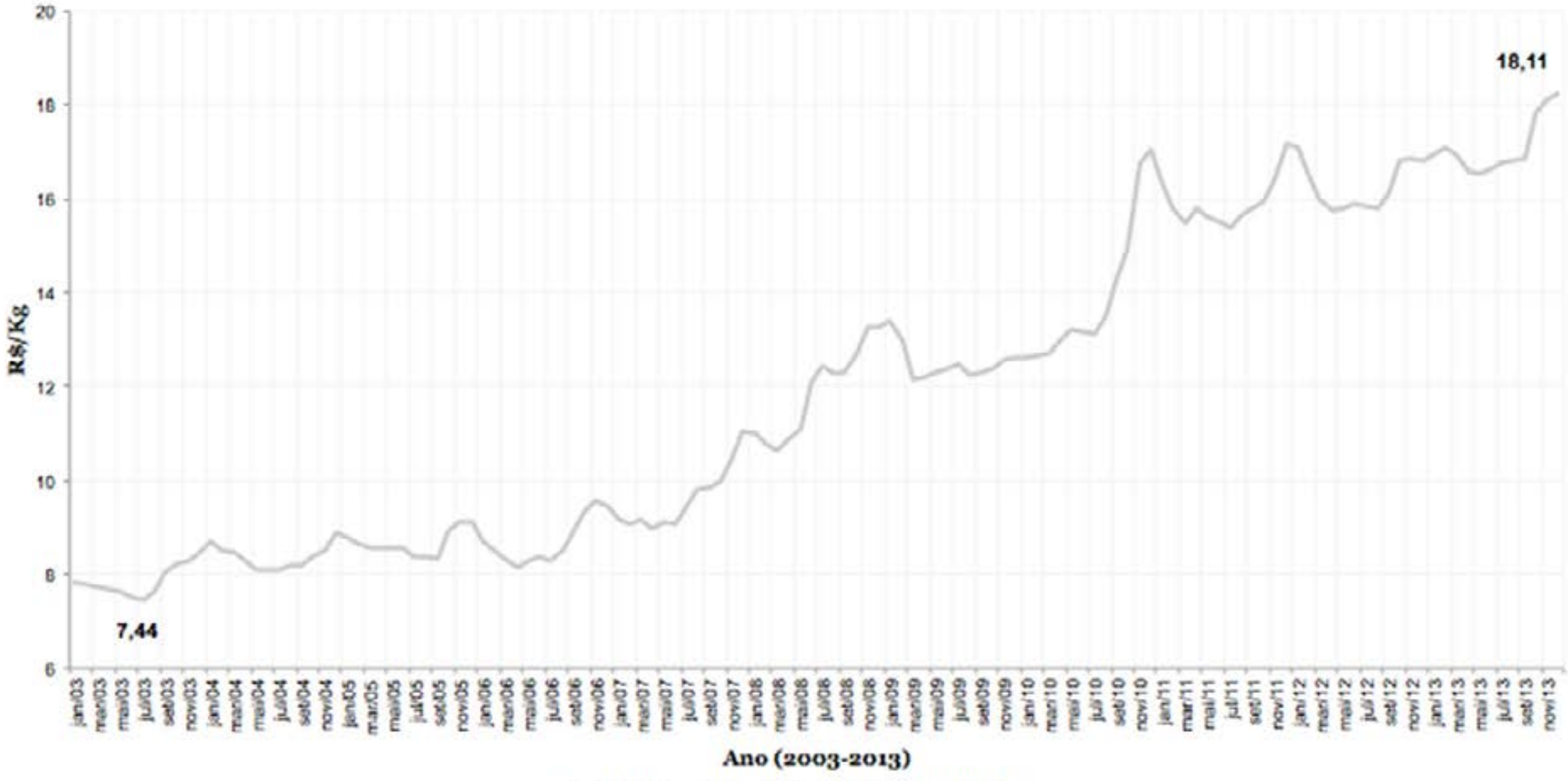


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

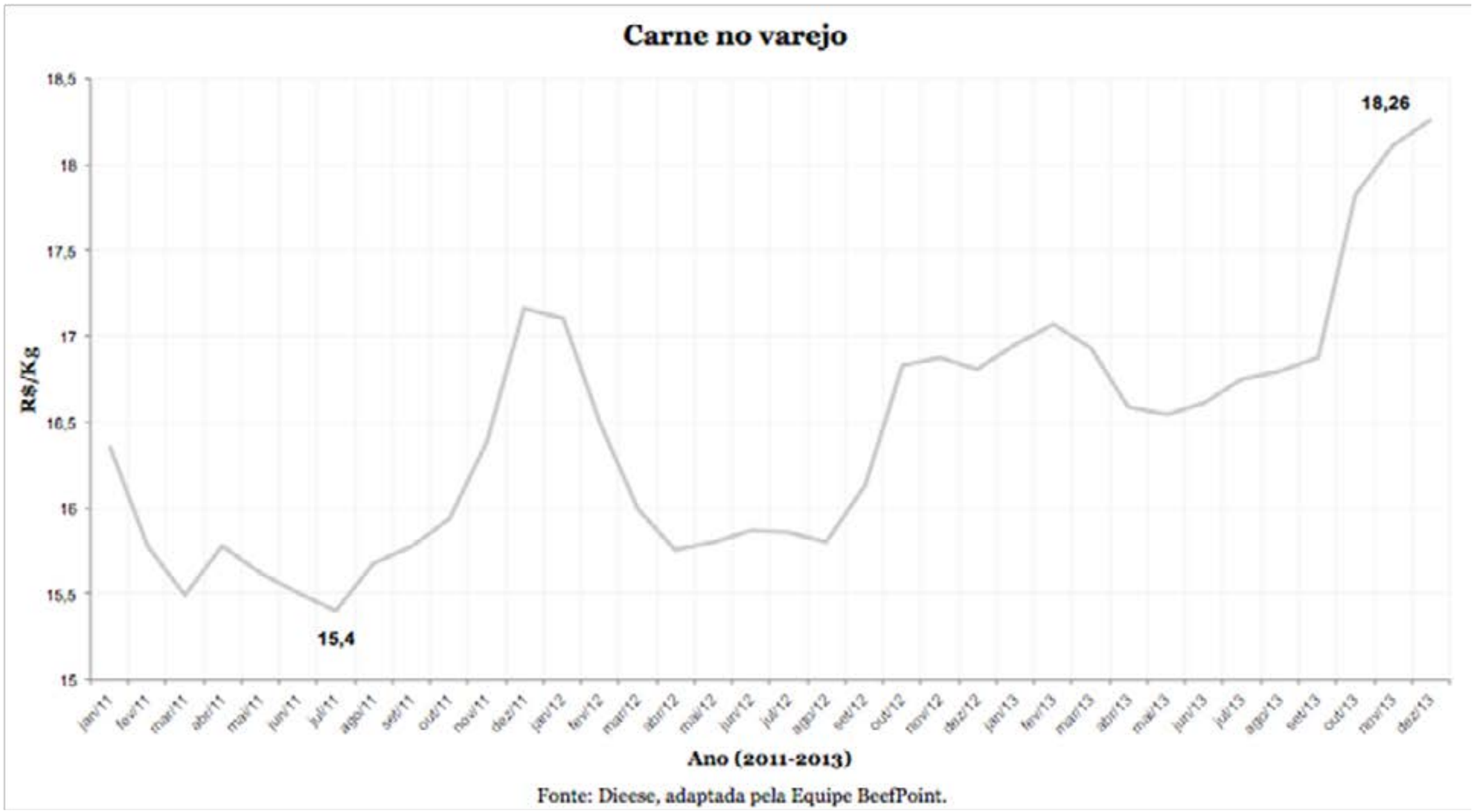


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Carne no varejo

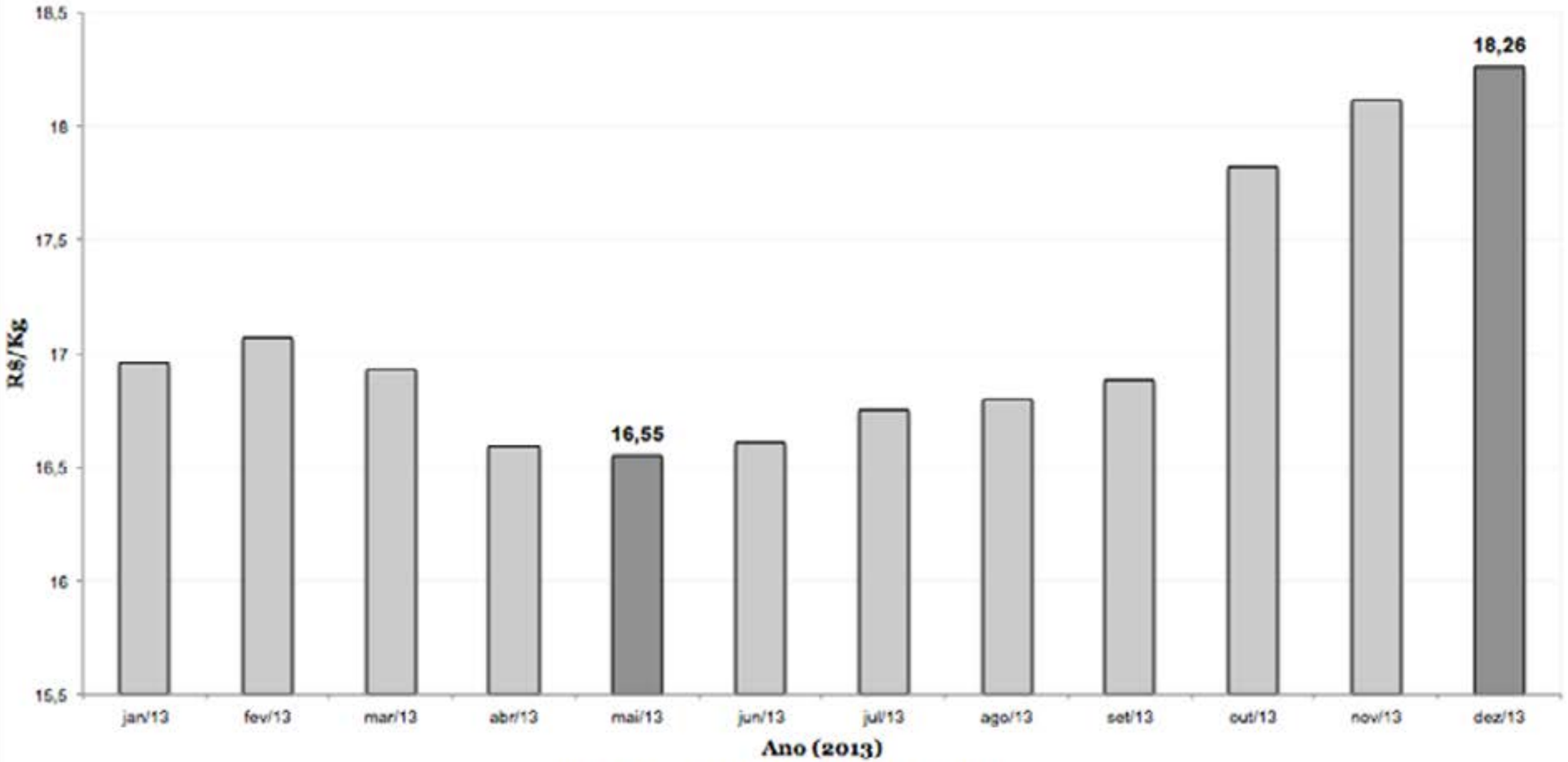


Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

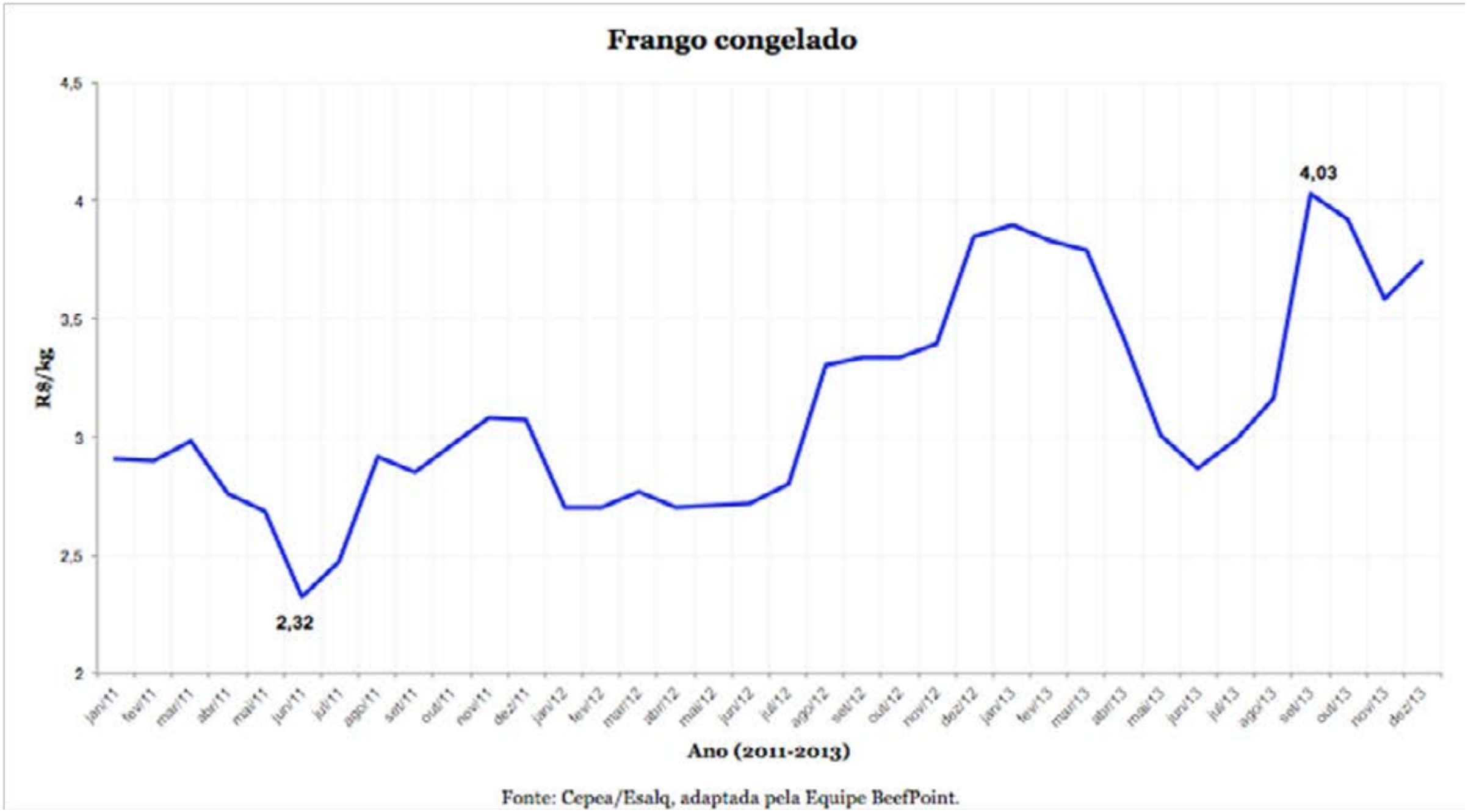


Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Carne no varejo

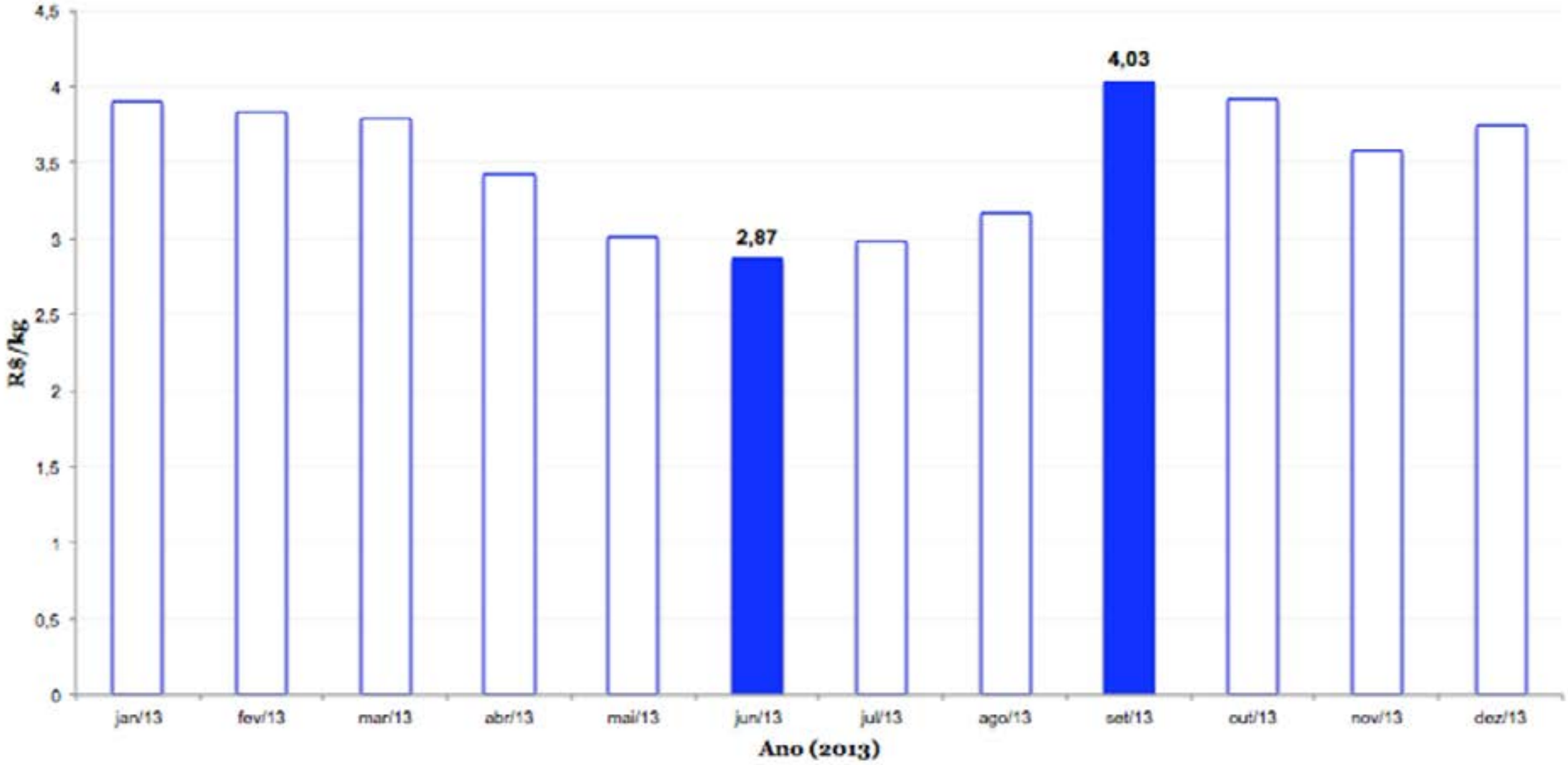


Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Frango congelado



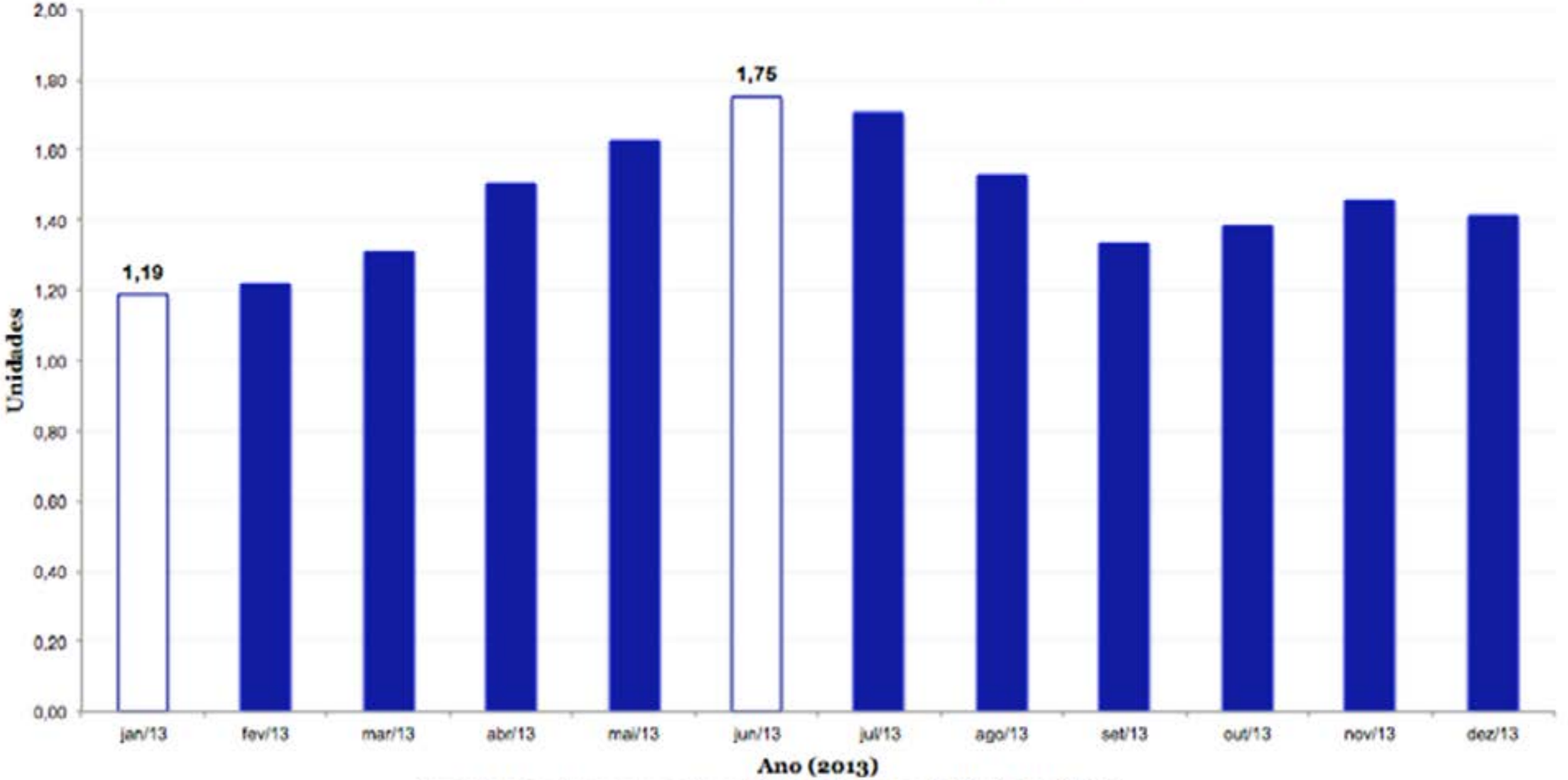
Fonte: Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: dianteiro bovino-frango congelado

Ano (2011-2013)

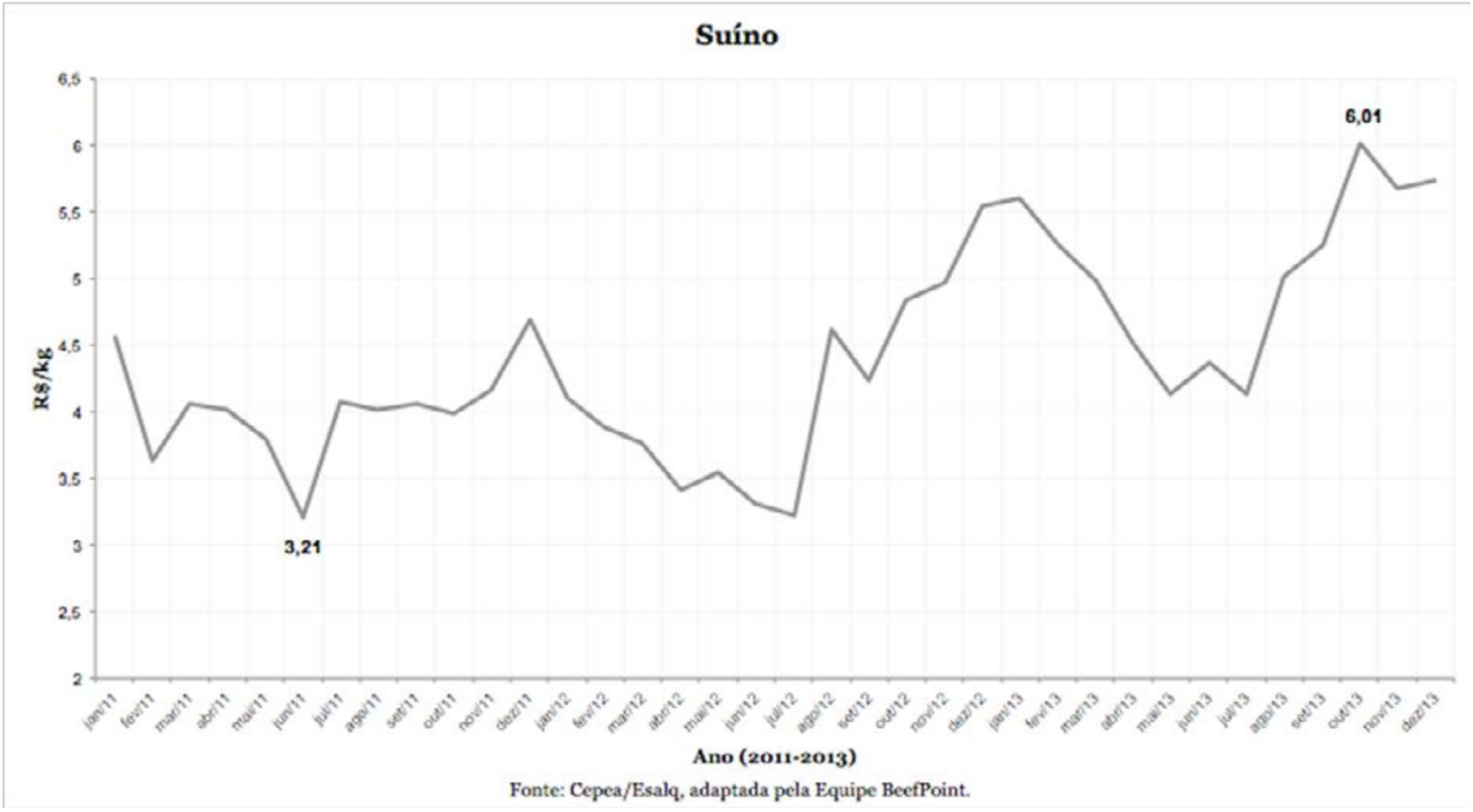
Fonte: Boletim Intercarnes e Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: dianteiro bovino-frango congelado



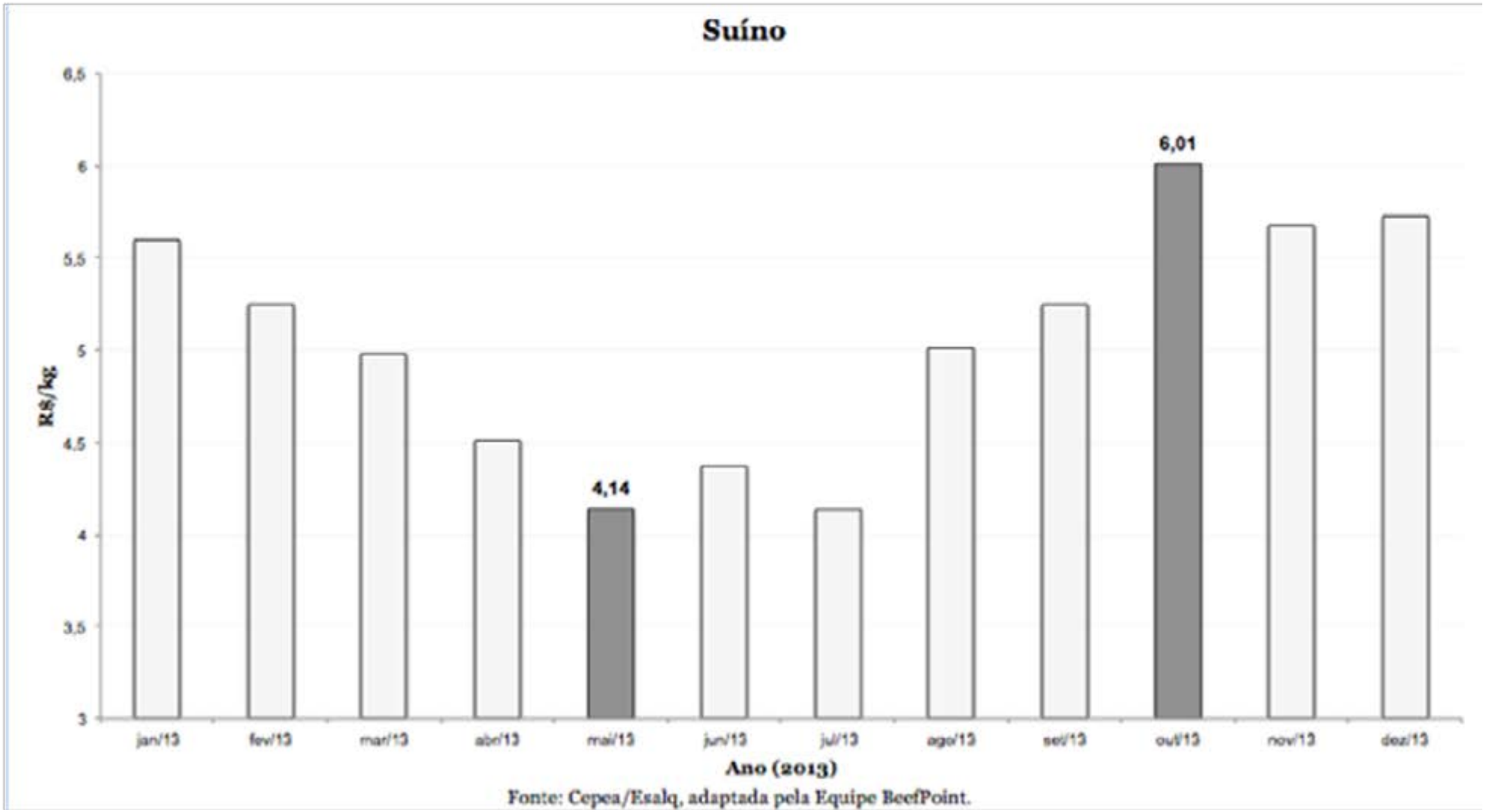
Fonte: Boletim Intercarnes e Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Suíno



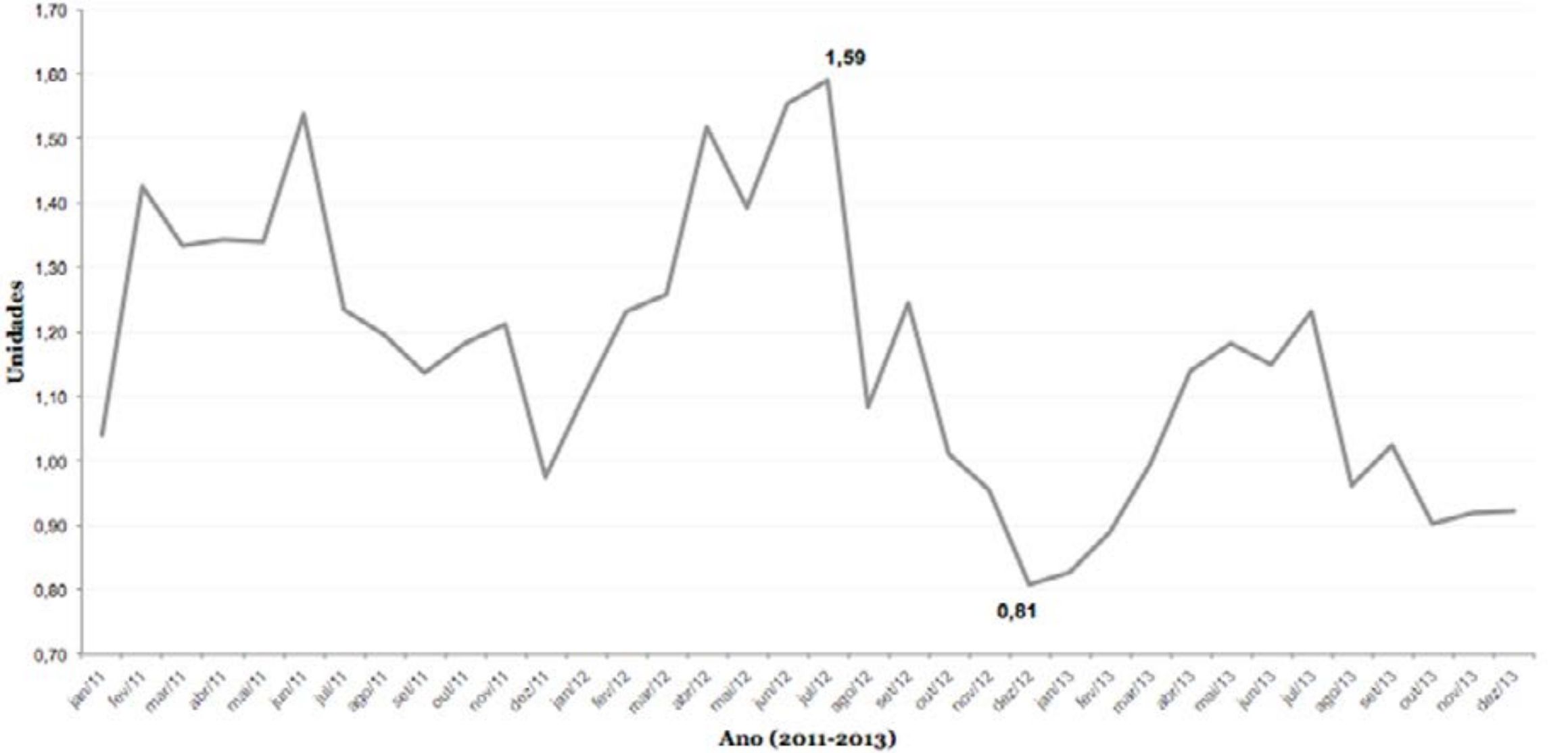
Ano (2011-2013)

Fonte: Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.



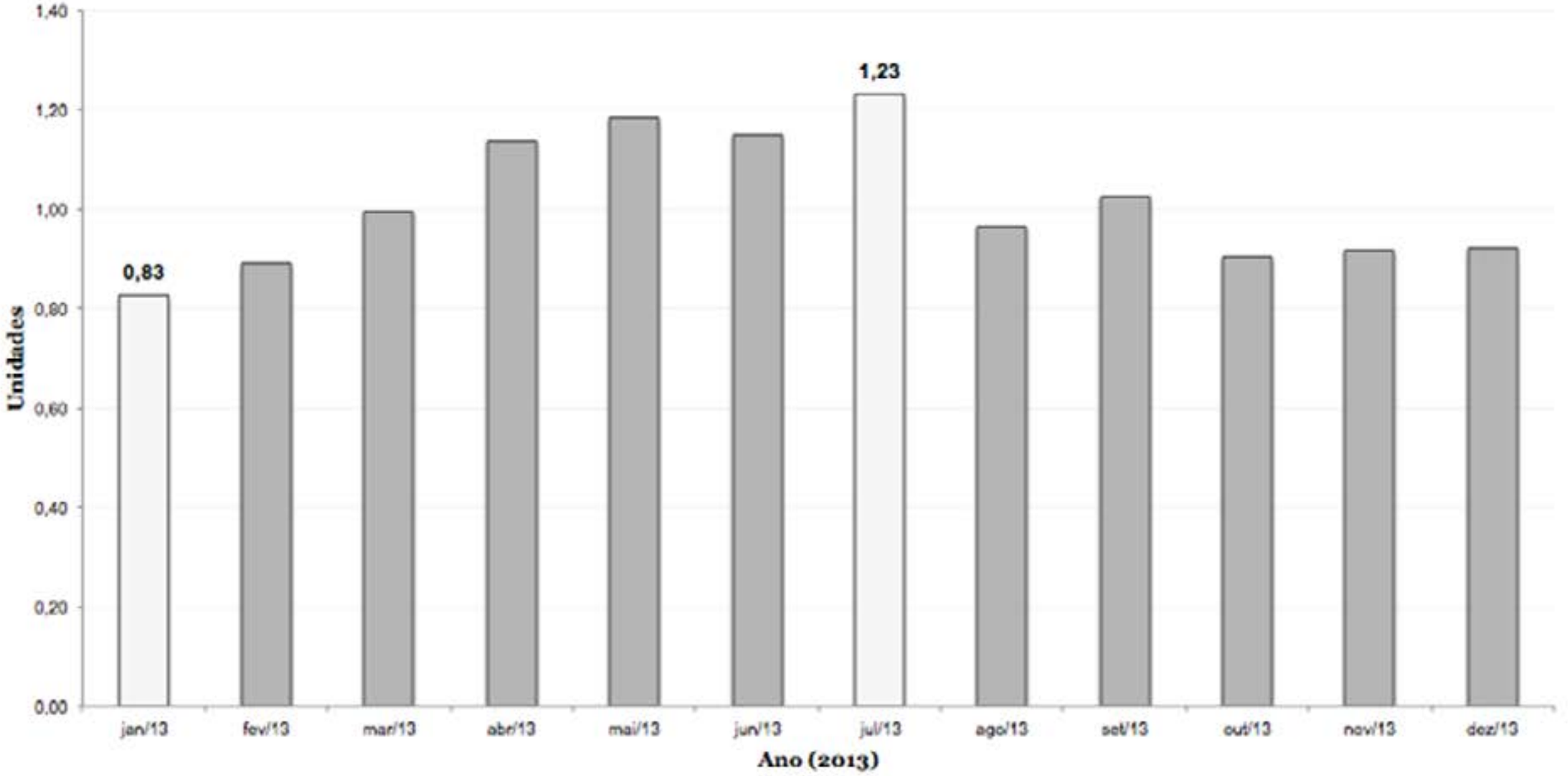
Fonte: Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: dianteiro bovino-suíno



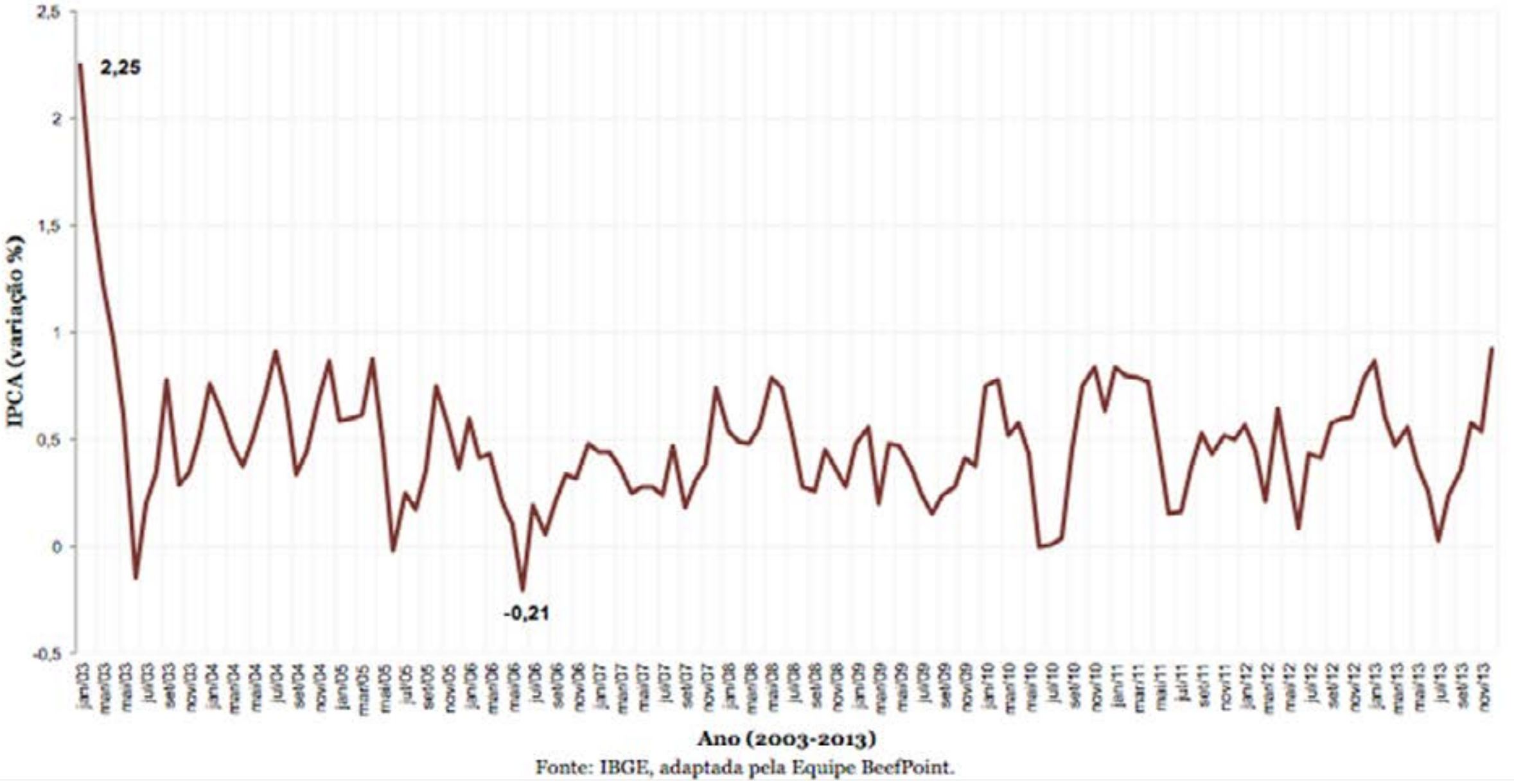
Fonte: Boletim Intercarnes e Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: dianteiro bovino-suíno

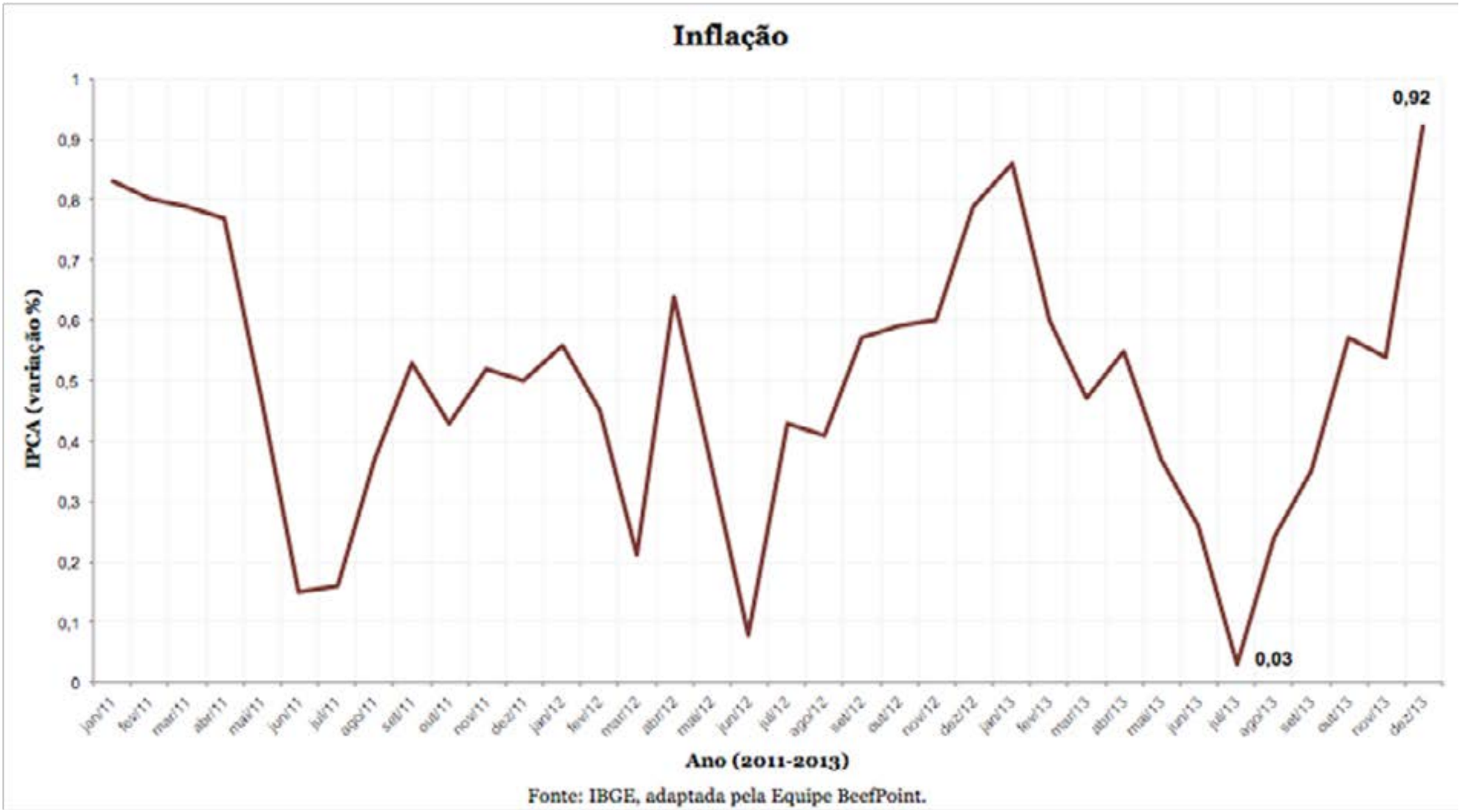


Fonte: Boletim Intercarnes e Cepea/Esalq, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Inflação

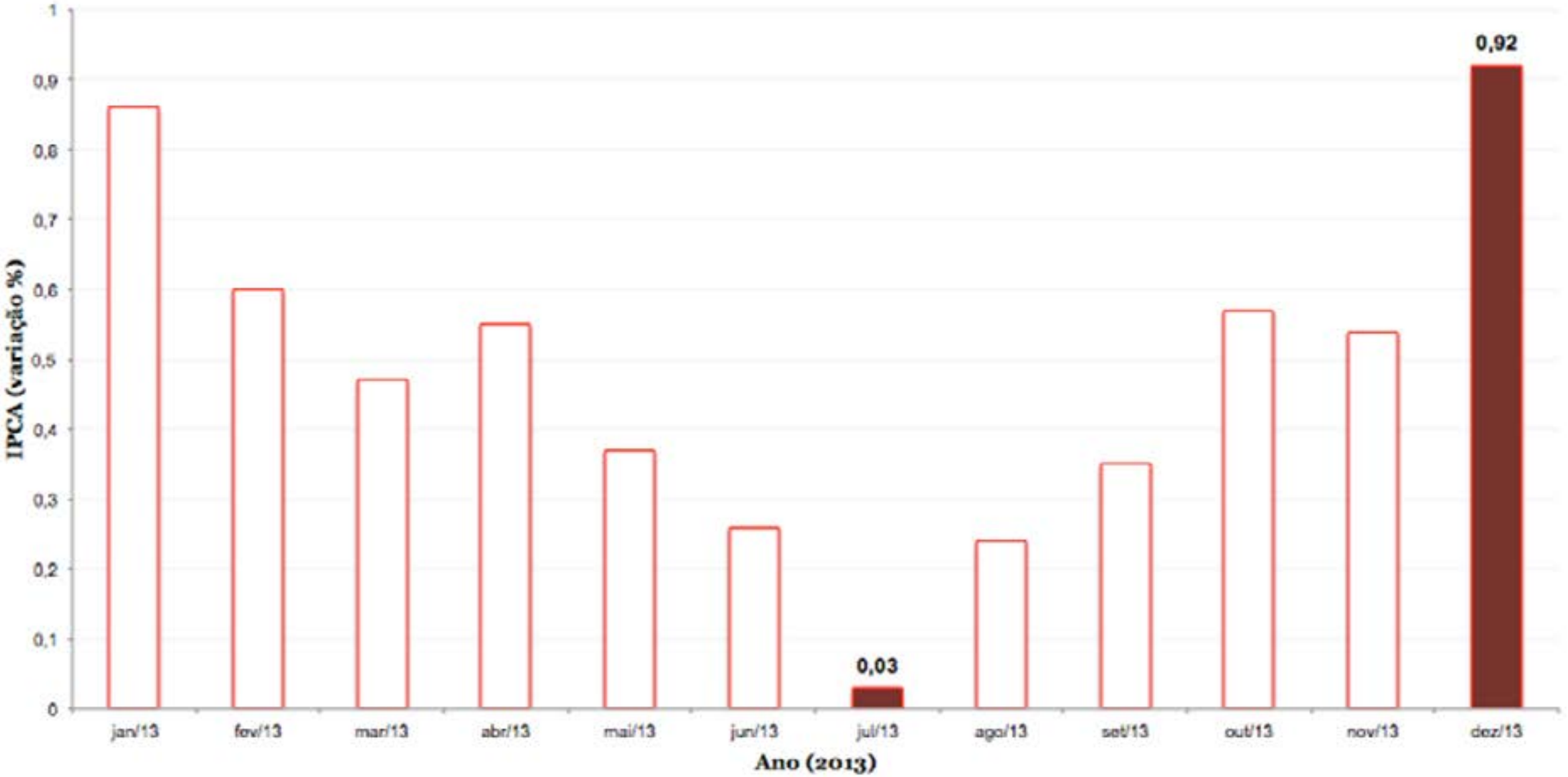


Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.

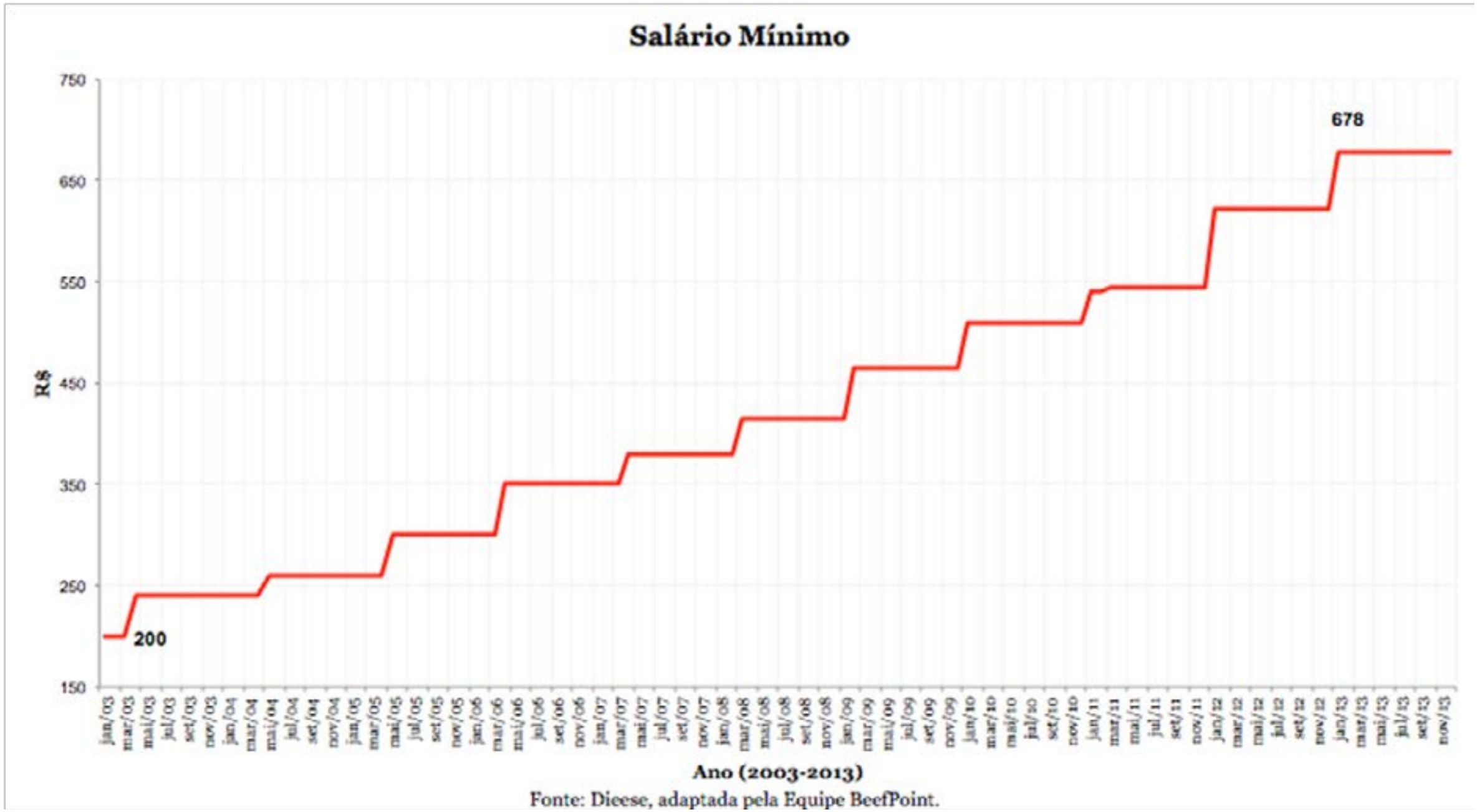


Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Inflação

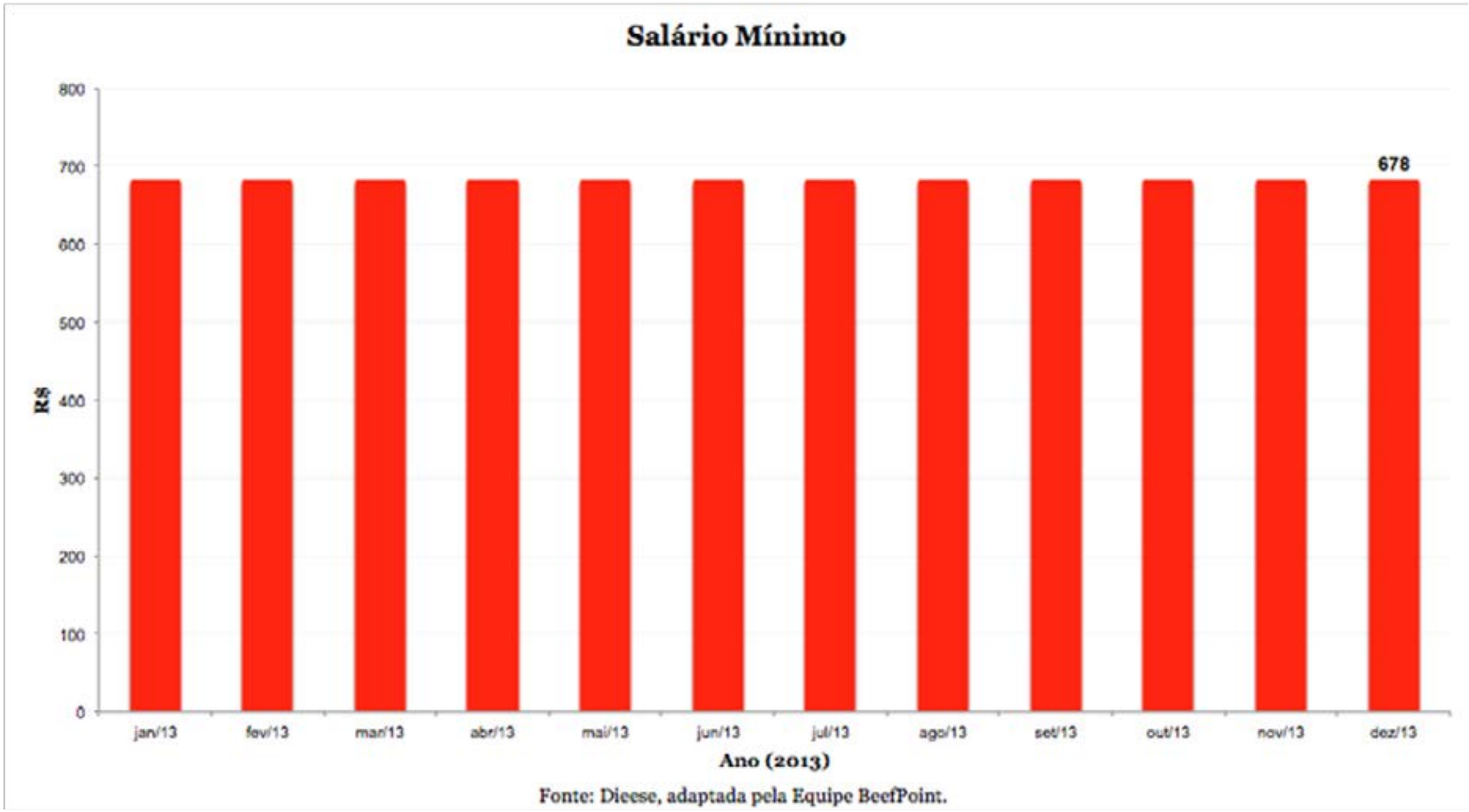


Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.



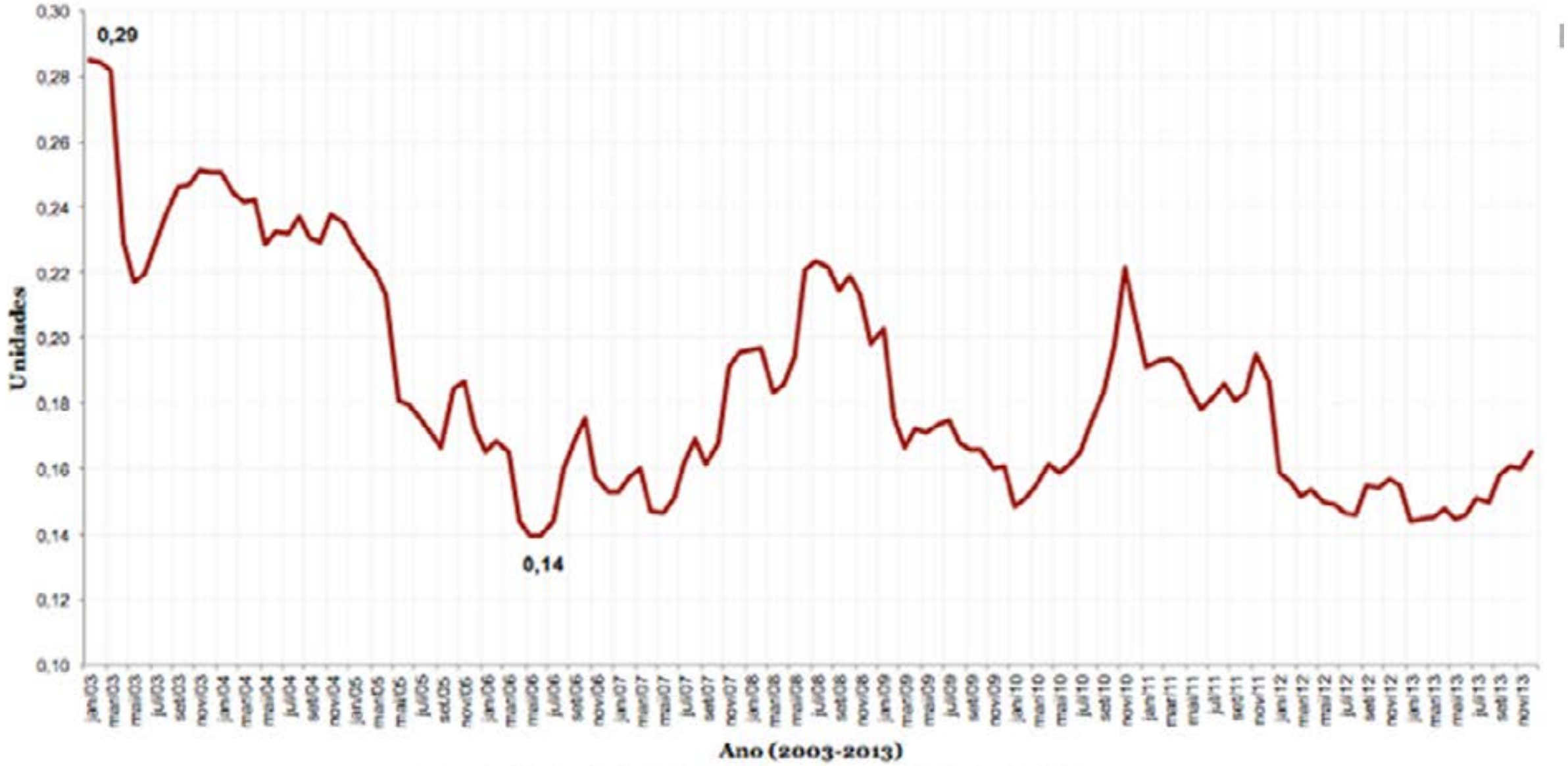
Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.



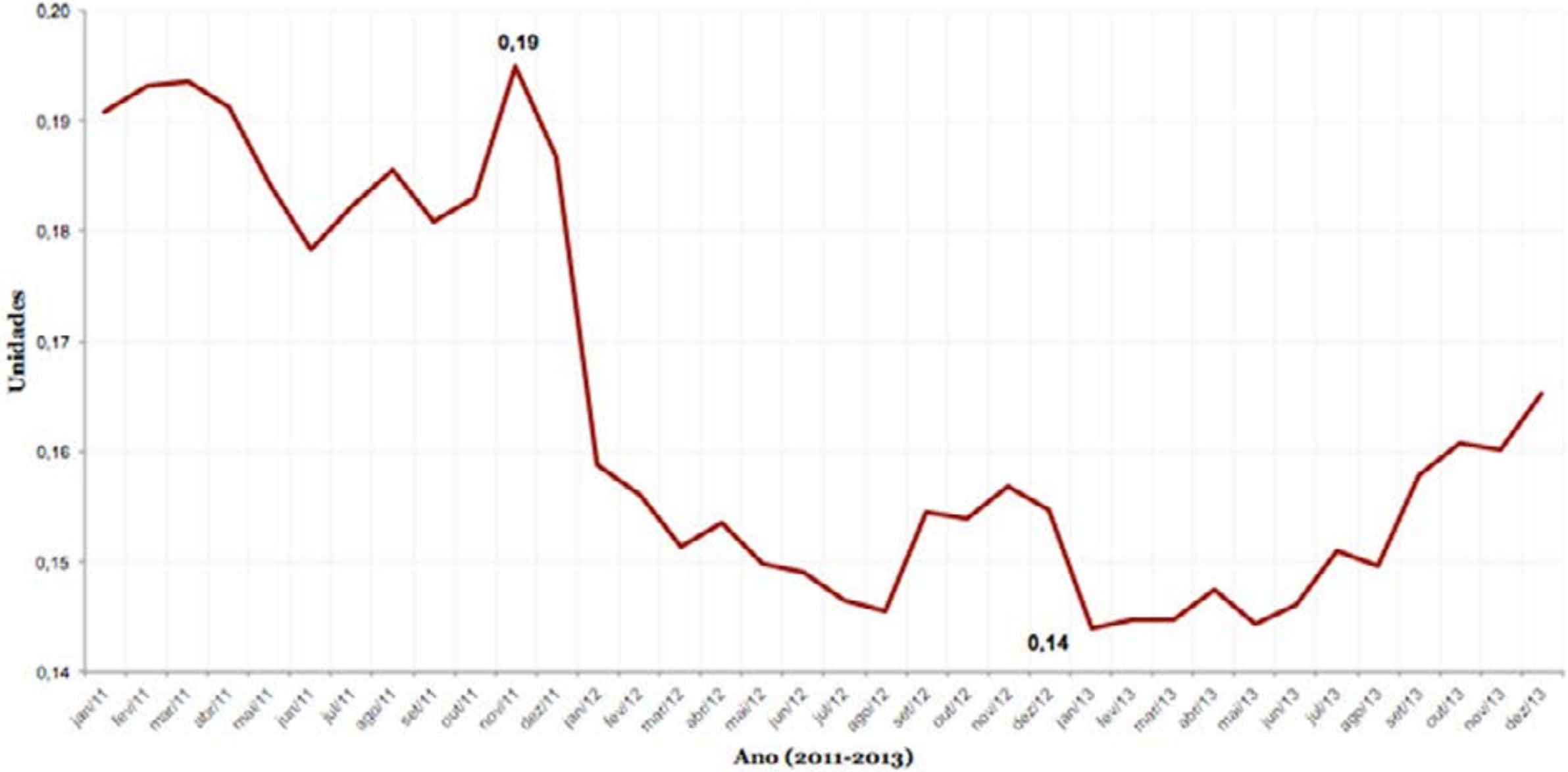
Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: @ boi gordo-salário mínimo



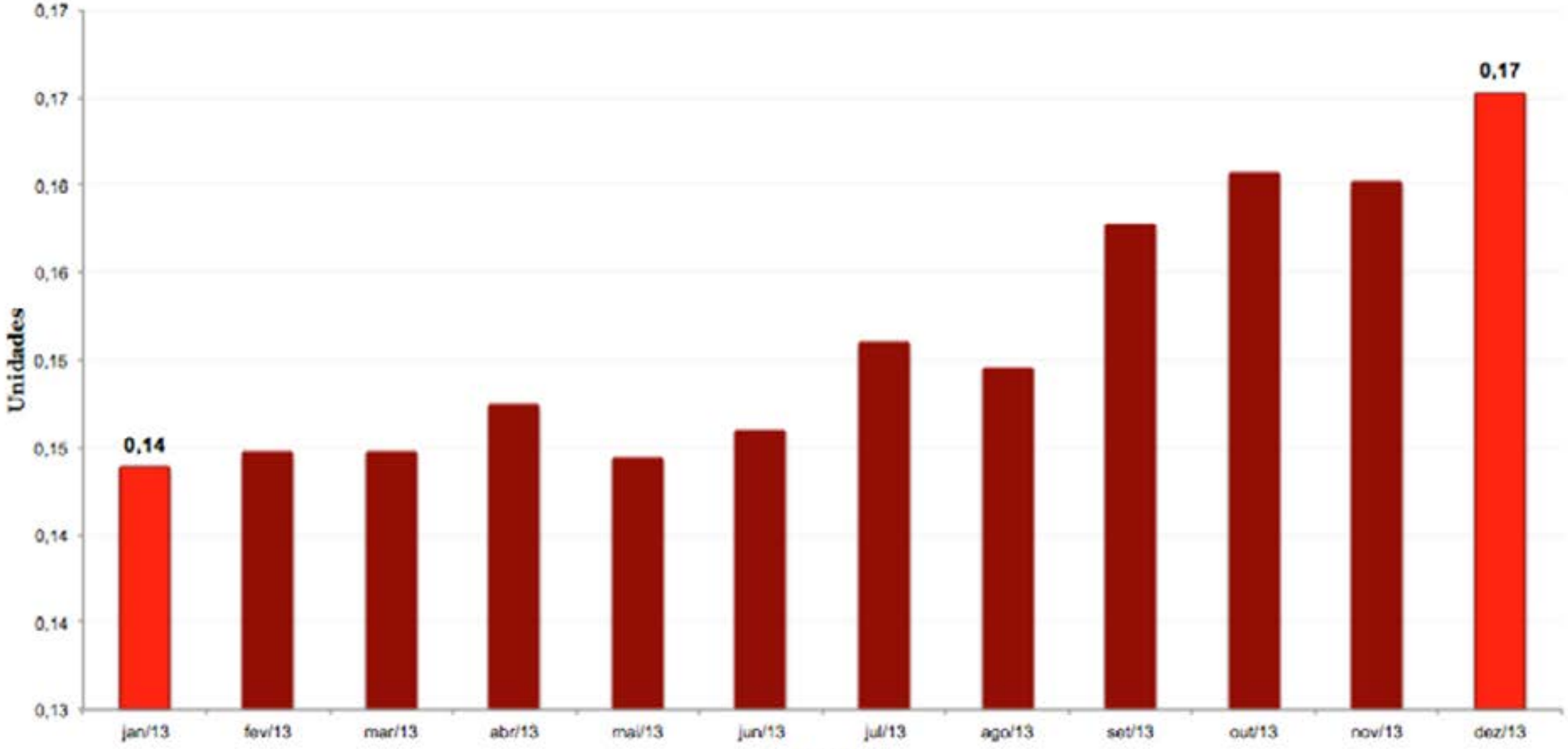
Fonte: Indicador Esalq/BM&F e Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: @ boi gordo-salário mínimo



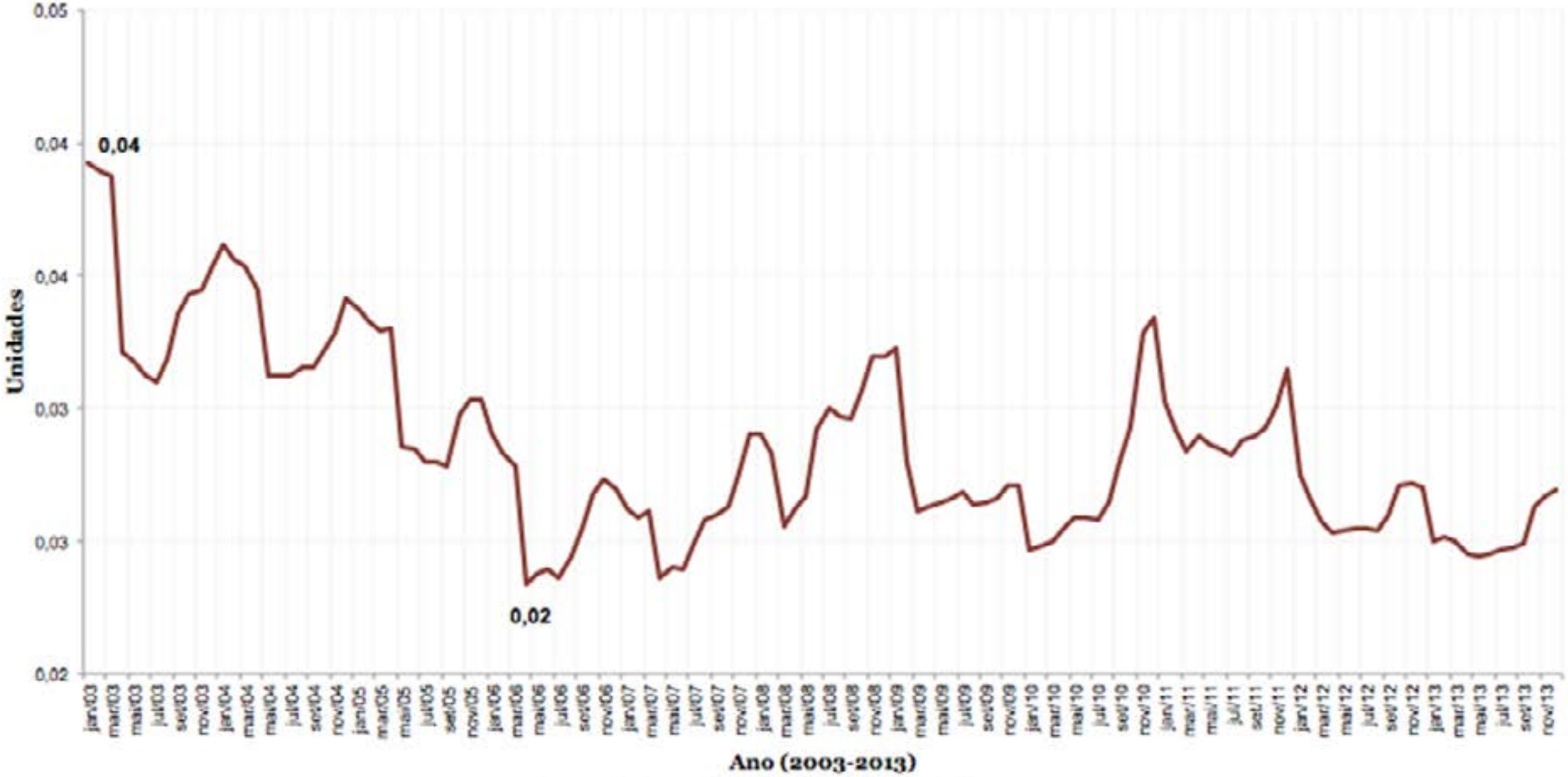
Fonte: Indicador Esalq/BM&F e Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: @ boi gordo-salário mínimo

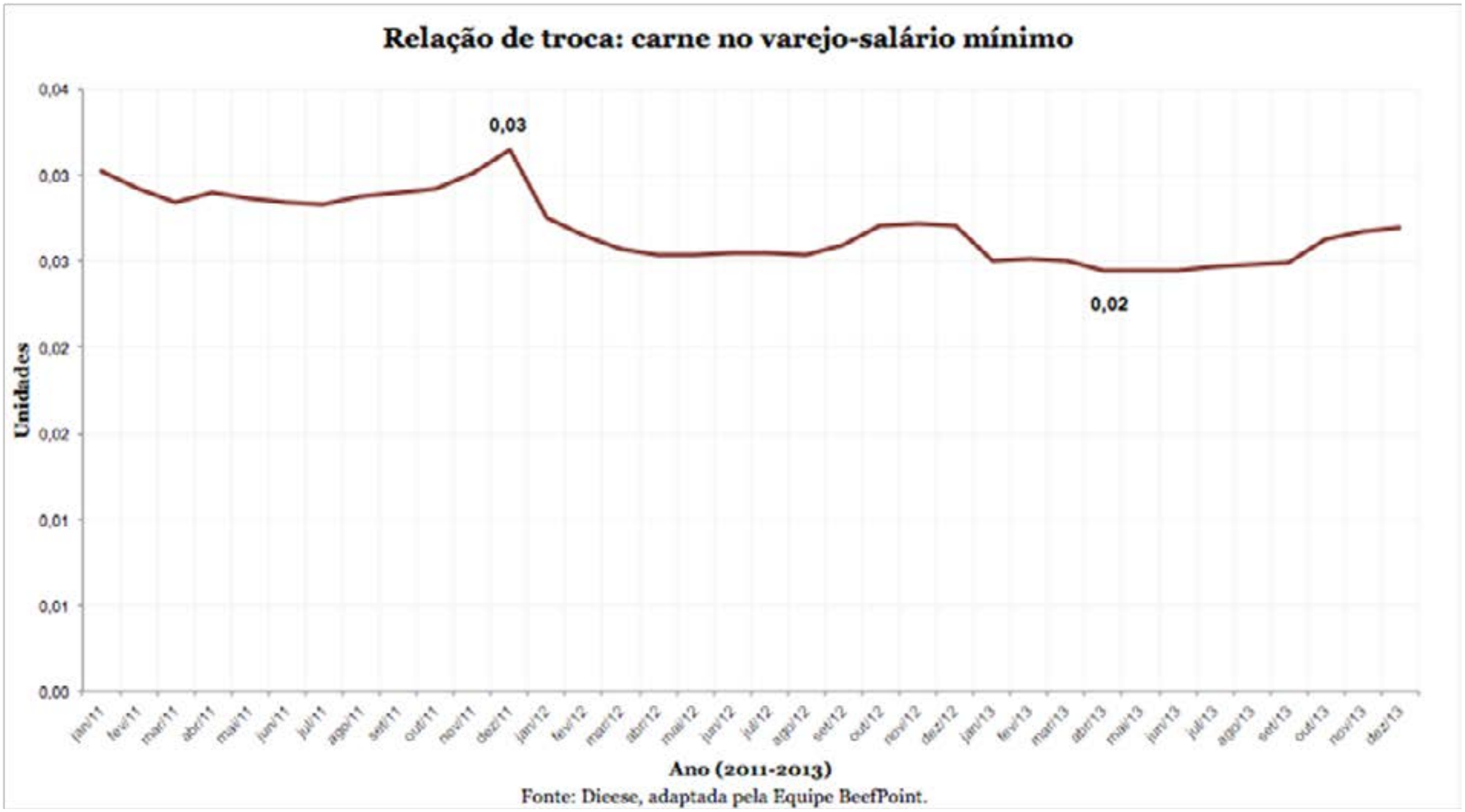


Fonte: Indicador Esalq/BM&F e Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.

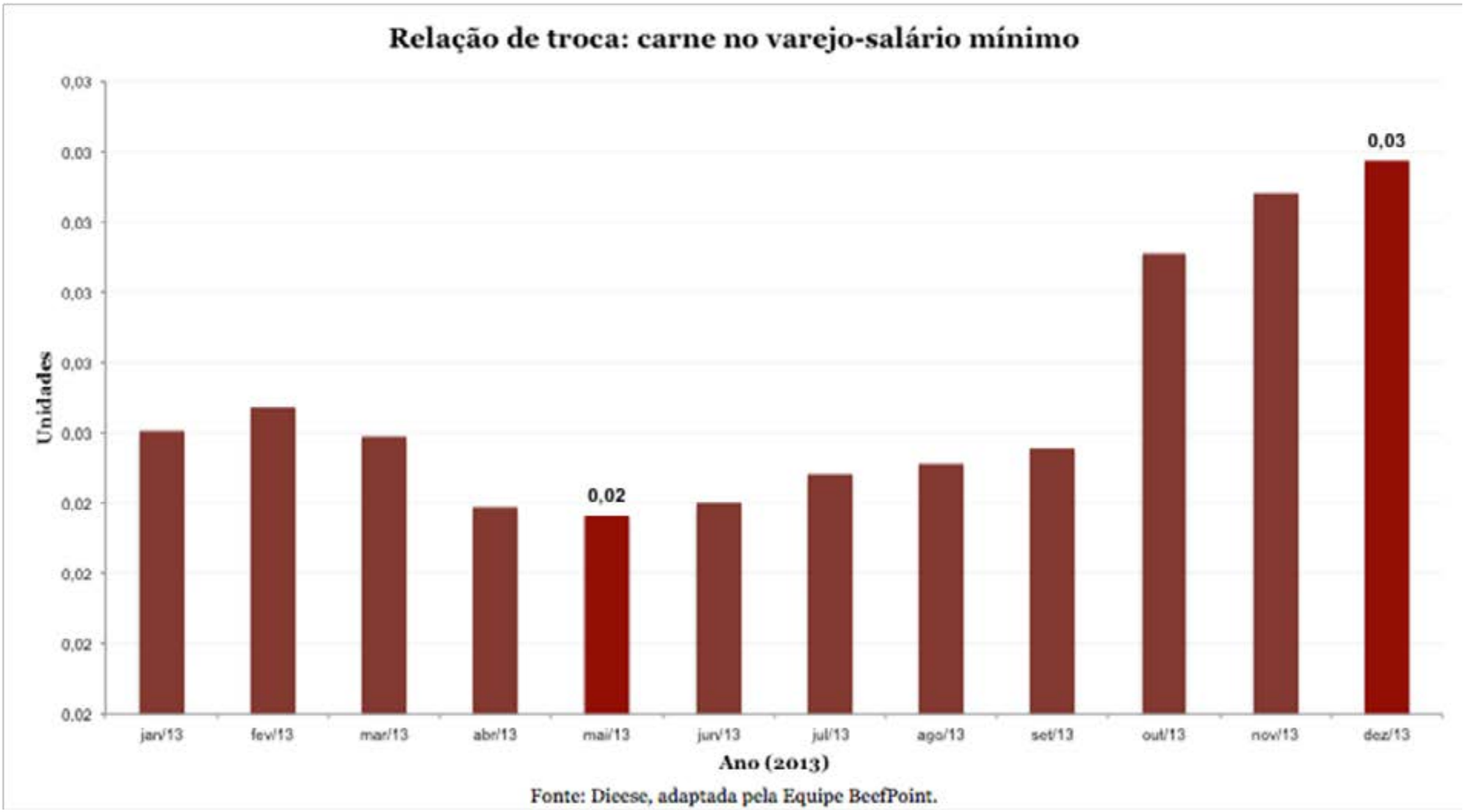
Relação de troca: carne no varejo-salário mínimo



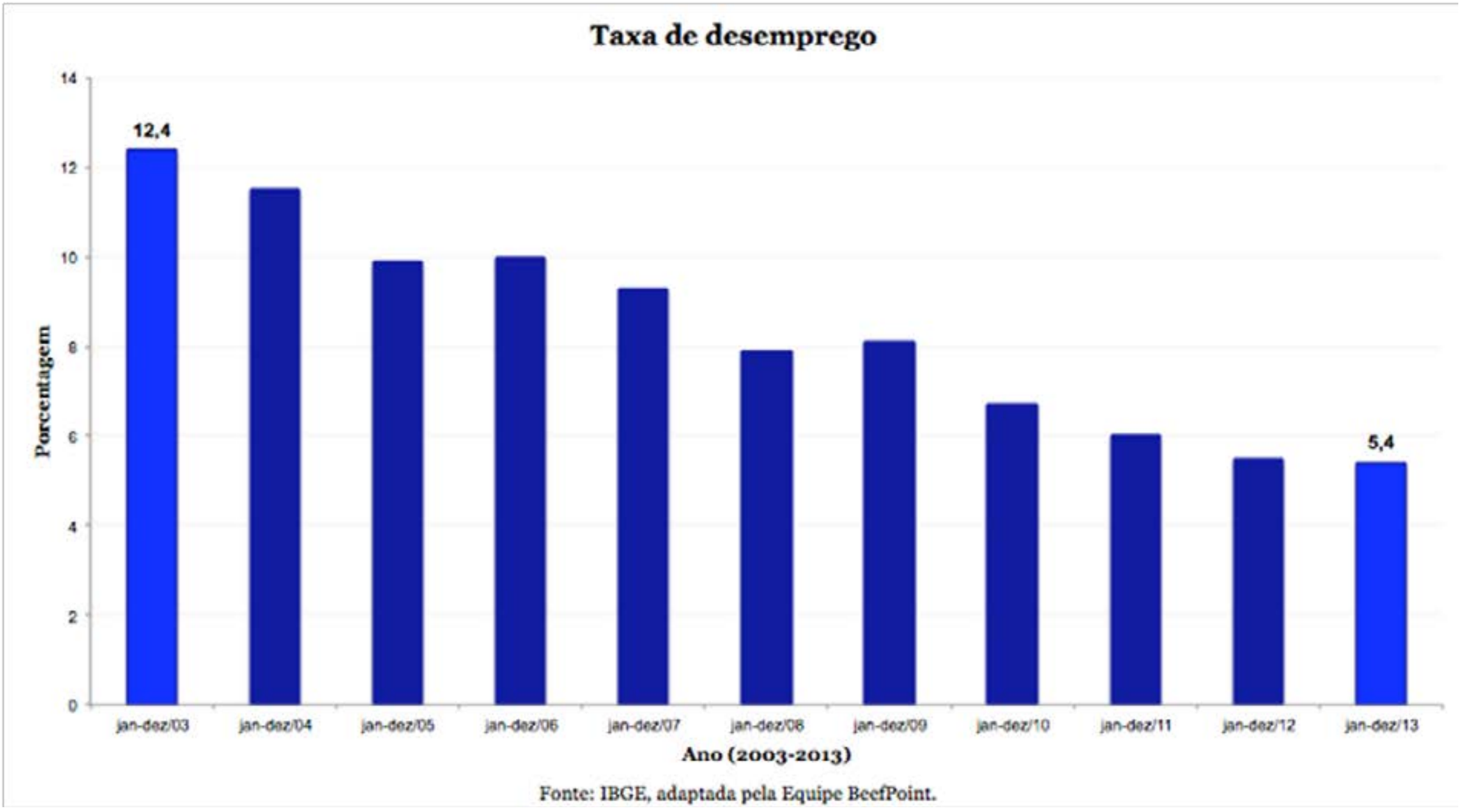
Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.



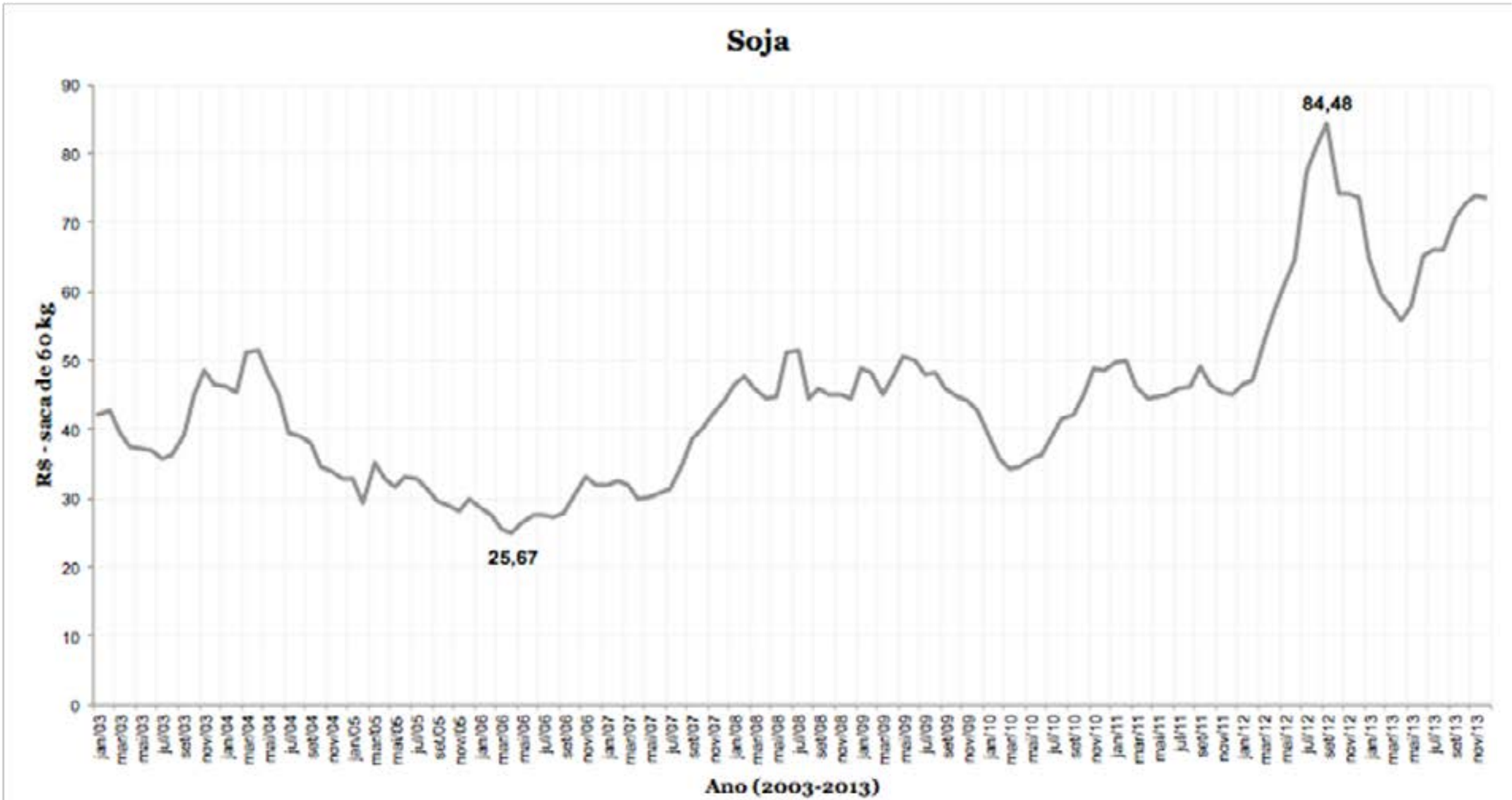
Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.



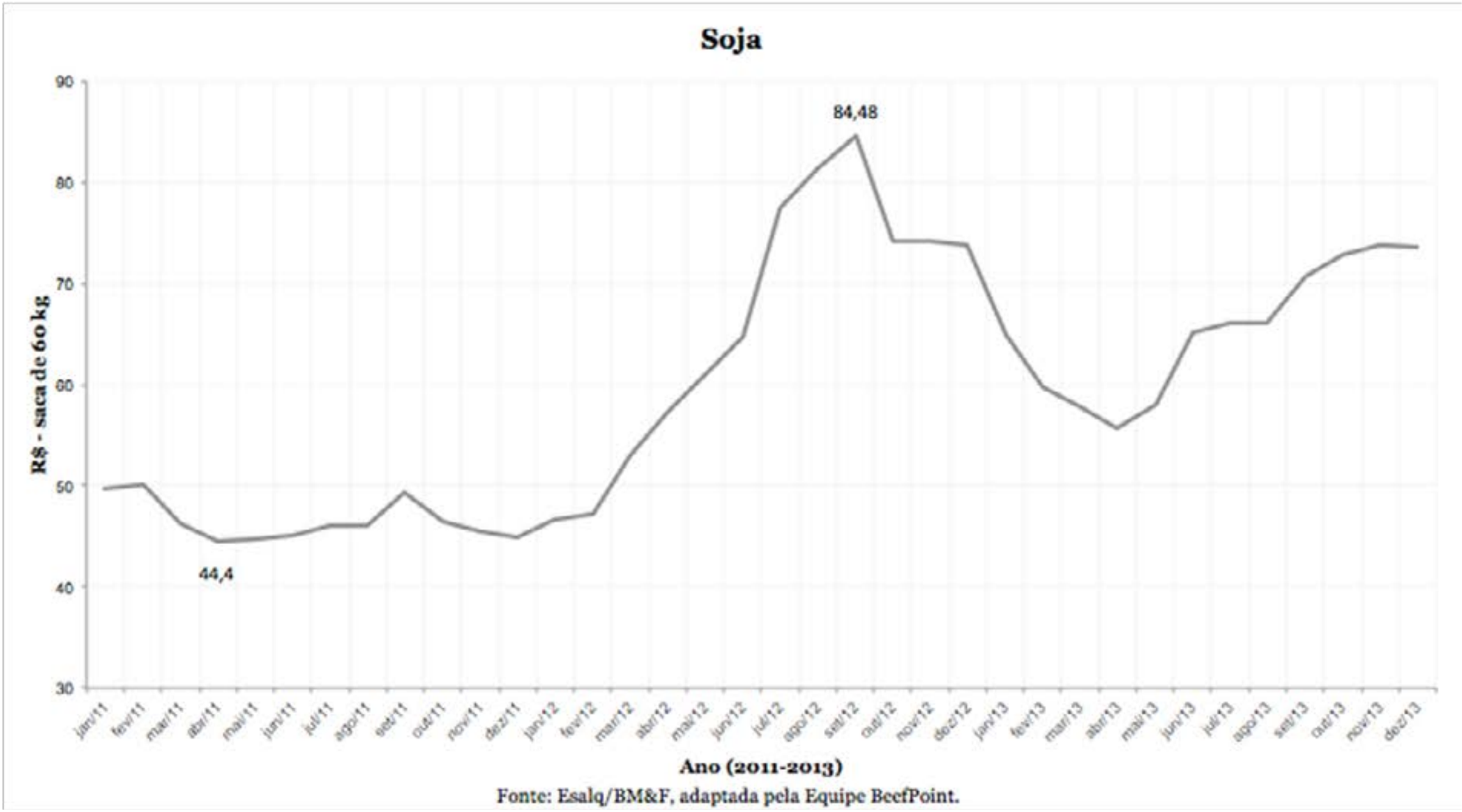
Fonte: Dieese, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: IBGE, adaptada pela Equipe BeefPoint.

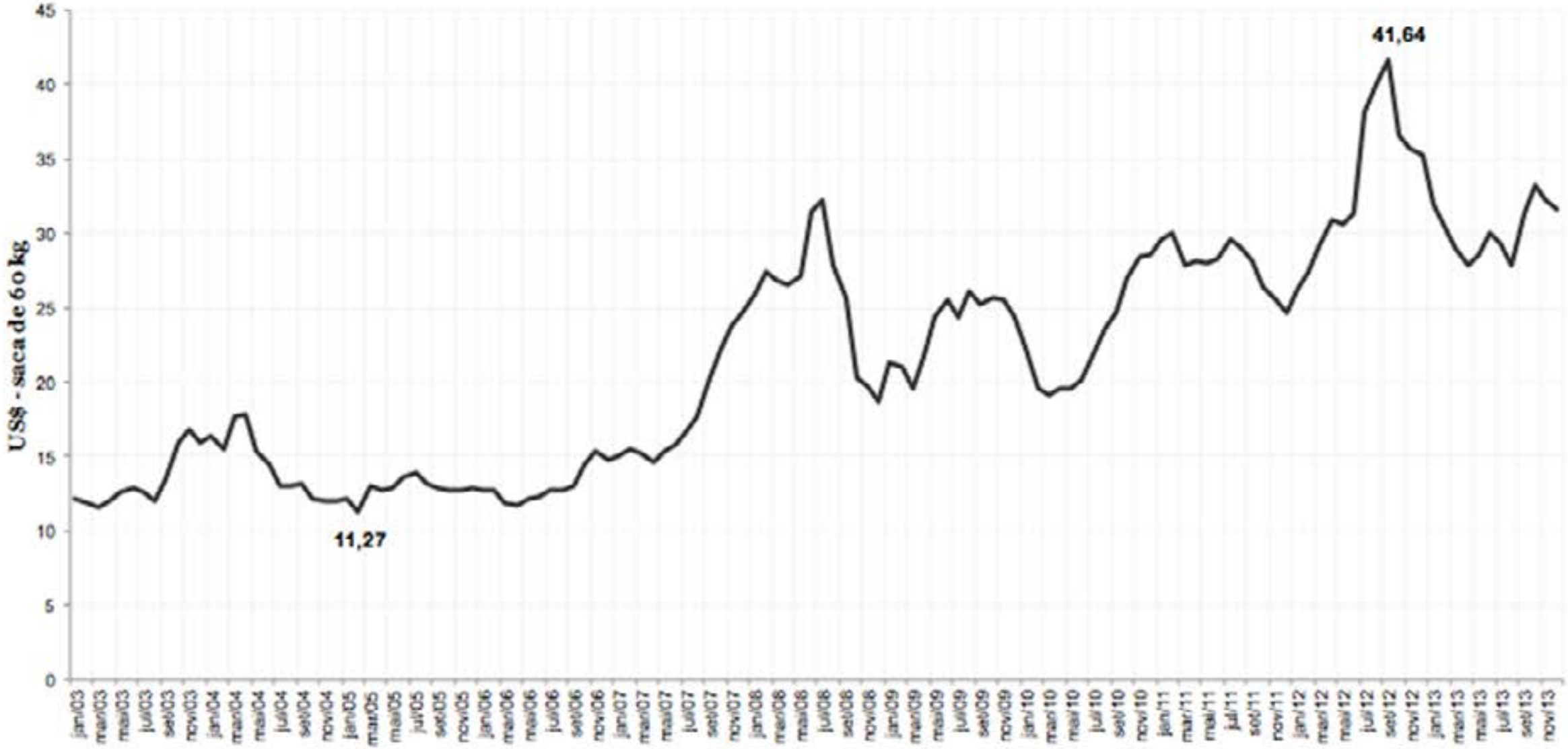


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



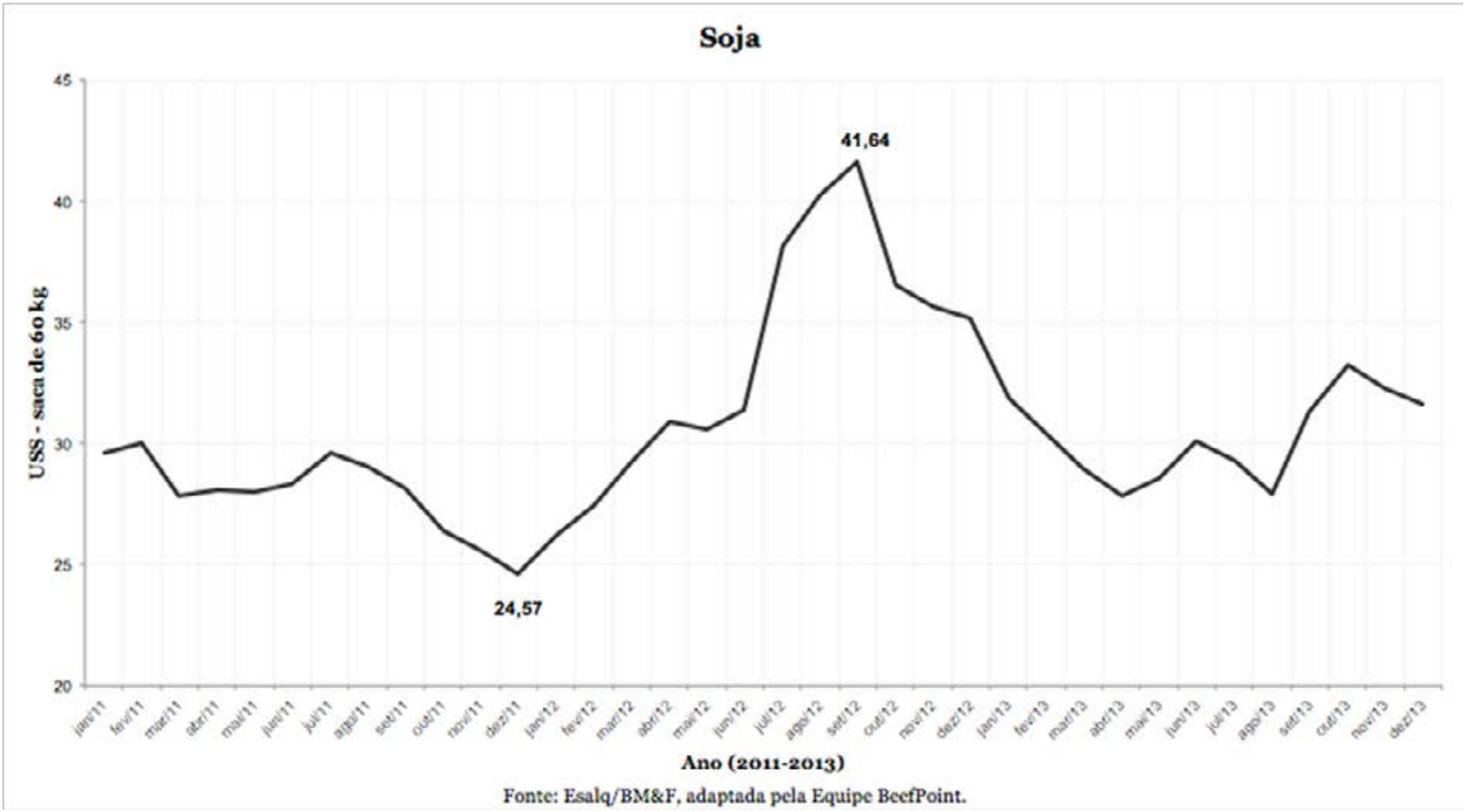
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Soja



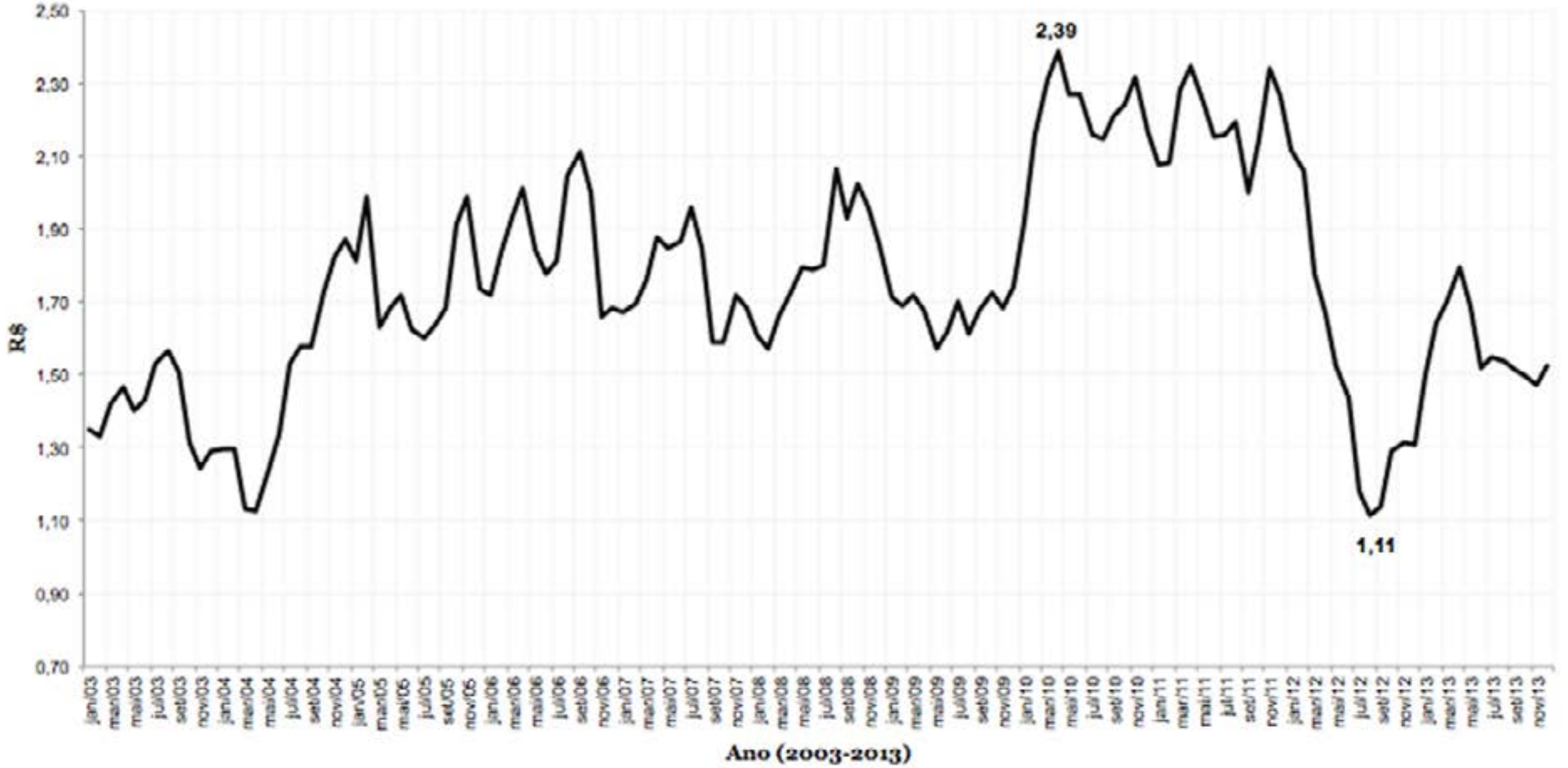
Ano (2003-2013)

Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

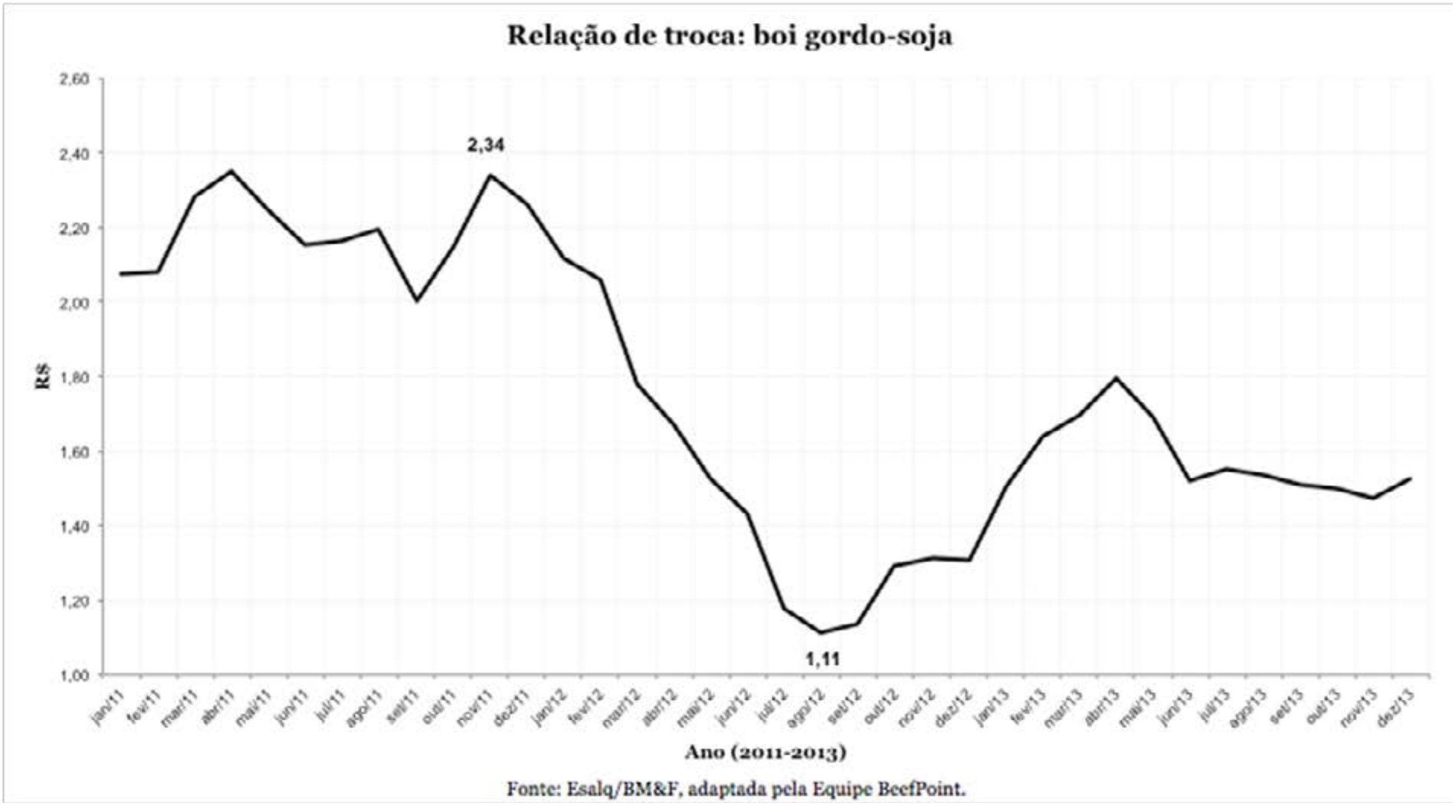


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo-soja

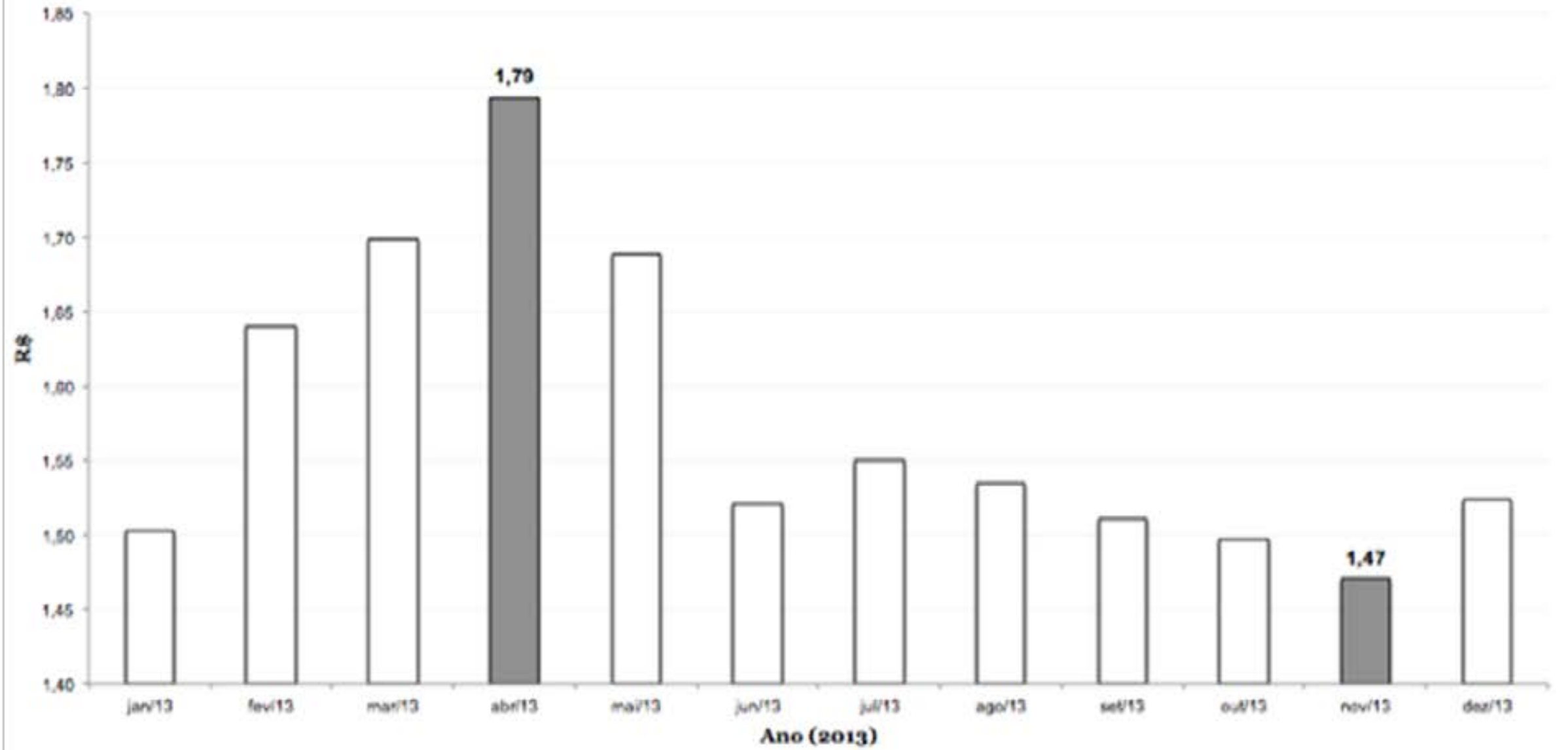


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

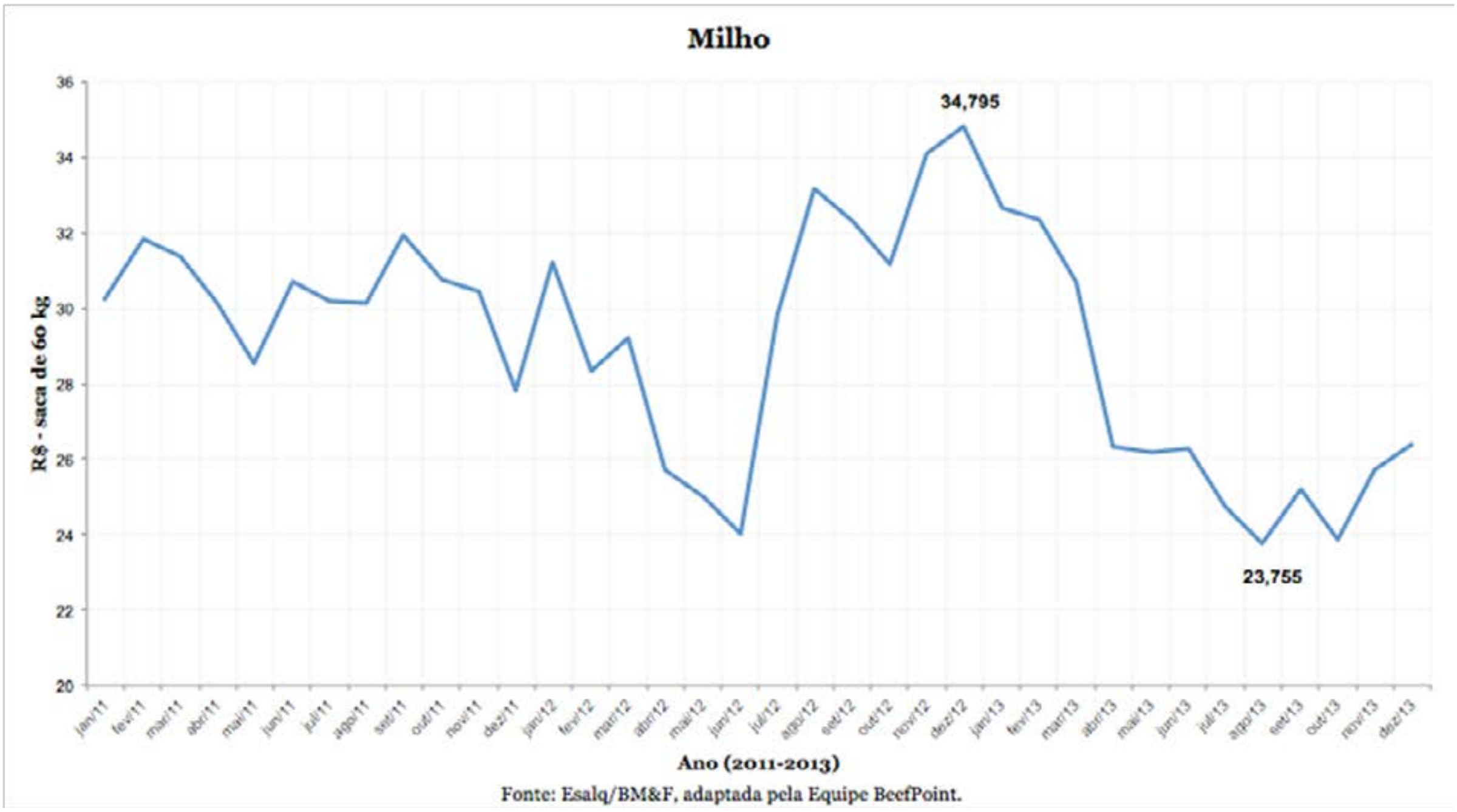


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

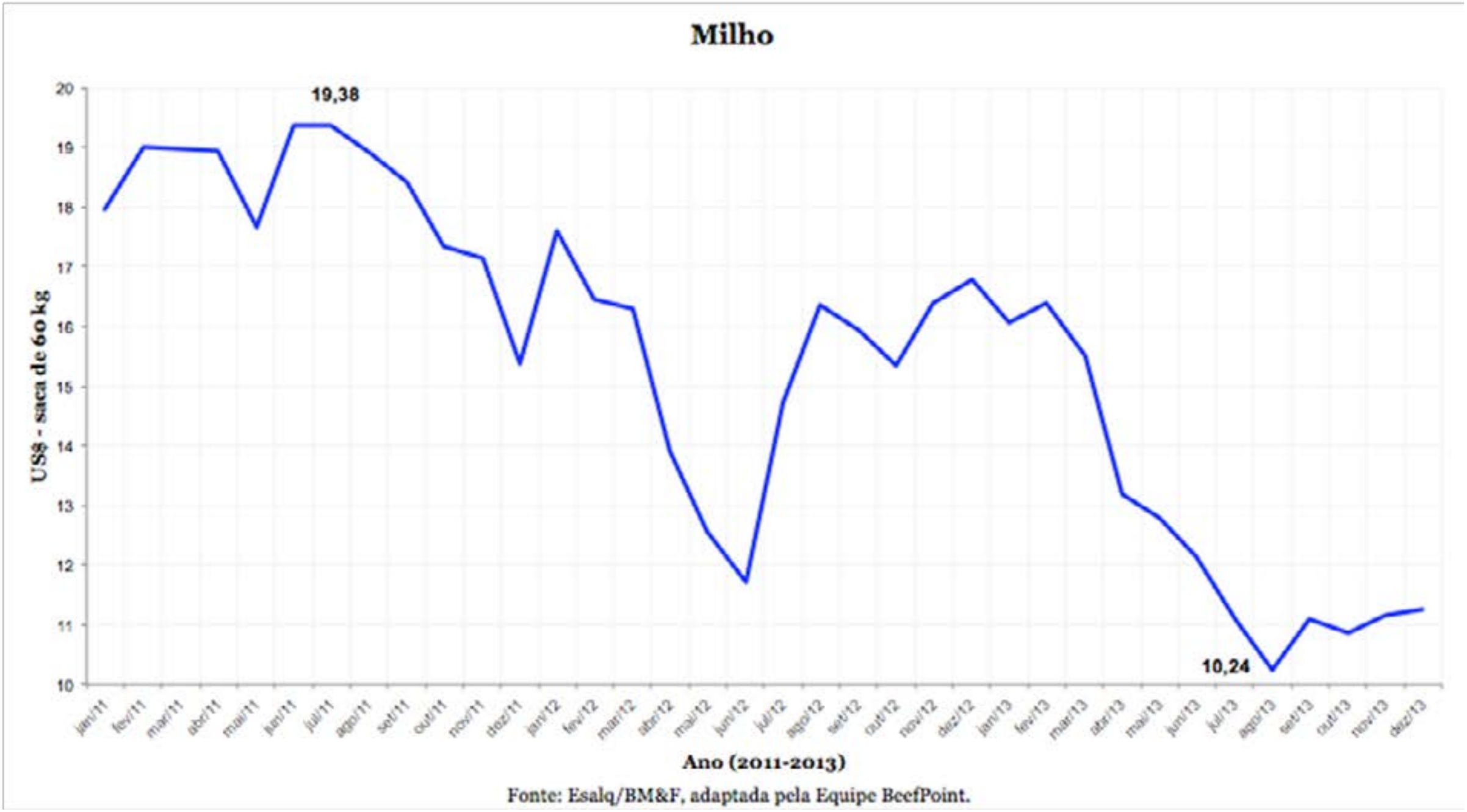
Relação de troca: boi gordo-soja



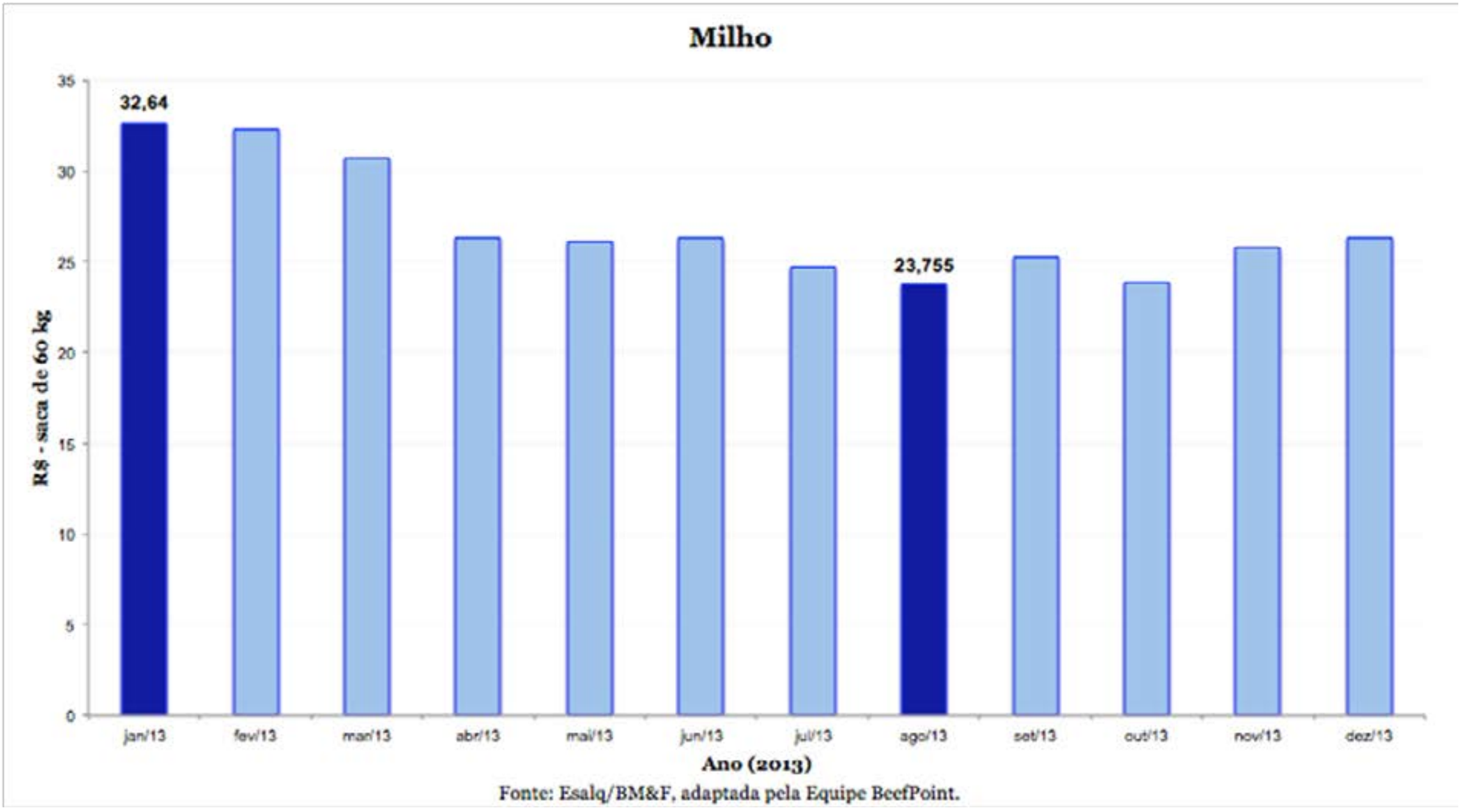
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



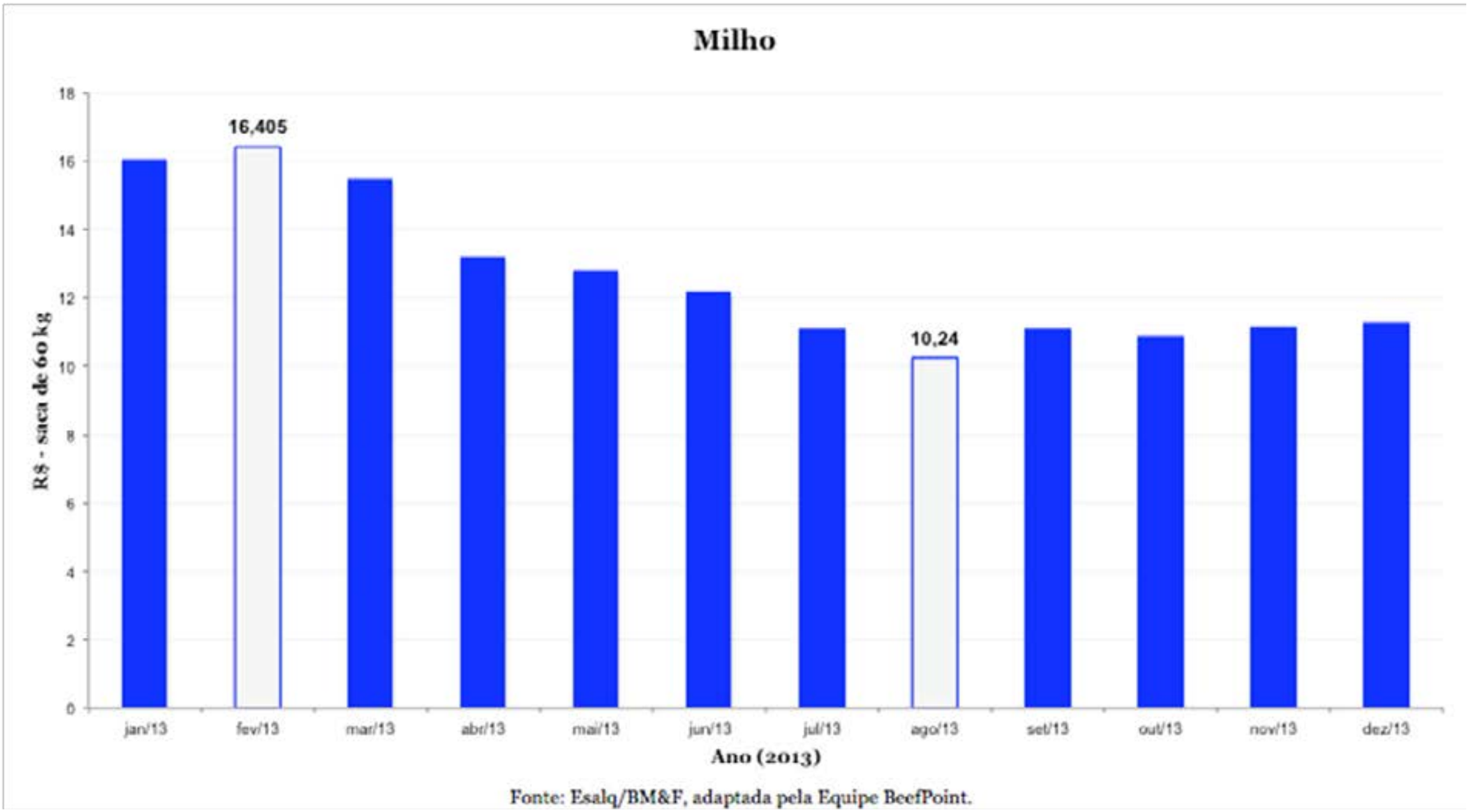
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

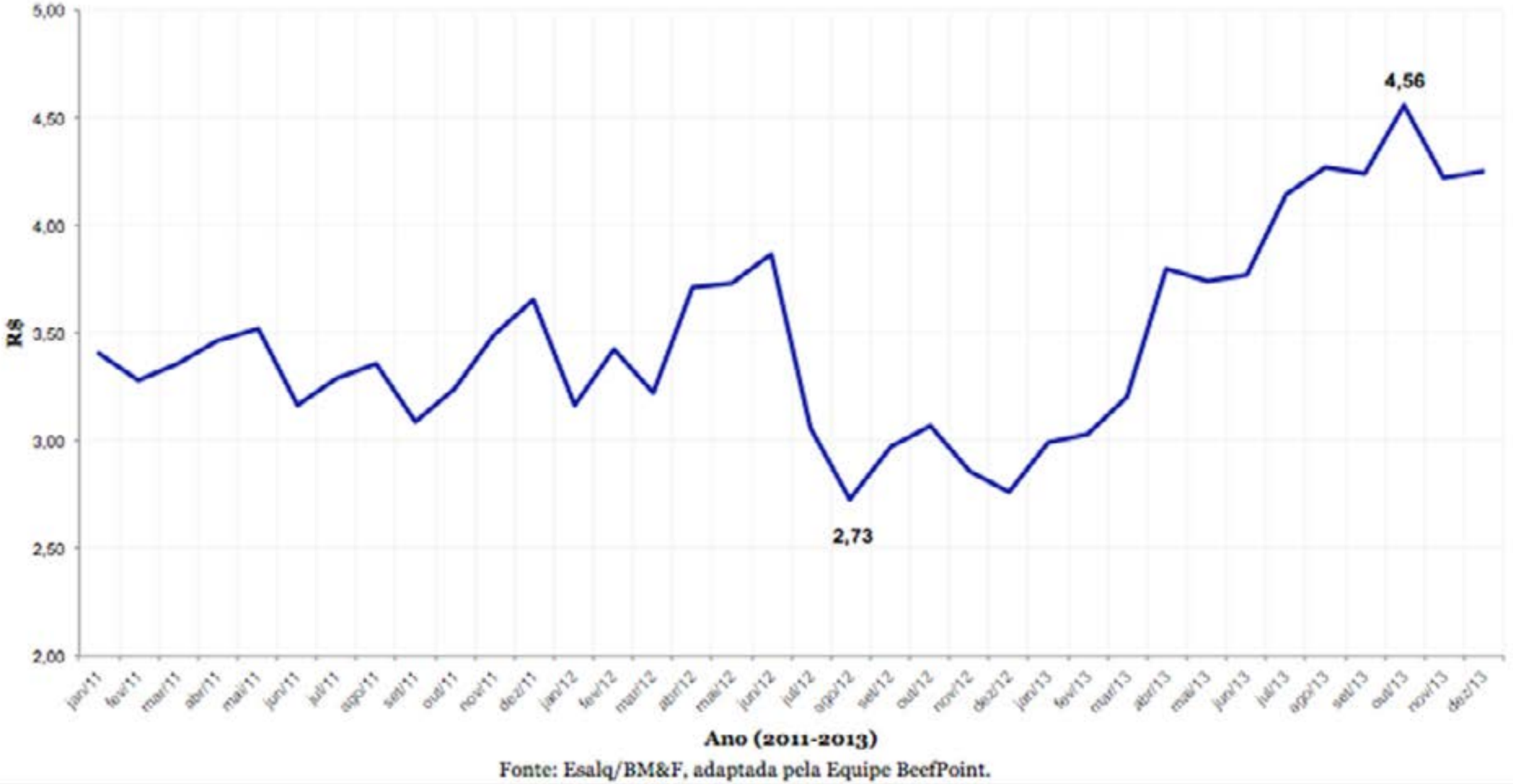


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



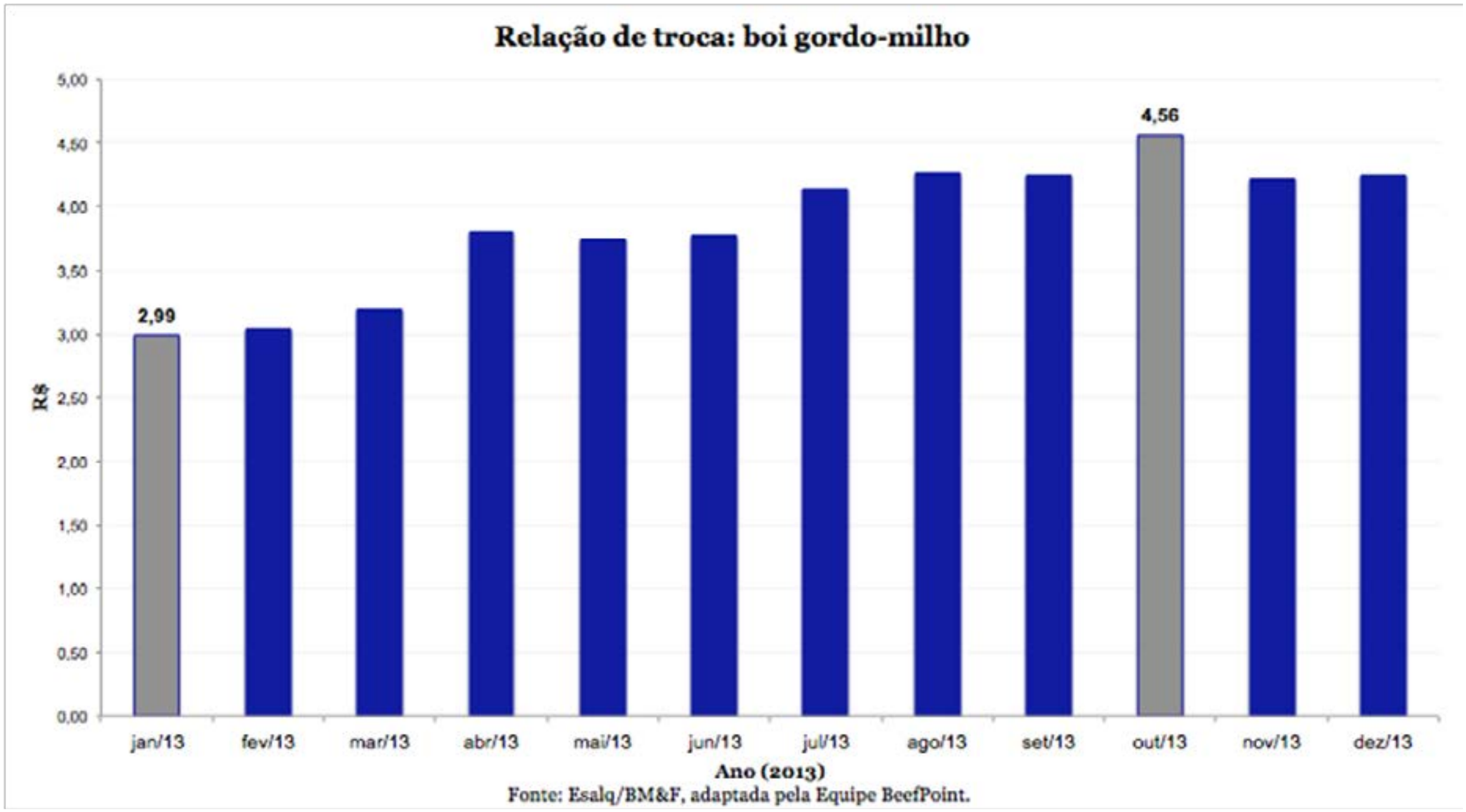
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo-milho

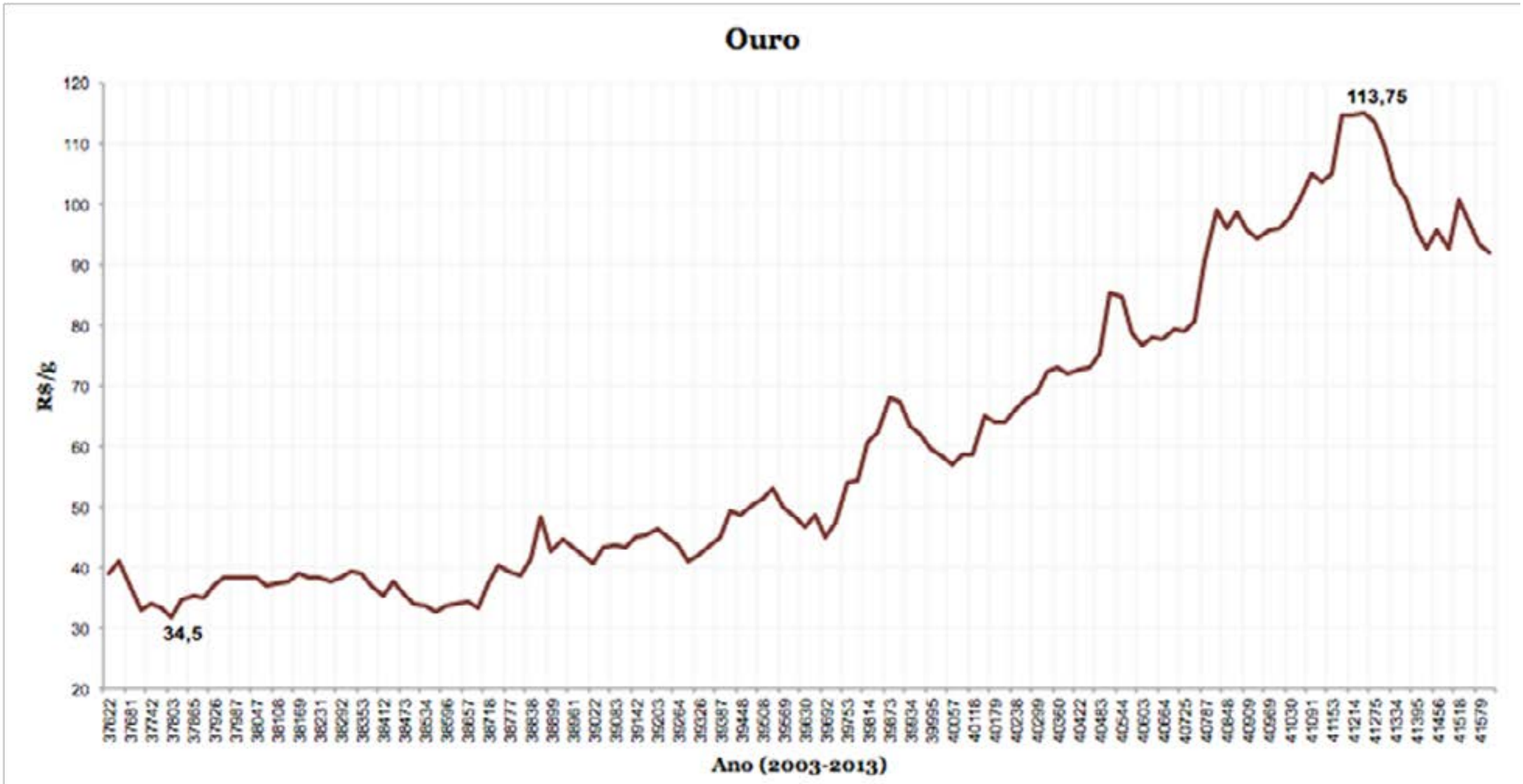


Ano (2011-2013)

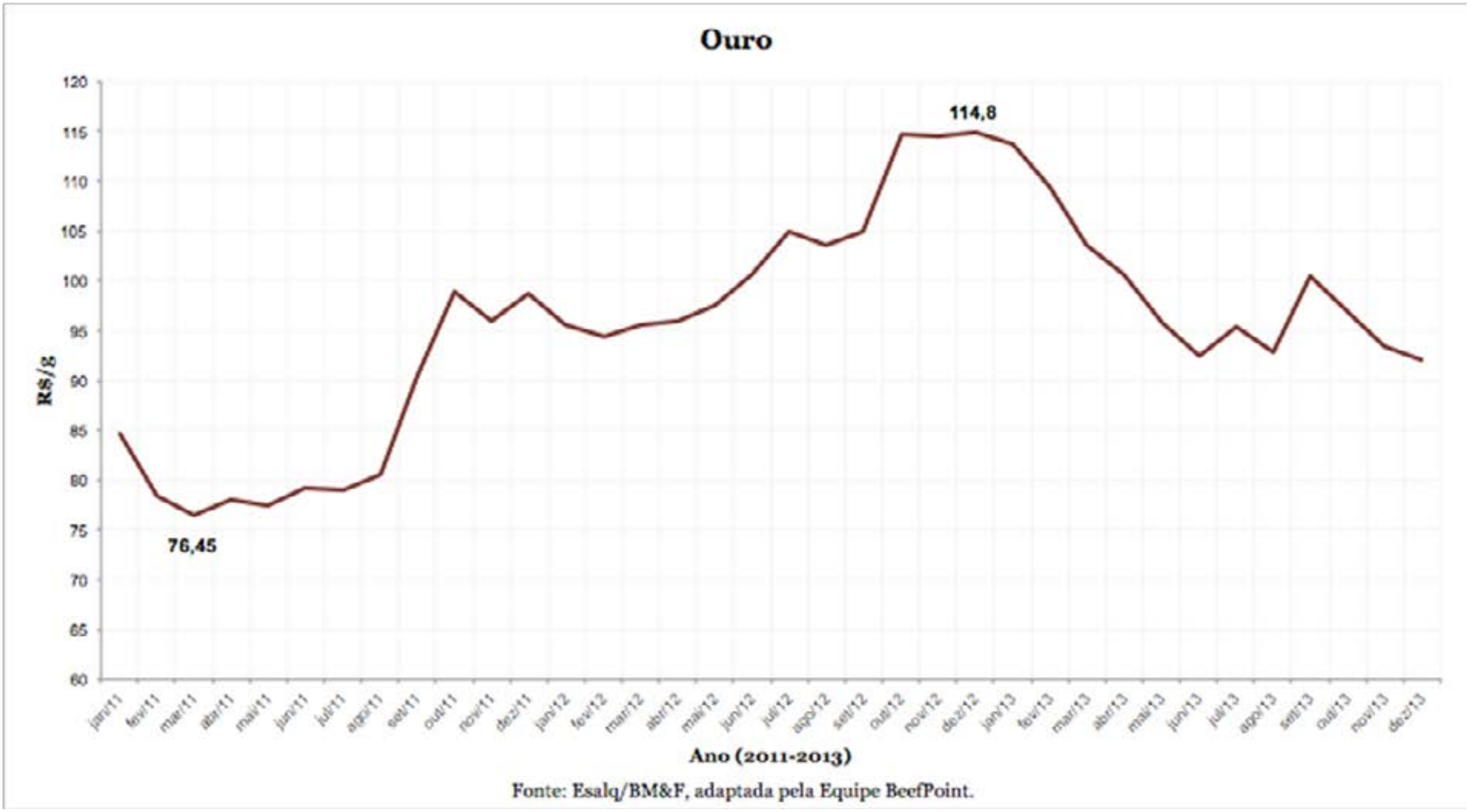
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



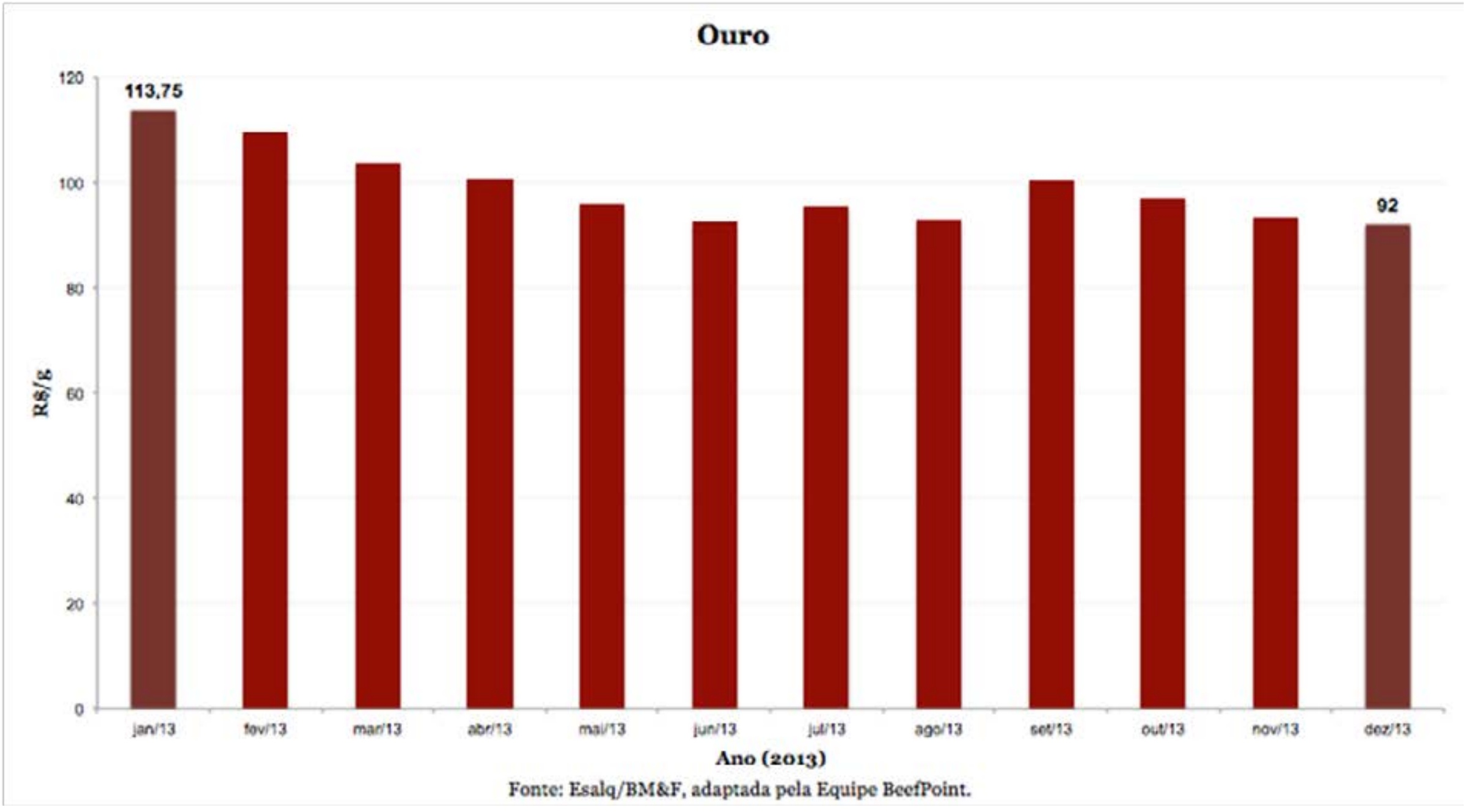
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



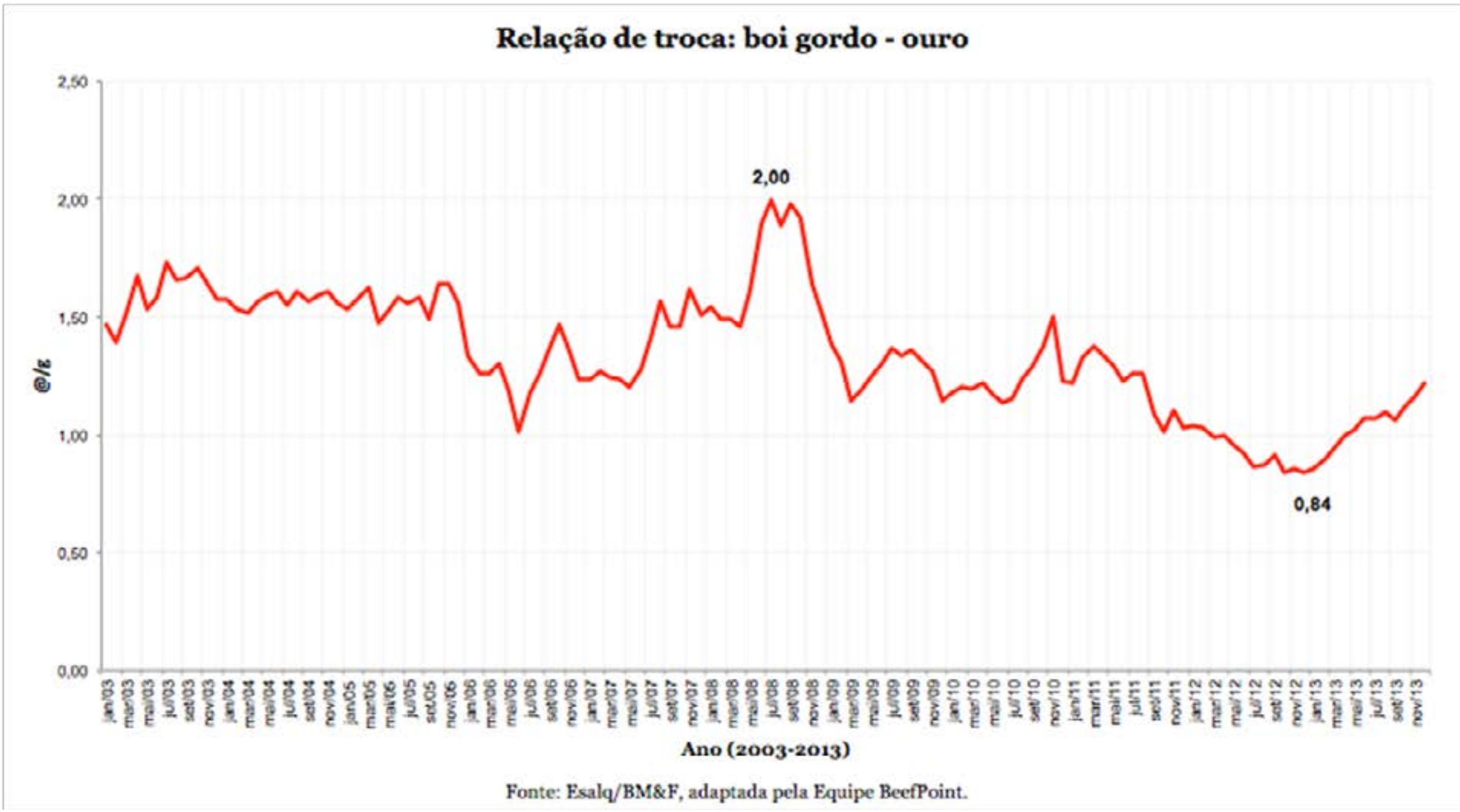
Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

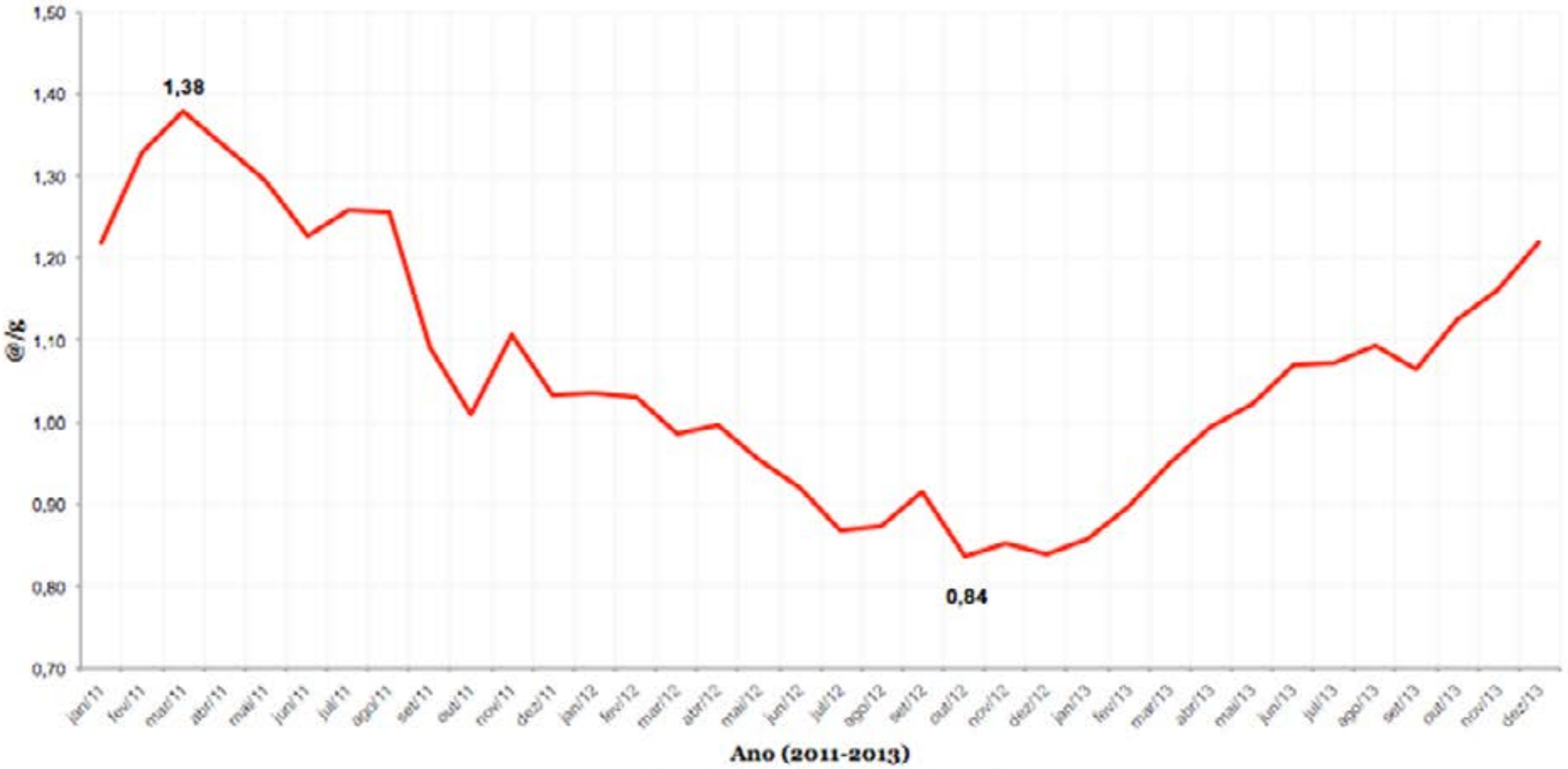


Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

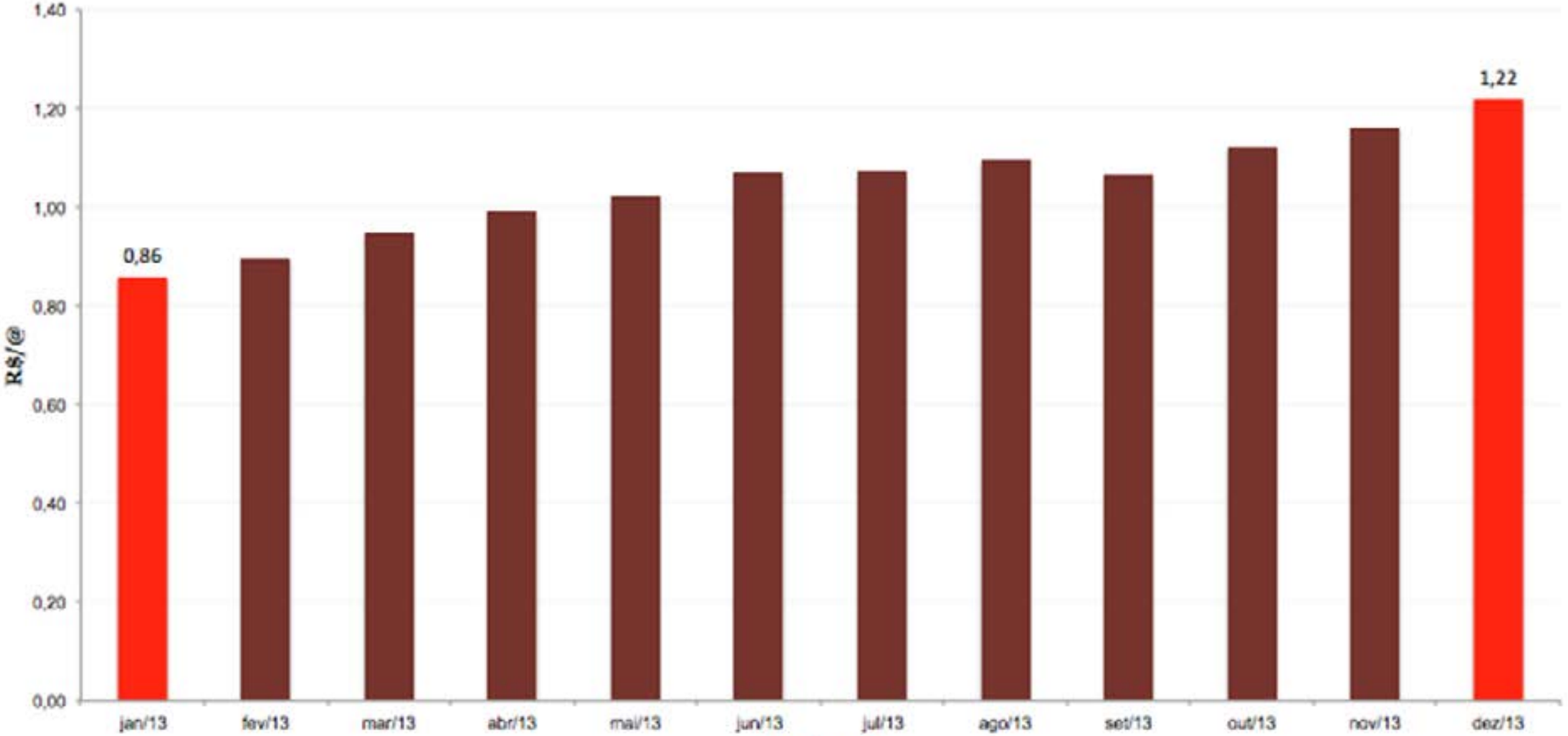
Relação de troca: boi gordo - ouro



Ano (2011-2013)

Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Relação de troca: boi gordo - ouro



Fonte: Esalq/BM&F, adaptada pela Equipe BeefPoint.

BEEFPOINT